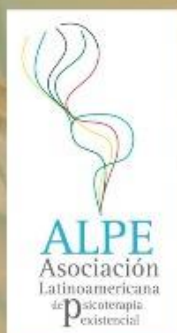


ANAIIS

XII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE PSICOTERAPIA EXISTENCIAL

II Encontro do GT Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP

EXISTÊNCIA E PSICOLOGIA NA FRONTEIRA ENTRE CIÊNCIA, ARTE E FILOSOFIA



**RIO DE JANEIRO
2025**

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL
DO RIO DE JANEIRO – IFEN
ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE PSICOTERAPIA EXISTENCIAL - ALPE**

ANAIS

XII Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial

VII Encontro do GT Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP

Existência e Psicologia na fronteira entre Ciência, Arte e Filosofia



**Armação de Búzios
Rio de Janeiro
Brasil
dias 29, 30 e 31 de outubro de 2025**

XII Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial
VII Encontro do GT Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP
Existência e Psicologia na fronteira entre Ciência, Arte e Filosofia

Anais contendo os resumos das comunicações apresentadas no XII Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial, no VII Encontro do GT Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP sob a temática Existência e Psicologia na fronteira entre Ciência, Arte e Filosofia.

PROMOÇÃO E ORGANIZAÇÃO:

Instituto De Psicologia Fenomenológico-Existencial Do Rio De Janeiro – IFEN – BRASIL

Presidente: Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa

Associação Latino-Americana De Psicoterapia Existencial - ALPE

Presidente: Ramiro Gómez Salas

Associação Latino-Americana De Psicoterapia Existencial – ALPE - Delegação do Brasil

Presidente: Ana Maria Lopez Calvo De Feijoo

COORDENAÇÃO GERAL DO CONGRESSO:

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo – UERJ/IFEN/ALPE/GT 48 - ANPEPP – BR

COORDENAÇÃO DE COMISSÃO ORGANIZADORA:

Elaine Lopez Feijoo – IFEN - BR

Flávia Moreira Protasio – IFEN - BR

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa – IFEN - BR

Myriam Moreira Protasio – IFEN – BR

Ramiro Gómez Salas – APPFE/ALPE - PE

Vera Engler Cury – PUC-Campinas/GT 48 - ANPEPP - BR

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO:

Elaine Lopez Feijoo – IFEN - BR

COORDENAÇÃO EDITORIAL E FINANCEIRA:

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa – IFEN – BR

COORDENAÇÃO DE PLANEJAMENTO:

Flávia Moreira Protasio – IFEN – BR

COMISSÃO ORGANIZADORA:

Elaine Lopez Feijoo – IFEN - BR

Flávia Moreira Protasio – IFEN – BR

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa – IFEN - BR

Myriam Moreira Protasio – IFEN – BR

COMISSÃO CIENTÍFICA:

Alberto de Castro – ALPE- CO

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo – UERJ/IFEN/ GT 48 - ANPEPP / ALPE - BR

Emilio Romero – ALPE - BR

Gabriela Flores – ALPE - ME

Marta Guberman – ALPE - ARG

Max Giménez – ALPE - ME

Myriam Moreira Protasio – IFEN / ALPE - BR
Ramiro Gómez Salas – ALPE - PE
Susana Signorelli – ALPE - ARG
Teresa Glikin – ALPE - ARG
Vera Engler Cury – PUC - Campinas /GT 48 ANPEPP - BR
Yaqui Andrés Martínez-Robles – ALPE - ME

CONSULTORES AD HOC:

Carlos Campelo da Silva – UNASP/IFEN - BR
Elaine Lopez Feijoo – IFEN – BR
Elina Eunice Montechiari Pietrani – UVA/UNIFASE - BR
Ewerton Helder Bentes de Castro – UFAM/LABFEN - BR
Fernando da Rocha Magliano - IFEN - BR
Flávia Moreira Protasio - IFEN - BR
Flávio Breno Cruz Formigosa - UERJ - BR
Gabriela Franco de Almeida - Nosso Gabinete - BR
Guilherme da Silva Sant'Anna - UERJ - BR
Juliana Vendruscolo - UNIP/UNAERP - BR
Larissa Guimarães Martins Abrão – UEMG - BR
Lucas Guimarães Bloc - UNIFOR/APHETO - BR
Luiz José Verissimo - PUC-RJ - BR
Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa - IFEN - BR
Myriam Moreira Protasio – IFEN – BR
Paulo Victor Rodrigues da Costa – UNESA - BR
Rosa Angela Cortez de Brito – UFMT/ETHOS - BR
Ruth Escudero – IFEN - BR
Victor Portavales Silva – IFEN - BR
Yaqui Andrés Martínez-Robles – ALPE - ME

EQUIPE EDITORIAL:

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa – IFEN - BR
Marcelo Leite Carvalhaes – IFEN – BR
Lucas Clem Grijó Carvalho – IFEN - BR
Ramon Assunção - UVA/IFEN – BR
Yuri Fuly – UERJ - BR

MONITORES:

Brínea Lima Costa – IFEN - BR
Eliza Dala Costa – PUC-PR - BR
Gabriel Feijoo Ferreira – PUC / IFEN - BR
João Henrique Medeiros Fernandes Lessa – IFEN - BR
Leonardo Braga Elek – IFEN – BR
Marcelo Leite Carvalhaes – IFEN - BR
Marcella Nunes Lopes – IFEN - BR
Maria Eduarda Pires de Souza Silva – UERJ - BR

Mariana Maria Santo de Gouveia - UERJ - BR

Rafael Garcia Vasconcelos –UERJ – BR

Rafael Magalhães Pinto – IFEN - BR

Ramon Assunção - UVA/IFEN – BR

Rodrigo Caetano dos Santos – UERJ - BR

Yuri Fuly – UERJ - BR

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Congresso Latino-Americano de Psicoterapia
Existencial VII Encontro do GT Psicologia &
Fenomenologia da ANPEPP (10. : 2025 : Rio de Janeiro,
RJ)

Anais XII Congresso Latino-Americano de
Psicoterapia Existencial VII Encontro do GT
Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP [livro
eletrônico] : existência e psicologia na fronteira
entre ciência, arte e filosofia / organização Ana
Maria Lopez Calvo de Feijoo ... [et al.]. -- 1. ed.
--

Rio de Janeiro, RJ : Edições IFEN, 2025.
PDF

Outros organizadores: Elaine Lopez Feijoo,
Flávia Moreira Protasio, Maria Bernadete Medeiros
Fernandes Lessa, Myriam Moreira Protasio,
Ramiro Gomez Sala, Vera Engler Cury

Bibliografia
ISBN 978-65-87456-55-3

1. Existência 2. Pesquisa - Congressos 3.
Psicologia 4. Psicoterapia existencial I. Feijoo, Ana
Maria Lopez Calvo de. II. Feijoo, Elaine Lopez.
III. Protasio, Flávia Moreira. IV. Lessa, Maria
Bernadete Medeiros Fernandes. V. Protasio, Myriam
Moreira. VI. Sala, Ramiro Gomez. VII. Cury, Vera
Engler. VIII. Título.

25-310228.0

CDD-616.8914
NLM-WM 420

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicoterapia existencial : Medicina 616.8914

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

O conteúdo na íntegra dos resumos e o emprego das normas gramaticais são de responsabilidade única e exclusiva de suas autoras e de seus autores. Esta obra foi submetida à avaliação às cegas (*double blind review*) por pares. Esta obra recebeu apoio do IFEN, que é uma instituição sem fins lucrativos na categoria científica. Proibida a reprodução e transmissão parcial e total desta obra por quaisquer meios - eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação - sem permissão escrita da Edições IFEN. Todos os direitos desta edição reservados à Edições IFEN.

Rua Barão de Pirassununga, 62 - Tijuca - Rio de Janeiro - Brasil

www.edicoes.ifen.com.br

E-mail: edicoesifen@ifen.com.br



APRESENTAÇÃO

O XII Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial e o VII Encontro do GT Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP têm como tema central *Existência e Psicologia na fronteira entre Ciência, Arte e Filosofia* e reúne pesquisas e estudos desenvolvidos por investigadores, docentes, discentes e profissionais da Psicologia oriundos de diversos países da América Latina e do Brasil. O evento tem como finalidade promover a exposição e o debate de questões atuais que atravessam as pesquisas e as práticas clínicas desenvolvidas no âmbito da Psicologia, com especial ênfase na vertente existencial, ampliando a compreensão das práticas clínicas e fortalecendo a produção de conhecimento científico em uma área em constante transformação. E, principalmente, pela possibilidade de propiciar um espaço para reflexões sobre os desafios contemporâneos, reafirma seu compromisso com o cuidado ético e com a promoção da saúde mental. As experiências anteriores de intercâmbio entre pesquisadores latino-americanos demonstraram a importância desse espaço para o enriquecimento dos saberes na construção de uma visão mais plural e crítica na Psicologia dentro de uma perspectiva existencial.

O IFEN – Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro, ao optar por realizar este evento nos dias 29, 30 e 31 de outubro em um hotel localizado na cidade de Búzios, no Rio de Janeiro, busca proporcionar a oportunidade de reunir todos os participantes em um mesmo espaço durante três dias, promovendo maior integração e troca de experiências. A tradição do Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial reflete a magnitude das colaborações e parcerias que vêm sendo realizadas por todos os países envolvidos nesta iniciativa que denominamos ALPE – Associação Latino-americana de Psicoterapia Existencial.

A ALPE - Associação Latino-americana de Psicoterapia Existencial é uma associação sem fins lucrativos, criada com o intuito de promover a união dos países latinos ao redor da temática existencial em psicologia. A história dessa instituição revela sua importância no movimento de congregação e troca constante de saberes entre seus países membros. Sua criação se deu por ocasião do **III Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial**, em 2010. O congresso teve como tema *Conciencia y compromiso humano en psicología. Hacia una ampliación de la conciencia*, e ocorreu em Buenos Aires, Argentina, nos dias 21, 22 e 23 de outubro. Participaram do congresso cerca de 150 profissionais oriundos de Argentina, Brasil, Colômbia, México, Peru, Venezuela e Uruguai. Neste encontro foi lançada a *Revista Latinoamericana de Psicología Existencial*, que vem sendo publicada periodicamente desde então. Nesta mesma oportunidade foi instituído o prêmio Pablo Rispo, em memória deste pensador e clínico de suma importância nos estudos da psicologia existencial na América Latina. O prêmio continua sendo entregue aos melhores trabalhos apresentados em cada congresso que, por sua profundidade e relevância, se destaquem e mereçam o reconhecimento da

comunidade ALPE. Os trabalhos concorrem nas seguintes categorias: 1. Trabalho de pesquisa qualitativa ou quantitativa; 2. Análise de uma situação clínica; 3. Trabalho comunitário; e 4. Elaboração teórica original sobre a temática do encontro.

Traremos um breve histórico dos congressos que se seguiram àquele que deu o pontapé inicial à ALPE. Em 2011 o **IV Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial** aconteceu entre os dias 16 e 18 de novembro, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e contou com cerca de 400 participantes dos seguintes países: Argentina, Brasil, Colômbia, México, Peru. O **V Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial** ocorreu na Cidade do México nos dias 15, 16 e 17 de novembro de 2012. Participaram deste congresso cerca de 150 pessoas dos países: Argentina, Brasil, Colômbia, México.

O **VI Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial** aconteceu, novamente, na Argentina, porém dessa vez na cidade de Mendoza, nos dias 26, 27 e 28 de setembro de 2013. O congresso contou com cerca de 200 profissionais oriundos de Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México e Peru. Em 2014 sucedeu-se em Bogotá, na Colômbia, na sede da Universidad Santo Tomás Sede em Claustro, o **VII Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial**, que contou com 150 pessoas dos seguintes países: Argentina, Brasil, Colômbia, México, Peru. Em 2016, o **VIII Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial** aconteceu em Lima, no Peru, com o título *Existencias auténticas. Retos y posibilidades en el siglo XXI*. O congresso ocorreu nos dias 15, 16 e 17 de setembro, tendo como países participantes Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México e Peru.

Em 2017, com a proposta de promover um espaço para se pensar o resgate do caráter sensível da existência, realizou-se no Brasil, organizado pelo IFEN, o **IX Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial: Resgatando o caráter sensível da existência**, congregando também o **III Congresso Luso-Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais**. num esforço por resgatar o movimento da vida que se concretiza em sua contingência, afetividade e interesse.

O **X Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial: Desafios Existenciales en la vida y en la psicoterapia**, aconteceu nos dias 1, 2 e 3 de outubro de 2020. Previsto para ter lugar na cidade de Mendoza, na Argentina, o congresso sofreu as consequências da pandemia que assolou o mundo e se deu de forma sintética, com apresentações apenas dos membros da Comissão Diretiva da ALPE, o que serviu para dar vida ao congresso e, também, para comemoração dos 10 anos de ALPE. O **XI Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial com o tema Vida-Muerte: Pasión que**

inspira al Encuentro aconteceu nos dias 26 a 30 de outubro de 2022 na Cidade do México, em modalidade híbrida, e contou com participantes de toda a comunidade ALPE, tanto de forma presencial quanto virtual.

O tema central *Existência e Psicologia na fronteira entre Ciência, Arte e Filosofia*, que norteia o **XII Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial**, que se realiza em 2025, surge de forma relevante na medida em que os pressupostos e métodos clínicos vêm sendo amplamente pensados e pesquisados na atualidade num diálogo profícuo não apenas com os filósofos da existência, mas também com a Ciência e a Arte. Em torno deste tema estarão estudiosos do pensamento de Heidegger, Kierkegaard, Sartre, Nietzsche, Merleau-Ponty, entre outros, oriundos de diversas áreas de estudo, como a Psicologia, a Filosofia, a Arte em suas diferentes manifestações e contribuições para o pensamento clínico e vindos de diversas regiões do Brasil, da América Latina e do mundo.

Tendo a tradição positivista de pensamento capturado a Psicologia de forma majoritária, buscando estabelecê-la como Ciência pautada em sistemas explicativo-causais, a experiência imediata humana ficou relegada a uma consideração de menor importância. É preciso pensar na possibilidade de uma Ciência não positivista no exercício da Psicologia, o que tem se mostrado amplamente possível a partir do diálogo com a Filosofia, a Literatura e as Artes em geral. Deste diálogo surge a Psicologia como uma Ciência da Existência, que ganha contornos em um *saber-fazer* não previamente determinado, mas que encontra suas determinações nas híbridas fronteiras entre Ciência, Filosofia e Arte. Este diálogo fronteiriço explicita o objetivo deste Congresso, de congrega a diversidade do pensamento existencial como uma possibilidade de se ampliar o debate em Psicologia para além da tradição hegemônica, constituindo-se no comprometimento de explicitar os fundamentos deste *saber-fazer* por meio do diálogo com professores e alunos de universidades brasileiras e internacionais.

Para cumprir seus objetivos, alguns eixos temáticos foram previstos: I) Práticas baseadas em evidências; II) A clínica psicológica em diferentes modalidades: individual, grupo, casal, infantojuvenil; III) Bases fenomenológicas da clínica psicológica: Existencial, Humanista, Logoterapia, Gestalt.; IV) Ciência e Filosofia: Kierkegaard, Nietzsche, Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty; V) Questões contemporâneas: raça, etnia, gênero etc.; VI) Desafios políticos, econômicos e sociais na atualidade; e VII) A atuação do psicólogo em situações limites: suicídio, guerras, desastres, refugiados.

Os Anais do **XII Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial, e o VII Encontro do GT Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP** tem um papel

fundamental ao registrar o processo coletivo de produção científica e circulação de conhecimento, revelando a diversidade de reflexões que compõem o campo da psicologia clínica existencial, servindo também como potente instrumento de difusão acadêmica, ampliando a disseminação das contribuições aqui reunidas para outros espaços de pesquisa, ensino e prática.

Nesse sentido, acreditamos que a troca de saberes promovida por este congresso e documentada nestes anais será particularmente fecunda, fortalecendo o diálogo entre teoria e prática e impulsionando o desenvolvimento da psicologia clínica existencial, tanto no Brasil quanto na América Latina.

Equipe IFEN

A stylized map of South America is shown in a light yellow color, set against a background of a globe with green and brown diagonal stripes. The map is positioned on the right side of the page, with the continent of South America clearly visible.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

ATIVIDADE CULTURAL DE ABERTURA	19
CONTOS DE OLHAR ATRAVÉS.....	19
CONFERÊNCIAS.....	20
<i>CONFERÊNCIA DE ABERTURA</i>	<i>21</i>
LOS CONFINES DE LA EXISTENCIA, EN TORNO A PAISAJE EN LA NIEBLA DE ANGELÓPOULOS	21
<i>CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO.....</i>	<i>22</i>
“VIVER É MUITO PERIGOSO”: LIÇÕES DE GUIMARÃES ROSA PARA UMA PSICOLOGIA CLÍNICA COM BASES FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS	22
PALESTRAS	24
COMPLEXIDADE E PSICOPATOLOGIA	25
ENVELHECER: UMA OBRA DE ARTE EM CONSTRUÇÃO	26
ENCONTROS DIALÓGICOS COM PARTICIPANTES DE PESQUISA: ATITUDE FENOMENOLÓGICA ETICAMENTE ORIENTADA	27
A PRÁTICA CLÍNICA DA PSICOTERAPIA HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA	29
ANGÚSTIA EM MANUELZÃO E MIGUILIM: INSPIRAÇÕES PARA A CLÍNICA PSICOLÓGICA COM PESSOAS MAIS VELHAS.....	31
ARTE Y TERAPIA. UN MODELO PARA LA TERAPIA Y PARA EL TRABAJO COMUNITARIO.....	32
MESA REDONDA	33
EIXO I: PRÁTICAS BASEADAS EM EVIDÊNCIAS	34
CORRER, SITUAR-SE E O DESABROCHAMENTO DO RITMO. UMA CONSIDERAÇÃO HEURÍSTICA	35
DESAFIOS PARA A DEFINIÇÃO DOS COMPONENTES CENTRAIS DA PSICOTERAPIA EXISTENCIALISTA VISANDO SUA AVALIABILIDADE.....	36
FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL E PRÁTICAS BASEADAS EM EVIDÊNCIAS EM PSICOLOGIA: EVIDÊNCIA OU EFICÁCIA?	38
O MODELO BIOMÉDICO E A DASEINANÁLISE: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO VIÉS BIOLOGIZANTE NO CAMPO PSICOTERAPÊUTICO	39
OS DESAFIOS DA TERAPIA DASEINSALÍTICA	41
PONTO DE VISTA DOS PSICOTERAPEUTAS SOBRE OS PROCESSOS CLÍNICOS DA PSICOTERAPIA EXISTENCIALISTA: ESCOLAS BRASILEIRAS	42
EIXO II: A CLÍNICA PSICOLÓGICA EM DIFERENTES MODALIDADES: INDIVIDUAL, GRUPO, CASAL, INTANFOJUVENIL.....	44
A CLÍNICA HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA COM CRIANÇAS COMO POSSIBILIDADE DE CUIDADO E DESVIO	45
A CRÔNICA COMO ABERTURA PARA REPENSAR O SOFRIMENTO PSÍQUICO CONTEMPORÂNEO NA CLÍNICA PSICOLÓGICA	46

A ESCRITA COMO MORADA DO LUTO: UM GESTO FENOMENOLÓGICO DE SUSTENTAR O VIVIDO	47
ENCONTROS EM GRUPO DE ENLUTADOS: POSSIBILIDADES DE CUIDADO DA EXISTÊNCIA QUE SE DESPEDE	48
FOCALIZAÇÃO COMO RECURSO PSICOTERAPÊUTICO: RECORTES DA PRÁTICA CLÍNICA.....	49
<i>NÓS, JOVENS, EXISTIMOS?</i> CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA REDE DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL À SAÚDE.....	50
O AGORA (IN)SUPORTÁVEL: URGÊNCIA PSICOLÓGICA E DESCONTINUIDADE DO TEMPO VIVIDO.....	51
ESPECTRO EDUCAÇÃO-CLÍNICA COMO FUNDAMENTO DA EXPERIÊNCIA DE SUPERVISÃO	53
O ESPELHO DE GUIMARÃES ROSA E A PSICOTERAPIA: REFLEXÃO E SINGULARIZAÇÃO NA TAREFA DE EXISTIR.....	54
OS CONTOS DE FADAS E A EMERGÊNCIA DE NOVOS SENTIDOS NA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL.....	55
PSICOLOGIA CLÍNICA É BRUXARIA.....	56
UM OUTRO OLHAR PARA O AUTISMO: REVELANDO A ESTRUTURA POR TRÁS DOS SINTOMAS	57
EIXO III: BASES FENOMENOLÓGICAS DA CLÍNICA PSICOLÓGICA: EXISTENCIAL, HUMANISTA, LOGOTERAPIA, GESTALT	58
A CRÍTICA DE EDMUND HUSSERL À SUBJETIVIDADE NA PSICOLOGIA MODERNA.....	59
A FENOMENOLOGIA-HERMENÊUTICA E A POSSIBILIDADE DE UMA CLÍNICA SEM SUJEITO	61
AS FRONTEIRAS DA PSICOLOGIA E OS CONFINES DA ALMA DO PSICÓLOGO	62
CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA E DAS FILOSOFIAS DA EXISTÊNCIA PARA A CLÍNICA AMPLIADA.....	63
DA PSICOTERAPIA EM ROGERS À CLÍNICA PSICOLÓGICA COM BASES NA FENOMENOLOGIA NA ATUALIDADE.....	64
DESAFIOS PARA UMA PRÁTICA TERAPÊUTICA EXISTENCIAL-FENOMENOLÓGICA DE VANGUARDA: MITOS COMUNS	66
DESESPERO E PECADO DA TRAVESSIA DE RIOBALDO À CLÍNICA PSICOLÓGICA.....	67
“DEUS, QUE SERÁ DE TI QUANDO EU MORRER?”: ALTERIDADE E EGOTISMO NA CONTEMPORANEIDADE SOB A PERSPECTIVA DA GESTALT-TERAPIA	68
EDIFICAÇÃO E RIGOR CIENTÍFICO EM KIERKEGAARD: DE <i>A DOENÇA PARA A MORTE</i> À CLÍNICA PSICOLÓGICA	69
ENTRE FENOMENOLOGIA E PSICOPATOLOGIA: A PRESENÇA DE EUGÈNE MINKOWSKI NO BRASIL	70

LA FILOSOFÍA PARA EL TERAPEUTA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL: HERRAMIENTA O ACTITUD.....	72
NA PONTA DO ICEBERG: REFLEXÕES SOBRE O INCONSCIENTE EXISTENCIAL A PARTIR DE ROLLO MAY	73
O SENTIDO DA CLÍNICA, A CLÍNICA DO SENTIDO: LINGUAGEM, CORPO E SILÊNCIO A PARTIR DE MERLEAU-PONTY.....	74
EIXO IV: CIÊNCIA E FILOSOFIA: KIERKEGAARD, NIETZSCHE, HEIDEGGER, SARTRE, MERLEAU-PONTY	75
A ARTE DE RECORDAR: DIÁLOGOS COM KIERKEGAARD E NIETZSCHE	76
A PSICOLOGIA EXPERIMENTANTE DE KIERKEGAARD COMO RESPOSTA À PSICOLOGIA EMPÍRICA E À PSICOLOGIA EXPERIMENTAL	78
CIÊNCIA E FILOSOFIA EM MARTIN HEIDEGGER	79
DESCONTROLE E ESCOLHA DELIBERADA NA PSICOLOGIA MORAL DE ARISTÓTELES.....	80
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA CLÍNICA PSICOLÓGICA: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA.....	81
MAPEANDO A CLÍNICA EXISTENCIALISTA: ANÁLISE SOBRE A CLÍNICA LATINOAMERICANA INSPIRADA EM SARTRE E BEAUVOIR	83
NARRATIVAS ENCARNADAS: LIBERDADE, SITUAÇÃO E A CLÍNICA COMO ESPAÇO DE CRIAÇÃO	84
O ENCONTRO CLÍNICO COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA EM PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA.....	85
PSICOTERAPIA E A GAIA CIÊNCIA EM NIETZSCHE.....	86
EIXO V: QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS: RAÇA, ETNIA, GÊNERO ETC.	87
A LÓGICA DO DESEMPENHO E OS DISCURSOS QUE CERCAM O ENVELHECER DO CORPO FEMININO	88
A VIVÊNCIA DA MASCULINIDADE DE HOMENS ACUSADOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO	89
FENOMENOLOGIA QUEER: ORIENTAÇÃO E NORMATIVIDADE A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES CRÍTICAS DE SARA AHMED	91
IMPACTOS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA SAÚDE: UMA VISÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL	92
O GESTO FENOMENOLÓGICO CRÍTICO	93
O PROBLEMA DA ALTERIDADE NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA: DA ÉTICA À POLÍTICA.....	94
PALLIUM - A QUEM SE DESTINA? SOBRE O CUIDADO E O EXISTIR.....	95
PROCESSOS DE LUTO VIVIDOS NA TRANSIÇÃO DE GÊNERO: UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL	96
UMA PSICOLOGIA PARA POPULAÇÕES INDÍGENAS AMAZÔNIDAS: A FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL PARA ALÉM DE MITOS E RITOS.....	97
EIXO VI: DESAFIOS POLÍTICOS, ECONÔMICOS E SOCIAIS NA ATUALIDADE	98

HÁ LUGAR PARA A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL NA REDE DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL?	99
O CONSELHO TUTELAR, A ASSESSORIA EM PSICOLOGIA E O ENFRENTAMENTO ÀS VIOLAÇÕES DE DIREITOS	100
REFLEXÕES SOBRE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO: QUAL A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO?	101
SOLASTALGIA E O DESAMPARO EXISTENCIAL CONTEMPORÂNEO	102
TRABALHO, MOTIVAÇÃO E EXISTÊNCIA: OS CONTORNOS ENTRE O PENSAR CIENTÍFICO E A FENOMENOLOGIA-HERMENÊUTICA	103
EIXO VII: A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO EM SITUAÇÕES LÍMITES: SUICÍDIO, GUERRAS, DESASTRES, REFUGIADOS	104
AS ARTES VISUAIS COMO PORTA PARA O DIÁLOGO SOBRE SUICÍDIO	105
O SUICÍDIO COMO CONDIÇÃO À LIBERDADE EM HEIDEGGER, BISWANGER E PIZZARNIK	106
OS DILEMAS ÉTICOS NA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO EM SITUAÇÕES DE SUICÍDIO – MORTE ASSISTIDA	107
SER-PARA-A-MORTE: UM ESTUDO COM BOMBEIROS COMBATENTES E A LIDA DA MORTE	108
SESSÃO COORDENADA	110
EIXO I: PRÁTICAS BASEADAS EM EVIDÊNCIAS	111
ANÁLISIS FENOMENOLÓGICO HERMENÊUTICO DE LA EXPERIENCIA DE ABUSO SEXUAL INFANTIL EN UN HOMBRE ADULTO	112
A EVIDÊNCIA ONTOLÓGICA COMO FUNDAMENTO CIENTÍFICO DA VALIDADE CLÍNICA	113
O MÉTODO FENOMENOLÓGICO E AS EVIDÊNCIAS DO DESVELAMENTO DO DASEIN: UM ESTUDO DE CASO	115
EIXO II: A CLÍNICA PSICOLÓGICA EM DIFERENTES MODALIDADES: INDIVIDUAL, GRUPO, CASAL, INFANTOJUVENIL	117
A CLÍNICA COMO <i>KLINAMEN</i> NO CUIDADO À SAÚDE MENTAL INFANTIL	118
A CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL COMO ESPAÇO DE AUTENTICIDADE E RECONEXÃO COM O SER	120
A CLÍNICA PSICOLÓGICA NA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL: O DESVELAR DA CULPA EXISTENCIAL	121
A SAUDADE EU SEI DE COR: ACOLHIMENTO AO LUTO PELA MORTE NO AMBIENTE HOSPITALAR	122
AFETOS SOBRE O CORPO EM UMA CLÍNICA EXISTENCIAL: DIÁLOGO ENTRE KIERKEGAARD E CLARICE	123
ATENDIMENTO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL COM ORIENTAÇÃO PSICONUTRICIONAL: ESTUDO DE CASO DE ANOREXIA NERVOSA NA CLÍNICA-ESCOLA	124
DESORDEM DO SELF NA ESQUIZOFRENIA: UM ESTUDO DE CASO COM IAGO EM PSICOTERAPIA	126

DESVELANDO A EXISTÊNCIA: A PSICOTERAPIA EXISTENCIAL NO PROCESSO DE AUTOCONHECIMENTO	128
E QUANDO A CIRURGIA DE COLUNA COMPLICA? UM RELATO DE INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA NO CTI	129
ENTRE ANGÚSTIA E TÉDIO: DISPOSIÇÕES AFETIVAS NUMA JORNADA POR AUTENTICIDADE - UM ESTUDO DE CASO	130
ENVELHECIMENTO: PERDA DA JUVENTUDE EM “A SUSTÂNCIA” E JOVIALIDADE COMO AFETO EM KIERKEGAARD	131
KINOMICHI, O CAMINHO DA ENERGIA: TENSÃO E POSSIBILIDADE	132
O DESEJO NO RELACIONAMENTO AMOROSO: BASES FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS PARA A CLÍNICA PSICOLÓGICA	134
O DESESPERO NA CLÍNICA PSICOLÓGICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA CLÍNICA NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL	135
O QUE ACONTECE DEPOIS DO PLANTÃO PSICOLÓGICO? CORPO E ESCUTA NO ACOLHIMENTO EMERGENCIAL	136
OFICINA DE MÚSICA E FENOMENOLOGIAS DA VIDA, DO AMOR E CRÍTICA: RELATOS DISCENTES.....	138
PARA ALÉM DO COMPORTAMENTO ALIMENTAR: REFLEXÕES PARA UMA FENOMENOLOGIA CLÍNICA DOS TRANSTORNOS ALIMENTARES	140
QUANDO O ENCONTRO COM A MAMÃE É NO HOSPITAL – VISITA INFANTIL NA ENFERMARIA	142
REENCONTRO COM A POSSIBILIDADE: RECORDAÇÃO COMO MOTIVAÇÃO PARA DISCUTIR A CLÍNICA FENOMENOLÓGICA-HERMENÊUTICA.....	144
"TONALIDADES AFETIVAS E ATMOSFERAS EXISTENCIAIS: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DE PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM.....	146
EIXO III: BASES FENOMENOLÓGICAS DA CLÍNICA PSICOLÓGICA: EXISTENCIAL, HUMANISTA, LOGOTERAPIA, GESTALT	148
A ATITUDE FENOMENOLÓGICA E A RELAÇÃO DO SER-NO-MUNDO NO TRATO CLÍNICO DA ANSIEDADE	149
A CLÍNICA DO TEMPO VIVIDO EM ACELERAÇÃO: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE MANIA E HIPERATIVIDADE	150
A EXISTÊNCIA NARRADA: IDENTIDADE E PROJETO PROFISSIONAL NA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL.....	151
A HIPERREFLEXIVIDADE DE TOMÉ E SEUS ATRAVESSAMENTOS NA RELAÇÃO TERAPÊUTICA	152
ANSIEDADE NA INFÂNCIA: APONTAMENTOS FENOMENOLÓGICOS SOBRE NOSSA CONDIÇÃO HUMANA	154
CONTORNOS DA CLÍNICA PSICOLÓGICA: DIANTE DO HUMANO INDIVIDUAL ESPECÍFICO, O SINGULAR.....	156
EXISTIR É INÚTIL: FUNDAMENTOS FENOMENOLÓGICOS-EXISTENCIAIS PARA UMA CLÍNICA NÃO UTILITÁRIA.....	157
LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL: O LUGAR DA ESPIRITUALIDADE NAS OBRAS DE FRANKL E LUKAS.....	159

O MUNDO VIVIDO DE UMA PESSOA IDOSA INSTITUCIONALIZADA: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DA EXPERIÊNCIA	161
O PRÉ-NATAL PSICOLÓGICO À LUZ DA LOGOTERAPIA	163
O SILÊNCIO NA RELAÇÃO PSICOTERAPÊUTICA: UM DIÁLOGO ENTRE FENOMENOLOGIA CRÍTICA E O MÉTODO HEURÍSTICO	164
SENTIDO, ENCONTRO E LONGEVIDADE: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS SOBRE A COMUNICAÇÃO INTERGERACIONAL NAS FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS	166
SER OU TER DE SER? O DESEMPENHO E A LIBERDADE EM ANÁLISE.	167
SER-TONS: VEREDAS — RIO DE IDENTIDADES TOMADO DE AFETOS.....	168
EIXO IV: CIÊNCIA E FILOSOFIA: KIERKEGAARD, NIETZSCHE, HEIDEGGER, SARTRE, MERLEAU-PONTY	169
A DIMENSÃO EPISTEMOLÓGICA DA PINTURA COMO EXPRESSÃO INSPIRADA NA FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY	170
A FALA COMO FAZER-APARECER: CLÍNICA, EXPRESSÃO E SENTIDO EM MERLEAU-PONTY	172
A LIBERDADE CINDIDA: UMA LEITURA EXISTENCIALISTA DA SÉRIE RUPTURA À LUZ DE JEAN-PAUL SARTRE.....	173
A MORTE DE DEUS: DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS ENTRE NIETZSCHE E BYUNG-CHUL HAN NA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA.....	175
CONTRIBUIÇÕES DO MÉTODO EXISTENCIALISTA SARTREANO NA ANAMNESE DA AVALIAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA	176
DESCOLONIZANDO A PSICOLOGIA DOS LUTOS VIVIDOS POR CRIANÇAS NA FRONTEIRA DO GESTO FENOMENOLÓGICO	178
O SERTÃO ROSIANO COMO EXPERIÊNCIA DE SER-NO-MUNDO: UMA LEITURA FENOMENOLÓGICA DE MANUELZÃO E MIGUILIM	180
EIXO V: QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS: RAÇA, ETNIA, GÊNERO	181
A EXPERIÊNCIA DE SER MULHER COM TDAH: DIÁLOGOS ENTRE FENOMENOLOGIA E GÊNERO	182
ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO A PARTIR DE KIERKEGAARD DE MULHERES NEGRAS EM UMA REGIÃO QUILOMBOLA	184
ALÉM DA NOITE: PERSPECTIVAS FENOMENOLÓGICAS DE MULHERES TRANS E TRAVESTIS PROFISSIONAIS DO SEXO	186
CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL PARA O PENSAMENTO DECOLONIAL: POSSIBILIDADES PARA UM CUIDADO ANTIRRACISTA.....	187
EDUCAR PARA A LIBERDADE: REFLEXÕES SOBRE DESAFIOS ÉTICOS NA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE PSICÓLOGOS.....	189
ENTRE O VAZIO E O DESEMPENHO: DESERTIFICAÇÃO SUBJETIVA UNIVERSITÁRIA E CAMINHOS DA PSICOLOGIA EXISTENCIAL-FENOMENOLÓGICA	190
FORMAS NO MUNDO E SEUS SENTIDOS DESVELADOS, ESTUDO FENOMENOLÓGICO REALIZADO NUM EDUCANDÁRIO PARA CEGOS	191

O IDÍLIO MUDIÁTICO DA MATERNIDADE/MATERNAGEM CONTEMPORÂNEAS: SER-MÃE AINDA É A REALIZAÇÃO DO FEMININO?	193
O QUE TE MOTIVA NO ENVELHECIMENTO? ANÁLISE FENOMENOLÓGICO- EXISTENCIAL DO DISCURSO DE PESSOAS MAIS VELHAS	195
ONDE ESTÃO AS TRANSMASCULINIDADES DENTRO DA PSICOLOGIA?... 197	
SUBJETIVAÇÃO DO FEMININO: A CLÍNICA COMO UMA POSSIBILIDADE DO VIR-A-SER	199
EIXO VI: DESAFIOS POLÍTICOS, ECONÔMICOS E SOCIAIS NA ATUALIDADE	200
A EXISTÊNCIA ENTRE DIAGNÓSTICOS: UMA REFLEXÃO FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA SOBRE NEURODIVERGÊNCIAS E VIABILIZAÇÃO DE DIREITOS	201
HABITAR A REALIDADE: A CLÍNICA EXISTENCIAL NO NORTE DE MATO GROSSO	203
SOCIEDADE DO CANSAÇO E A PATOLOGIZAÇÃO DA VIDA PELA LENTE FENOMENOLÓGICA	205
SUBJETIVIDADES EM CONEXÃO: EXPERIÊNCIA DE APOIO FÍSICO E EMOCIONAL NA ERA DIGITAL	206
EIXO VII: A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO EM SITUAÇÕES LIMITES: SUICÍDIO, GUERRAS, DESASTRES, REFUGIADOS	208
DESTERRO, ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS E DESENRAIZAMENTO SOCIAL: OS REFUGIADOS DO CLIMA	209
PÔSTERS.....	210
EIXO I: PRÁTICAS BASEADAS EM EVIDÊNCIAS	211
O APARECER DO VIVIDO: UMA EXPERIÊNCIA CLÍNICA SOB O OLHAR DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL	212
EIXO II: A CLÍNICA PSICOLÓGICA EM DIFERENTES MODALIDADES: INDIVIDUAL, GRUPO, CASAL, INFANTOJUVENIL	214
A AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE CRIANÇAS SOB UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA: REFLEXÕES A PARTIR DE UM CASO ACADÊMICO ..	215
AFETO COMO ESTRATÉGIA DE CUIDADO NA SAÚDE INTEGRAL DE MULHERES APÓS PERDA GESTACIONAL	217
O HABITAR DA EXPRESSÃO: ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DA PRÁTICA DA PINTURA ESPONTÂNEA.....	219
PATERNIDADE, INFÂNCIA E PSICOTERAPIA: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL	220
LATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO DE PSICOLOGIA: BRUNO E SUA LINHA DE CONTROLE.....	222
ATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO DE PSICOLOGIA: POESIA COMO EXPRESSÃO DO SER-NO-MUNDO.....	223
SERVIÇO DE ACOLHIMENTO A VÍTIMAS DE ASSÉDIO E DISCRIMINAÇÃO NO TRABALHO – UM OLHAR FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL.....	224

TRIAGEM COMO ENCONTRO: A CRIANÇA E O PSICOTERAPEUTA NA TRIAGEM PSICOLÓGICA	225
EIXO III: BASES FENOMENOLÓGICAS DA CLÍNICA PSICOLÓGICA: EXISTENCIAL, HUMANISTA, LOGOTERAPIA, GESTALT	227
ALBERT CAMUS E A PSICOLOGIA CLÍNICA: UM DIÁLOGO ABSURDO?	228
ESCUTA PSICOTERAPÊUTICA E VIOLÊNCIA DO ESTADO: LIMITES DA NEUTRALIDADE SOB A PERSPECTIVA DA FENOMENOLOGIA	229
LOGOTERAPIA E FENOMENOLOGIA: SOBRE A EPISTEMOLOGIA DO PENSAMENTO FRANKLIANO	231
POSSIBILIDADES E IMPOSSIBILIDADES DA ESCUTA PSICOLÓGICA ATRAVESSADA PELO SISTEMA JURÍDICO: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA	232
VIVÊNCIAS DE UMA CUIDADORA DE PACIENTE PALIATIVO SOB O OLHAR FENOMENOLÓGICO	234
EIXO V: QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS: RAÇA, ETNIA, GÊNERO	236
A EXPERIÊNCIA DE HOMOAFETIVIDADE E UMBANDA: DO ENCONTRO À PESQUISA	237
CLÍNICA PSICOLÓGICA E OS DESDOBRAMENTOS DA PORNOGRAFIA NA SAÚDE MENTAL: QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS EM CENA.....	239
ENTRE RUAS E EXISTÊNCIA: A VIVÊNCIA DE UMA MULHER PROFISSIONAL DO SEXO DE RUA	241
O IMPACTO DA HIPERCONNECTIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DA AUTENTICIDADE DO SER.....	243
RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO DE PSICOLOGIA: ALÍCIA E A CULPA MATERNA	245
SITUAÇÕES DE VULNERABILIDADE E LUTO: A DISCURSIVIDADE DO FEMININO.....	247
TRAÇOS DA TERRA: O DESENHO COMO EXPRESSÃO DO MUNDO VIVIDO POR CRIANÇAS INDÍGENAS	249
VULNERABILIDADE SOCIAL DA MULHER IDOSA E PERSPECTIVAS DE ACOLHIMENTO CLÍNICO.....	251

ATIVIDADE CULTURAL DE ABERTURA

CONTOS DE OLHAR ATRAVÉS

Daniella D'Andrea Corbo

Ponto de Cultura Constelário de Histórias/SEEDUC-RJ/Brasil

Patrimônios da humanidade, transmitidos da boca ao ouvido ao longo das gerações, os contos de tradição oral possuem estratégias anônimas que lhes permitem atravessar fronteiras de tempo e espaço — uma de suas características mais reconhecidas. Contudo, sua potência não se restringe à dimensão histórico-cultural: essas narrativas também operam como atravessamentos internos, permanecendo na memória de homens e mulheres de diferentes idades e comunicando, no instante oportuno, saberes que só podem ser transmitidos por meio de imagens poéticas e simbólicas. “Contos de olhar através” é uma apresentação em que a contadora de histórias e atriz Daniella D'Andrea narra contos de diferentes culturas que tematizam o imponderável: aquilo que escapa à previsão, ao controle ou à nomeação, mas que, justamente por sua presença, expande a experiência humana, instaurando assombro e maravilhamento. Entre as histórias, entremeiam-se melodias do cancionário popular brasileiro, recolhidas ao longo de anos em cortejos e festas, que evocam a forma singular da ancestralidade brasileira de nomear a força do ser — simultaneamente amplo e sutil. O repertório inclui três narrativas emblemáticas. “A Mulher da Fazenda”, conto tradicional afegão, em que uma sucessão de acontecimentos aparentemente arbitrários se organiza em torno da insistência de uma mulher em recuperar uma maçã caída num buraco. A recusa dos personagens em ajudá-la desvela, ao final, a emergência do inesperado quando o pensamento se desloca de direção. “A Borboleta Azul”, relato no qual dois peregrinos, entre sonho e vigília, descobrem maravilhas insuspeitadas no momento em que um deles adormece de boca aberta, expondo a vulnerabilidade como via de revelação. “A Cinderela Algonkin”, versão filosófica e poética da nação indígena Algonkin (América do Norte) da clássica história da jovem borralheira, que amplia a compreensão da alteridade e da transformação. Assim, a apresentação articula tradição oral, canto popular e experiência narrativa, evidenciando como os contos orais, ao mesmo tempo que guardam a memória coletiva, atualizam dimensões fundamentais da existência, abrindo campo para novas formas de compreender e viver o mundo.

Palavras-Chave: Oralidade; Tradição Oral; Narração de histórias; Comunicação; Memória.

Daniella D'Andrea Corbo - Contadora de histórias, Professora de Artes Cênicas, Mestre em Educação, SEEDUC-RJ.

E-mail: danidandreacorbo@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4638414239183987>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6422-1289>

A stylized map of South America is shown in a light yellow color, set against a background of a globe with green and brown diagonal stripes. The map is positioned on the right side of the page, with the continent's outline clearly visible. The word "CONFERÊNCIAS" is written in a bold, dark blue, sans-serif font, centered horizontally and partially overlapping the map and the globe background.

CONFERÊNCIAS

Conferência de Abertura

LOS CONFINES DE LA EXISTENCIA, EN TORNO A PAISAJE EN LA NIEBLA DE ANGELÓPOULOS

Ramiro Gómez Salas

Asociación Peruana de Psicología Fenomenológico Existencial- APPFE/ALPE – PERÚ

Se reflexiona sobre la historia que se desarrolla en el filme Paisaje en la niebla, de Theo Angelópulos. La historia describe el viaje mítico de dos niños, Voula de 11 años y Aléxandros de 5, en busca del padre. El viaje los lleva de Atenas a algún lugar de Alemania. Ha dicho Michelet, los niños habitan un mundo más coloreado y afectivo, que, a diferencia del adulto, que es un ser de acción, lo viven como contemplativos. Toda vida humana se vive en lo fáctico de la experiencia, afirma Heidegger. ¿Cómo explicarnos y comprender la vida de dos niños lanzados en un éxodo hacia la tierra prometida en la que habita un padre que no conocen? ¿Cómo explicarnos y comprender a dos niños a quienes el mundo se devela en su lado más duro, cruel, cuando van en busca del amor? ¿Cómo el niño se enfrenta a la absurdidad de un mundo adulto sin los recursos de la experiencia, que debieron lograr en ámbitos más cálidos y humanos? La soledad que viven es la del silencio del mundo, de todos. Soledad que no se busca para pensar la fidelidad y la esperanza, como dijera Gabriel Marcel, ni como el apartarse de las distracciones del mundo, que el adulto puede hacer para preguntarse por la finitud y el sentido, en la comprensión de Heidegger. Es una soledad marcada por un silencio violento. Mundo en el que son absolutamente extranjeros. El amor aparecerá como la débil luz del sol a través del resquicio de una nube de invierno, que es seguida por una borrasca gélida. Su viaje los enfrenta a conocer la muerte junto a la celebración de la vida. La brutal experiencia de ser un objeto, una cosa, sin otro valor que el de la mirada que el monstruo impone, violan a Voula. Al amor eterno de unas horas. La mirada silente y absorta de ver como los dioses abandonan a los humanos. La llegada a Alemania, la mágica tierra en la que habita el padre desconocido, al que no quieren fastidiar, ni reclamar, ni pedir nada. Quieren abrazarlo, decirle que lo quieren, que lo quieren mucho. Verlo. Regresar a Atenas. El grito de un vigía; los disparos imponen un silencio de muerte en una oscuridad que angustia y, luego, otra vez la niebla que se disipa lentamente para verlos caminar juntos. ¿Dónde están? ¿Qué lugar es ese? A través de la fenomenología y la filosofía existencial, construimos un ensayo comprensivo del viaje de Voula y Aléxandros.

Palabras clave: Theo Angelópulos; Heidegger; Psicoterapia; Relaciones entre Filosofía y Psicología.

Ramiro Gómez Salas

Magíster y doctor en Psicología. Profesor principal de Psicología en la Universidad Inca Garcilaso de la Vega, en la Facultad de Psicología; Miembro de la Sociedad Peruana de Psicoterapia y de la Sociedad Peruana de Sexología. Fundador y actual presidente de la Asociación Peruana de Psicología Fenomenológico Existencial, APPFE. Actual presidente de la Asociación Latinoamericana de Psicoterapia Existencial, ALPE. Miembro de la Sociedad Internacional Fides et Ratio. Coordinador y autor de capítulos de libros

E-mail: rags28@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/000-0002-7089-6233>

Conferência de Encerramento

“VIVER É MUITO PERIGOSO”: LIÇÕES DE GUIMARÃES ROSA PARA UMA PSICOLOGIA CLÍNICA COM BASES FENOMENOLÓGICO- EXISTENCIAIS

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro - IFEN - BRASIL

O objetivo principal deste estudo é apontar para as fronteiras borradas entre a literatura de Guimarães Rosa em *Grande sertão: veredas*, a filosofia de Heidegger em ... *poeticamente o homem habita* ... e a ação poética da clínica psicológica tal como edificada por Feijoo em seus ensaios sobre psicologia clínica. Acreditando que o leitor questionara o porquê fronteiras borradas, cabe esclarecer que há muito se instituiu que haveria fronteiras muito bem delimitadas sobre diferentes áreas do saber, de modo que uma modalidade de investigação não pudesse se mesclar com outras. Por esse caminho de pensamento, cada área do saber teria que ter seu objeto de estudo e o método de investigação muito bem definidos. O interesse desta proposta resiste a esse esquadramento do saber, e aposta no caminho que considera o grande potencial das fronteiras, cabendo perguntar: o que e como a Psicologia clínica pode dialogar com a Literatura? Qual é a área fronteira entre esses dois modos de saber? Ambas se interessam pela elucidação da linguagem e a simbolização do real. Tanto a Literatura quanto a Psicologia clínica se inclinam para a palavra como arte e, portanto, sustentam um grande potencial para sustentar a possibilidade de transformação do leitor e do ouvinte. E sobre as bases fenomenológico-existenciais, questionamos: como estariam essas bases presentes na literatura e na clínica psicológica? O ver fenomenológico permite guiar-se metodologicamente pelo que se dá a ver como, também, esse mesmo ver permite uma análise interpretativa-reflexiva naquilo que se mostra quando se ouve, vê e sente. Para tanto é preciso olhar para o que se mostra tal como olha uma criança ao que a ela se apresenta, sempre estranhando. Desse modo podemos olhar sem a vista viciada. Esse ver se dirige à totalidade em diferentes níveis, que mantém entre si nexos constantes. Importam os nexos que se encontram nas áreas fronteiriças. Resguardando as diferenças entre esses dois modos de relação, o exercício de análise está presente na Literatura e na psicologia clínica com bases fenomenológico-existenciais, por esse motivo é que tomamos a narrativa de Riobaldo, tal como ele nos conta, e faremos uma análise clínica fenomenológico-existencial de sua travessia.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; Martin Heidegger, psicologia clínica.

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Psicóloga. Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Coordenadora do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia da Existência – LAFEPE. Bolsista produtividade - PQ2 - CNPq. Procientista da UERJ e Cientista do Nosso Estado - FAPERJ. Participa do GT 48 - Psicologia & Fenomenologia da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em psicologia - ANPEPP. Sócia fundadora e benemérita do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro – IFEN. Organizadora e autora de livros, capítulos e artigos publicados em revistas nacionais e internacionais. Publicações - com os títulos *A Escuta e a Fala em Psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial*, *Existência para Além do*

Sujeito: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológico-existenciais, *Existência & Psicoterapia*: da psicologia sem objeto ao saber fazer na clínica psicológica existencial e *Suicídio & Luto* - da investigação fenomenológico-hermenêutica às práticas clínicas fenomenológico-existenciais fazem parte da bibliografia básica de disciplinas em várias universidades, tornando-se referência para fundamentar a pesquisa e a clínica psicológica na perspectiva fenomenológico existencial. E essas obras já foram traduzidas para a língua hispânica a pedido dos profissionais da perspectiva na América Latina.

Email: ana.maria.feijoo@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6262781863415292>

ORCID: 000-0002-3064-3635

PALESTRAS



COMPLEXIDADE E PSICOPATOLOGIA

Dimitri Marques Abramov

Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ / IFEN - Brasil

O metabolismo da célula, a manifestação da mente, a organização da sociedade podem ser compreendidos como fenômenos advindos da Complexidade. Diversos métodos matemáticos baseados na Entropia de Tsallis são capazes de medir a Complexidade de um sistema, inclusive a do cérebro/mente, inferida pelo sinal de eletroencefalograma (EEG). O EEG descreve um processo dinâmico de manifestação de padrões (informação) advinda em última instância da interação entre o indivíduo e seu Universo. A Complexidade não depende da substância (do cérebro ou qualquer outra), mas sim da organização dessa substância enquanto componentes que estabelecem interações/correlações espaciais e temporais formando uma rede intrincada. A organização dessas redes é fractal e transcendente: das moléculas às células, aos indivíduos, aos ecossistemas/sociedades. Em cada nível, nessas redes emergem estados coletivos (auto-organização) inusitados a partir de uma partícula de caos que reverbera (Efeito Borboleta). Em cada nível se manifesta criatividade (autopoiesis), a qual propicia adaptação e evolução. Eis alma da autonomia e da liberdade, talvez do arbítrio, que começa nas flutuações caóticas e termina na Civilização. De fato, a Complexidade é o que separa a vida da não-vida. Tanto que a Complexidade diminui com o envelhecer e o adoecer. Para Henri Ey, a “doença mental” é a perda da liberdade, da autonomia do homem para organizar o seu mundo. Um pensamento que nos aproxima da obediência demasiada em Canguilhem (cristalização nas normas pré-estabelecidas). Assim, os transtornos mentais primordialmente patológicos devem se relacionar a redução da complexidade da dinâmica do cérebro, registrada no EEG. Se muitas destas condições forem expressão da neurodiversidade, esperamos que a Complexidade seja equivalente à de pessoas típicas, como temos observado no TDAH. Enquanto uma rede intrincada, um sistema Complexo não é explicável olhando para os estados seus componentes individual e separadamente. O Sistema é irreduzível, e seu entendimento depende de um método compreensivo e holístico de observação, ao invés da análise atomista. Se a mente é complexa, toda a clínica da mente deve ser complexa, compreendendo os fenômenos e condições humanas como singularidades expressivas de um processo determinado contextualmente, nas relações organizadas como fractais, da família ao Estado. Assim, o transtorno mental pode ser efeito de relações defasadas entre indivíduos singulares e seu contexto (muitas vezes hegemônico e estranho à diversidade de singularidades). A percepção da saúde e doença como fenômenos complexos (relacionais, sociais-coletivos e político-culturais) ressignificam a racionalidade da psiquiatria atual, ora voltada à premissa de endogeneidade dos processos de sofrimento.

Palavras-chave: Complexidade, Liberdade, Transtorno Mental, Diversidade

Dimitri Marques Abramov - Médico Psiquiatra, mestre em Ciências Biológicas (Comportamento Animal) e Doutor em Ciências (Neurociências) pelo Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho. Pós-doutorado em Sistemas Complexos com Prof. Constantino Tsallis no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas. Professor de Psiquiatria e Neurociências na FMP-UNIFASE, e pesquisador no Lab. de Neurobiologia e Neurofisiologia Clínica do IFF/FIOCRUZ.

Email: dimitri.abramov@iff.fiocruz.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3636981575050860>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0214-1670>

ENVELHECER: UMA OBRA DE ARTE EM CONSTRUÇÃO

Beltrina Côrte

Portal do Envelhecimento - Brasil

Este ensaio problematiza as formas pelas quais dispositivos e práticas sociais frequentemente assujeitam o envelhecimento e a velhice, reduzindo as pessoas idosas a figuras limitadas por patologias, precariedade e encargos sociais, médicos e financeiros. Em vez de um tempo de perdas, pode ser tempo de criação, de colheitas, de contribuições singulares. Um tempo que exige ruptura com discursos reducionistas. Assim como uma pintura que leva tempo, camadas e cuidado para se formar, o envelhecimento é um processo cultural, plural e coletivo, tecido a partir das experiências, escolhas, valores e relações que atravessam a vida. Este ensaio também anuncia que *a coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer*, reafirmando-se o envelhecimento com uma questão contemporânea, como parte legítima da trajetória humana e, assim, um campo fértil de significados. Cada corpo singular, cada história, cada território imprime sua marca e a forma como uma sociedade representa e organiza a velhice revela muito de seus pactos sobre o valor da vida, da diversidade, da interdependência entre gerações. Argumenta-se que, mesmo diante das adversidades, a velhice pode se manifestar como uma existência ética, afirmando a potência da vida, em que modos de subjetivação coletivos, permeados por forças como a amizade e a arte, são apresentados como caminhos para a criação de vidas mais plenas e significativas na velhice, afinal, somos todos, em alguma medida, artes desse imaginário. No entanto, frequentemente, internaliza-se uma imagem predefinida da velhice, um legado imposto por olhares externos, negligenciando-se a oportunidade de observar e vivenciar a velhice que se molda continuamente através de nossa participação consciente e intencional em cada instante da vida. E como toda obra de arte, a velhice pede tempo, sensibilidade e liberdade para ser. Pede também que diversos atores - educadores, artistas, comunicadores, gestores, profissionais da saúde, da assistência, da cultura – ajudem a desenhar novos contornos para o envelhecer, pois cultivar uma cultura em que a longevidade seja vista como conquista coletiva – e não como ameaça – é também um gesto de cuidado com o futuro. Porque ao transformar as ideias que circulam na contemporaneidade sobre a velhice, transformamos também o modo como cada pessoa poderá viver o tempo que ainda desejar. Cabe a nós garantir as condições para que ela possa florescer com beleza, dignidade, potência e expressão plena. Garantir que a vida seja como uma obra de arte e a velhice como o ápice da estética da existência.

Palavras-chave: Velhice; Contemporânea; Obra de Arte.

Beltrina Côrte

Jornalista, Doutorado e pos.doc em Ciências da Comunicação pela USP. CEO do Portal do Envelhecimento e Longevidade e pesquisadora do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE/CNPq/PUC-SP).

E-mail: beltrina@portaldoenvelhecimento.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2236463664195609>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2717-3262>

ENCONTROS DIALÓGICOS COM PARTICIPANTES DE PESQUISA: ATITUDE FENOMENOLÓGICA ETICAMENTE ORIENTADA

Vera Engler Cury

Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC-Campinas - Brasil

A construção de um espaço de diálogo que respeite e valorize as experiências dos participantes, constitui um objetivo primordial no desenvolvimento de um modo de pesquisar eticamente orientado no contexto das ciências humanas. Na área da psicologia clínica, enfatizamos a atitude fenomenológica que envolve escuta acolhedora e empática, permitindo que os participantes compartilhem suas vivências de maneira autêntica. Essa abordagem não só enriquece os dados coletados, mas também estabelece uma relação de confiança e respeito mútuo. A compreensão empática é um princípio central tanto na Psicologia Fenomenológica quanto na Abordagem Centrada na Pessoa desenvolvida por Carl Rogers. O pesquisador deve empenhar-se em compreender a perspectiva do participante assumindo uma postura de abertura às suas ideias, percepções e sentimentos. Essa atitude não apenas enriquece a pesquisa, mas também valida as vivências do participante, promovendo um encontro humano autêntico. Serão apresentados exemplos práticos de como essa atitude pode ser aplicada em diferentes contextos de pesquisa, destacando os desafios e as possibilidades desse tipo de interação entre pesquisador e participantes. Importante considerar vários elementos que envolvem tanto a natureza da pesquisa quanto os princípios éticos que sustentam essa interação: em um encontro dialógico, tanto o pesquisador quanto o participante se engajam de maneira autêntica e transparente; o pesquisador deve respeitar a capacidade do participante de tomar decisões sobre sua própria participação na pesquisa; o pesquisador deve ser claro sobre os objetivos da pesquisa, suas intenções e o papel do participante. Essa transparência cria um ambiente de confiança, fundamental para uma interação fenomenológica que se estabelece numa relação intersubjetiva a partir da intencionalidade das pessoas envolvidas. A pesquisa fenomenológica busca apreender a experiência vivida do participante de maneira profunda e respeitosa. O encontro dialógico proporciona um espaço onde as experiências dos participantes são valorizadas e reconhecidas como legítimas. Essa abordagem vai além da mera coleta de dados, transformando o participante em um co-construtor do conhecimento. O pesquisador deve estar consciente de seu próprio papel e de como suas experiências, preconceitos e disposições podem influenciar a interação. A reflexão crítica sobre essa dinâmica é uma prática ética importante que ajuda a garantir que o encontro legitime as vivências do participante. A pesquisa que se baseia em encontros dialógicos pode ter um impacto positivo na comunidade, promovendo conscientização e mudança social. Ao valorizar a pessoalidade dos participantes, a pesquisa pode contribuir para a justiça social e para o crescimento psicológico das pessoas.

Palavras-Chave: Encontros; Dialógicos; Psicologia clínica; Pesquisa fenomenológica; Abordagem centrada na pessoa; Atitude fenomenológica.

Vera Engler Cury

Psicóloga. Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo, USP. Doutora em Saúde Mental pela Universidade de Campinas, UNICAMP. Professora e pesquisadora do Programa Stricto Sensu em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC-Campinas. Atualmente é Coordenadora deste mesmo Programa. Coordena o Grupo de Pesquisa “Atenção Psicológica em instituições: prevenção e intervenção.” Coordena o Grupo de Trabalho da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia, ANPEPP: GT 48: Psicologia & Fenomenologia”. Autora de

artigos científicos em revistas científicas nacionais e internacionais; organizadora de livros e autora de capítulos. Temas: psicologia clínica, saúde mental, abordagem centrada na pessoa, atenção psicológica em instituições públicas, pesquisa fenomenológica. E-mail: vency2985@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3414308343809480>

ORCID: 0000-0003-2721-3367

A PRÁTICA CLÍNICA DA PSICOTERAPIA HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA

Virginia Moreira

APHETO, Universidade de Fortaleza - UNIFOR - Brasil

A psicoterapia humanista-fenomenológica é um desenvolvimento clínico contemporâneo, pensado a partir da interseção de três vertentes: 1) a Psicologia Humanista do psicólogo norte-americano Carl Rogers, que fornece a base clínica da relação terapêutica e de facilitação do processo; 2) a Psicopatologia Fenomenológica, que traz a lente sobre as experiências de adoecimento em seus diferentes modos de funcionamento; e 3) a Fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, que consiste no fundamento epistemológico para a compreensão dos significados das experiências, fomentando a proposta do método fenomenológico no contexto clínico (Moreira, 2001, 2004, 2009, 2016, 2017; Souza & Moreira, 2019; Moreira & Bloc, 2021; Moreira, Bloc, Vasconcelos & Aguiar, 2025). Trata-se de uma proposta gestada no contexto da psicologia clínica e da pesquisa em psicologia no Brasil, que vem sendo desenvolvida nos últimos trinta anos. Esta apresentação tem como objetivo revisitar o método clínico humanista-fenomenológico, compreendendo e trabalhando na psicoterapia com pacientes fictícios, criados a partir do meu trabalho como psicoterapeuta e supervisora clínica para fundamentar, através de exemplos práticos, a psicoterapia enquanto processo de reconhecimento e sustentação. Utilizando-me das respostas-reflexo e das atitudes facilitadoras propostas por Carl Rogers – compreensão empática, congruência e autenticidade, bem como das intervenções fenomenológicas inspiradas na fenomenologia filosófica de Merleau-Ponty – o enquadre, a descrição, a fala autêntica, ver e ouvir fenomenologicamente, a intuição eidética e o gesto fenomenológico em um setting psicoterapêutico que prioriza a visão, mostro como esse processo se dá em diferentes momentos da psicoterapia com esses pacientes. Busco desenvolver uma escuta compreensiva, que consiste em escutar também o que vejo e como sou vista, como um processo de movimento contínuo entre figura e fundo – o que o paciente expressa, “a figura”, sempre se dá em um fundo que o constitui culturalmente, na sua relação comigo, sua psicoterapeuta, em um movimento de mútua constituição entre visível e invisível. O método da psicoterapia com esses pacientes foi descrever suas experiências de corpo, tempo, espaço vividos e suas relações com o outro, visando, a partir dos significados dessas experiências, alcançar as suas condições de possibilidade em seus mundos vividos. O reconhecimento de suas experiências, em seus limites e potencialidades, por parte desses pacientes, nos levaram a enxergar juntos, “de mãos dadas”- paciente e psicoterapeuta - suas condições de possibilidade para se sustentar no mundo.

Palavras-chave: psicoterapia humanista-fenomenológica; método clínico; prática clínica; fenomenologia clínica.

Virginia Moreira

Psicoterapeuta e supervisora clínica em Fortaleza, Brasil, onde coordena o Curso de Formação em Psicoterapia Humanista-Fenomenológica. Foi pesquisadora PQ1D do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), Pós-doutorado em Antropologia Médica (Harvard Medical School), Doutora em Psicologia Clínica (PUC-SP). É Fundadora Emérita e Professora Colaboradora do laboratório APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica, Universidade de Fortaleza. É Supervisora Clínica acreditada pela Sociedad Chilena de Psicología Clínica. Ela publicou numerosos livros, entre os quais: Moreira, V. Clínica

Humanista Fenomenológica: estudos em psicoterapia e psicopatologia crítica, 2009 (São Paulo: Annablume); Moreira, V. De Carl Rogers a Merleau-Ponty: a pessoa mundana em psicoterapia, 2007 (São Paulo, Annablume); Moreira, V. Más Allá de la Persona: hacia una psicoterapia fenomenológica mundana, 2001 (Santiago de Chile: Universidad de Santiago). Além disso, publicou em co-autoria: Moreira e Bloc, Fenomenologia Clínica, 2021, (Rio de Janeiro: Edições Ifen); Tatossian, Moreira, Chamond et al. Clinique du Lebenswelt: psychothérapie et psychopathologie phénoménologiques, 2016, (Paris: MJW Fédition); Tatossian, Bloc e Moreira, Psicopatologia fenomenológica revisitada, 2016 (São Paulo: Escuta); Moreira e Sloan, Personalidade, Ideologia e Psicopatologia Crítica, 2002 (São Paulo: Escuta), entre outros. Publicou, ainda, cerca de 120 artigos em periódicos científicos nacionais e internacionais.

Email: virginia_moreira@fulbrightmail.org.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5312038855744142>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2740-0023>

ANGÚSTIA EM MANUELZÃO E MIGUILIM: INSPIRAÇÕES PARA A CLÍNICA PSICOLÓGICA COM PESSOAS MAIS VELHAS

Myriam Moreira Protasio

Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro - IFEN- BRASIL

O objetivo deste trabalho é pensar uma possibilidade de clínica psicológica com pessoas mais velhas tendo como inspiração os textos *Campo geral* e *Uma história de amor* (Festa de Manuelzão), de Guimarães Rosa. Estes textos compõem o livro *Manuelzão e Miguilim*, parte da obra *Corpo de baile*, posteriormente desmembrada pelo autor. O fio condutor da reflexão será a angústia, entendida em seu duplo sentido de despertar da liberdade e de escola: em qualquer momento do existir angústia determina o modo de lida com uma situação e, simultaneamente, resguarda a possibilidade de uma nova direção. Cada modo de lida é uma forma de arrumar a totalidade da existência, dando sentido ao que foi e ao que ainda não foi. Nos dois textos o envelhecer tem menos relação com marco cronológico e está mais afinado com a transformação de sentido conquistada. O texto de Manuelzão tem a festa como um intervalo de tempo na lida cotidiana no qual o protagonista, com cerca de 60 anos, revisita sua vida, suas conquistas, seus fracassos, e seus arranjos afetivos. Impasses de ontem e as soluções de hoje anunciam a tensão em que se move Manuelzão. Já em *Miguilim*, o protagonista de apenas 8 anos, à medida que conhece e pouco entende o mundo, também experimenta pensamentos de velhice. Rosa rompe com a determinação cronológica no envelhecimento, privilegiando o que aparece como questão, não por princípio, mas porque irrompe no movimento de existir e clama por um corte definidor dos rumos. O solo comum das narrativas é o caráter originário da existência como abertura ou, em termos de Kierkegaard, angústia, tensão que aponta para a criação de novos caminhos, anunciando, no mesmo ato, a liberdade e a seriedade da tarefa existencial. Miguilim e Manuelzão inspiram a escuta clínica na medida em que desmistificam a ideia de envelhecimento como fim de carreira e de vida e sustentam o vigor resguardado pela angústia como clamor de retomada criativa e séria do existir. Para Kierkegaard, sério é o que edifica; para Rosa, é o que envelhece, ganhando gravidade na própria realidade, orientando e fertilizando o campo para o que realmente importa. A clínica psicológica com pessoas mais velhas tem muito a ganhar com essas reflexões, inspirando-se na compreensão da tensão como orientadora de pensamentos de velhice que clamam por novas e criativas formas de compreender e lidar com a realidade.

Palavras-chave: Envelhecimento; Seriedade; Kierkegaard; Guimarães Rosa.

Myriam Moreira Protasio

Psicóloga. Doutora em Filosofia/UERJ. Pós-doutorado em Psicologia/UERJ. Sócia fundadora do IFEN, onde é professora do Curso de Formação em Psicologia Clínica com ênfase em Kierkegaard e Coordenadora no Grupo de Pesquisa *O envelhecimento e o envelhecer na atualidade e a atuação do psicólogo*. Pesquisadora no Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia da Existência – LAFEPE/UERJ e membro do Grupo de Pesquisas Margem Kierkegaardiana.

E-mail: myprotasio@yahoo.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0910561871917401>

ORCID: 0000-0002-2156-9269

ARTE Y TERAPIA. UN MODELO PARA LA TERAPIA Y PARA EL TRABAJO COMUNITARIO

Susana Signorelli

Fundación CAPAC/ ALPE - Argentina

El presente trabajo trata de mostrar cómo puede utilizarse el arte en la terapia como un modo de acercamiento al ser del otro. Autores existenciales como Merleau Ponty y Binswanger, si bien no han trabajado de esta manera, nos permiten transitar por sus pensamientos para dar sustento teórico a este trabajo. Concebimos el arte como un modo de comunicar vivencias que permite comprender el mundo anímico de un paciente. Ambos, terapeuta y paciente descubren un mundo nuevo de posibilidades expresivas que les permite abrir nuevos horizontes para la comprensión del ser sufriente. Analizar una expresión artística permite desentrañar el carácter simbólico de lo expresado y el valor implícito en esa manifestación creativa. El arte nos permite hacer visible lo invisible de toda percepción. La terapia facilita este tipo de comprensión cuando se abre a múltiples modos creativos que incluyen mucho más de lo expresado con las palabras. Por lo cual, utilizar cualquier manifestación artística nos permite afirmar que amplía la conciencia de quien se abre a ese des-cubrimiento. Toda manifestación artística es aceptada en terapia para ser analizada. Si el paciente no tuviera inquietudes artísticas, igualmente se pueden utilizar creaciones de otros, porque la búsqueda de imágenes que representen su situación vivencial, nos va a permitir un mayor conocimiento de su mundo. No es un camino intelectual por el que se llega a conocer al otro y a sí mismo, es un camino intuitivo, vivencial. La lectura de lo expresado, en cualquier tipo de lenguaje, posterior a la búsqueda y hallazgo de lo que se quiso expresar, se da a través de la hermenéutica conjunta entre paciente y terapeuta. Esto facilitará llegar a la comprensión de su situación vivencial, que estará en correspondencia con su manera de interpretar la realidad, de darle significado, sentido, valor y en consecuencia actuará de acuerdo con esa lectura que expresará con su propia modalidad. Pero el uso del arte para comprender al otro y para permitirle ampliar su conciencia no tiene que estar limitado a las paredes del consultorio. Como el arte es un gran facilitador de expresión de sentimientos, se puede utilizar en los trabajos con comunidades para el logro de trabajos preventivos en salud mental. El arte abre nuevas perspectivas a los terapeutas para ayudar a sus pacientes y a la comunidad en la que se desempeñe.

Palabras clave: Arte; Terapia; Ampliación de la Conciencia; Comunidad.

Susana Signorelli - Licenciada en Psicología por la UBA. Docente universitaria. Autora de 5 libros, autora y compiladora de 3 libros, 9 capítulos en otros libros, 3 prólogos. Publicaciones en revistas científicas en: Argentina, Brasil, Colombia, Ecuador, México, Perú, Reino Unido y Rusia. Directora y editora de la Revista Latinoamericana de Psicología Existencial (con referato). Presidente del II Congreso Mundial de Terapia Existencial. Presidente de Fundación CAPAC, Argentina. Presidente honorífica de ALPE.

E-mail: funcapac@gmail.com

ORCID: 0009-0003-3633-5080

MESAS REDONDAS



EIXO I: PRÁTICAS BASEADAS EM EVIDÊNCIAS

CORRER, SITUAR-SE E O DESABROCHAMENTO DO RITMO. UMA CONSIDERAÇÃO HEURÍSTICA

Josemar de Campos Maciel (*UCDB – Brasil*)

O papel da atividade física na promoção, manutenção e recuperação da saúde é fundamental. Isso, que deveria ser um truismo, é ao menos um consenso científico inquestionável. Entretanto, a ênfase neoliberal na eficiência, performance e no ideal corporal frequentemente obscurece a relação intrínseca entre movimento e bem-estar. Este texto parte de uma leitura crítica de alguns modelos de discurso que priorizam a juventude, a competição e a estética, distorcendo a percepção da atividade física como prática de saúde, bem como a força da sua coexistência ao longo de toda a vida humana. Em contraponto a essas idealizações do corpo e de suas atividades, propõe-se uma abordagem não-competitiva, centrada na experiência individual, no suporte social e na interação com o meio ambiente. A corrida, em particular, é analisada como prática salutogênica, que promove a autodescoberta, a auto-observação e a conexão com o espaço geográfico, conforme a perspectiva de Moustakas sobre a busca interior ('self-search'), e recentes desenvolvimentos da relação entre a experiência de espaço, territorialidade e corporeidade. O texto apresenta diretrizes para a prática da corrida, enfatizando a autopercepção, a introspecção e a relação com o ambiente, propondo um modelo de promoção da saúde física baseado na experiência subjetiva e na interação com o esforço de contextualização geoterritorial. Em síntese, defende-se uma prática de atividade física que priorize o autoconhecimento, a conexão com o mundo e a valorização da experiência individual, em relação fecunda, mas crítica, com os anseios de busca pelo ritmo perfeito.

Palavras-chave: Pesquisa Heurística; Atividade Física e Saúde; Corrida.

Josemar de Campos Maciel

Filósofo. Doutor em Psicologia. Investiga temas em torno da crítica ao Desenvolvimento, do pensamento nativo e dos imperativos da hospitalidade. Atualmente é Professor Adjunto dos Programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local e em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco de Campo Grande, MS, Brasil, e membro do NEPPI (Núcleo de Estudos e Pesquisas com Populações Indígenas) e do Grupo de Pesquisa Estudos Críticos do Desenvolvimento.

Lattes: cnpq.br/0607324397391969

ORCID: 0000-0001-8277-9422

DESAFIOS PARA A DEFINIÇÃO DOS COMPONENTES CENTRAIS DA PSICOTERAPIA EXISTENCIALISTA VISANDO SUA AVALIABILIDADE

Adria de Lima Sousa (*UFAM, Brasil*)

Daniela Ribeiro Schneider (*UFSC, Brasil*)

Charlene Fernanda Thurow (*UFSC, Brasil*)

Kátia Maheirie (*UFSC, Brasil*)

Milene Strelow (*FURB, Brasil*)

Os estudos da avaliação em psicoterapia têm demonstrado que sua eficácia se encontra na interdependência e influência mútua entre os chamados fatores comuns e os fatores específicos de cada abordagem. Isto significa que diferentes psicoterapias são igualmente eficazes em várias dimensões comuns, como as características do psicoterapeuta e de seu manejo clínico, as características do paciente e seu engajamento no tratamento, assim como o estabelecimento de uma boa aliança terapêutica. Já os fatores específicos se referem aos procedimentos, às técnicas e às estratégias clínicas específicas utilizadas pelas abordagens visando promover resultados terapêuticos por elas almejados. É desafiador destacar quais os componentes centrais de uma abordagem psicoterapêutica que definem a sua especificidade, seu delineamento teórico e metodológico e seu modelo lógico. Eles são, portanto, os aspectos mais essenciais e indispensáveis de uma prática clínica ou de um processo de intervenção, considerados na definição da identidade da abordagem. Compreender e aderir aos princípios da prática subjacente a cada componente central pode permitir flexibilidade para os psicoterapeutas na forma de realização clínica, podendo alterar procedimentos e as estratégias da intervenção, sem sacrificar a função central destes componentes. Sendo assim, conhecer os componentes centrais de uma intervenção torna-se uma tarefa importante para responder questões relacionadas à produção de evidências sobre a prática clínica, sua replicabilidade e a possibilidade de adaptações a diferentes populações, variadas psicopatologias, espaços de intervenção, modalidades clínicas e diversidades socioculturais. A psicoterapia existencialista, por suas raízes nas filosofias fenomenológicas e existencialistas, na psicopatologia fenomenológica e na antropologia dialética materialista e histórica, mantém uma distância epistêmica de certos pressupostos das práticas baseadas em evidências. Com isso, a discussão do que são os resultados terapêuticos esperados e, portanto, a definição de suas evidências, que possibilitaria a construção de processos avaliativos, estabelece-se numa outra lógica do que as postuladas pelos modelos clínicos tradicionais, baseados mais fortemente em alteração de sinais e sintomas. Nesse sentido, considera-se importante enfrentar o desafio de delinear os componentes centrais da psicoterapia existencialista, chegando a descrever aspectos que desdobram na concretude do fazer psicoterapêutico. O objetivo desta apresentação é descrever e refletir sobre a proposta de dez componentes centrais da psicoterapia existencialista, visando a uma melhor definição do processo identitário da mesma, indicando algumas formulações que contribuam para a construção de futuros processos avaliativos desta abordagem.

Palavras-Chaves: Psicoterapia Existencialista; Jean-Paul Sartre; Avaliabilidade, Avaliação de Psicoterapia; Modelo Contextual

Adria de Lima Sousa - Psicóloga, Doutora em Psicologia. Professora Adjunta da Universidade Federal do Amazonas. Possui experiência em psicologia clínica como psicoterapeuta e supervisora clínica.

E-mail: adriapsique@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2255133603023472>

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-7395-1806>

Charlene Fernanda Thurow - Psicóloga, Doutora em Psicologia, Pós-Doutoranda no PPGP/UFSC. Integrante do Núcleo de Pesquisas Clínica da Atenção Psicossocial (PSICLIN) e do NEXIS - Núcleo Existencialista Sartriano de Blumenau/SC. Tem experiência como psicoterapeuta existencialista.

E-mail: cfthurow@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2482748032191511>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9462-1320>

Daniela Ribeiro Schneider - Psicóloga, Doutora em Psicologia Clínica, Pós-doutora em Ciência da Prevenção. Prof^a. Titular aposentada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora voluntária no Programa de Pós-Graduação da UFSC. Vice-Coordenadora do PSICLIN/UFSC. Bolsista produtividade em pesquisa 2 do CNPq.

E-mail: danischneiderpsi@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5847729124150252>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2936-6503>

Kátia Maheirie - Psicóloga, Doutora em Psicologia Social e Pós-Doutora em Psicologia Social. Prof^a. Titular aposentada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora voluntária no Programa de Pós-Graduação da UFSC. É Pesquisadora Produtividade 2 do CNPq.

E-mail: maheirie@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7689469021584393>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5226-0734>

Milene Strelow - Psicóloga, Doutora em Psicologia. Professora do Curso de Psicologia da Fundação Regional de Ensino de Blumenau (FURB) e da Faculdade Unisociesc de Jaraguá do Sul-SC. Orientadora em Metodologia da Psicoterapia NEXIS Blumenau-SC. Psicoterapeuta clínica existencialista em Blumenau-SC. Integrante do Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial (PSICLIN/UFSC),

E-mail: milene.strelow@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6645977197890297>

ORCID - <https://orcid.org/0000-0003-1426-9003>

FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL E PRÁTICAS BASEADAS EM EVIDÊNCIAS EM PSICOLOGIA: EVIDÊNCIA OU EFICÁCIA?

Victor Portavales Silva (*UNIVERSO/IFEN - Brasil*)

Tem ganhado relevância, sobretudo nas discussões em redes sociais, a importância da aplicação de práticas baseadas (PBE) em evidências em Psicologia. Essa discussão, largamente ignorada pela tradição da Psicologia Fenomenológica e Existencial, tem adquirido protagonismo e nos coloca a necessidade de uma reflexão crítica acerca de seus pressupostos, objetivos e consequências para a prática clínica. Deixando de lado todo o aspecto mercadológico envolvido nas discussões das redes sociais, este trabalho visa articular aproximações e afastamentos possíveis em relação às práticas baseadas em evidências, que buscam evidências empíricas de eficácia das intervenções em psicoterapia. A obra de Daniel Sousa surge como uma voz solitária nesse debate, e é precisamente com ela que pretendemos dialogar, ainda que de forma crítica. Para isso, discutimos a perspectiva do indutivismo ingênuo, tal como compreendida por Bertrand Russel e A. F. Chalmers, que parece ser a base de sustentação das PBE, bem como os limites e questões envolvidas no modelo de ensaios clínicos randomizados preconizados pelas PBE, sobretudo em sua vertente de tratamentos empiricamente sustentados. Para além da mera crítica, ressaltamos que embora as PBE sejam capazes de mensurar o grau de eficácia de determinados protocolos e intervenções, elas são incapazes de compreender como tais protocolos e intervenções funcionam. Esse pode ser um solo fértil para a aplicação da fenomenologia, ao retomar o sentido da evidência em sua raiz mais originária, como aquilo que se mostra e faz aparecer. Sendo assim, buscamos explicitar o que podemos aprender e o que podemos ensinar junto ao movimento das PBE. Se, por um lado, vivemos sob a hegemonia de um ditame científico-natural, por outro, podemos oferecer em contraposição ou mesmo complemento um olhar compreensivo acerca da busca incessante pelo controle dos fenômenos psicológicos. Acreditamos que tal diálogo seja necessário para superação de impasses e pela busca de maior unificação nas práticas e discursos dentro da Psicologia.

Palavras-chave: Psicologia Clínica; Práticas Baseadas em Evidências; Eficácia.

Victor Portavales Silva

Graduado em Psicologia (Bacharel e Psicólogo) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ (2014), Especialista em Psicologia Clínica através do Instituto de Psicologia Fenomenológico Existencial do Rio de Janeiro - IFEN (2018), Mestre (2019) e Doutor (2022) em Psicologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social - PPGPS/UERJ. Atuo também como psicólogo clínico desde 2018 e como professor no curso de Graduação em Psicologia da UNIVERSO (Universidade Salgado Oliveira) desde 2024.

E-mail: victorportavales@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6266547483685554>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6747-0451>

O MODELO BIOMÉDICO E A DASEINANÁLISE: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO VIÉS BIOLOGIZANTE NO CAMPO PSICOTERAPÊUTICO

Paulo Victor Rodrigues da Costa (*UNESA/IFEN – Brasil*)

O campo da psicoterapia tem sido historicamente marcado pelo parâmetro de diversas bases epistemológicas. Contemporaneamente, destaca-se o modelo biomédico como perspectiva que intenta o estabelecimento de si como novo paradigma em Psicologia. O modelo biomédico, consolidado principalmente a partir do século XX, alicerça-se na ideia de que os transtornos existenciais são essencialmente disfunções neuroquímicas, genéticas ou cognitivas, passíveis de diagnóstico objetivo e tratamento medicamentoso. Nesse sentido, o campo da experiência de sentido – singular e autêntica –, tende a ser secundarizado, sendo o foco colocado na sintomatologia observável e em correlações biológicas. Essa abordagem se arroga o mote da eficiência e da evidência científica, o que tem lugar de direito, porém apresenta graves limitações quanto à compreensão do sofrimento humano em sua complexidade existencial. Em contraste, a daseinsanálise, inspirada na fenomenologia-hermenêutica de Martin Heidegger e desenvolvida por Medard Boss, propõe uma leitura existencial da psicopatologia. Aqui, o sofrimento não é reduzido a uma disfunção cerebral, mas compreendido como uma forma específica de ser-no-mundo, ou seja, uma modificação no modo como o indivíduo se relaciona com a existência. A ênfase recai sobre a escuta da experiência vivida, priorizando o sentido que o sintoma possui na existência singular. A daseinsanálise não nega o corpo ou os aspectos biológicos, mas os integra à totalidade da existência, recusando uma dicotomia rígida entre mente e corpo. A questão que se torna necessária é: como integrar, ou não, elementos explicativos e biologizantes exatamente lá onde se prioriza ser como transcendência? A daseinsanálise seria hostil a linguagem biológica? Consumado o paradigma biomédico, como a daseinsanálise se instala nesse cenário? Nesse contexto, questiona-se se o despontar explicativo biologizante clama por modelos mais integrativos, capazes de dialogar criticamente com os pressupostos biomédicos, sem desprezar os avanços técnicos da medicina, mas resgatando a dimensão existencial (talvez a exemplo do trabalho de Thomas Fuchs), ou se seria necessária uma delimitação mais contundente entre tais eixos epistemológicos e ontológicos distintos (na direção da demarcação de uma fronteira visível entre as chamadas Ciências Naturais e Ciências Humanas, de acordo com Wilhelm Dilthey). Assim, ao colocar em perspectiva o modelo biomédico e a daseinsanálise, evidencia-se um tensionamento fundamental que precisa ser pensado: entre objetividade técnica e compreensão existencial, entre diagnóstico e escuta, entre cura e cuidado. Esse debate aponta para a necessidade de uma compreensão aprofundada do que está em jogo no surgimento do paradigma biomédico e a sua instalação no interior da psicologia.

Palavras-chave: Daseinsanálise; Psicoterapia; Fenomenologia.

Paulo Victor Rodrigues da Costa

Psicólogo clínico, graduado em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), especialista em Psicologia Fenomenológico-Existencial pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN), mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGPS-UERJ), doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGF-UFRJ). Professor da UNESA e IFEN.

Email: pvrcoستا@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0064899030032017>

ORCID: 0000-0002-4883-0295

OS DESAFIOS DA TERAPIA DASEINSALÍTICA

Maria de Fátima de Almeida Prado (*ABD/IFDA - Brasil*)

Refletir sobre o trabalho terapêutico daseinsanalítico na atualidade, marcada por crises profundas e pelo avanço tecnológico, é tarefa urgente. A superação da tradição que subordina a psicologia às ciências naturais teve início com a fenomenologia de Husserl e foi aprofundada por Heidegger, como ontologia fundamental. Seu pensamento influenciou pensadores como Binswanger, Jaspers e Medard Boss, sendo este diretamente orientado por Heidegger nos Seminários de Zollikon e um amigo da vida toda. A prática clínica da Daseinsanalyse, fundamentada nesse legado, mostra-se especialmente pertinente hoje. Os riscos antevistos por Heidegger sobre a técnica são hoje evidentes. Com rigor fenomenológico a Daseinsanalyse busca compreender o sofrimento humano e promover a liberdade do Dasein em suas possibilidades mais autênticas.

Palavras-chave: Daseinsanalyse; Fenomenologia; Contemporâneo.

Maria de Fátima de Almeida Prado

Psicóloga formada pela PUC-SP em 1979, Psicóloga clínica atuando desde 1980, Presidente da Associação Brasileira de Daseinsanalyse – ABD, Vice-presidente da International Federation of Daseinsanalyse – IFDA, Co-tradutora do livro Seminários de Zollikon, de Martin Heidegger. Trad. Gabriella Arnhold. Ed. Escuta, ABD.
Email: fatima.prado@gmail.com

PONTO DE VISTA DOS PSICOTERAPEUTAS SOBRE OS PROCESSOS CLÍNICOS DA PSICOTERAPIA EXISTENCIALISTA: ESCOLAS BRASILEIRAS

Daniela Ribeiro Schneider (*UFSC, Brasil*)

Milene Strelow (*UFSC - FURB, Brasil*)

São apresentados dados de uma pesquisa de tese de doutorado que procurou levantar os processos clínicos da psicoterapia existencialista sartriana realizada no Brasil na visão dos psicoterapeutas participantes. Na área de investigação em psicoterapia, um dos primeiros passos para se pensar num futuro processo de avaliação de sua prática é a de demarcar quais são os processos clínicos realizados, chamados de estudos de avaliabilidade, mais comuns na área da avaliação em saúde. Na psicoterapia existencialista não se tem ainda muita literatura sistematizada disponível na área da avaliação de processo neste modelo de psicoterapia, tampouco dos seus processos clínicos em si. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa com 12 psicólogos com reconhecida atuação nesta abordagem, tanto no âmbito da produção científica quanto da prática em diferentes regiões brasileiras. Para a coleta de dados, foi utilizada uma entrevista semidirigida. Os dados foram organizados com o auxílio do *software* Atlas.ti e submetidos à análise de conteúdo proposta por Ruiz-Olabuenaga. Emergiram cinco grandes categorias das falas dos psicoterapeutas quanto ao processo clínico: a) sobre a organização de uma metodologia psicoterapêutica existencialista; b) sobre o processo psicoterapêutico em si; c) sobre o entendimento de seus resultados e indicadores; d) sobre a relação terapêutica; e e) sobre a inteligibilidade do trabalho clínico. Identificou-se que há posições distintas entre os profissionais do que eles próprios definiram como escolas de psicologia fenomenológica-existencialista no Brasil: a catarinense e a carioca. A escola catarinense concebe um posicionamento metodológico mais estruturado, visando a desalienação e transformação da dinâmica psicológica dos pacientes; a carioca traz um posicionamento mais crítico sobre um método estruturado, propondo uma maior fluidez no encontro com o paciente, objetivando o acompanhamento de seu desenvolvimento psicossocial e o autoconhecimento. O presente estudo possibilitou uma maior compreensão acerca dos processos clínicos e dos indicadores de resultados da psicologia fenomenológica-existencialista realizada por psicoterapeutas brasileiros e ofereceu uma contribuição para pensar o início de uma sistematização destes processos, de modo a fomentar pesquisas futuras de sua eficácia e fundamentar o ensino da metodologia para psicoterapeutas em formação interessados nesta orientação teórica.

Palavras-chave: Psicoterapia fenomenológica-existencialista; Processos clínicos; Psicoterapeutas; Jean-Paul Sartre; Avaliabilidade.

Daniela Ribeiro Schneider – Psicóloga, Doutora em Psicologia Clínica, Pós-doutora em Ciência da Prevenção. Profª. Titular aposentada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora voluntária no Programa de Pós-Graduação da UFSC. Vice-Coordenadora do PSICLIN/UFSC. Bolsista produtividade em pesquisa do CNPq.

E-mail: danischneiderpsi@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5847729124150252>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2936-6503>

Milene Strelow

Psicóloga, Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do Curso de Psicologia da Fundação Regional de Ensino de Blumenau (FURB). Psicoterapeuta e Orientadora em Metodologia da Psicoterapia NEXIS Blumenau-SC. Integrante do Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial (PSICLIN/UFSC).

E-mail: milene.strelow@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6645977197890297>

ORCID - <https://orcid.org/0000-0003-1426-9003>

**EIXO II: A CLÍNICA PSICOLÓGICA EM
DIFERENTES MODALIDADES: INDIVIDUAL,
GRUPO, CASAL, INTANFOJUVENIL.**

A CLÍNICA HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA COM CRIANÇAS COMO POSSIBILIDADE DE CUIDADO E DESVIO

Rosa Angela Cortez de Brito (UFMT – Brasil)

A infância, tal como denominada na literatura acadêmica, é um construto histórico e temporalmente delimitado. Para este resumo, será assumida a posição de que a infância é um acontecimento, marcado pela ambiguidade entre duas dimensões, a da cronologia e a da experiência. A primeira embasa políticas e leis sobre os infantes. A segunda representa ruptura, alteridade e intensidade, manifestas no fenômeno infantil. Essas dimensões se atravessam, se cruzam, se confundem e não são excludentes. No que tange ao cuidado clínico direcionado às crianças, há um cenário de posições e intervenções diversas, no qual um fator se destaca: a lente com a qual elas têm sido vistas é da incapacidade, da negatividade e da invisibilidade, pois os parâmetros são adultocêntricos. Ou seja, os cuidados clínicos direcionados a elas são de natureza tutelar, de dominação e de correção. Nesse cenário, a fenomenologia será um fundamento crítico para a construção de um olhar para as infâncias que escape da esfera representacional do adulto. O objetivo deste trabalho é discutir a clínica humanista-fenomenológica com crianças como possibilidade interventiva de cuidado e de desvio. Essa clínica é um desenvolvimento interventivo contemporâneo que articula a psicologia humanista e a psicopatologia fenomenológica, fundamentado pela filosofia fenomenológica. Metodologicamente, este trabalho será desenvolvido como um ensaio teórico. Inicialmente, será tensionada a corrente compreensão de clínica como *kliné*, que remete à passividade e à incapacidade e apresentada a noção *clinamen* (ou *klinamen*) como desvio e abertura ao imprevisível do encontro intersubjetivo com a criança atendida. O cuidado é compreendido como ambiência, como espaço de acolhimento, de expressão do sofrimento e promoção de autonomia. Serão discutidas as atitudes facilitadoras e as intervenções fenomenológicas como possibilidades interventivas nas práticas de cuidado nessa clínica com crianças e suas famílias. Em suas dimensões de cuidado e de desvio, compreende-se a clínica humanista-fenomenológica, para além de uma intervenção psicológica, como empreendimento ético, direcionado ao público infantil.

Palavras-chave: Infâncias; Psicologia clínica; Cuidado; Humanismo-fenomenológico.

Rosa Angela Cortez de Brito

Psicóloga, psicoterapeuta e supervisora clínica. Doutora em Psicologia e especialista em Psicologia Clínica pelo Conselho Federal de Psicologia. Tem formação em Abordagem Centrada na Pessoa e em Clínica Humanista-Fenomenológica. Professora do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Mato Grosso, Campus Cuiabá, Brasil. Coordenadora do ETHOS — Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicologia Humanista e Fenomenológica.

E-mail: rosa.brito@ufmt.br

Lattes: lattes.cnpq.br/3091394100247643

ORCID: orcid.org/0000-0002-3917-7677.

A CRÔNICA COMO ABERTURA PARA REPENSAR O SOFRIMENTO PSÍQUICO CONTEMPORÂNEO NA CLÍNICA PSICOLÓGICA

Letícia Lira de Souza (*Espaço Ser – Brasil*)

Na crônica *Exigências da Vida Moderna*, o escritor Luis Fernando Verissimo utiliza o humor para desvelar a atmosfera de imperativos sociais perpetuados no século XXI, contexto nomeado pelo filósofo Byung-Chul Han como sociedade do cansaço. Nesse cenário, diante do constante atravessamento de ditames científicos e cartesianos, há uma crescente sensação de inadequação diante da impossibilidade de ser mais saudável, produtivo, bem-sucedido e desejável. Muitas pessoas experimentam emoções, sensações e percepções que se aproximam da ansiedade, desamparo, exaustão, inadequação e medo, afetos que também emergem nas narrativas clínicas contemporâneas, refletindo o impacto dessas exigências no sofrimento psíquico e no cuidado clínico. Este trabalho propõe tecer um diálogo entre literatura, fenomenologia e cuidado clínico, utilizando a crônica de Verissimo e os relatos clínicos como pontos de partida para compreender o sofrimento psíquico para além das perspectivas científicas. Esse movimento possibilita a suspensão de saberes cristalizados e a abertura para outros modos de ser e estar no mundo, questionando o racionalismo e psicologismo que caracterizam o horizonte histórico contemporâneo, pautado no controle, na dicotomia corpo-mente e na objetificação do sujeito. Albert Einstein afirmou que a imaginação sobrepõe o conhecimento, pois este é limitado, enquanto aquela abrange o mundo inteiro. Nessa perspectiva, a literatura estimula a imaginação e pode transformar a rede de significações atribuídas ao mundo do leitor. Verissimo, ao explorar a crônica como um gênero textual híbrido, com linguagem acessível, direcionado pela estreita relação com o tempo, combina o cotidiano e a imaginação, o jornalismo e a literatura. O tom simples, flexível e breve da crônica instiga o interesse do leitor comum, além de fomentar o descortinamento e análise mais crítica das dinâmicas sociais naturalizadas que contribuem para o sofrimento psíquico. Assim, a crônica tem a potência de possibilitar espaços para repensar sentidos atribuídos ao modo como as pessoas se relacionam consigo mesmas, com os outros e com o mundo, favorecendo maior cuidado e responsabilidade pela própria existência.

Palavras-chave: Literatura; Cuidado clínico; Sofrimento psicológico; Contemporaneidade; Fenomenologia.

Letícia Lira de Souza

Psicóloga Clínica, CRP-02.25821. Especialista em Psicoterapia Existencial Vivencial e Dialógica (PUC-Rio). Graduada em Psicologia (UNICAP). Participante das atividades do Espaço Ser Instituto de Psicologia Clínica.

E-mail: contato@leticialira.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4587942236733517>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-7167-1473>

A ESCRITA COMO MORADA DO LUTO: UM GESTO FENOMENOLÓGICO DE SUSTENTAR O VIVIDO

Joyce Silva de Oliveira (*Espaço Ser – Brasil*)

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a escrita como gesto existencial e fenomenológico no contexto do luto. A partir da análise de três obras produzidas por autores enlutados — *A dádiva de Hannah* (Maria Housden, 2003), *Uma questão de vida e morte* (Irvin e Marilyn Yalom, 2021) e *A ridícula ideia de nunca mais te ver* (Rosa Montero, 2019) — busca-se compreender como a escrita de si pode constituir um espaço de elaboração, presença e continuidade do vínculo com quem se foi. Inspirando-se na fenomenologia de Edmund Husserl, entende-se o luto como vivência intencional que se manifesta no mundo da vida, carregada de significado próprio e subjetivo. A consciência enlutada se volta para a ausência como se ainda fosse presença, revelando um tempo afetivo distinto do tempo cronológico. Em diálogo com Maurice Merleau-Ponty, a escrita é compreendida como gesto corpóreo e linguagem enraizada na carne da experiência. Não apenas um meio de comunicação, a linguagem se apresenta como extensão do corpo vivido, capaz de dar forma sensível ao que permanece inicialmente indizível. Assim, a escrita atravessada pela dor torna-se um modo de corporificar o luto: o corpo que escreve é, simultaneamente, escrito pela dor que carrega. Mais do que uma tentativa de superação, escrever é um esforço de habitar o luto com corpo, memória e linguagem. A palavra escrita, nesse contexto, não apenas relata o vivido, mas o sustenta e o reinscreve, criando uma morada possível para a ausência. A escrita emerge como abrigo, como travessia, em que o vivido encontra expressão e o outro — leitor — pode reconhecer algo de sua própria humanidade. Portanto, a escrita de si no luto é um ato existencial: gesto que afirma a necessidade de continuar mesmo diante da fragmentação que a perda impõe. Não há pensamento fora da linguagem, nem linguagem fora do corpo, como afirma Merleau-Ponty, e escrever, nesse horizonte, é tornar sensível aquilo que insiste em permanecer — mesmo na ausência.

Palavras-chave: Luto; Fenomenologia; Escrita de si; Husserl; Merleau-Ponty.

Joyce Silva de Oliveira

Espaço Ser Instituto de Psicologia Clínica– Brasil. Psicóloga Clínica – CRP 06/190720. Graduada em Psicologia pela Universidade Nove de Julho. Formação em Perdas e Lutos (Ana Clara Bastos). Pós-graduanda em Especialização em Luto (RNT-CE).
E-mail: joyces.oliveirapsi@gmail.com

ENCONTROS EM GRUPO DE ENLUTADOS: POSSIBILIDADES DE CUIDADO DA EXISTÊNCIA QUE SE DESPEDE

Lilian Cláudia Ulian Junqueira (UNIP – Brasil)

A proposta desta experiência em grupo compreende as possibilidades de elaboração do luto na modalidade online, a partir da perspectiva fenomenológico-existencial. Foram realizados encontros quinzenais em duas modalidades: um encontro aberto e outro interventivo. Encontro aberto de modo que pudéssemos acolher os novos participantes e as demandas que ali fossem reveladas, e posteriormente outro encontro interventivo com temas escolhidos com a participação dos integrantes do grupo frente às suas necessidades de despedidas. Nestes encontros interventivos foram trabalhados: projetos de vida, rituais de perdas em família, cartas aos entes queridos e narrativas sobre as fotografias e memórias afetivas. Como resultados preliminares do primeiro e segundo semestre de 2024, e primeiro semestre de 2025, participam ativamente cerca de 15 pessoas por grupo. Os participantes após algum período, necessário a cada um de modo particular para elaboração, retornam aos encontros e narram suas experiências de cuidado ao próprio luto e integração do luto e das despedidas das existências que partem e outras relações que são necessárias a serem retomadas na vida. Foi possível perceber que o trabalho de ora oferecer o grupo como espaço de acolhimento, ora como espaço de intervenção que possibilite mobilizações na vida, oportunizou aos participantes que a dor do luto encontre caminho para melhor integração e cuidados para que os enlutados possam prosseguir com suas despedidas.

Palavras-chave: luto; grupo online; rituais de despedidas.

Lilian Cláudia Ulian Junqueira

Professora Titular do Mestrado Profissional em Práticas Institucionais em Saúde Mental da Universidade Paulista UNIP, e de graduação em Psicologia, campus Ribeirão Preto SP - Brasil. Doutora em Ciências, na área de Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo FFCLRP- USP. Financiamento de Instituição parceira em acolhimento ao Luto “Rede Ideal”

E-mail: lilian.junqueira@docente.unip.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5795121881110384>

ORCID: 0000-0001-5052-8530

FOCALIZAÇÃO COMO RECURSO PSICOTERAPÊUTICO: RECORTES DA PRÁTICA CLÍNICA

Débora Diniz Fram Ferraz Henriques (UFMG – Brasil)

A focalização foi elaborada pelo filósofo e psicoterapeuta Eugene Gendlin e surge da interlocução entre filosofia, práticas milenares contemplativas, fenomenologia e Abordagem Centrada na Pessoa. Apesar de sua origem interdisciplinar, pode ser considerada uma abordagem psicológica própria, que no Brasil ganhou o nome de Psicoterapia Orientada à Focalização, embora não esteja restrita apenas ao contexto da psicologia e menos ainda a uma abordagem psicológica. Uma característica singular da focalização é o questionamento dos limites da linguagem verbal nos processos de mudança psicológica. Para Gendlin, a linguagem não verbal, ou estados corporais de significado, seriam tão relevantes quanto a linguagem verbal para a mudança psicológica. Mais precisamente, Gendlin elabora o conceito de *felt-sense* para expor como certas sensações estariam carregadas de significados implícitos. A tradução literal do termo significa senso sentido; uma sensação vaga e distante, porém significativa, que extrapola a linguagem verbal. O *felt-sense* não é dado de forma antecipatória, ele precisa ser construído, ganhar uma forma. A partir da formação do *felt-sense* e da conexão profunda com o que emerge dele, se dará uma mudança corporal. Essa compreensão da focalização não se reduz a uma técnica, mas como um recurso que acessa com profundidade o espaço interno. O propósito deste trabalho é discutir como a focalização pode contribuir para o *setting* terapêutico, por meio de um caminho cuidadoso do encontro entre estados verbais e não verbais a se organizar. Para tanto, serão apresentados casos clínicos nos quais a focalização foi aplicada como recurso terapêutico em diálogo com a orientação fenomenológica. Nosso principal argumento é o de que os usos da focalização vão além de ser uma técnica, eles sugerem limites nas intervenções pautadas apenas na linguagem verbal. Com isso, a focalização surge como um recurso teórico e prático complementar às intervenções tradicionais na clínica psicologia. Por fim, defende-se o valor teórico e prático da focalização enquanto recurso valioso para a prática clínica.

Palavras-chave: Focalização; Corpo; Eugene Gendlin; Psicoterapia; Fenomenologia.

Débora Diniz Fram Ferraz Henriques

Psicóloga clínica. Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e Pós-graduada em Psicologia Clínica: Análise Existencial e Gestalt-Terapia.

E-mail: nico:deboraframferraz@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6178071710010575>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2186-5198>

NÓS, JOVENS, EXISTIMOS? CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA REDE DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL À SAÚDE

Zuleica Pretto (UFSC – Brasil)

Este trabalho compartilha reflexões baseadas em experiências de pesquisa e de intervenção sustentadas na perspectiva fenomenológica existencialista sartriana, junto crianças e adolescentes, no contexto da rede pública de Atenção Psicossocial a Saúde, numa capital da Região Sul do Brasil. Se por um lado, nota-se a insuficiência de projetos e programas voltados aos cuidados com esses grupos geracionais no âmbito das políticas de saúde mental, especialmente quanto a promoção e prevenção, por outro, constata-se situações de vulnerabilidade e sofrimento presentes na vida das/os jovens. Registra-se na literatura e, também, em minhas experiências, especialmente desde a pandemia e diante da crise econômica e política que assola o país, vulnerabilidades psicossociais em jovens no que cabe a experiências de ansiedade, solidão, medo e tristeza, a dificuldade de socialização, uso de tecnologias, situações socioeconômicas que lhes impõem escassez de recursos e a exposição a situações de violências e discriminações, seja no interior da família, na escola ou na comunidade de pertença. O retrocesso nas políticas de saúde mental, desde 2016, que reitera a lógica assistencial, psicopatologizante, medicalizante e individualizante afetou o trabalho das equipes que atuam nos diferentes níveis de atenção à saúde, consistindo num outro fator de agravamento na situação. É nesse contexto que transcorrem os projetos de pesquisa e intervenção propostos em caráter de estágio e pesquisa na área da psicologia, compartilhados nessa comunicação. Se aproximar de crianças e adolescentes a partir de estudos e de propostas de intervenção que tomam os seus pontos de vistas sobre suas situações concretas de vida como centrais, se configura uma das ações estruturais na atuação aqui retratada. Colocar suas narrativas, em primeira pessoa, como importantes se alinha com o princípio de que os jovens devem ser reconhecidos como sujeitos de direito. Igualmente implicar os cuidadores nas propostas, incentivando a sua participação nos processos vividos pelos filhos, busca a criação de rede e continuidade de cuidados. Assim, grupos de promoção a saúde junto a crianças e adolescentes - que pretendem um espaço de fala, escuta e partilha sobre suas vivências, de modo acolhedor e sem julgamentos - e pesquisas localizadas em seus territórios que versam sobre suas percepções sobre seus sofrimentos e cuidados e eles destinados são exemplos de atuação. Essas experiências têm se mostrado potentes mediações para acolhimento e cuidado sensível ao sofrimento infanto-juvenil, promovendo saúde e ampliando o campo de possibilidades existenciais desse grupo geracional.

Palavras-chave: Crianças e Adolescentes; Sofrimento; Atenção Psicossocial; Psicologia Fenomenológica existencialista.

Zuleica Pretto.

Psicóloga, Doutora em Psicologia, Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

E-mail: zuleicapretto@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7284004284209233>.

O AGORA (IN)SUPOORTÁVEL: URGÊNCIA PSICOLÓGICA E DESCONTINUIDADE DO TEMPO VIVIDO

Luan Carvalho (UNIFOR/APHETO - Brasil)

Lucas Guimarães Bloc (UNIFOR/APHETO - Brasil)

A urgência psicológica é frequentemente associada a manifestações mais intensas de sofrimento e à necessidade de intervenção imediata. Pesquisas apontam uma certa inconsistência conceitual a respeito de termos afins, tais como urgência psicológica, emergência psiquiátrica e crise. Ao se afastar de definições estritamente clínicas, propomos uma reflexão sobre a urgência psicológica como um desbalanço na habitualidade, na tessitura do *Lebenswelt*, esse solo comum e pré-reflexivo onde a experiência cotidiana adquire sentido e continuidade. Essa pesquisa tem como objetivo esboçar uma compreensão a respeito de como a temporalidade é vivida na urgência psicológica. Parte-se da questão: o que acontece com o sujeito quando o tempo deixa de ser vivido como fluxo e se torna opaco, suspenso ou esmagado por um presente saturado? O método utilizado é teórico-reflexivo, fundamentado em autores da fenomenologia, com ênfase na contribuição de Merleau-Ponty. No campo do *Lebenswelt*, o tempo não é percebido como uma sequência objetiva, mas como um fenômeno vivido, que atravessa o corpo e se entrelaça com a memória e a expectativa. Na urgência psicológica, é possível pensar que essa espessura temporal se rompe: o passado invade o presente de modo intrusivo, o futuro se fecha e a experiência do agora torna-se (quase) insuportável. Esse possível colapso atinge não só a temporalidade, mas afeta o modo como o sujeito habita o espaço, reconhece seu corpo, se relaciona com os outros e consigo mesmo. O mundo, antes familiar e compartilhado, torna-se estranho, ameaçador ou vazio. Essa discussão aponta, portanto, que a urgência psicológica pode ser entendida como uma vivência de possível desbalanço do sujeito em relação ao seu mundo, produzindo estranhamento, desorientação e ruptura da continuidade existencial. Concluímos que uma abordagem fenomenológica permite compreender a urgência não como um evento isolado, mas como expressão de uma crise no modo de estar-no-mundo. Ao reconhecer a singularidade e a espessura da experiência vivida, essa perspectiva amplia as possibilidades de acolhimento ético e clínico, favorecendo uma escuta mais sensível aos modos como o sofrimento se inscreve no tecido do *Lebenswelt*.

Palavras-chave: Urgência psicológica; Tempo vivido; *Lebenswelt*.

Luan Carvalho

Mestre e Doutorando em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza-UNIFOR; Psicólogo e pesquisador vinculado ao APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR; Professor do Instituto Fratelli – Fortaleza - CE, Brasil.

E-mail: luan-smsb@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0595523817731163>

ORCID: 0000-0002-2089-2611

Lucas Guimarães Bloc

Doutor em Psicopatologia na Université Paris Diderot - Paris VII, com bolsa Capes de Doutorado Pleno no Exterior; Psicólogo pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR. Mestre em Psicologia – UNIFOR; Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR. Coordenador do APHETO - Laboratório de Psicopatologia e

Clínica Humanista-Fenomenológica do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR. Pós-doutorado em Psicologia pela UNIFOR – Fortaleza - CE, Brasil.

E-mail: blocpsi@unifor.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7062553560038741>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8528-131X>

ESPECTRO EDUCAÇÃO-CLÍNICA COMO FUNDAMENTO DA EXPERIÊNCIA DE SUPERVISÃO

Reynaldo Thiago da Silva Rocha (CUFSA - Brasil)

A prática em supervisão é fundamental quando falamos sobre a construção de espaços de cuidado mais consistentes em psicologia, nas suas diversas expressões. Desenvolver esse lugar convoca seus participantes a uma disposição/abertura que, por sua vez, os lança numa multiplicidade de questões e seus desdobramentos, mobilizando possibilidades para uma ação transformadora no mundo (práxis). Essa movimentação acontece sob a influência de intersecções nos campos do saber, aqui nomeadamente o saber clínico e o saber em educação, bem como suas formas de articulação. Sendo assim esse estudo pretende discutir sobre as especificidades da articulação entre clínica e educação enquanto fundamento da prática em supervisão, concentrando-se na experiência do ser supervisor e sua função. Qual a contribuição do diálogo entre clínica e educação quando falamos de supervisão? Habitar essa questão é sobretudo lançar olhar para uma prática que está para além da transmissão de conhecimento, e que também não se define exclusivamente como terapêutica. A problemática colocada aqui não só favorece o diálogo entre duas áreas do saber, mas se propõe como condição de possibilidade para a supervisão como um modelo integrado de encontro. A fenomenologia aponta que o conhecimento se constitui a partir de uma unidade relacional entre aquele que pesquisa e o que é pesquisado, nesse sentido esse estudo pretende depreender da experiência vivida do supervisor o produto desse encontro, para a partir daí delinear a noção de educação-clínica e sua estrutura. Serão considerados encontros de supervisão clínica, supervisões em dispositivos de Saúde Mental (CAPS) e de Assistência Social (SAICA). A imagem do espectro proposta aqui procura expressar a inseparabilidade entre dois, de modo a manter suas identidades sem que se consiga visualizar suas fronteiras. É justamente na não fronteira que nasce a possibilidade de algo novo, que extrapola os limites dos saberes isolados ao mesmo tempo que os mantém em uma relação primordial. Assim como a consciência é para o objeto e o ser é para o mundo, quando falamos em supervisão a clínica é para a educação. Reconhecer essa inseparabilidade é fundamental para repensar o lugar do supervisor, que se desloca da posição tradicional de transmissor de saber para tornar-se agente de escuta, reflexão e invenção no encontro com o outro. Assim, a experiência vivida em supervisão aponta para uma educação-clínica que, ao mesmo tempo que cuida, forma.

Palavras-chave: clínica; educação; supervisão; psicologia; fenomenologia

Reynaldo Thiago da Silva Rocha

Psicólogo, Supervisor Clínico e Institucional. Docente na Graduação em Psicologia do Centro Universitário Fundação Santo André (CUFSA), Mestre em Psicologia Clínica pelo IPUSP. Graduado em Psicologia pela Universidade São Marcos e Pós-graduado em Psicopatologia Fenomenológica pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1843268229311992>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8977-4461>

O ESPELHO DE GUIMARÃES ROSA E A PSICOTERAPIA: REFLEXÃO E SINGULARIZAÇÃO NA TAREFA DE EXISTIR

Guilherme da Silva Sant'Anna (UERJ - Brasil)

O conto “O espelho”, de João Guimarães Rosa, inspira reflexões sobre a singularização e a tarefa existencial de apropriação de si, aspectos também centrais na prática psicoterapêutica numa perspectiva fenomenológico-existencial. Este trabalho tem como objetivo articular essa narrativa literária com uma experiência clínica, evidenciando como o esvaziamento de identificações preestabelecidas e a reflexão sobre a própria situação existencial podem oportunizar a emergência de modos de ser mais singulares. A partir da questão “Você chegou a existir?”, proposta no conto, pensa-se a clínica como espaço de defrontação com o mistério e a tarefa de existir, aspectos sempre em jogo na existência humana. A situação clínica relatada envolve um jovem engenheiro que, ao se deparar com uma crise de produtividade, inicia um processo de investigação sobre seus próprios desejos e possibilidades, pondo em questão os caminhos trilhados até então. O método utilizado foi o da análise da situação clínica numa perspectiva fenomenológico-existencial, baseada no relato dos diálogos entre psicoterapeuta e paciente. Desse modo, a lida clínica e a análise não buscaram adequar o que se mostrava a interpretações prévias ou corrigir sinais e sintomas considerados indevidos, mas sim compreender o que se mostrava a partir de si mesmo. A discussão aponta que o desconforto inicial do jovem, em vez de mero obstáculo a ser superado, revela-se como um aceno para o salto existencial descrito por Rosa: um movimento arriscado e transformador, que implica a superação das expectativas sociais e familiares em direção a uma escolha mais própria. Conclui-se que a psicoterapia, nesse contexto, serve de espaço de resguardo e de sustentação do processo de singularização, mais do que como uma técnica corretiva de sintomas. Trata-se de acompanhar pacientemente o percurso, como no conto, de alguém que quer encontrar-se com sua própria alma em meio ao despojamento de ilusões e máscaras identitárias, vislumbrando novas formas de existir.

Palavras-chave Psicoterapia fenomenológico-existencial; João Guimarães Rosa; Singularização; Reflexão; Apropriação de Si.

Guilherme da Silva Sant'Anna

Psicólogo; Mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Doutorando em Psicologia Social (UERJ, Rio de Janeiro-RJ, Brasil); Bolsista de doutorado pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

E-mail: guilhermesantpsi@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2159277054781868>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7705-2357>

OS CONTOS DE FADAS E A EMERGÊNCIA DE NOVOS SENTIDOS NA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

Kely Prata Silva (*Espaço Ser – Brasil*)

Segundo Mortimer Adler, filósofo norte americano, não importa quantos livros conseguimos ler ao longo da vida, mas quantos conseguem nos ler. Corroborando com essa perspectiva, este trabalho enfoca o entrelace entre Literatura, Fenomenologia e Cuidado clínico como experiência (trans)formadora de sentidos e subversiva às normatividades cotidianas, inspirando uma prática psicológica clínica humanizada, ética, política e poética. O que implica dizer que se considera a leitura de textos literários uma atividade dialógica, criativa e crítica que, ao entrelaçar o lido ao vivido, possibilita a aproximação e o distanciamento reflexivos necessários à constituição de novos sentidos e modos de lida com as circunstâncias que se presentificam na práxis clínica. Em particular, toma-se os contos de fadas como aporte para esse ensaio por considerar que não se destinam exclusivamente às crianças, nem tratam necessariamente de narrativas sobre criaturas ou situações fantásticas, nem são estórias para ninar ou distrair. Como apontado por J. R. R. Tolkien, filólogo britânico, os contos de fadas nos incitam a explorar os recônditos tanto de um lugar quanto de um tempo distantes do que nos encontramos, a nos comunicar com outros seres que nos provocam estranheza, e a lidar com situações que nem sempre (a)parecem como são. Invenção, herança ancestral ou difusão cultural, o fato é que os contos de fadas estão intrinsecamente atrelados ao seu narrador, ao contador de estórias, e ao modo como sua narrativa (re)cria a estória – “a suspensão da descrença” em termos tolkienianos, um despertar para o que as coisas são tal como são. W. Benjamin, filósofo alemão, destaca dois aspectos da narrativa relevantes às práticas psicológicas clínicas: o intercambiar das experiências e a atenção às fontes que estruturam a narrativa-tradição e inovação a serviço da liberdade tanto em sua dimensão fenomenológica quanto hermenêutica, enfatizando o caractere artesanal da narrativa: a abertura, inacabamento constitutivo que presentifica a possibilidade entre o vivido e o a viver. Ambos os autores indicam a potência dos contos de fadas ao aproximar seus leitores da sabedoria e do mistério, pois conservam a capacidade de possibilitar estranheza e reflexão, além de exercerem a função de aconselhamento, alcançando a tarefa clínica de mediação da escuta e compreensão de si e da situação existencial vivida. Assim, a leitura dos contos de fadas possibilita à leitora/psicóloga ferramentas para aprimorar a capacidade de escuta e de interpretação e a compreensão experiencial e existencial do sofrimento humano e da complexidade das realidades socioculturais dos pacientes.

Palavras-chaves: Clínica Psicológica; Contos de fadas; Narrativa; Psicologia Fenomenológica-Existencial; Sentido.

Kely Prata Silva - Psicóloga e Supervisora Clínica, CRP-04.14894. Mestre em Psicologia (UFES). Especialista em Psicologia Fenomenológico Existencial e em Psicologia em Saúde e Psicopatologia Fenomenológica (NUCAFE/RJ). Formação em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial (IFEN/RJ). Graduada em Psicologia (UFMG). Docente em Cursos de Graduação em Psicologia (UNILESTE/MG) e Pós-Graduação Lato Sensu (NEPFEH/MG e IFEN/RJ). Membro do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial (LAFEPE/UERJ). Sócia-fundadora do Espaço Ser Instituto de Psicologia Clínica.

E-mail: kelypratas@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5708156364967111>

ORCID: 0000-0001-8664-4277

PSICOLOGIA CLÍNICA É BRUXARIA

Yan Sousa de Almeida (UERJ - Brasil)

Em sua conferência a respeito da questão da técnica, Heidegger aponta para a noção de *Gestell* elucidando-a não apenas como um meio para um fim ou enquanto atividade humana, mas um modo de relação que se estabelece no mundo moderno. Com base nesta compreensão heideggeriana, a lida com a experiência a partir da técnica pode ser pensada no campo da psicologia clínica, tanto pelo viés do profissional de psicologia quanto do paciente, uma vez que, de ambos os lados, muitas vezes a relação com o atendimento clínico se apresenta como busca por respostas prontas e soluções prévias. Quando pautada por tal primazia, a clínica em bases fenomenológico-existenciais, à medida que propõe uma lida na qual acompanha a existência no seu porvir, pode aparecer como insuficiente. No âmbito deste fazer clínico, Feijoo aponta para outra possibilidade quando argumenta a respeito do quanto a restrição às normas e diretrizes sobre como se deve fazer clínica pode levar ao distanciamento e esquecimento da experiência que se apresenta. Compreendendo que a técnica não se configura como um produto ou feito humano, mas como desencobrimento que tem implicações no modo ver e conhecer, pergunta-se sobre uma postura na clínica não circunscrita à moldura de uma relação que acredita em uma concepção de evidência fundamentada pelo viés puramente empírico. Neste questionar, aparece a figura mitológica grega da bruxa Circe, particularmente descrita na obra literária *Circe* de Madeline Miller. Sua bruxaria, mesmo que se apresente a partir de um método, executa-se sem o paradigma de normas apriorísticas e imutáveis. Assim, a resposta não surge de um saber externo, mas estreitamente da relação que a prática possibilita. Dessa maneira, lançamos mão da mitologia colocando em pauta o que fundamenta o método da bruxaria de Circe, por encontrar-se justamente na proximidade e atenção ao próprio desvelar e acompanhar da experiência. Considerando o contexto da *Gestell* em Heidegger e as contribuições acerca dos campos de ensino e prática na psicologia clínica levantadas por Feijoo, distanciamos-nos de respostas prontas ou anteriores buscando fazer uso da figura da Circe como um modo de apresentar tal caminho para o exercício da clínica psicológica com base fenomenológico-existencial.

Palavras-chave: Psicologia; Clínica; Literatura; Mitologia; Bruxaria

Yan Sousa de Almeida

Psicólogo. Cursando Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

E-mail: yan.psicologo@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6174910531104602>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7919-0860>

UM OUTRO OLHAR PARA O AUTISMO: REVELANDO A ESTRUTURA POR TRÁS DOS SINTOMAS

Cynthia Mazzoni Magalhães (Brasil)

O número de diagnósticos de Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem aumentado significativamente, o que levanta questões sobre os critérios e abordagens utilizadas na avaliação do transtorno, necessitando a revisão dos conceitos para melhor compreensão do assunto. Pergunta-se, portanto, de que modo a Psicopatologia Fenomenológica Estrutural (PFE) pode ampliar a compreensão do TEA em relação aos modelos diagnósticos tradicionais que são descritos nos manuais diagnósticos DSM-5 e CID-11, os quais se baseiam em uma definição nosológica e comportamental que não contempla a complexidade das experiências subjetivas do sujeito com TEA. A PFE se propõe a compreender as condições de possibilidades individuais dessas pessoas, considerando as estruturas psíquicas fundamentais, como intersubjetividade, corporeidade, espacialidade, temporalidade e ipseidade, pensando não somente as alterações comportamentais ou neurológicas percebidas nas relações com o mundo. O presente estudo tem como objetivo analisar o conceito de autismo considerando não apenas os manuais diagnósticos, mas também a perspectiva da PFE, demonstrando as diferentes contribuições dessas abordagens, mostrando que ambas têm seu valor. Pretende-se ainda, observar as colaborações da PFE para ampliar a compreensão do TEA, considerando as descrições nosológicas e comportamentais dos manuais, integrando conjuntamente o olhar para as condições de possibilidade dadas pela estrutura psíquica, percebendo as condições de possibilidades com as quais o sujeito experimenta o mundo e promovendo maior compreensão desses indivíduos. Este trabalho é uma pesquisa teórica fundamentada na revisão dos conceitos do TEA presentes no DSM-5 e CID-11, contrapondo com a PFE através da comparação entre as teorias. Foram analisadas as estruturas psíquicas fundamentais – intersubjetividade, corporeidade, espacialidade e temporalidade – e sua relação com os critérios diagnósticos formais. Conclui-se que a PFE permite um aprofundamento na compreensão subjetiva do autismo, oferecendo caminhos clínicos mais integradores.

Palavras-chave: Autismo; Psicopatologia Fenomenológico Estrutural; Subjetividade; Intersubjetividade; Neurodesenvolvimento.

Cynthia Mazzoni Magalhães

Psicóloga, com formação em Neuropsicologia e Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento. Atuação na área da psicologia fenomenológico existencial e Docência no Curso de Graduação em Psicologia na Universidade Cruzeiro do Sul.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4103550144834626>

EIXO III: BASES FENOMENOLÓGICAS DA CLÍNICA PSICOLÓGICA: EXISTENCIAL, HUMANISTA, LOGOTERAPIA, GESTALT

A CRÍTICA DE EDMUND HUSSERL À SUBJETIVIDADE NA PSICOLOGIA MODERNA

Giovana Rodrigues Machado (UFU – Brasil)

Tommy Akira Goto (UFU – Brasil)

Este estudo investiga a crítica de Edmund Husserl à forma como a Psicologia científica moderna abordou a subjetividade, com base no diagnóstico husserliano sobre a crise das ciências. No contexto da ascensão do positivismo no século XIX, a nova ciência considerou apenas dados empíricos e quantificáveis, excluindo as dimensões subjetivas e existenciais da experiência humana. A Psicologia, então, que originalmente era concebida como “ciência da alma”, adotou exclusivamente métodos naturalistas, reduzindo a consciência à fenômenos observáveis e mensuráveis. O objetivo da pesquisa é compreender como Husserl, por meio da Fenomenologia, propõe uma reconstrução do sentido da subjetividade nos modos de produzir ciência da Psicologia, que se submeteu aos moldes científicos do naturalismo. Por meio de uma revisão teórico-bibliográfica, esse trabalho analisa algumas obras fundamentais de Husserl, em especial “A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental”, além de textos de intérpretes contemporâneos. A pesquisa demonstra, no entanto, que a chamada “crise” não reside na ciência em si, mas na exclusão da subjetividade como fonte legítima de conhecimento. A Fenomenologia, ao propor a suspensão das pressuposições naturalistas (*epoché*), permite o retorno à experiência vivida, oferecendo uma alternativa para a Psicologia que busca apreender o sentido dos fenômenos psíquicos. A relevância deste estudo está na possibilidade de restituir à Psicologia um fundamento que não exclua a subjetividade e sua vivência; visto que, a ciência, ao tornar-se meramente técnica, perdeu sua capacidade de responder às questões últimas e humanas. Por isso, a Psicologia, ao alinhar-se com esse paradigma positivista, fracassou em captar as estruturas essenciais da consciência. Conclui-se que uma Psicologia autenticamente científica deve integrar a subjetividade como eixo central, sendo o método psicológico-fenomenológico uma possibilidade para que essa integração seja realizada. Desse modo, seria proporcionado à ciência abandonar a postura ingênua e alcançar uma compreensão rigorosa do ser humano. A reflexão fenomenológica torna possível, portanto, conceber a Psicologia como uma ciência das essências psíquicas, capaz de articular a singularidade da experiência com uma fundamentação epistemológica sólida e crítica.

Palavras-chave: Crise das ciências; Fenomenologia; Subjetividade; Psicologia.

Giovana Rodrigues Machado.

Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Pós-graduada em Fenomenologia, Clínica e Saúde Mental pela Faculdade Vicentina (2022), Graduada em Psicologia pela Faculdade Anhanguera (2022). Bolsista CAPES 2024/2025. (UFU/CAPES).

Email: giovana@ufu.br

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8918135395474085>

Tommy Akira Goto.

Professor Associado I da Graduação, docente permanente da Pós-Graduação em Psicologia e da Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Doutor em Psicologia como Profissão e Ciência pela PUC-Campinas (2007), Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2002) e Graduado em Psicologia pela Universidade São Marcos (1998).

Email: tommy@ufu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0629687499521125>

ORCID: 0000-0003-4972-7801

A FENOMENOLOGIA-HERMENÊUTICA E A POSSIBILIDADE DE UMA CLÍNICA SEM SUJEITO

Joelson Tavares Rodrigues (*UFRJ/IFEN - Brasil*)

Heidegger, não por acaso, inicia os Seminários de Zollikon, apresentando a sua concepção do modo de ser do homem enquanto abertura, ser-aí, em oposição a um ente encapsulado, conforme o habitualmente pensado na psicologia. Ele deixa claro, que a sua proposição implicaria em uma mudança radical na forma como vínhamos construindo as teorias psicológicas e a psicopatologia. O ponto central nos parece ser a radical desconstrução de uma psicologia baseada em um conjunto de práticas que se fazem sob e com uma entidade substancializada, determinada como o sujeito. Heidegger aponta a nossa condição originária como marcada pela indeterminação, sendo qualquer instância identitária ou subjetiva, derivada, fruto de um conjunto de causas e condições, sempre passível de se desfazer, se remodelar. Ainda que na existência cotidiana, habitualmente nos tomemos como essas identidades, a nossa condição originária se faz sempre presente, está sempre disponível, por maiores que sejam as restrições ou identificações em que estejamos colocados. O sofrimento psíquico ocorre quando resistimos a essa condição de fluxo, quando nos defendemos identitariamente, restringido o nosso âmbito de liberdade, reificamos, desse modo, o lugar de um sujeito substancializado. Habitualmente, as estratégias psicológicas se propõem a trabalhar sobre esse sujeito ou essa identidade em falência, almejam saídas ou estruturam modos de fortalecê-lo ou reorganizá-lo, buscam em instâncias intrapsíquicas essencializantes, os elementos para essa reestruturação subjetiva. Baseados no pensamento de Heidegger, podemos dizer que o trabalho da clínica vai envolver estabelecer conexões com a nossa condição de liberdade mais originária, com essa dinâmica sempre aberta e indeterminada, que desde sempre nos caracteriza. Não se trata de fortalecer o sujeito ou alguma estrutura egóica, mas de certo modo de desconstruí-la, abrindo espaço para uma cura que envolva uma experiência de liberação da posição de restrição traduzida no adoecimento, no sofrimento. Em nosso trabalho, buscamos trazer algumas direções que nos permitam ajudar os nossos pacientes nesse caminho liberador, um caminho em que a cura se dá por uma aceitação da nossa condição de fluxo, sempre insubstancial, e da condição de impermanência da existência. Como alternativa a um sujeito que controla, buscamos aproximar aquele que sofre da possibilidade da entrega e eventualmente da serenidade.

Palavras chaves: Fenomenologia-hermenêutica; Daseinsanálise; Subjetivismo; Psicoterapia.

Joelson Tavares Rodrigues

Médico psiquiatra, Mestre e Doutor em Psicologia, Professor do Instituto de Ciências Médicas (ICM) do Centro Multidisciplinar UFRJ/Macaé. Coordenador do projeto de pesquisa Medicina, psiquiatria e sofrimento psíquico na era da técnica.

Email: joelsonrodrigues@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7537015581800213>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6635-3181>

AS FRONTEIRAS DA PSICOLOGIA E OS CONFINES DA ALMA DO PSICÓLOGO

Eduardo da Silveira Campos (UFRJ - Brasil)

Quando tratamos do termo *fronteira* tendemos a confundi-lo com a noção de *limite*. Enquanto o *limite* é a fixação de uma linha precisa de delimitação e distinção, a *fronteira* possui uma extensão maior, incontornável e imprecisa. Em geografia, o conceito de limite é bem objetivo, demarcado por pontos naturais – como rios e montanhas – ou por linhas imaginárias criadas por acordos estabelecidos pelas autoridades constituídas. Fronteira, por outro lado, é a faixa imprecisa que se estende para além do limite, *afetando* e deixando-se afetar, reciprocamente, pelo território alheio, como quem se apossa daquilo que não é seu, mas que, todavia, passa a ser graças às afecções que transcendem e desbordam, à revelia, o limite, apropriando-se da cultura, da economia, do jeito de ser do outro. Fronteira, assim, é faixa afetiva que vincula territórios distintos na *intertroca* que deixa o outro ser em nós, sem que deixemos de ser o que somos. Há Psicologias que atuam a partir de limites *geoacadêmicos* bem definidos, incapazes de sofrer com a *estrangeiridade* daquele que vem do outro lado. Com efeito, o resultado é a fossilização acadêmica do pensamento que se agrava pela perda dessa afecção necessária do outro para a constituição da própria identidade. De outro modo, dos confins da alma do *psicólogo*, para além de todos os limites impostos pela Psicologia, acende-se e se apaga, debruçado sobre o abismo da metafísica do outro, um *saber marginal* que insiste em provar o que limite algum consegue *sentir*. Os confins da alma do psicólogo é a *distância* abissal, inaudita, radicalmente humana de onde se olha, como atalaia da existência, o outro lado. Ela não é exatamente o limite que demarca o saber do psicólogo em relação a um outro saber. Mas aquela fronteira dinâmica que, ao passo que separa, paradoxalmente, aproxima *vis-à-vis* um pensador do outro, no longínquo de duas almas que sentem a entonação do mesmo *logos*, embora de se utilizem de pronúncias acadêmicas particulares, distintas.

Palavras-chave: Fronteira; Confinos; Intertroca; Saber marginal

Eduardo da Silveira Campos

Pós-doutor em Psicologia pela UERJ, Doutor, Mestre e Licenciado em Filosofia pela UFRJ, Especialista em Filosofia Moderna e Contemporânea pela UERJ.

Email: campos.es@uol.com.br

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2756892478534479>

ORCID: 0000-0003-3218-7167

CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA E DAS FILOSOFIAS DA EXISTÊNCIA PARA A CLÍNICA AMPLIADA

Alessandro de Magalhães Gemino (UERJ - Brasil)

A formação em psicologia clínica ou em psicoterapia pode ser compreendida historicamente a partir do binômio teoria-prática, presente no cerne do espírito científico surgido nas práticas sociais modernas. Essa lógica compõe a formação, a pluralidade de teorias, escolas e/ou vertentes e se apresenta tanto no ambiente acadêmico quanto nas diversas escolas e institutos de formação e/ou especialização. Assim, esse horizonte aparece, devidamente sustentado por decisões ontológicas, construções epistemológicas e desenvolvimentos técnicos e metodológicos de modo a justificar tanto a riqueza da pluralidade do campo das práticas clínicas quanto a própria configuração dominante no que se refere a formação clínica. O objetivo deste trabalho é o de apresentar algumas considerações sobre como a fenomenologia e a filosofias da existência podem contribuir para uma temática de discussão contemporânea no cenário de formação acadêmica e científica no Brasil: a formação direcionada a proposição de uma clínica ampliada. Essa visão, com raízes recentes nas políticas públicas de saúde no Brasil traz uma série de desafios teóricos, práticos, conceituais, profissionais e existenciais, desafiando a ideia mesma de identidade profissional. Interdisciplinaridade, interprofissionalidade, interseccionalidade e transversalidade são alguns dos termos que permeiam tais discussões e que circunscrevem o convite para a realização de um movimento de revisão das possibilidades e limites da formação entendida como caminho de preparação e aperfeiçoamento do trabalho em saúde. Não se trata aqui de afirmar se há necessidade de mudança na dinâmica dos cenários de formação ou se o que ocorre é a efetivação de uma mudança de um paradigma técnico-científico para um paradigma ético-político. O que se pretende é tão somente, a partir da consideração da fenomenologia em seu caráter pré-disciplinar e das contribuições das filosofias da existência na promoção dos aspectos experienciais do trabalho clínico destacar de que modo alguns desdobramentos específicos desse horizonte podem acrescentar elementos para o incremento da lógica da clínica ampliada nos cenários de formação.

Palavras-chave: Formação clínica; Fenomenologia; Clínica ampliada.

Alessandro de Magalhães Gemino

Possui Graduação (Bacharelado e Formação de Psicólogo) em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1999/2000), Mestrado em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001) e Doutorado em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (2014). Atualmente é Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), docente do Curso de Especialização em Psicologia Clínica Institucional - Modalidade Residência Hospitalar (IP/UERJ) e do Curso de Especialização Integrado em Saúde Mental na Modalidade de Residência (FSS/IP-UERJ), supervisor do Serviço de Psicologia Aplicada (Psicoterapia Fenomenológico-Existencial) e Professor-tutor do PET-Saúde (2016-2018/ 2019-2020).
Email: alessandrogemino@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0057092090758556>
ORCID: 0000-0001-8553-1270

DA PSICOTERAPIA EM ROGERS À CLÍNICA PSICOLÓGICA COM BASES NA FENOMENOLOGIA NA ATUALIDADE

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (*UERJ/IFEN/ALPE – Brasil*)

Carl Ransom Rogers foi muito presente nas faculdades de Psicologia brasileiras na década de 70 do século passado. O modo como ele fazia psicoterapia foi sendo apropriado como arte. Vale ressaltar que, nessa década, havia duas vertentes hegemônicas em Psicologia. A perspectiva de Rogers chegava com uma promessa de oxigenação da atividade psicoterápica, uma vez que surgia como uma possibilidade de resistir à tendência hegemônica na Psicologia à objetivação da existência. A ideia de Rogers em suas duas denominações iniciais: terapia não diretiva e terapia centrada na pessoa, era que se pudesse pensar a existência em termos de pessoa, ou seja, tendo a pessoa como referência. Ouve-se sobre a psicanálise que esse modo de pensar e agir em uma clínica psicologia foi inaugurado por Sigmund Freud, e que Jean-Jackes Lacan deu prosseguimento a essa modalidade de estudo e prática, inovando-a. Houve uma reeleitura que caiu no gosto de muitos psicanalistas. Lacan herdou a psicanálise de seu mestre Freud e conquistou seu legado de modo a fazê-lo seu, ou seja, Lacan foi fiel em sua infidelidade. Em um evento recente, no qual participavam estudiosos oriundos de diferentes tendências da chamada Terceira Força em Psicologia, a psicóloga e pesquisadora Virginia Moreira fez uma belíssima exposição em que mostrava uma inovação do pensamento de Rogers pela via do pensamento de Merleau-Ponty. A criatividade de Virgínia foi de se manter fiel a Rogers, mas pensá-lo em diálogo com outro pensador, muito nos mobilizou. Tornamos histórica a ideia de que não só Lacan fez uma reeleitura do pensamento de Freud, mas muitos que estavam presentes neste congresso, como em outros, criaram novas leituras a partir da provocação inicial de Rogers. É a história dessas transformações, e da inserção e desdobramentos do pensamento de Rogers no Brasil, que queremos desenvolver. Ressaltamos nossa gratidão com aquilo que aprendemos de Rogers e alertamos os estudiosos dessa corrente de pensamento para se manterem fiéis na infidelidade, como tentamos fazer, quando pensamos com humildade, ou seja, sem perder o húmus que torna possível nosso florescer e mostrar como somos sempre aprendizes: esquivando-nos, contornando-nos, apreendendo e repetindo. E, de repente, ver que não fomos certos, como foi nosso mestre Rogers. Mas, no desenrolar de nossa prática clínica conseguimos ser fiéis a Rogers, porém na infidelidade: retomamos ao que esse grande psicólogo ensinou e entendemos a psicologia como algo que sempre se abre para o novo.

Palavras-chave: Rogers; fenomenologia; psicologia clínica

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Psicóloga. Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Coordenadora do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia da Existência – LAFEPE. Bolsista produtividade - PQ2 - CNPq. Procientista da UERJ e Cientista do Nosso Estado - FAPERJ. Participa do GT 48 - Psicologia & Fenomenologia da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em psicologia - ANPEPP. Sócia fundadora e benemérita do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro – IFEN. Organizadora e autora de livros, capítulos e artigos publicados em revistas nacionais e internacionais. Publicações - com os títulos A Escuta e a Fala em Psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial, Existência para Além do XII Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial VII Encontro do GT Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP Existência e Psicologia na Fronteira entre Ciência, Arte e Filosofia 23 Sujeito: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a

possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológico-existenciais, Existência & Psicoterapia: da psicologia sem objeto ao saber fazer na clínica psicológica existencial e Suicídio & Luto - da investigação fenomenológico-hermenêutica às práticas clínicas fenomenológico-existenciais fazem parte da bibliografia básica de disciplinas em várias universidades, tornando-se referência para fundamentar a pesquisa e a clínica psicológica na perspectiva fenomenológico existencial. E essas obras já foram traduzidas para a língua hispânica a pedido dos profissionais da perspectiva na América Latina.
Email: ana.maria.feijoo@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6262781863415292>
ORCID: 000-0002-3064-3635

DESAFIOS PARA UMA PRÁTICA TERAPÊUTICA EXISTENCIAL-FENOMENOLÓGICA DE VANGUARDA: MITOS COMUNS

Yaqui Andrés Martínez-Robles (*Círculo Existencial/ALPE – México*)

O texto aborda os principais desafios enfrentados atualmente pela prática terapêutica existencial-fenomenológica, com especial atenção aos mitos que continuam a gerar confusões e resistências em torno dessa abordagem. Em um contexto marcado pela crescente valorização de terapias baseadas em evidências empíricas, a terapia existencial se apresenta como um contraponto relevante, ao propor uma compreensão mais complexa, relacional e encarnada da experiência humana. Essa perspectiva sustenta-se na fenomenologia e questiona os modelos mecanicistas ou objetivistas que tendem a reduzir o humano a categorias ou diagnósticos fixos. O documento identifica e discute dez mitos comuns sobre a terapia existencial. Entre eles, estão a ideia de que essa abordagem é pessimista, nihilista ou puramente intelectual, além de acusações de irracionalidade, relativismo extremo ou falta de base científica. Também são esclarecidas concepções equivocadas sobre seu vínculo com a psicologia humanista, sua estrutura metodológica e sua relação com o paradigma relacional. O texto enfatiza que esses mitos não apenas distorcem o entendimento da abordagem existencial, mas também dificultam o diálogo com outras tradições terapêuticas. A proposta existencial-fenomenológica, longe de rejeitar a ciência, busca ampliar o campo de compreensão da prática clínica, colocando no centro a experiência vivida, o encontro terapêutico e a presença consciente do terapeuta. O foco não está em aplicar técnicas padronizadas, mas em cultivar uma atitude de abertura e escuta profunda diante da singularidade de cada pessoa. A relação terapêutica, nesse modelo, é entendida como espaço de coexploração e de construção de sentido, onde o terapeuta se envolve como presença implicada, e não como especialista externo. O texto convida a superar simplificações, sugerindo que muitos dos mitos provêm de uma leitura superficial da abordagem ou de sua assimilação indevida a outros modelos. Ao discutir esses mal-entendidos, o texto busca oferecer uma base conceitual mais sólida para reconhecer a originalidade e a relevância da terapia existencial no mundo contemporâneo. O objetivo final é promover um diálogo mais fecundo com outras abordagens psicoterapêuticas, reconhecendo que a legitimidade de uma prática não se mede apenas por sua quantificação, mas também pela profundidade do vínculo humano que ela possibilita.

Palabras-clave: Mitos; Terapia existencial; Diálogo.

Yaqui Andrés Martínez-Robles

Psicólogo con Maestría y Doctorado en Psicoterapia. Especialidades en: Terapia Gestalt, Musicoterapia, Terapia Grupal Gestalt, Educación de la Sexualidad, Terapias Narrativas, Posmodernas y Construccinismo Social, Reducción de daños e Integración de experiencias psicodélicas. Presidente Honorario de la Asociación Latinoamericana de Psicoterapia Existencial. Fundador y director del Círculo de Estudios en Terapia Existencial, México. Terapeuta Existencial-Fenomenológico y Gestalt Relacional.

Site: www.yaquiandresmartinez.com

E-mail: yaqui@circuloexistencial.org

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-0330-7757>

DESESPERO E PECADO DA TRAVESSIA DE RIOBALDO À CLÍNICA PSICOLÓGICA

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ/IFEN/ALPE - Brasil)

Kierkegaard diz que o desespero é uma doença do eu, e o seu antídoto é a fé. Querer libertar-se do desespero por si mesmo é a inquietação, o suplício, o sofrimento, uma vez que é impossível libertar-se de si mesmo para ser o eu de sua própria invenção. Riobaldo queria ser o corajoso, impetuoso, o vingador, o forte jagunço Urutu-Branco, queria ser si mesmo e por isso no pacto, libertou-se de seu Autor. Por isso vendeu sua alma ao diabo e passou a viver em aflição. Bernardo quis ser Deus, isso não era possível na ordem do finito, por isso foi tentar essa conquista no infinito da imaginação de forma tão intensificada que permaneceu no delírio e na alucinação. Na clínica psicológica, algumas vezes, aparecem conflitos e tensões dessa mesma natureza. Falaremos da situação apresentada por um paciente, Bernardo que tal como Ellen West perdia-se no infinito, esquecia que para Deus tudo é possível e nesse distanciamento do real e do possível alcançou o que modernamente se denomina loucura. A discussão da situação clínica ocorrerá por meio do diálogo daquilo que Kierkegaard denomina doença do eu – ou seja - desespero. E como modelo exemplar da experiência de desespero, acompanhamos a história de Riobaldo escrita por Guimarães Rosa, diferenciando-a de psicose. Nessa proposta há uma questão que precisa ser posta: o que me autoriza estabelecer relações entre o escritor, o filósofo, o psiquiatra e a clínica psicológica. A licença para estabelecer esse diálogo se realiza ao pensar que essas são áreas fronteiriças, e que o saber não se ajusta a uma espécie de cama de procusto, como figura na mitologia grega. Acredito em um “ir e vir” comunicativo essas quatro áreas do saber. E nessa “vizinhança comunicante” o caminhar na relação clínica possa acontecer tal como acontece a existência, ou seja, sem o enquadramento rígido entre as diferentes áreas do saber.

Palavras-chave: Grande sertão veredas; psicose alcoólica; desespero

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo.

Psicóloga. Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Coordenadora do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia da Existência – LAFEPE. Bolsista produtividade - PQ2 - CNPq. Procientista da UERJ e Cientista do Nosso Estado - FAPERJ. Participa do GT 48 - Psicologia & Fenomenologia da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em psicologia - ANPEPP. Sócia fundadora e benemérita do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro – IFEN. Organizadora e autora de livros, capítulos e artigos publicados em revistas nacionais e internacionais. Publicações - com os títulos *A Escuta e a Fala em Psicoterapia*: uma proposta fenomenológico-existencial, *Existência para Além do Sujeito*: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológico-existenciais, *Existência & Psicoterapia*: da psicologia sem objeto ao saber fazer na clínica psicológica existencial e *Suicídio & Luto* - da investigação fenomenológico-hermenêutica às práticas clínicas fenomenológico-existenciais fazem parte da bibliografia básica de disciplinas em várias universidades, tornando-se referência para fundamentar a pesquisa e a clínica psicológica na perspectiva fenomenológico existencial. E essas obras já foram traduzidas para a língua hispânica a pedido dos profissionais da perspectiva na América Latina.

Email: ana.maria.feijoo@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6262781863415292>

ORCID: 000-0002-3064-3635

“DEUS, QUE SERÁ DE TI QUANDO EU MORRER?”: ALTERIDADE E EGOTISMO NA CONTEMPORANEIDADE SOB A PERSPECTIVA DA GESTALT-TERAPIA

Larissa Guimarães Martins Abrão (*UEMG - Brasil*)

A vivência do sujeito contemporâneo tem sido marcada por exigências constantes de desempenho, positividade e autocontrole. Essas demandas, em vez de promoverem liberdade ou expansão existencial, resultam em exaustão, sofrimento psíquico e fechamento ao outro. A Gestalt-terapia, ao afirmar que o contato é a realidade primeira, fornece uma perspectiva fecunda para compreender o impacto dessa lógica na constituição do *self*. Neste cenário, emerge o egotismo como mecanismo de interrupção do contato, no qual o sujeito busca preservar uma identidade idealizada, evitando o risco de transformação e assimilação do novo. Trata-se de um eu inflado que resiste à entrega, comprometendo a experiência com a alteridade e gerando insatisfação crônica. A proposta deste trabalho é investigar como a Gestalt-terapia pode oferecer recursos clínicos para lidar com o egotismo atual, resgatando a possibilidade de uma presença sensível ao outro. A questão que orienta esta reflexão é: como a clínica gestáltica, em articulação com o pensamento existencial, pode contribuir para o enfrentamento do egotismo e a restauração de experiências autênticas de contato? A relevância da análise está na necessidade de se repensar o sofrimento psíquico à luz das novas formas de controle subjetivo, nas quais não há mais repressão direta, mas sedução contínua. Nesse contexto, as contribuições de Byung-Chul Han são fundamentais, ao descrever a psicopolítica da positividade como um “inferno do igual”, onde o sujeito é espelhado a si mesmo, esvaziado da experiência do outro e de mundo. A abordagem metodológica é teórico-clínica, baseada na epistemologia da Gestalt-terapia e articulada com autores da filosofia contemporânea. Essa perspectiva permite compreender como a recusa da negatividade e a recusa do limite tornam-se obstáculos à construção de sentido. A clínica, nesse sentido, pode se tornar um espaço de resistência, no qual o contato com a diferença, com a vulnerabilidade e com a espontaneidade seja novamente possível. Considera-se que o enfrentamento das demandas da positividade exige a reinvenção de modos de estar no mundo que restituam sentido à existência, revalorizando o real em sua alteridade.

Palavras-chave: Egotismo; Alteridade; Contato.

Larissa Guimarães Martins Abrão

Professora da Universidade do Estado de Minas Gerais, Psicóloga Clínica com atuação em Gestalt-terapia, doutora em Psicologia pela UnB.

E-mail: larissa.abrao@uemg.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8071502309553958>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-2843-9914>

EDIFICAÇÃO E RIGOR CIENTÍFICO EM KIERKEGAARD: DE *A DOENÇA PARA A MORTE* À CLÍNICA PSICOLÓGICA

Myriam Moreira Protasio (IFEN – Brasil)

O presente trabalho propõe refletir sobre a tensão entre edificação e rigor científico no pensamento de Kierkegaard, especialmente em *A Doença para a Morte*, escrito sob o pseudônimo Anticlimacus. Já no prefácio, o autor assinala a ambiguidade de seu empreendimento: rigoroso demais para ser edificante e edificante demais para ser rigorosamente científico. Essa tensão orienta a investigação sobre os limites do conhecimento objetivo e a necessidade de um saber implicado, situado “diante de Deus”. O diálogo com a ciência natural em ascensão no século XIX revela a crítica kierkegaardiana ao acúmulo de dados e à pretensão de controle sobre a existência. Ao distinguir entre uma ciência que coleciona detalhes e outra que, a partir de um “ponto arquimediano”, ilumina a totalidade, Kierkegaard valoriza uma forma de conhecimento que não se reduz ao empírico, mas que se volta ao indivíduo em sua relação existencial. Esse saber, denominado edificante, implica um compromisso ético diante da vida e do porvir. Essa perspectiva é ilustrada no texto *Ultimatum*, da obra *Ou-ou* em que o sermão de um jovem pastor mostra que a verdadeira certeza emerge do reconhecimento da insuficiência humana diante de Deus. O paradoxo entre cálculo racional e abertura ao inesperado aponta para a fé como “vitória sobre o variável”, uma disposição que fortalece o indivíduo na tarefa de existir. No horizonte da psicologia clínica, essas reflexões permitem pensar o rigor científico não como neutralidade objetiva, mas como rigor edificante. Trata-se de superar o dualismo sujeito-objeto da ciência natural e assumir uma postura de *inter-esse*, em que o psicólogo se implica na travessia junto ao outro. O rigor, nesse sentido, consiste em manter viva a tensão entre limite e possibilidade, temporal e eterno, finitude e infinitude — dimensões constitutivas da existência. Conclui-se que, em Kierkegaard, edificação e rigor não se opõem, mas se exigem mutuamente: todo saber verdadeiramente rigoroso é também edificante, pois conduz o indivíduo à tarefa ética de tornar-se si mesmo. Na clínica psicológica, essa concepção inspira uma prática que não apenas descreve ou explica, mas que sustenta a possibilidade de transformação existencial no encontro entre psicoterapeuta e paciente.

Palavras-chave: Kierkegaard; edificação; rigor científico; clínica psicológica; existência.

Myriam Moreira Protasio

Psicóloga. Doutora em Filosofia/UERJ. Pós-doutorado em Psicologia/UERJ. Sócia fundadora do IFEN, onde é professora do Curso de Formação em Psicologia Clínica com ênfase em Kierkegaard e Coordenadora no Grupo de Pesquisa *O envelhecimento e o envelhecer na atualidade e a atuação do psicólogo*. Pesquisadora no Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia da Existência – LAFEPE/UERJ e membro do Grupo de Pesquisas Margem Kierkegaardiana.

E-mail: myprotasio@yahoo.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0910561871917401>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2156-9269>

ENTRE FENOMENOLOGIA E PSICOPATOLOGIA: A PRESENÇA DE EUGÈNE MINKOWSKI NO BRASIL

Adriano Furtado Holanda (*UFPR – Brasil*)

Letícia Joana Jardim (*UFPR – Brasil*)

Eugène Minkowski é uma das figuras centrais na interseção entre Fenomenologia e Psicopatologia. Esta pesquisa tem, pois, por interesse aprofundar uma formação nos campos da história da Psicopatologia, especificamente a Psicopatologia fenomenológica de Minkowski no Brasil e, por objetivo, explorar a emergência referencial à Minkowski e suas obras no Brasil. A justificativa para dar seguimento aos propósitos, é que há pouca produção no país com relação direta ao autor e a suas obras. De modo que, se busca apresentar e expandir este cenário, norteador-se pela pergunta-problema: Como se desenvolve a presença de Minkowski e suas obras no contexto brasileiro? Utilizando a Revisão Integrativa de Literatura, realizou-se uma busca nas bases de dados virtuais: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Catálogo de Teses e Dissertações CAPES, sendo selecionados e analisados 84 estudos. A pesquisa buscou mapear a presença de Minkowski na produção acadêmica nacional, organizando os resultados em três eixos: (1) a referência ao autor em teses e dissertações de pós-graduação, (2) a análise de seus textos traduzidos para o português e (3) a presença de suas ideias em artigos científicos brasileiros. A pesquisa também inclui um estudo teórico complementar sobre a obra *O tempo vivido*, publicada por Minkowski em 1933, a obra mais referenciada na Revisão. Argumentamos, que no contexto brasileiro, a aparição e disseminação das ideias do autor ocorreram principalmente por meio de traduções de seus textos, que possibilitaram o acesso de pesquisadores, clínicos e estudantes às suas reflexões, os textos não apenas introduzem conceitos fundamentais do autor, mas também ilustram o pioneirismo de Minkowski na integração entre filosofia, antropologia, fenomenologia e psicopatologia, rompendo com perspectivas reducionistas da época, e que ainda se fazem presente na atualidade. Conclui-se que Minkowski representa um marco ontológico e histórico, talvez até desenvolvendo um modo próprio de fazer Fenomenologia. O estudo reforça a necessidade de maior difusão e aprofundamento de suas ideias, apresentando lacunas já existentes e destacando sua atualidade para dialogar com questões contemporâneas, bem como, a importância de seu legado para a compreensão da experiência humana no tempo e nas Psicopatologias incentivando novas pesquisas e apropriações críticas no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Minkowski; Brasil; Psicopatologia; Fenomenologia; Tempo Vivido.

Adriano Furtado Holanda

Psicólogo, Doutor em Psicologia, Coordenador do Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade (LabFeno/UFPR) e do Grupo de Trabalho Fenomenologia, Saúde e Processos Psicológicos da ANPEPP, Professor Assistente do Departamento de Psicologia e Mestrado/Doutorado em Psicologia da Universidade Federal do Paraná, Brasil.

E-mail: aholanda@yahoo.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7344227427939366>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7171-644X>

Letícia Joana Jardim

Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica, Membro do Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade (LabFeno/UFPR) e Professora em Psicologia e Saúde do Centro Universitário Curitiba-PR.

E-mail: leticijajardim.psi@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2314949312193458>

ORCID:<https://orcid.org/0009-0000-9597-8914>.

LA FILOSOFÍA PARA EL TERAPEUTA FENOMENOLÓGICO- EXISTENCIAL: HERRAMIENTA O ACTITUD.

Teresa Rosa Glikin (*ALPE – Argentina*)

La filosofía se pregunta por el ser, por la realidad, por la verdad. Y cada vez más le ha proporcionado a los terapeutas, pero también a todo el espectro de pensadores en la actualidad, la posibilidad de reflexionar, ampliar sus puntos de vista, fomentar el pensamiento crítico, cuestionando las suposiciones y los conceptos establecidos. En este recorrido estarán siempre vigentes los fenomenólogos, que nos hablan del fenómeno, lo que aparece, lo más genuino en el ser humano. Lo único, idéntico a sí mismo, que nos conecta con lo que realmente somos. Al paciente, esta búsqueda de verdades, lo confronta con su sí mismo, con sus necesidades, con sus metas o proyectos que lo elevan a un plano de libertad y de autodeterminación. El filósofo Omar Linares se expresa en una entrevista acerca de la actitud filosófica, la que favorece en el consultante la capacidad de tomar decisiones, de lograr una comprensión más plena y profunda de sí mismo. El se refiere a la filosofía como un “arte de vida”, porque es una vía de entrada para las grandes cuestiones. Le da una perspectiva mucho mayor. Él dice que es una amplitud, es abrir un diafragma de la cámara y permitir que entre luz, que tengamos más claridad para comprender la realidad. Nuestra visión de la realidad es la manera en la que nos comunicamos con lo que nos rodea, lo que configura en última instancia, lo que llamamos nuestro mundo. En este punto, al hablar de MUNDO, tendríamos una coincidencia con el pensamiento de Rollo May, quien con tanta lucidez insistió en relacionar el concepto de mundo con la existencia humana. El mundo es dinámico y cambia constantemente. Por esa razón, para poder comprender al paciente necesitamos acercarnos a su modo de vivenciar esa realidad. La actitud que prevalece, en el terapeuta, es el respeto por la búsqueda auténtica de esa persona que le permitirá desarrollar una mayor conciencia de su lugar en el mundo. Para finalizar, remitiéndonos a la pregunta entre herramienta o actitud, podría concluir que la filosofía brinda herramientas para la tarea psicoterapéutica, pues proporciona un marco propicio para la comprensión del otro y para el conocimiento de sí mismo, auténtico y responsable. Pero al mismo tiempo, la actitud filosófica de ambos es el modo más conveniente de poner los conocimientos filosóficos al servicio de una mayor calidad de la relación.

Palabras clave: Filosofía; Herramienta; Actitud; Comprensión; Realidad.

Teresa Rosa Glikin

Licenciada y Profesora de Enseñanza en Psicología egresada de la Universidad de Buenos Aires. Exdocente de Psicología Comprensiva en la U.B.A. y de Psicología Fenomenológica en la Universidad del Salvador. Argentina. Docente del Curso a Distancia de Psicología Existencial auspiciado por ALPE. Docente en el Diplomado en Psicoterapia Existencial. Ecuador. Miembro Fundadora e integrante de la C.D. de ALPE. Capítulos en libros de la especialidad como autora o coautora

E-mail: tereseptiembre5151@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-008-1418-5137>

NA PONTA DO ICEBERG: REFLEXÕES SOBRE O INCONSCIENTE EXISTENCIAL A PARTIR DE ROLLO MAY

Carlos Campelo da Silva (UNASP/IFEN – Brasil)

O termo inconsciente é anterior aos postulados psicanalíticos, entretanto, o uso original feito por Freud gerou enorme revolução e ganhou novos significados associados a uma forma de tratamento psicoterapêutico. Assim, o termo está indissociavelmente ligado a psicanálise. É possível pensar o inconsciente em outras bases psicoterapêuticas? Para responder a essa pergunta, o objetivo da nossa comunicação será investigar o conceito de inconsciente no pensamento do psicólogo existencial-humanista Rollo May. O psicólogo norte-americano acreditava que se renunciássemos à hipótese do inconsciente ficaríamos mais empobrecidos e perderíamos grande parte e significação da experiência humana. May nunca pensou a existência de forma dicotomizada, ele é conhecido por manter as tensões e os paradoxos expressos inclusive em muitos títulos de suas obras. Assim temos: *Amor e Vontade, Poder e Inocência, Liberdade e Destino*. O pensamento de May não funciona por oposição e negação, mas por paradoxo e integração. Não é possível pensar em consciência sem pensar no inconsciente. Mas será que o sentido atribuído por May ao inconsciente é o mesmo de Freud? Não parece ser esse o caso, May subverte o uso freudiano acerca do inconsciente ao colocar a ênfase na consciência. Ele acreditava que esse conceito precisava ser redefinido, uma vez que não faz sentido falar sobre o inconsciente como se estivéssemos falando de um lugar, para ele deve-se falar em experiência inconsciente, uma vez que se trata de potencialidades de ação e percepção que o indivíduo não pode ou não quer atualizar. Mesmo que o pensamento de May sobre o inconsciente seja divergente da concepção freudiana, sua defesa do inconsciente lhe rendeu diversas críticas. Inclusive, em um texto de divulgação científica publicado no Brasil nos anos 1990, lhe é negado um lugar entre os existencialistas, o autor afirma expressamente que o uso do inconsciente e outros termos psicanalíticos impediria que May fosse reconhecido como um psicoterapeuta existencial. Será que o uso do termo inconsciente por May lhe retira o lugar que lhe é devido entre os psicoterapeutas existenciais? Não consideramos ser este o caso. Sendo assim, essa comunicação visa esclarecer o uso do termo inconsciente por May, bem como justificar o seu lugar entre os psicoterapeutas existenciais.

Palavras-chave: Inconsciente; Psicologia existencial-humanista; Psicanálise; Rollo May

Carlos Campelo da Silva

Doutorando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) com bolsa CNPq. Mestre em Ciências da Religião pela mesma Universidade. Graduação em Psicologia pela Universidade Paulista (UNIP-Campinas). Professor do Curso de Psicologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Hortolândia (UNASP-HT). Pesquisador do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial (LAFEPE-UERJ). Professor colaborador do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN).

E-mail: carloscampelo.psi@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4078395538895280>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0786-0962>

O SENTIDO DA CLÍNICA, A CLÍNICA DO SENTIDO: LINGUAGEM, CORPO E SILÊNCIO A PARTIR DE MERLEAU-PONTY

Lucas Guimarães Bloc (*UNIFOR/APHETO - Brasil*)

A fenomenologia de Merleau-Ponty se apresenta como uma das possíveis inspirações para a composição de uma prática clínica de base fenomenológica. Sua obra inacabada, assim como sua própria filosofia, fornece elementos que contribuem de modo significativo para a clínica e que ainda podem ser explorados em sua potência. Este trabalho tem como objetivo desenvolver uma reflexão sobre a clínica psicológica a partir da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, com especial atenção às relações entre linguagem, corpo e silêncio como vias de expressões do sofrimento e da busca de sentido. Inspirado no texto “Linguagem indireta e vozes do silêncio” e em autores clínicos contemporâneos que dialogam com Merleau-Ponty, o estudo problematiza, inicialmente, as noções clássicas de linguagem como mero instrumento de comunicação e propõe compreendê-la como criação encarnada de sentido, atravessada por gestos, silêncios e ambiguidades. Na clínica, a linguagem deixa de ser representação para se tornar, sobretudo, expressão — uma atividade em que o sentido é instituído na própria relação terapêutica. O corpo, como nó de significações, é convocado como lugar de enraizamento da linguagem, via de expressão de gestos, entonações e ritmos que antecedem e moldam a linguagem verbal, tornando-a inseparável da experiência encarnada. O silêncio, por sua vez, não é ausência, mas condição de possibilidade do dizer — um espaço fecundo onde o indizível pode ressoar, abrindo caminhos para o novo. A escuta clínica, nesse horizonte, exige sensibilidade à linguagem indireta: não apenas ao que é dito, mas ao modo como se diz, ao que se cala, aos gestos que falam. O psicoterapeuta se situa, assim, entre o visível e o invisível, entre a onda da figura e o mar do fundo, numa tensão constante entre o que se mostra e o que escapa. Em vez de buscar verdades preexistentes, trata-se de sustentar o inacabamento e a singularidade da existência, co-construindo um espaço de criação de sentidos onde o corpo, o silêncio e a palavra formam um tecido contínuo que pode revelar e transformar a experiência humana. O sentido da clínica, portanto, é também clínica do sentido: um modo ético e poético de habitar o encontro humano.

Palavras-chave: Merleau-Ponty; Linguagem; Silêncio; Psicoterapia.

Lucas Guimarães Bloc

Pós-doutorado em Psicologia na Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Doutor em Psicopatologia na Université Paris Diderot - Paris VII (2014-2018). Diploma Universitário em Fenomenologia Psiquiátrica na Université de Nice (2015-2016). Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia UNIFOR. Coordenador do APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR. Possui formação em Psicoterapia Humanista-Fenomenológica. Membro do GT 48 - Psicologia & Fenomenologia

E-mail: blocucas@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7062553560038741>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8528-131X>

**EIXO IV: CIÊNCIA E FILOSOFIA:
KIERKEGAARD, NIETZSCHE, HEIDEGGER,
SARTRE, MERLEAU-PONTY**

A ARTE DE RECORDAR: DIÁLOGOS COM KIERKEGAARD E NIETZSCHE

Ana Lúcia Azeredo Couto (*IFEN – Brasil*)

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (*IFEN – Brasil*)

Myriam Moreira Protasio (*IFEN – Brasil*)

Este trabalho consiste em uma análise teórica sobre o fenômeno da memória a partir do diálogo entre ciência e filosofia. Atualmente, a questão da memória vem sendo predominantemente abordada pelo campo das neurociências. De acordo com o enfoque neurocientífico, a memória é compreendida como processo cognitivo materializado em circuitos neurais associado à capacidade de recuperar informações armazenadas. Com o objetivo de explorar o tema da memória através de perspectivas não hegemônicas, empreendemos uma articulação teórica norteadas pela metodologia fenomenológico-hermenêutica. Este caminho nos conduziu a um deslocamento do olhar na direção de outros horizontes compreensivos, guiados pela articulação de duas noções: a noção de recordação, proposta por Kierkegaard, e a noção de esquecimento, defendida por Nietzsche. A partir dessa articulação, pensamos a memória em seu caráter fenomenal, expressa pela ideia de recordação. Kierkegaard, sob o pseudônimo de William Afham, na obra *In Vino Veritas*, apresenta a recordação como ato singular de criação de sentidos. Como tal, recordar é obra de artesanato que se faz no entrelace do que aparece e do que se oculta, do lembrar e do esquecer. O esquecimento, tal como defende Nietzsche em *Genealogia da Moral*, longe de ser uma falha no processamento cognitivo, pode tornar-se uma força inibidora ativa que potencializa o impulso criador de um viver livre de amarras do passado. Assim, o ato de esquecer surge como antídoto de uma vida ressentida. Com esse olhar, a recordação, enquanto arte, sustenta possibilidades de apreensão do caráter temporal da existência, irreduzível à dimensão orgânica. Diante do exposto, podemos pensar que, se recordar é obra de arte, o encontro clínico também pode sê-lo quando aguardamos, sem pressa, a reaparição do vivido que abriga a possibilidade de rearticular sentidos. Pensar a memória por esse horizonte compreensivo nos aproxima, portanto, do caráter sensível da relação daquele que recorda com o que é recordado e com tudo o que se abre nesse encontro.

Palavras-chave: Memória; Psicologia Existencial; Filosofia.

Ana Lúcia Azeredo Couto.

Psicóloga. Doutora e Mestre em Psicossociologia/UFRJ, com especialização em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial pelo IFEN. Professora Titular da Universidade Estácio de Sá. Supervisora de Estágio no Serviço-Escola de Psicologia da Universidade Estácio de Sá – Campus Macaé. Psicóloga concursada da Prefeitura Municipal de Rio das Ostras.

E-mail: nalumac@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2891574984941850>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0053-331X>

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo.

Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Departamento de Psicologia Clínica - DPC e Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social – PPGPS/UERJ. Coordenadora do projeto de extensão Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia da Existência – LAFEPE/UERJ. Membro do GT Psicologia &

Fenomenologia da ANPEPP. Sócia fundadora e benemérita do IFEN. Bolsista produtividade CNPQ e Cientista do Nosso Estado.

E-mail: ana.maria.feijoo@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6262781863415292>

ORCID ID: 000-0002-3064-3635

Myriam Moreira Protasio.

Psicóloga. Doutora em Filosofia/UERJ. Pós-doutorado em Psicologia/UERJ. Sócia fundadora do IFEN, onde é professora do Curso de Formação em Psicologia Clínica com ênfase em Kierkegaard e Coordenadora no Grupo de Pesquisa *O envelhecimento e o envelhecer na atualidade e a atuação do psicólogo*. Pesquisadora no Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia da Existência – LAFEPE/UERJ e membro do Grupo de Pesquisas Margem Kierkegaardiana.

E-mail: myprotasio@yahoo.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0910561871917401>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2156-9269>

A PSICOLOGIA EXPERIMENTANTE DE KIERKEGAARD COMO RESPOSTA À PSICOLOGIA EMPÍRICA E À PSICOLOGIA EXPERIMENTAL

Natalia Mendes Teixeira (UFRJ/FAPERJ-Brasil)

A pergunta sobre o objeto, o método e a natureza da Psicologia a partir do século dezoito recebeu três propostas. A primeira, apresentada por Christian Wolff, apelava para a conciliação de uma *Psychologia Rationalis* com uma *Psychologia Empirica* baseada nas etapas da *Experimentalphysik* e no Princípio da Razão Suficiente (PRS); a segunda propunha uma virada para a Fisiologia tornando-se responsável pelo recrudescimento da Psicologia como Ciência independente da Filosofia; a terceira, fundada em uma espécie de estetização da experimentação psicológica oferece uma abordagem existencial dos fenômenos mentais. Nesta conferência, arguiremos que Søren Kierkegaard esboçou um método que a partir desta última proposta. Kierkegaard então, recorrendo, ao mesmo tempo, a uma versão muito própria de Psicologia Experimental e opondo-se decisivamente à virada para a Fisiologia teria situado seu projeto entre a derrocada da *Psychologia Empirica* de Wolff e a ascendente *Experimentelle Psychologie* baseada na Fisiologia. Ao opor-se à proposta de Psicologia das Filosofias fundacionistas de um lado e, de outro, ao sorver da Filosofia à Ciência – ou seja, nem a Filosofia como Ciência, nem a redução daquela à esta incorrida pela deleção de seus objetos – Kierkegaard teria de lidar com problemas éticos, performativos e epistêmicos que a Psicologia enfrentara e, assim, também garantir a observação e a repetibilidade, sem recorrer à ascendente Fisiologia ou tentar retornar à Psicologia transcendental. Assim, a proposta da *Experimenterende Psychology* precisaria responder à seguinte pergunta: Como evitar o desafio ético, o performativo e o epistêmico e, assim, também garantir a repetibilidade, sem recorrer à Fisiologia? A conferência será dividida de modo a contextualizar e responder a esta pergunta, apresentando: (i) uma breve história filosófica da querela da Psicologia expondo seu processo de transição de disciplina da Filosofia à Ciência independente; (ii) expondo os problemas que a Psicologia passaria a enfrentar pela necessidade de regulação dos fatores de *observação* e *repetição* no *experimento* psicológico; e por fim, (iii) argumentar como a *Experimenterende Psychology*, exposta n’*A Repetição: um ensaio de psicologia experimental*, responderia aos problemas de regulação da *observação*, *repetição* e *empiricização* dos fenômenos mentais.

Palavras-chave: Psicologia; Filosofia; Kierkegaard; Século XIX; Psicologismo.

Natalia Mendes Teixeira

Doutora em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) com Bolsa CAPES/PROSUC. Pesquisadora do Programa Pós-Doutorado Nota 10 financiado pela FAPERJ. Pesquisadora de Pós-Doutorado, com bolsa financiada pelo Prêmio Capes de Tese. Professora do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Maranhão. Presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Kierkegaard - SOBRESKI.

E-mail: natalia.nmt@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0886039548983065>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3149-2787>

CIÊNCIA E FILOSOFIA EM MARTIN HEIDEGGER

Paulo Sérgio Lopes Gonçalves (*PUC Campinas – Brasil*)

Objetiva-se neste trabalho analisar a relação entre filosofia e ciência, segundo a formulação de Martin Heidegger, quando se preocupava com *Ereignis* ou propriamente com a história. Esse objetivo se justifica pelo fato de que, a despeito de Heidegger ter se preocupado com a relação entre filosofia e ciência em toda a sua obra, concebida em três fases – fenomenologia hermenêutica da facticidade (198-1923), analítica existencial (1924-1928) e *Ereignis* (1929-1976) – é na fase terceira de seu pensamento, desenvolvida a partir da década de 1930, quando se ocupa com a *Ereignis* – cuja expressão pode ser traduzida como *acontecimento-apropriação* – em que o ser se dá ao ser humano, encontrando na linguagem a sua casa. Dessa fase, destacamos um trabalho fundamental para filosofar sobre a relação entre filosofia e ciência: *Was heisst denken?*, que foi um curso ministrado no período de 1951-1952, na Universidade de Friburg de Brisgovia. Nesse curso, Heidegger rememora trabalhos anteriores sobre a crise da metafísica, tomando autores como Parmênides, Kant e principalmente Nietzsche, para realçar o pensar científica como racionalidade de cálculo e o pensar filosófico como um pensar meditado, que abarca o caráter ontológico do ser humano e do mundo. Nessa rememoração, tem-se um trabalho realizado também na década de 1950, intitulado *Vorträge und Aufsätze*, em que há uma conferência específica sobre o pensar e outra sobre a ciência e o pensamento de sentido. Além disso, no período de 1928-1929, Heidegger realizou o trabalho intitulado *Einleitung in die Philosophie*, em que explicitamente desenvolve a relação entre filosofia e ciência, que já havia sido esboçada na conferência intitulada *Phänomenologie und Theologie*, ministrada em 1927 e também em 1928, em que distingue ciência ontológica de ciência ôntica. Para atingir esse objetivo, conceituar-se-á filosofia, descrever-se-á a concepção de ciência, para então explicitar analiticamente a relação entre filosofia e ciência, em suas tensões e contribuições mútuas.

Palavras-chave: Filosofia; Ciência; Martin Heidegger; *Ereignis*, Pensamento.

Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

Doutor em Teologia pela Pontificia Università Gregoriana (Roma, Itália), pós-doutor em Filosofia pela Universidade de Évora (Évora, Portugal) e pós-doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Belo Horizonte, Brasil). É docente-pesquisador do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião e das Faculdades de Filosofia e Teologia da Pontificia Universidade Católica de Campinas (SP). Tem pesquisado e publicado produtos científicos sobre o conceito de religião e seus desdobramentos em Xavier Zubiri, a análise fenomenológica da religião em Martin Heidegger, a liberdade religiosa e o pluralismo religioso, a articulação entre psicologia e fenomenologia, a relação entre religião e existência.

DESCONTROLE E ESCOLHA DELIBERADA NA PSICOLOGIA MORAL DE ARISTÓTELES

Francisco José Dias de Moraes (UFRRJ/IFEN - Brasil)

A psicologia moral de Aristóteles, elaborada em seus escritos éticos, parte do reconhecimento de que a vida humana se estrutura numa espécie de diálogo persuasivo entre razão e desejo. Crítico do chamado intelectualismo socrático, Aristóteles admite que podemos perfeitamente agir contrariamente ao comando racional, o que Sócrates, por exemplo, considerava uma impossibilidade, como se pode ler no diálogo Protágoras, de Platão (352 b-c). Está claro que, para o Estagirita, as paixões e os desejos não são meros fatores perturbadores da ação deliberada e racional, mas componentes estruturais da deliberação e mesmo das virtudes éticas, como a coragem e a temperança. Sem experimentar medo ou apetite jamais alguém poderia tornar-se corajoso ou temperante. Isso significa que a excelência humana, seu pleno florescimento, não se deve apenas à fortaleza do intelecto, mas a uma integração entre razão e desejo, de modo que o próprio homem é dito ser um “intelecto desejante” ou um “desejo pensante”. Aristóteles não pode, portanto, compartilhar a visão, dominante nas escolas socráticas e mesmo em Platão, de que a virtude consiste no autocontrole. É que o continente, aquele que se limita a controlar as suas emoções e os seus desejos, vive em conflito interno, sendo incapaz de experimentar genuína satisfação ao agir. No entanto, mesmo admitindo a incontinência (akrasía) como um fenômeno real, Aristóteles nem por isso deixa de observar a escolha deliberada (proaíresis) como o elemento essencial da ação propriamente humana. Daí que a incontinência não implique, para ele, que o desejo seja, naturalmente, o senhor da razão ou que a razão só consiga prevalecer com o auxílio do medo. O que acontece, efetivamente, é que o incontinente não chega a deliberar completamente. Todo o problema reside, então, na possível responsabilização do agente nessas circunstâncias. Aristóteles parece defender que o incontinente seja plenamente responsabilizável, precisamente por agir de modo voluntário, mas, por outro lado, parece querer suavizar essa responsabilização, recorrendo, inclusive a fatores físicos, sobre os quais o agente não teria nenhum poder. As pessoas incontinentes seriam como aquelas que “se embriagam rapidamente e com pouco vinho”. (Ética a Nicômaco, VII, 1151 a 4-5). Em nossa comunicação, queremos explorar o problema da responsabilização do agente moral partindo do fenômeno da incontinência e chegando na ação que é fruto de escolha deliberada.

Palavras-chave: Aristóteles, desejo, razão, responsabilidade, agente moral.

Francisco José Dias de Moraes - Professor associado IV do Departamento de Filosofia da UFRRJ e membro permanente do PPGF-UFRJ e do PPGFIL-UFRRJ, Programa do qual é coordenador desde 2021. Orientou e orienta teses de doutorado e dissertações de mestrado. Supervisionou e supervisiona projetos de pós-doutorado. Lidera o grupo de pesquisa Stásis, cadastrado no CNPQ. Atua nas linhas de pesquisa História da filosofia e Filosofia prática, no PPGF da UFRJ, e na linha de pesquisa Filosofia antiga e recepção, no PPGFIL da UFRRJ. Suas pesquisas envolvem razão prática-deliberativa, virtude, psicologia moral e ética, por um lado, e, por outro lado, questões metafísicas em torno do conceito de natureza, temas abordados a partir dos filósofos clássicos da Antiguidade, Platão e Aristóteles, e de filósofos contemporâneos, como Heidegger e Nietzsche. É autor de diversos artigos publicados em Periódicos nacionais e internacionais e tradutor das obras *Vontade de poder* e *Introdução ao estudo dos diálogos de Platão*, ambas de F. Nietzsche.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA CLÍNICA PSICOLÓGICA: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (*IFEN/UERJ - Brasil*)

Lucas Dias Queiroz Batista de Prado (*IFEN - Brasil*)

A crescente inserção de ferramentas de inteligência artificial (IA) na área da saúde mental, com enfoque na Psicologia Clínica, tem modificado significativamente os modos de se conceber e praticar o cuidado, propiciando frequentes inquietações. Tais transformações envolvem desde a automatização de processos terapêuticos até a reconfiguração da relação terapêutica, no que diz respeito à escuta, afeto e vínculo. Este trabalho tem como objetivo entender, por meio de uma revisão integrativa da literatura, como as tecnologias baseadas em IA estão sendo utilizadas na prática clínica em Psicologia e que sentidos relacionais, éticos e existenciais emergem dessas práticas. A pergunta que guia este estudo é: de que modo o uso crescente de IA impacta a ação clínica em psicologia? A relevância da pesquisa está na busca pelas bases e pressupostos ontológicos e epistemológicos que orientam a adoção dessas tecnologias, muitas vezes tratadas apenas sob aspectos funcionais e instrumentais, sem que seja dada atenção às pressuposições por parte de profissionais e pacientes. O método de investigação consiste em uma revisão integrativa de escopo exploratório, com análise hermenêutica fenomenológica. Foram consultadas bases como PsycINFO, PubMed e Scopus, priorizando publicações entre 2015 e 2025 que abordassem práticas clínicas com IA e refletissem sobre suas implicações vivenciais, normativas ou intersubjetivas. A discussão preliminar aponta que, embora as tecnologias apresentem potencial para ampliar o acesso e a eficácia dos atendimentos, sua presença introduz transformações significativas no encontro clínico, afetando a experiência do cuidado, tal como compreendido por Heidegger. Em muitos casos, a IA atua não apenas como ferramenta, mas como presença que desloca os sentidos tradicionais da clínica. Conclui-se que uma análise fenomenológico-existencial é fundamental para interpretar tais mudanças, oferecendo uma leitura crítica que vá além do desempenho técnico, e, portanto, abrindo um espaço para a compreensão das relações entre humano e máquina no contexto clínico contemporâneo.

Palavras-chave: Psicologia Clínica; Inteligência Artificial; Fenomenologia hermenêutica; Ética; Relação Humano-Máquina.

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Departamento de Psicologia Clínica – DPC; Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social – PPGPS/UERJ; Coordenadora do projeto de extensão: Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia da Existência – LAFEPE/UERJ; Membro do GT Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP; Sócia fundadora e benemérita do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro – IFEN.

E-mail: ana.maria.feijoo@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6262781863415292>

ORCID: 0000-0002-3064-3635

Lucas Dias Queiroz Batista de Prado

Psicólogo graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG; Pós-graduando de Pós-graduação em Psicologia Clínica pelo IFEN; Pesquisador do projeto de extensão: Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia da Existência – LAFEPE/UERJ.

E-mail: lucasdiasprado@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3061533234731485>
ORCID: 0009-0002-3837-5396

MAPEANDO A CLÍNICA EXISTENCIALISTA: ANÁLISE SOBRE A CLÍNICA LATINOAMERICANA INSPIRADA EM SARTRE E BEAUVOIR

Rodolfo Rodrigues de Souza (UERJ – Brasil)

A escolha de autores fundamentais para a construção de modos de pensar, produzir e praticar a psicologia influencia diretamente as concepções teóricas e as intervenções clínicas resultantes. Com base nisso, a pesquisa “Apropriações do Existencialismo de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir na Psicologia Brasileira e Latino-Americana”, financiada pela FAPERJ e desenvolvida na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, buscou mapear os diferentes caminhos pelos quais o pensamento existencialista se manifesta na região. Para tanto, realizou-se um levantamento bibliográfico exaustivo em bases digitais (SciELO, Periódicos Capes, PsycINFO, PePSIC, Redalyc, Latindex, LILACS/BVS, DOAJ e Dialnet), combinando os termos clínica, psicologia e psicoterapia com existencialismo, existencialista, Sartre e Beauvoir, sem recorte temporal e nos idiomas português, inglês, espanhol e francês. O corpus de 3.654 artigos foi analisado de forma quantitativa e qualitativa para identificar os países que apresentam propostas de psicologia clínica inspiradas em Sartre e Beauvoir. Os resultados quantitativos apontam o Brasil como líder na produção em psicologia existencialista na América Latina, tanto na vertente clínica quanto na social, e revelam que poucos países mantêm diálogo consistente com esses autores para delinear modelos clínicos próprios. No Brasil, entretanto, a produção concentra-se em regiões específicas, evidenciando disparidades geográficas na adoção do referencial existencialista. A análise qualitativa destacou nuances regionais: na Argentina, o existencialismo interage principalmente com a psicanálise, enquanto no Brasil emergem abordagens explicitamente em diálogo com Sartre e Beauvoir, designadas como clínica existencialista, existencial, fenomenológico-existencial e fenomenológico-existencialista. Essa diversidade reflete diálogos com as noções sartrianas em um esforço apropriação destas para a psicologia clínica, ao passo que a filosofia de Beauvoir surge com menor visibilidade como fundamento deste fazer. A relevância do estudo reside na lacuna identificada: embora se detectem manifestações isoladas em diversos países, apenas no Brasil há uma proposta de clínica existencialista consolidada como campo de saber autônomo na América Latina. Esses achados reforçam a necessidade de fomentar intercâmbios acadêmicos e ampliar programas de formação clínica que incorporem leituras existencialistas, contribuindo para o fortalecimento das práticas e pesquisas nessa área.

Palavras-chave: Clínica existencialista; Jean-Paul Sartre; Simone de Beauvoir; América Latina; Psicologia Clínica.

Rodolfo Rodrigues de Souza

Professor e chefe do Departamento de Psicologia Clínica da UERJ, supervisor em Clínica Fenomenológico-Existencialista, subchefe do Serviço de Psicologia Aplicada e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (PPGPS/UERJ). Pesquisa realizada com financiamento APQ1-FAPERJ, Prociência-UERJ e Bolsas IC FAPERJ e UERJ.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8237951707675504>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6204-1073>

NARRATIVAS ENCARNADAS: LIBERDADE, SITUAÇÃO E A CLÍNICA COMO ESPAÇO DE CRIAÇÃO

Carolina Freire de Araújo Dhein (IFEN – Brasil)

O presente trabalho se propõe a refletir sobre a clínica fenomenológico-existencial como espaço de elaboração de *narrativas encarnadas*, compreendidas como expressões singulares de uma existência historicamente situada. A clínica psicológica em diálogo com o pensamento filosófico, político e literário de Sartre pode ser compreendida como um espaço no qual o existente humano se desvela na articulação entre liberdade e condição, entre projeto e facticidade, nunca abstraído de seu corpo, de sua cultura, de sua classe, raça, gênero e demais marcadores que o situam no mundo. Desse modo, compreendemos que toda narrativa clínica é encarnada, pois que não se dá no plano meramente discursivo ou abstrato, mas que emerge do vivido, do corpo que sente, da linguagem que afeta e das conjunturas sociais que contornam o campo de possível para cada existência. O método Progressivo-Regressivo proposto por Sartre, ao articular o movimento progressivo (dos projetos e escolhas do existente singular) com o regressivo (das condições materiais e históricas que o constituem), nos permite compreender o modo como a existência humana se constitui e se articula a partir desse campo de tensões. Nessa perspectiva, cada narrativa de si é sempre um gesto de liberdade que se escreve a partir de um solo concreto — o corpo, a linguagem, a cultura, os vínculos e a história pessoal, tornando-se visível, narrável e, sobretudo, criável. No espaço clínico, isso implica uma escuta que reconhece que cada relato de sofrimento é também um relato de mundo. As questões narradas na clínica, muitas vezes lida como expressão individual, carrega em si os traços de um corpo vivido dentro de relações sociais marcadas por exclusões, silenciamentos e normatividades. Com isso compreendemos que a clínica fenomenológico-existencial promove um tipo de cuidado que não visa a adaptação normativa. Ao conciliar o gesto fenomenológico à compreensão da dimensão concreta da existência, situada no entrelaçamento com o mundo, pode se tornar um espaço ético-estético onde o analisando reconstrói sentidos e reinscreve sua experiência no mundo. Nesse contexto, a escuta, então, torna-se um ato político de acolhimento da diferença e de abertura para a criação de novas formas de ser-no-mundo.

Palavras-Chave: Clínica Fenomenológico-Existencial; Sartre; Liberdade; Situação.

Carolina Freire de Araújo Dhein

Graduada em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Doutora e mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Especialista em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro. Atua como psicóloga clínica, além de exercer atividades de ensino e pesquisa acerca da articulação do pensamento de Sartre e a psicologia clínica. Atualmente coordena a Pós-Graduação em Psicologia Clínica Existencialista Sartriana pelo Instituto NUCAFE, além de grupos de estudos e supervisão clínica. É autora do livro: *A Clínica Psicológica em Diálogo com Sartre*, pelas Edições IFEN.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0861-6654>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1288565459152456>

O ENCONTRO CLÍNICO COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA EM PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA

Camila Souza (UNIFOR – Brasil)

A pesquisa científica tem como objetivo captar e enunciar o significado da realidade, e há vários caminhos que a permitem fazer isso. O método fenomenológico propõe uma investigação precisa dos fundamentos da experiência humana, pois estabelece um caminho descritivo e compreensivo que possibilita o acesso aos significados das experiências vividas. A pesquisa fenomenológica busca retornar ao vivido, à essa dimensão experiencial que antecede o pensar e o sentir, mas sem negar suas elaborações. Entretanto, o método fenomenológico atrelado a pesquisa científica em psicopatologia apresenta desafios no que toca o objeto de estudo dessa área, a saber: o patológico. A pesquisa fenomenológica, quando situada ao campo da psicopatologia, requer do pesquisador um olhar mais atento para a compreensão da experiência subjetiva do paciente para além da manifestação sintomatológica. Faz-se necessário traçar um caminho que possibilite alcançar as bases constitutivas do mundo vivido (psico)patológico do participante sem desconsiderar seu entrelaçamento intersubjetivo com o pesquisador. Neste trabalho, temos como objetivo apresentar o encontro clínico como instrumento para a pesquisa em psicopatologia fenomenológica com base na fenomenologia da ambiguidade de Merleau-Ponty. Para isso, elaboramos uma investigação qualitativa de base bibliográfica do tipo teórica. Encontramos que os escritos filosóficos de Merleau-Ponty são uma ferramenta crítica que sustentam o encontro clínico, pois este é um instrumento de pesquisa cuja base reside na intersubjetividade da relação pesquisador/participante/mundo. Ele parte de uma interação com os participantes, que explora e encoraja a espontaneidade, a liberdade de ser e expressar em suas falas e em seus gestos suas experiências vividas de forma imediata e pré-reflexiva. É um instrumento que apresenta uma dimensão clínica, pois há a necessidade da construção de um clima de facilitação por parte do pesquisador ao promover um espaço caloroso, seguro e acolhedor, que permita aos participantes a livre expressão de suas experiências. Destacamos que, ao resgatar o entrelaçamento da experiência vivida entre pesquisador e participante, os encontros clínicos permitem o distanciamento de uma relação sujeito/objeto. Desse modo, o encontro clínico, fundamentado na fenomenologia da ambiguidade de Merleau-Ponty, configura-se como um instrumento potente que possibilita o acesso às bases constitutivas da experiência patológica, ao favorecer a escuta e a compreensão dos modos de ser em sua complexidade, singularidade e expressão intersubjetiva.

Palavras-chave: método fenomenológico; pesquisa fenomenológica; Merleau-Ponty.

Camila Souza.

Psicóloga; Doutora em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) em Fortaleza/CE, Brasil; Docente do Programa de Graduação em Psicologia da UNIFOR; Professora Colaboradora do Laboratório APHETO.

Email: camilasouza@unifor.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4324040072702995>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5901-9182>

PSICOTERAPIA E A GAIA CIÊNCIA EM NIETZSCHE

Flávio Breno Cruz Formigosa (UERJ, Brasil)

A apresentação buscará indicar algumas proximidades entre a prática da Psicoterapia fenomenológico-existencial e algumas noções desenvolvidas na filosofia de Friedrich Nietzsche no prólogo da obra *A Gaia Ciência*. Será demonstrado como é possível conciliar senso crítico e sensibilidade artística para tratar de temas como: saúde, doença, dor, alegria, crítica a metafísica, lida com o desconhecido, conciliação entre ignorância e sabedoria, paciência e aprofundamento de si. A interlocução entre Psicologia e Filosofia busca resguardar a legitimidade de um modo de reflexão que não simplifique a compreensão humana a essências eternas e incontestáveis, passíveis de sistematizações em teorias psicológicas reducionistas, muito menos sintetizar o modo de cuidado terapêutico a lógica da manutenção, da adaptação e do entorpecimento resignado da vida. No cenário contemporâneo, onde predominam imperativos de imediatismo, demonstração de resultados e venda de fórmulas prontas, torna-se relevante a Psicologia e suas práticas darem um passo atrás diante de tais diretrizes hegemônicas dos saberes científicos para que modos outros de psicoterapia possam irromper, criando compreensões e atuações divergentes a tudo aquilo que reduz a condição humana a algo análogo ao automatismo. Desta forma, a proposta de diálogo entre a filosofia nietzschiana e a prática psicoterápica que se inspira no método fenomenológico e no pensamento existencial tem o intuito, ainda que ensaística, de ser um dos modos alternativos possíveis de tentar legitimar um modo de fazer psicoterapia que não sobreponha os ideias de certeza oferecidos pelas técnicas em detrimento de uma escuta que saiba sensivelmente acompanhar os modos de ser de cada um, pois como ensina Nietzsche, vida se dá como processo análogo a criação de uma obra de arte, de modo que se fórmulas prontas forem utilizadas, perde-se o aspecto artístico e criativo. Se a noção de uma gaia ciência advoga em nome de saberes improvisadores, que conciliam conhecimento e ignorância, métrica e improviso, retórica e poesia, talvez seja possível encontrar no pensamento nietzschiano significativas contribuições para a Psicologia fenomenológica-existencial.

Palavras-chave: Psicologia fenomenológico-existencial; Nietzsche; Filosofia; Ciência.

Flávio Breno Cruz Formigosa

Psicólogo. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGPS-UERJ), Rio de Janeiro, Brasil.

Email: brenocruz.uerj@outlook.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9958944442642606>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2273-8869>

**EIXO V: QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS:
RAÇA, ETNIA, GÊNERO ETC.**

A LÓGICA DO DESEMPENHO E OS DISCURSOS QUE CERCAM O ENVELHECER DO CORPO FEMININO

Glaucia da Silva Silos (*UERJ - Brasil*)

O envelhecimento populacional tem se mostrado um fenômeno significativo, transformando a pirâmide demográfica. Considerando as projeções numéricas e avanços tecnológicos que contribuem para a qualidade e a expectativa de vida, cabe pensar de que forma o tempo nos atravessa não apenas em suas consequências biológicas, mas também nas interpretações do corpo e dos sentidos associados a tais mudanças. Assim, propõe-se discutir a juvenilização dos corpos idosos diante da ampliação da longevidade observada na demografia nacional, indagando sobre os discursos que circundam a mulher e seu envelhecimento. Na esteira de absolutismos que fomentam uma concepção de envelhecimento bem-sucedido, a exaltação da juventude tem se apresentado como bem ou mercadoria adquirível baseada em unidades de sentido como produção, alta performance, estética, sucesso pessoal e, à vista disso, propaga-se uma ideia de envelhecimento em que os sinais da idade devem ser atenuados. Em um contexto no qual, apesar da inevitabilidade da passagem do tempo, envelhecer é frequentemente demonstrado como indesejável, é necessário considerar os sentidos que envolvem a insatisfação corporal em relação às marcas próprias do tempo e a concepção do envelhecimento como fracasso pessoal feminino. Este estudo busca situar brevemente a experiência de envelhecimento das mulheres frente aos determinantes sociais de desempenho e sucesso explorados por Byung-Chul Han sobre o que nomeia como Sociedade do Cansaço e, a partir das determinações colocadas por Heidegger acerca da Era da Técnica, colocar em questão a articulação com o próprio corpo como recurso disponível e manipulável à intervenção para atingir determinados fins. A partir dessa interlocução, explora-se o ideal de juventude não apenas como etapa da vida, mas como modelo desejável neste ecossistema de positividade e exploração, no qual o envelhecimento no corpo feminino é lido muitas vezes como expressão de descuido de quem individualmente falhou frente aos recursos disponíveis para combatê-lo. De modo que olhar para tais representações abre reflexão para os discursos de gênero e envelhecimento positivo com os quais a contemporaneidade tem firmado compromisso.

Palavras-chave: envelhecimento; gênero; contemporaneidade.

Glaucia da Silva Silos

Psicóloga. cursando Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Estudos da Subjetividade pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Email: glauciasilos.psicologia@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4574273962540718>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9935-4153>

A VIVÊNCIA DA MASCULINIDADE DE HOMENS ACUSADOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO

Felipe Miranda Zanetti (*FAMERP – Brasil*)

Ana Maria Lopes Calvo de Feijoo (*IFEN/UERJ – Brasil*)

Maria Jaqueline Coelho Pinto (*FAMERP – Brasil*)

Apesar de intensos debates e avanços, a violência contra a mulher mantém um alto índice de ocorrência no contexto brasileiro. O entendimento de que a organização política da sociedade foi direcionada pelos homens, e seu protagonismo em situações de violência, levou inúmeros estudos acadêmicos a se debruçarem sobre a experiência da masculinidade em seus mais diversos contextos, para assim poder melhor compreender a conduta dos homens diante de tal problemática. O avanço do conceito de gênero colaborou com as discussões sobre masculinidades, e preparou o contexto para que, em 2006, a Lei Maria da Penha nascesse, fundando uma nova forma de proteção e cuidado às vítimas de violência de gênero, sobretudo pensando nas intervenções com os autores de violência. Percebendo a persistência do problema, um olhar mais essencial precisa se construir para poder intervir em tal fenômeno. Assim, este estudo buscou compreender e analisar a vivência da masculinidade de homens acusados de violência contra a mulher utilizando um estudo descritivo transversal, de cunho fenomenológico-hermenêutico, que utilizou de entrevista norteada pela questão: “como é para você ser homem hoje em dia?”. Os quatro colaboradores do estudo foram selecionados junto à Delegacia de Defesa da Mulher de Catanduva-SP. Os resultados das entrevistas foram organizados em seis unidades de significado: 1) violência feminina, que foi dividida em duas subcategorias – 1.1) violência física como conduta das mulheres; 1.2) violência psicológica; 2) mulheres usam a lei a seu favor?; 3) homens inocentes: narrativas favoráveis a si; 4) dor e sofrimento negados na experiência masculina; 5) o afeto com os filhos e a família; 6) ser homem; a lei é unilateral? Analisando-as, dois tópicos foram utilizados para interpretar a estrutura geral da experiência: tensão e ética nas relações; estes foram interpretados à luz da perspectiva fenomenológico-hermenêutica. Por fim, propomos que os grupos com homens utilizem não somente a postura pedagógica – como direcionado pelos manuais – mas também terapêutica, para que seja possível organizar afetivamente uma nova maneira de vivenciar as relações a partir das informações fornecidas nos grupos. Entendemos também que a forma tradicional de interpretar o fenômeno em questão precisa ser reconduzida para que melhores intervenções possam se estruturar sem que os homens sejam interpretados como agressores em potencial, mas indivíduos que, dentro de suas possibilidades existenciais, acabam escolhendo a violência como modo de relação. Defende-se ainda que possa existir uma política pública especializada em tal demanda, visto sua complexidade e força no contexto contemporâneo.

Palavras-chave: Masculinidades; violência; fenomenologia; hermenêutica; grupos com homens.

Ana Maria Lopes Calvo de Feijoo

Psicóloga; doutora pela UFRJ; Sócia fundadora do IFEN-RJ; professora titular do departamento de psicologia e da pós-graduação em psicologia social da UERJ.

Email: ana.maria.feijoo@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6262781863415292>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3064-3635>

Felipe Miranda Zanetti

Mestrando em Psicologia e Saúde pela FAMERP – bolsista CAPES; especialista em psicologia clínica fenomenológico-existencial pela UNIFEG; supervisor clínico de pós-graduação em psicologia clínica fenomenológica na FAPSI; psicólogo clínico.

Email: felipezanetti.mz@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8943536251885476>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1352-6637>

Maria Jaqueline Coelho Pinto

Doutora pela USP – Ribeirão Preto; especialista em psicodrama pelo Instituto Riopretense de Psicodrama; professora adjunta e subchefe do departamento de psicologia da FAMERP.

Email: psijaqueline@famerp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4505097839181107>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5880-2362>

FENOMENOLOGIA QUEER: ORIENTAÇÃO E NORMATIVIDADE A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES CRÍTICAS DE SARA AHMED

Giovana Fagundes Luczinski (UFRJ - Brasil)

Habitar o mundo contemporâneo significa estar atravessado/a por linhas visíveis e invisíveis que não se mostram sem um esforço ativo de compreensão. O método fenomenológico, em suas diferentes propostas, apresenta caminhos para evidenciar, de maneira cada vez mais crítica e interseccional, os fenômenos que se constituem em dado contexto sociocultural. O presente trabalho delinea as bases teóricas de uma pesquisa voltada à compreensão dos efeitos da cisheteronormatividade a partir de uma perspectiva fenomenológica. Para isso, é necessário perguntar o que significa a própria ideia de orientação sexual e a que demandas ela se contrapõe. Afinal, ao habitar o mundo, as pessoas se orientam e são orientadas em certas direções, seja no âmbito espacial, ou na esfera do desejo. Sara Ahmed envereda por tais questionamentos, retomando aspectos basilares das fenomenologias de Edmund Husserl, Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty, dedicando-se profundamente ao tema da orientação, tanto filosoficamente, em termos de intencionalidade da consciência, quanto em relação à materialidade dos gestos e narrativas na contemporaneidade. Sabe-se que orientações desviantes da norma pagam um preço subjetivo que repercute em prejuízos pessoais e sociais, notadamente, no âmbito da saúde mental, em meio à reprodução de práticas de exclusão e violência. Por essas razões, a relevância desse estudo situa-se tanto em suas consequências epistemológicas, quanto em seus desdobramentos para a prática clínica psicológica, entendendo que a cisheteronormatividade, assim como o racismo e outros regimes de poder, regulam e orientam existências. Partindo dessas considerações, o presente trabalho apresenta o percurso crítico de Sarah Ahmed, pesquisadora LGBT de origem paquistanesa, trazendo uma reflexão teórica sobre sua obra, enfatizando a proposta de colocar os estudos queer em íntima relação com a fenomenologia. Tal revisão tece articulações com pensadoras como Mariana Ortega, sobre os paradoxos de se habitar o mundo enquanto multiplicidade, e Judith Butler, com sua compreensão de performatividade de gênero. Dessa forma, esta pesquisa se insere no campo mais amplo dos estudos críticos, marcados pelas epistemologias feministas, de dentro da perspectiva fenomenológica. O percurso já trilhado confirma a potência e atualidade do método fenomenológico para descrever como nos orientamos, não apenas quanto à sexualidade, mas em termos de raça, gênero e capacidades, na sedimentação dos hábitos cotidianos. Tais reflexões e articulações têm levado a novos conceitos que se mostram como ferramentas de compreensão e ação no mundo, unindo teoria e prática em espaços de formação e atuação da psicologia.

Palavras-chave: Fenomenologia; Sexualidade; Teoria Queer; Gênero.

Giovana Fagundes Luczinski (UFRJ - Brasil)

Psicóloga (UFMG), Mestre em Psicologia Clínica (PUC-SP) e Doutora em Psicologia Social (UERJ). Professora Adjunta do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no Departamento de Psicologia Clínica, com ênfase em Psicologia Fenomenológica. Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

E-mail: giovana.luczinski@gmail.com.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3133830465182069>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8318-8157>.

IMPACTOS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA SAÚDE: UMA VISÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Raphael do Amaral Vaz (*Unigranrio Afya – Brasil*)

A emergência da Inteligência Artificial (IA) no campo da saúde configura-se como um fenômeno contemporâneo que exige uma análise para além dos ganhos tecnológicos, convocando a atenção para seus impactos existenciais nos sujeitos envolvidos. Diante de tal cenário, o presente estudo objetiva compreender, sob a ótica fenomenológico-existencial, como a implementação da IA na saúde influencia a experiência vivida de pacientes, profissionais e comunidades, especialmente considerando recortes de raça, etnia e gênero. A questão de pesquisa propõe-se a investigar: de que maneira a introdução de sistemas inteligentes na saúde modifica as relações de cuidado, alterando a compreensão de si e do outro na vivência clínica? Reconhecendo a saúde como espaço de alteridade e vulnerabilidade, este estudo torna-se relevante por evidenciar que a adoção da IA pode tanto ampliar quanto reduzir a singularidade do cuidado, dependendo da forma como é incorporada nas práticas. O método utilizado é teórico-analítico, baseado na fenomenologia existencial, articulando a análise crítica de produções científicas atuais com reflexões existenciais sobre corpo, liberdade e responsabilidade. Na discussão, ressalta-se que a IA pode favorecer o acesso de populações vulnerabilizadas a serviços de saúde, ao mesmo tempo em que impõe novos riscos de despersonalização do atendimento, especialmente quando algoritmos reproduzem vieses sociais pré-existent. A análise fenomenológica revela que o sujeito não é mero objeto de intervenção tecnológica, mas um ser-no-mundo cuja corporeidade, história e contexto devem ser considerados. As considerações finais apontam para a necessidade de um uso ético e crítico da IA, que preserve a singularidade da experiência humana no campo da saúde, reconhecendo que raça, etnia e gênero são dimensões constitutivas dessa experiência e não meros dados técnicos. Assim, propõe-se uma abordagem que integre tecnologia e existência sem reduzir o humano a parâmetros algorítmicos.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Saúde; Fenomenologia Existencial; Alteridade; Direitos Humanos.

Raphael do Amaral Vaz.

Psicólogo, mestre em Psicologia Clínica, especialista em Teoria e Prática Junguiana e Suicidologia. Pós-graduando em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológica-existencial. Finalizando Análise e Desenvolvimento de Sistemas e graduando em Engenharia da Computação. Professor universitário e pesquisador nas interfaces entre tecnologia, saúde e existencialismo.

E-mail: raphaeldoamaralvaz@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7979396895546892>

ORCID: 0009-0005-4606-8400

O GESTO FENOMENOLÓGICO CRÍTICO

Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR – Brasil)

Gesto é praxis. É o modo como nos ocupamos das coisas, dos outros e do mundo. Assim, todo gesto, toda ocupação, como nos lembra Merleau-Ponty, não pode ser privado de sua corporeidade. E, ao nos ocuparmos, instituímos sentidos realizando-o no gesto. Assim, além de ser expressivamente ato no mundo, o gesto realiza algo, faz aparecer algo no mundo, ou ainda, aparecer mundos. É o que o difere do movimento ou do puro reflexo: o gesto nos liga à linguagem como ato expressivo, co-instituído, conjunto, na medida em que somos com o outro. Assim, adverte-nos o filósofo, o sentido do gesto não está atrás dele ou em uma interioridade, mas mostra algo que se passa no quiasma entre eu e outro, na reversibilidade entre o humano e o mundo. O gesto, portanto, é ato que retira do fundo de silêncio – e não de um sentido previamente dado - a possibilidade de sentido, instituindo-o. A fenomenologia, como gesto teórico, faz aparecer certos fenômenos buscando romper nossa familiaridade com eles, convocando o espanto de ver as coisas como se fosse a primeira vez. Contudo, o seu gesto que permite o aparecer de certos fenômenos não é transcendente à situação, é sempre um gesto de alguém que tem um corpo, localizado em um certo lugar e tempo. Entretanto, curiosamente o corpo do filósofo ou do pesquisador em fenomenologia tem sido insistentemente invisibilizado no ato de fenomenologizar o mundo e seus fenômenos, o termo não reconhecido no ato de filosofar. Embora a fenomenologia seja desde seu início um gesto já crítico, há contemporaneamente novos giros críticos possíveis ao próprio gesto fenomenológico original, onde o filósofo – geralmente masculinizado e colonizador – está de costas para corpos, tempos e espaços que permitem o seu fazer-aparecer mundos mas são des-fenomenologizados ou desconsiderados como fenômenos para serem vistos. O gesto fenomenológico crítico, portanto, reivindica uma corporeidade viva e situada, para o gesto de filosofar ou pesquisar, permitindo que o fundo que está invisibilizado neste ato, seja percebido.

Palavras-chave: Fenomenologia Crítica; Corpo; Sentido; Situação.

Joanneliese de Lucas Freitas

Psicóloga, mestre e doutora pela Universidade de Brasília. Pesquisadora visitante do Departamento de Antropologia da University of California Los Angeles (UCLA). Professora Titular e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Membro GT ANPEPP Psicologia e Fenomenologia.

E-mail: joanne@ufpr.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4125030248428843>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0856-3460>

O PROBLEMA DA ALTERIDADE NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA: DA ÉTICA À POLÍTICA

Emanuel Meireles Vieira (UFC – Brasil)

Este artigo, de cunho teórico, aborda a questão da alteridade na Abordagem Centrada na Pessoa a partir de uma perspectiva ético-política. Para tanto, inicialmente situa o problema em tela dentro da própria teoria de Rogers e a compreende, de acordo com as matrizes do pensamento psicológico propostas por Luís Cláudio Figueiredo, como naturalista e vitalista. Em seguida, a partir da concepção de alteridade radical proposta por Emmanuel Lévinas, questiona o problema da alteridade na referida teoria e expõe como a concepção rogeriana acerca do Outro, embora tenha a aceitação e a compreensão como marcas do manejo terapêutico, carrega consigo aspectos que ignoram o Outro como radicalmente diferente e o tomam a partir da referência do próprio eu. Assim, elementos como a insistência numa concepção de natureza humana, na tendência atualizante, na pessoa em pleno funcionamento e num apaziguamento do conflito pelo eu, tendem a desconsiderar a tensão gerada pela diferença do outro. Por outro lado, a abertura ao outro, a aposta no diálogo como elemento central para o desenrolar do processo terapêutico, bem como a primazia da experiência, trazem à tona a dimensão de alteridade para o pensamento em questão. O trabalho avança na compreensão de que tais elementos implicam a necessidade de compreensão da Abordagem Centrada na Pessoa para além da concepção liberal que permeia o pensamento rogeriano e lhe lança o desafio político de pensar o Outro na contemporaneidade. Para isso, baseia-se nas reflexões de Peter Schmid, que compreende que a psicoterapia implica um desafio não apenas técnico, mas político. Por fim, o trabalho discute que esta tarefa, no caso do contexto brasileiro, passa por discutir as particularidades do problema da alteridade a partir não mais de um referencial de natureza, mas de condição humana. Para tanto, o Outro deve ser compreendido como atravessado por marcadores sociais interseccionais como raça, classe social, gênero, território, entre outros.

Palavras-chave: Ética; Política; Abordagem Centrada na Pessoa; Interseccionalidade.

Emanuel Meireles Vieira

Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, professor do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, onde é membro do Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação – VIESES, Fortaleza – Ceará, Brasil.

E-mail: emanuelmeireles@ufc.br.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4122228867993191>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7346-4944>

PALLIUM - A QUEM SE DESTINA? SOBRE O CUIDADO E O EXISTIR

Juliana Vendruscolo (UNAERP - Brasil)

A palavra principal a ser considerada quando se pensa em assistência em cuidados paliativos é proteção. É possível identificarmos a filosofia paliativista desde a Idade Média, Historicamente encontramos uma forma de proteção que vinha do *pallium*, o manto que os cavaleiros usavam para se proteger das intempéries climáticas ao longo de suas viagens. Em meados do século XX esse campo de atuação e de saber ganha força voltando-se ao cuidado integral ao paciente, independente da possibilidade de cura. De forma sucinta é possível descrever cuidado paliativo como a busca pela qualidade de vida, pelo alívio de sintomas e dores e pelo respeito ao doente e aos seus familiares. A interrupção da vida cotidiana pelo adoecimento é, muitas vezes, marcada por uma espécie de susto, diante do qual aquele que adocece sente-se perdido, sem uma trilha prévia para poder prosseguir. É fundamental, entretanto, que aquele que irá cuidar, esteja próximo o suficiente para compreender, porém, que não se perca nesse emaranhado de sentimentos. A psicologia hospitalar se depara há tempos e, com frequência, com a demanda de atenção ao paciente gravemente enfermo, e, em algumas situações, fora da possibilidade de cura de sua doença. Entretanto ainda vivemos em uma sociedade que não suporta e não sabe lidar com a dor e sofrimento. Tal aspecto está refletido na forma como o cuidado se dá na área da saúde, seja na perspectiva da equipe de profissionais ou mesmo do paciente e seus familiares? O objetivo deste estudo é descrever a aproximação possível entre psicologia no cenário hospitalar e da saúde, em uma perspectiva da fenomenologia existencial e a concepção de cuidados paliativos. O caminho metodológico, na fenomenologia hermenêutica, foi delineado em quatro momentos: reconstrução dos dados da ciência acerca da temática; destruição de uma única forma de compreensão, partindo noção de cuidado que se encontra além da tradição de nosso tempo; construção da compreensão do fenômeno que desvela ao pesquisador, possibilitando a articulação de uma atitude clínica. Com a ampliação dos estudos e da inserção ativa da equipe de Cuidados Paliativos na área da saúde, uma forte parceria foi alicerçada, especificamente, com a psicologia fenomenológica. Em relação à primeira, nos deparamos com o direcionamento para a vida, que se dá enquanto se vive, enquanto se percorre o caminho do viver, mesmo quando a linha de chegada está supostamente próxima! Quanto à segunda, ao resgate do acontecer da experiência, que se dá em abertura.

Palavras-chave: Cuidados Paliativos; Fenomenologia Existencial; Psicologia Hospitalar

Juliana Vendruscolo

Psicóloga; doutora; Ambulatório de Luto; UNAERP.

Email: jvendruscolo@uanerp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3881589018528044>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4023-4472>.

PROCESSOS DE LUTO VIVIDOS NA TRANSIÇÃO DE GÊNERO: UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

Candido Jeronimo Flauzino (*IFEN/SE&PQ - Brasil*)

A transição de gênero é uma vivência complexa, singular e subjetiva, que mobiliza transformações corporais, relacionais e existenciais. Para além de uma leitura biomédica e social, essa experiência pode ser compreendida pela fenomenologia existencial, que privilegia a vivência encarnada e situada do sujeito no mundo. Nesse contexto, emergem múltiplos processos de luto, não ligados à morte física, mas vivenciados como perdas simbólicas de sentido, vínculo e identidade. Segundo Colin Murray Parkes, o luto é uma resposta emocional à perda de vínculos significativos, manifestando-se em diferentes áreas da vida. No caso de pessoas trans, pode envolver o luto por partes da história que não refletem a identidade sentida, por um corpo que não espelhava seu gênero, ou por relações rompidas diante da afirmação de si. Esse processo não se resume ao sofrimento, mas à necessidade de elaborar tais perdas para possibilitar uma vivência mais plena e autêntica. Muitas vezes, trata-se do luto por um tempo vivido em desconexão com o corpo, por uma infância ou adolescência não experienciadas com autenticidade, ou por vínculos rompidos pela rejeição social e familiar. Do ponto de vista psíquico, é um caminho de reconstrução e reinvenção de si, que exige o enfrentamento de afetos ambíguos, medos e inseguranças, convocando um trabalho interno de reintegração identitária. Essas perdas não indicam arrependimento pela transição, mas sim a profundidade emocional do processo. A escuta psicológica, conforme propõe Maria Helena Franco Bromberg, deve acolher esses lutos sem patologizá-los, reconhecendo-os como atravessamentos complexos que desafiam a integridade psíquica. A ausência de reconhecimento social ou familiar pode intensificar esse sofrimento. Cuidar de pessoas trans, nesse contexto, exige um posicionamento ético e técnico, que reconheça também o luto vivenciado por familiares como possível ponte para o acolhimento e reconstrução dos vínculos. O psicólogo, assim, assume papel fundamental na escuta, empatia e mediação, atuando contra as violências estruturais. Judith Butler propõe que o luto é uma abertura ética à reconstrução de si. A transição pode ser entendida como processo de luto e renascimento, em que o sujeito se refaz no tempo, rumo a uma existência mais autêntica. Merleau-Ponty reforça essa perspectiva ao afirmar que o corpo é a condição da experiência. O corpo trans, vivido e afirmado, inaugura novos modos de presença no mundo.

Palavras-chave: Processos de luto; Transição de gênero; Percepção de corpo; Escuta clínica fenomenológica.

Candido Jeronimo Flauzino

Psicólogo clínico atuante na abordagem da fenomenologia existencial há mais de 20 anos. Doutor e Mestre pelo IPUSP. Especialista em Psicologia Hospitalar e Psico-oncologia. Autor de livros, capítulos e artigos que versam sobre morte, processos de morrer e luto. Fundador e diretor da Liberté – Saúde Mental e membro da Sociedade Brasileira de Pesquisa Qualitativa (SE&PQ).

Site: www.libertesaudemental.com.br/dr-candido-j-flauzino

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2079881210856465>

ORCID: 0000-0003-1243-8862

UMA PSICOLOGIA PARA POPULAÇÕES INDÍGENAS AMAZÔNIDAS: A FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL PARA ALÉM DE MITOS E RITOS

Ewerton Helder Bentes de Castro (UFAM - Brasil)

Desde os primórdios de nosso país, as populações indígenas ou povos originários, habitam nossas terras. Na Amazônia, especificamente no estado do Amazonas, as etnias são variadas e com diversificados hábitos, costumes e culturas. Desse modo, o que existem são culturas amazônidas com as quais o profissional de Psicologia precisa compreender. O objetivo deste trabalho é apresentar a pluridimensionalidade de experiências que, a nosso ver, precisam ser compreendidas em sua cosmologia ancestral para, a partir daí, ousarmos refletir um fazer psicológico que seja orientado para esse rico viés sociocultural e histórico, sob o viés do pensamento fenomenológico-existencial. É uma perspectiva inicial de imbricações possíveis entre a Psicologia e o contexto amazônida. São 68 povos indígenas apenas no Amazonas, como os Yanomami, Ashaninka, Tukano, Mundurucu, Baniwa, Steré-Mawé, dentre outros. Cada um com línguas, costumes, cosmogonia, cosmologia e sistemas de organização social distintos. Compreender fenomenologicamente é permitir-se e possibilitar-se aprender e apreender esses vários constructos arcaicos e, dessa forma, não apenas tentar entender a partir de pressupostos outros que não amparem esse olhar mais macro. A Fenomenologia-Existencial tem como prerrogativa olhar para o outro como Dasein, Ser-Aí, experienciando o mundo e a vida de modo muito singular, tendo, conseqüentemente, uma visada sobre si mesmo, sobre o outro, sobre a vida e sobre o mundo, amparado no contexto sociocultural e histórico cotidianamente vivenciado. É premente a necessidade de mergulharmos existencialmente com os membros dessas comunidades, apropriarmos-nos de nosso próprio olhar sobre a Psicologia diante dessa rica configuração existencial que somos chamados a co-viver. Como é ser-psicólogo diante da magnitude do ser-povo-originário, eis a questão que precisamos discutir nas academias e fora destas. O rico conhecimento das populações indígenas deve ser o fundamento a partir do qual possamos configurar uma Psicologia que se quer étnica na dimensão que este termo apresenta. Estamos sendo chamados, a partir da Fenomenologia-Existencial, a redimensionar o conhecimento psicológico para além de parâmetros herméticos, filosóficos e que até este momento têm sido inócuos no que tange à saúde mental das diversas etnias, componentes fundamentais da nossa terra brasileira.

Palavras-chave: Populações indígenas; amazonas; cosmologia; psicologia; fenomenologia-existencial.

Ewerton Helder Bentes de Castro

Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação em Psicologia (UFAM). Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN). Coordenador do Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em Manaus (FAPSI/UFAM)
E-mail: ewertonhelder@ufam.edu.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9404811031167076>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>

EIXO VI: DESAFIOS POLÍTICOS, ECONÔMICOS E SOCIAIS NA ATUALIDADE

HÁ LUGAR PARA A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL NA REDE DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL?

Ruth Escudero (*IFEN – Brasil*)

A assistência em saúde mental no Brasil sofreu profundas transformações através do Movimento da Luta Antimanicomial, que pretendia desconstruir a hegemonia do discurso psiquiátrico e o domínio de suas práticas no atendimento aos pacientes, até então, centralizadas na lógica manicomial, através de um modelo de saúde mental baseado em hospitais psiquiátricos. Com a reformulação do modelo assistencial em saúde mental, através da Lei 10.216, em 2001, há o estabelecimento de um novo paradigma, qual seja o modo psicossocial de atendimento em saúde mental, através da instituição da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Ainda que a reforma psiquiátrica tenha pretendido romper com diversos paradigmas vigentes, através da busca por ressignificar conceitos como saúde-doença, individual-social, tutela-autonomia, na prática, percebe-se a manutenção dos velhos preceitos, que se revelam, por exemplo, na obrigatoriedade por lei do profissional da categoria médica, em espaços como CAPS, enquanto a presença de outras categorias é opcional. Ou ainda nos discursos assumidos pelos próprios trabalhadores do SUS de que os atendimentos devem ser prioritariamente realizados em grupo pela falta de estrutura dos serviços e pela necessidade de atendimento ao maior número de pessoas possível, onde a lógica utilitarista, neoliberal, norteia a direção clínica a ser assumida. Reconhecemos, portanto, que o trabalho na saúde mental pública é complexo, gerando a necessidade de se pensar sobre as práticas dominantes em Psicologia neste campo. Acreditamos que a partir da perspectiva fenomenológico-existencial seja possível encontrar subsídios para fundamentar uma prática clínica que se desenvolva através da valorização da condição existencial, pela via da reflexão, do pensamento que se demora, do pacientar, diferenciando-se deste modo, das intervenções educativas ou interpretativas clássicas. O que se pretende é que o usuário possa ganhar liberdade_ de dizer sim e não_ às determinações do mundo. A atuação do psicólogo deve ser dinâmica e não se restringir a atendimentos ou atividades com indivíduos isolados, abrangendo também práticas coletivas, tais como, a realização de grupos de psicoterapia. Porém, muito mais do que contemplar um maior número de pessoas atendidas e resolver um problema matemático frente a uma demanda por atendimento psicológico crescente, entendemos que realizar atendimentos em grupo, em dispositivos da RAPS, deve ter como objetivo, criar espaços onde seja possível, através do compartilhamento das experiências vividas por seus membros, reconhecer a maneira como o participante compreende e dá sentido aos eventos que ocorrem em seu cotidiano.

Palavras-chave: Rede de Atenção Psicossocial; Clínica Psicológica, Perspectiva fenomenológico-existencial.

Ruth Silva Escudero

Psicóloga. Mestre em Psicologia (UFF), Especialista em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-Existencial (IFEN) e em Redes de CAPS AD (UFRJ). Graduada em Psicologia (UFRJ). Sócia e professora colaboradora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). Psicóloga da Prefeitura Municipal de Macaé. Email: escuderopsi@yahoo.com.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1480943266652745>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9868-859X>.

O CONSELHO TUTELAR, A ASSESSORIA EM PSICOLOGIA E O ENFRENTAMENTO ÀS VIOLAÇÕES DE DIREITOS

Mírian Coelho Serra (*Espaço Ser - Brasil*)

Preconizado no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no art. 131, o Conselho Tutelar é um órgão municipal que zela pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente, podendo denunciar e corrigir omissões nas políticas locais de atendimento. No cotidiano do seu trabalho, os conselheiros tutelares encontram desafios diversos como garantir uma estrutura de trabalho adequada, fortalecer as capacidades e o conhecimento técnico sobre os direitos humanos, sua violação e o enfrentamento das violências. Diante desses desafios, podem solicitar o auxílio de profissionais técnicos nas áreas do Direito, Assistência Social, Psicologia, Medicina, Educação etc., a fim de subsidiar suas decisões em conhecimentos técnico-científicos que efetivamente garantam a defesa desses direitos. Não há legislação, no âmbito do Sistema Conselhos de Psicologia, que regule o trabalho de psicólogas(os) em Conselhos Tutelares, contudo a participação desses profissionais contribui para a garantia dos direitos fundamentais de crianças e adolescentes ao propiciar a articulação imprescindível entre os serviços das Redes – Rede de Proteção e Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e Rede Socioassistencial, de modo a definir estratégias de trabalho eficazes para a atuação dos conselheiros, como apontado na Nota Orientativa da Comissão Permanente de Orientação e Fiscalização (COF) do Conselho Regional de Psicologia de Goiás, em 2023. Ademais, as(os) psicólogas(os) podem fomentar a qualificação técnico-científica ao criar espaço para discussões que estimulem a capacidade crítica dos conselheiros em seus posicionamentos diante das vulnerabilidades presentes nos casos atendidos, de forma que possam tanto expor as próprias fragilidades (sensação de impotência, incapacidade, angústia e medo, e limitações) diante das situações de violência e violação de direitos encontradas diariamente em seu trabalho quanto compreender a complexidade e a singularidade dessas situações de forma laica e sem preconceitos, ampliando o alcance e a resolutividade das ações de proteção e defesa dos direitos infanto-juvenis nas instâncias (inter)pessoal e sócio-política e a oferta de um atendimento humanizado e ético.

Palavras-chaves: Atuação da Psicóloga; Conselho Tutelar; Qualificação técnico-científica; Violação de direitos; Violências.

Mírian Coelho Serra

Psicóloga e Supervisora Clínica Institucional, CRP-04 34203. Especialista em Saúde Pública (Escola de Saúde Pública de Minas Gerais/MG) e em Assistência ao Usuário de Álcool e Outras Drogas (FHEMIG e ISEIB/MG). Formação de profissionais de Psicologia e áreas afins para atuação clínica em situações de suicídio na perspectiva fenomenológico-existencial (IFEN/RJ). Graduada em Psicologia (Univale/MG). Assessoria técnica em Psicologia ao Conselho Tutelar do município de Ipatinga/MG. Supervisão Clínica Institucional em Saúde Mental ao CAPS do município de Timóteo/MG.

E-mail: miriancoelhoserra@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2258415423456287>

REFLEXÕES SOBRE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO: QUAL A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO?

Patricia Aparecida Barbosa Da Silva (*FIRB – Brasil*)

A implementação da inclusão escolar nas instituições de ensino brasileiras evidencia a distância entre o que é previsto em lei e a realidade vivenciada no cotidiano das escolas. Embora existam legislações e políticas públicas que assegurem o direito de todos os alunos a uma educação inclusiva, sua efetivação ainda enfrenta entraves práticos. O presente trabalho tem como objetivo analisar a efetividade da inclusão escolar, refletindo sobre a aplicação das diretrizes inclusivas no ambiente escolar e os principais desafios que limitam sua consolidação. Entre os obstáculos identificados, destacam-se as dificuldades dos professores em adaptar suas práticas pedagógicas para atender à diversidade de alunos, muitas vezes em razão da falta de recursos, infraestrutura e apoio especializado. Além disso, a formação inicial e continuada dos educadores desempenha papel fundamental, já que influencia diretamente sua capacidade de atuar de forma inclusiva. A ausência de uma preparação sólida para lidar com diferentes necessidades educacionais gera insegurança e limitações no processo de ensino-aprendizagem. Outro ponto relevante é a contribuição da Psicologia, que se mostra essencial tanto no suporte aos alunos, favorecendo seu desenvolvimento integral, quanto no apoio aos professores, ajudando-os a compreender e enfrentar as demandas do cotidiano escolar. O trabalho interdisciplinar entre Psicologia e Pedagogia também aparece como estratégia necessária para fortalecer a inclusão, possibilitando a troca de saberes e a construção de práticas mais humanizadas e eficazes. A metodologia utilizada para este estudo foi baseada em análise documental e revisão de literatura, realizadas em plataformas digitais e repositórios acadêmicos, o que permitiu reunir diferentes perspectivas teóricas sobre o tema. Os resultados apontam que, apesar dos avanços alcançados no campo legal e conceitual, a inclusão escolar demanda investimentos contínuos em formação profissional, estrutura adequada e valorização da diversidade. Conclui-se que a inclusão escolar é um processo em construção, que exige compromisso coletivo, apoio institucional e políticas públicas que se transformem em práticas efetivas, garantindo uma educação verdadeiramente inclusiva e de qualidade para todos.

Palavras-Chave: Inclusão Escolar; Realidade Escolar; Psicologia Escolar.

Patricia Aparecida Barbosa Da Silva

Discente de Bacharel em Psicologia – FIRB – Faculdades Integradas Rui Barbosa.

Discente em Formação de Gestalt-Terapia Instituto Gestalt Paraná.

Email: rogeriopatricia81@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4251976159270536>

SOLASTALGIA E O DESAMPARO EXISTENCIAL CONTEMPORÂNEO

Fernando da Rocha Magliano (*IFEN – Brasil*)

A solastalgia, conceito introduzido pelo filósofo ambiental Glenn Albrecht, aponta para o estado de mal-estar e desconforto relativo às mudanças climáticas e a degradação ambiental em curso no planeta. No atual estágio da civilização humana, marcado por crescentes transformações ambientais e pelos desafios de vivermos em um mundo cada vez mais hostil e imprevisível, a noção de solastalgia denota um fenômeno existencial complexo, por retratar mais do que uma simples resposta emocional à crise ecológica vigente, mas, sim, abrangendo problemas relativos à identidade humana e nossa relação com o espaço, o tempo e a vida em sociedade. Em vista disso, propomos aprofundar a compreensão do fenômeno da solastalgia como ponto de partida para uma reflexão sobre o contemporâneo desamparo e a vulnerabilidade humana em sua esfera ecológica e ambiental, bem como em suas implicações a nível social e existencial. O impacto da destruição ambiental e da emergência climática revelam-se, com efeito, como um fator desestabilizador da relação entre a humanidade e seu espaço vital, levando à ruptura de vínculos simbólicos e afetivos com o mundo em que habitamos. Tais fenômenos não somente ameaçam a integridade do ecossistema, mas solapam, simultaneamente, o equilíbrio psicológico de comunidades, especialmente aquelas que dependem de uma conexão profunda e funcional com a terra. Em uma perspectiva existencial, a solastalgia expõe a nossa fragilidade ontológica frente as forças desordenadas da civilização pós-industrial. A erosão do ambiente essencial à vida humana pode ser entendida, assim, como derivada de uma crise de sentido no mundo contemporâneo, com sua correspondente alienação e sensação de desamparo. Em vista disso, sentimentos como ansiedade ecológica e luto ambiental tornam-se sintomáticos de uma condição humana incapaz de encontrar solidez em um mundo ameaçado por um crônico processo de deterioração. A solastalgia compreende, por fim, a experiência vivida da perda da segurança no presente, isto é, a dor de viver em um mundo em franca dissolução, marcada por um deslocamento e pela gradual subtração das condições que suportam e amparam a pluralidade da vida humana sobre o planeta, sendo assim, um conceito chave para a compreensão dos desafios da saúde mental global no horizonte das mudanças climáticas.

Palavras-chave: Solastalgia; Glenn Albrecht; Desamparo existencial; Mudanças climáticas; Mal-estar contemporâneo.

Fernando da Rocha Magliano

Psicólogo, educador somático em formação (BMM/BR). Mestre em Psicologia Clínica (UFF) e doutor. Com estágio pós-doutoral, em Psicologia Social (UERJ). Sócio-colaborador IFEN.

Email: fernandomagliano@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1346255481331990>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8798-3825>.

TRABALHO, MOTIVAÇÃO E EXISTÊNCIA: OS CONTORNOS ENTRE O PENSAR CIENTÍFICO E A FENOMENOLOGIA-HERMENÊUTICA

Elina Eunice Montechiari Pietrani (UVA/IFEN – Brasil)

A motivação relacionada ao trabalho tem sido uma questão significativa no campo de estudos da Psicologia, considerada como um elemento que pode potencializar a produtividade do homem. Ou seja, quanto mais motivada a pessoa, mais produtiva ela se tornaria. Baseado no modo de pensar científico, os estudos acerca da motivação vêm buscando esquadriñar tal questão por meio de parametrizações e pesquisas quantitativas, de modo que, tangenciando a motivação do trabalhador, a organização possa orientar ações que possibilitem o alcance dos objetivos organizacionais. Nesse sentido, os estudos se dividem entre aqueles que apontam a motivação como de ordem interna ao indivíduo e aqueles que defendem que ela é determinada por aspectos externos. Seja como for, a motivação do homem em sua relação com o trabalho passou a ser alvo de controle e domínio, com vistas à obtenção de resultados. Entretanto, observa-se que reduzir a motivação apenas a essa condição produtivista, orientada por cálculos e delimitações prévias, seja de ordem interna ou externa, pode encobrir outras possibilidades que podem estar em jogo na relação da pessoa com o trabalho. Assim, como pensar a motivação no trabalho por outras vias que não seja apenas pelo modelo técnico-calculante e orientada a resultados? A psicologia fenomenológico-hermenêutica em Martin Heidegger tem como fundamento o ser-no-mundo, e considera que nossa constituição como homem se dá radicalmente na relação com o mundo historicamente estabelecido. Para o filósofo, a motivação mais originária não é de natureza interna ou externa, ela se constitui na relação que a pessoa estabelece com a situação e os sentidos que emergem nessa relação, dentro do contexto em que ambos – homem e mundo - se articulam. Assim, o objetivo deste estudo é refletir acerca da questão da motivação relacionada ao trabalho, pelo olhar fenomenológico-hermenêutico. Nessa perspectiva, podemos pensar a motivação para o trabalho como um aspecto que surge do ser-livre do homem, que, interpelado pelo campo, se posiciona de um modo ou de vários outros possíveis. A motivação se daria no *entre* da relação homem-mundo, na singularidade e na universalidade que a constitui. Consideramos, assim, que pensar a motivação relacionada ao trabalho como do âmbito da interioridade ou da exterioridade, passível de ser mensurada e controlada, implica pensar tal questão como uma relação objetificada e fragmentada em sua totalidade existencial. O *articular-se* do homem frente ao trabalho não provém de uma pulsão biológica ou de um condicionamento externo, mas da experiência do encontro homem-mundo.

Palavras-chave: Motivação; Trabalho; Psicologia fenomenológico-hermenêutica.

Elina Eunice Montechiari Pietrani - Doutora e mestra em psicologia social pela UERJ, psicóloga pela PUC-Goiás, especialista em psicologia clínica pelo IFEN, especialista em gestão empresarial pela UFRJ, docente na Universidade Veiga de Almeida e no Centro Universitário Arthur de Sá Earp Neto (UNIFASE). Coordena o grupo de pesquisa *A psicologia fenomenológico-existencial no contexto das organizações de trabalho* (IFEN).

E-mail: elinapietrani@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6133798090456690>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4596-1596>.

EIXO VII: A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO EM SITUAÇÕES LÍMITES: SUICÍDIO, GUERRAS, DESASTRES, REFUGIADOS

AS ARTES VISUAIS COMO PORTA PARA O DIÁLOGO SOBRE SUICÍDIO

Cintia Fasano Leão (IFEN - Brasil)

Tabus, moral, ética, cultura, suicídio e arte. Essa sequência de palavras faz um conjunto inquietante de pensamentos. Entender onde começa a moral e entra a ética ou avaliar nossa própria cultura quando abordamos temas complexos da experiência humana, tais como o suicídio, é uma tarefa desafiadora. Frequentemente somos guiados por ideias e hábitos pré-concebidos, especialmente em relação ao tabu que envolve essa temática. Utilizando a arte como fonte de pesquisa, tanto do imaginário coletivo quanto das emoções, podemos ver o artista como um cobaia do sentimento, sendo ele expresso materialmente através da arte. Alguns artistas são realmente potentes em expor seus sentimentos profundos e de forma verdadeira, e um deles foi Frida Kahlo (1907–1954). A mensagem de abertura do seu site oficial diz: “*Minhas pinturas carregam consigo a mensagem de dor*”. E em uma dessas mensagens, Frida nos doou uma reflexão sobre o suicídio. Seu quadro, intitulado “*O Suicídio de Dorothy Hale*” (1939), provoca discussões sobre a moralidade do tema ao representar o ato de forma direta, desafiando a ótica convencional que sugere o silêncio em torno da morte voluntária. A questão relevante é que, ao contemplar o quadro, vemos um espaço para abertura de diálogo respeitoso e profundo sobre saúde mental e a desestigmatização do tema, à luz da vivência de Kahlo como artista, da história por trás do quadro e da liberdade em sua própria existência. Pensando através da metodologia fenomenológica-hermenêutica e na valorização da experiência subjetiva do indivíduo. É possível analisar o quadro em questão, tanto como um objeto que atravessa diferentes contextos culturais e transcende o tempo, quanto um texto visual, que utiliza aspectos formais da arte, se conectando ao espectador através da subjetividade da linguagem artística. A imagem amplia o poder de comunicação entre as pessoas. A comunicação imagética se dá em uma estrutura completamente única, pois nessas imagens residem os pontos de encontro da experiência humana. Sendo assim, enfatizamos que a pintura de Kahlo oferece uma plataforma para refletirmos sobre a complexidade das escolhas individuais e o respeito à autonomia das experiências de vida e, através desse respeito, poderemos amparar os enlutados de maneira humana e consciente. A contemplação artística pode atuar como um ato terapêutico, incentivando diálogos necessários e rompendo tabus sociais. Ao acolher a representação do suicídio na obra de Kahlo, respeitamos as múltiplas dimensões da existência humana e abrimos caminho para uma compreensão mais profunda do sofrimento.

Palavras-chave: Arte; Comunicação imagética; Frida Kahlo; Saúde Mental; Subjetividade.

Cintia Fasano Leão

Multiartista e arte-educadora. Possui graduação em Comunicação Social pelo Centro Universitário IESB de Brasília, licenciada em artes visuais e pós-graduada em arteterapia e saúde mental.

E-mail: cintiafasano@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2285390996892103>

ORCID: 0009-0003-1808-7888

O SUICÍDIO COMO CONDIÇÃO À LIBERDADE EM HEIDEGGER, BISWANGER E PIZZARNIK

Tiago Rodrigo Duda (*Universidade de Buenos Aires – Argentina*)

O presente trabalho se propõe a investigar a intrincada relação entre o suicídio e a liberdade essencial do Dasein, fundamentando-se nas reflexões filosóficas de Martin Heidegger, ao passo que realiza um diálogo enriquecedor com o pensamento de Ludwig Binswanger, especialmente em sua obra *Três formas da existência malograda*. A análise proposta se insere em um contexto histórico e cultural onde o suicídio é preponderantemente abordado através de um prisma patológico, sufocando assim sua dimensão filosófica postulada como uma questão, que toca o cerne da condição humana: a liberdade de ser e de poder deixar de ser. Argumentamos que o suicídio, enquanto uma possibilidade existencial do Dasein, não deve ser encarado apenas em uma perspectiva de uma escolha doentia, mas refletir a seu respeito revela uma abertura a novas e profundas possibilidades de ser. Esta dualidade da não escolha do suicídio, por sua vez, revela a aceitação das alternativas disponíveis ao Dasein, refletindo sobre a essência da liberdade que nos define como seres humanos. Para embasar esta argumentação, realizaremos uma análise cuidadosa de textos fundamentais de Heidegger, com especial ênfase no ensaio *Essência da Liberdade Humana*, e incorporaremos as considerações de Binswanger, que iluminam as diversas manifestações de uma existência. Faço referência direta a essa obra de Heidegger de modo a circunscrever a que momento em meio a sua vasta obra irei me deter. Além disso, em um estudo de caso, exploraremos os diários de Alejandra Pizarnik, cuja vida e obra culminaram em seu suicídio em 1972. Através de suas reflexões íntimas, argumentamos que a decisão de Pizarnik pode ser entendida como uma escolha legítima, em consonância com a concepção de liberdade que emergiu nas reflexões de Heidegger e Binswanger. Este trabalho visa não apenas enriquecer o debate filosófico acerca da natureza das escolhas humanas e da liberdade, mas também subsidiar discussões práticas sobre o manejo clínico do suicídio. É imperativo tematizar adequadamente este assunto polêmico, desafiando preconceitos que envolvem a questão do suicídio e propondo uma nova perspectiva que valorize a complexidade da experiência existencial humana, permitindo que as nuances do ser se manifestem em sua totalidade.

Palavras-chave: Suicídio; Liberdade; Dasein; Alejandra Pizarnik; Heidegger; Binswanger.

Tiago Rodrigo Duda -

Formado em Psicologia na PUC-SP em 2005, formação clínica em Daseinsanálise na Associação Brasileira de Daseinsanálise – ABD, especialização em Psicologia Clínica pelo IFEN, doutorando em Psicologia Clínica pela Universidade de Buenos Aires. E-mail: tiagodudapsi@gmail.com

OS DILEMAS ÉTICOS NA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO EM SITUAÇÕES DE SUICÍDIO – MORTE ASSISTIDA

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa (*IFEN/ALPE – Brasil*)

A vida humana e sua manutenção se apresentam como o marco central de nosso momento histórico. Nesse contexto, o ato de dar fim à própria existência provoca inquietações, sendo frequentemente compreendido como uma interrupção do fluxo natural da vida e, por isso, passível de intervenção e contenção. O suicídio é um fenômeno histórico e universal, presente em todas as culturas, religiões, faixas etárias, gêneros e classes sociais. Por sua complexidade, se mantém como tema de contínuo debate nos âmbitos social, religioso, filosófico, científico, político e moral. Nos últimos tempos, tem-se intensificado a discussão pública sobre a morte assistida, impulsionada por casos de pessoas que buscam encerrar a própria vida chancelados pelos meios legais. Esse movimento reivindica que a decisão de dar fim à vida deixe de ser considerada uma conduta clandestina ou desviante, passando a ser reconhecida como um direito civil respaldado pela legislação, com base nos princípios de liberdade e igualdade. A morte assistida já está legalizada em países da Europa Ocidental como: Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Suíça e Espanha. Na América do Norte, Canadá e 5 dos cinquenta estados dos Estados Unidos: Oregon, Washington, Montana, Vermont e Califórnia apresentam legislação que permitem o suicídio assistido, ainda que nem todos autorizem a eutanásia. Na América Latina, apenas a Colômbia legalizou a eutanásia. As leis e critérios adotados para a realização do suicídio assistido e a eutanásia diferem em cada um desses países, e apresentam terminologias que inclui expressões como “auxílio médico para morrer” (Canadá), “ato sobre cuidados no fim da vida” (Quebec) e “direito à morte com dignidade” (Colômbia), evidenciando abordagens ético-legais distintas sobre o tema. No Brasil, a eutanásia é categorizada como homicídio, conforme o artigo 121 do Código Penal. No entanto, o debate cresce nos campos jurídico, científico, filosófico e religioso. Nesse cenário, propõe-se refletir sobre os critérios utilizados para autorizar ou vetar o suicídio assistido e o papel ético do psicólogo nesse processo. A ciência, no afã de perseguir a eficiência através da lógica, desconsidera sua insuficiência e deixa de ver outros modos de se alcançar a existência humana. Desse modo, torna-se imperativo que a Psicologia se posicione com relação aos limites e possibilidades nessa modalidade de atuação.

Palavras-chave: Morte voluntária; Suicídio; Suicídio assistido; Eutanásia; Ética.

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa - Psicóloga. Especialista em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-Existencial. Sócia fundadora e atual Presidente do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro - IFEN. Professora e Supervisora do Curso de Formação de profissionais de Psicologia e áreas afins para atuação clínica em situações de suicídio na perspectiva fenomenológico-existencial do IFEN. Pesquisadora pelo Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil, CNPq na linha de pesquisa Psicologia Clínica e Filosofia da Existência e Pesquisadora pelo Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial da UERJ. Coordenadora Editorial da Edições IFEN. Atua na área de Psicologia Clínica em consultório particular, na perspectiva Fenomenológico-Existencial.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8057941692412679>

E-mail: Bernadete.lessa@gmail.com

ORCID: 0000-0003-0769-5127

SER-PARA-A-MORTE: UM ESTUDO COM BOMBEIROS COMBATENTES E A LIDA DA MORTE

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (*UERJ/IFEN – BRASIL*)

Kelli Cristina Santos Bastos (*UERJ – BRASIL*)

A lida com a morte adquire diferentes roupagens conforme seu contexto histórico. No contemporâneo, marcado pela busca por respostas imediatistas e justificadoras da realidade, onde tudo precisa ter um “para quê”, a finitude segue enigmática, em razão de seu completo afastamento da obviedade. Para que morremos? Para onde vamos no *post-mortem*? Como forma de resolver essa falta de gerência sobre o fim existencial, o ser-no-mundo, como diz Heidegger, tende a tratar a morte com impessoalidade e afastamento, perdendo a oportunidade de experimentar uma vida autêntica — aquela que só é possível no confronto com a própria finitude. Neste contexto, esta investigação tem por objetivo compreender os sentidos atribuídos pelos bombeiros militares à experiência do fim da vida, explorando como a vivência dos resgates influencia o modo de ver a possibilidade do próprio desenlace, quanto dos óbitos humanos presenciados nas emergências. O estudo é o recorte de uma pesquisa em andamento de abordagem mista, que investiga três categorias de participantes: combatentes, guarda-vidas e especialistas da saúde. Destacam-se, por ora, apenas os achados qualitativos oriundos das entrevistas constituídas por três questões: Fale sobre o sentido da morte; Como é para você confrontar-se com a morte do outro em sua prática de trabalho? Como é para você imbuir-se de uma tarefa em que a sua morte se mostra sempre proeminente? A amostra foi composta por 30 combatentes atuantes em operações de salvamento no estado do Rio de Janeiro. Os dados foram analisados segundo o método fenomenológico-hermenêutico de Feijoo e estruturados em três etapas: Reconstrução Fenomenológica, Destruição Fenomenológica e Construção Fenomenológica. Os bombeiros evidenciaram o caráter desafiador da prática operacional e atribuíram à morte três sentidos principais: indiferença, crença espiritual e a valorização da finitude como elemento que fornece sentido à vida. Diante da morte alheia relataram comoção intensa — especialmente em óbitos infantis ou de colegas — mas também indiferença em algumas situações. Quanto à possibilidade da própria morte, evitam refletir ou falar sobre ela, confiando nos treinamentos para gerir riscos, enquanto encontram na profissão uma fonte de realização e propósito que justificam seu engajamento. Entende-se que estudo traz benefícios para o campo laboral e da tanatologia, pois não apenas ilumina a experiência dos bombeiros com a finitude, mas oferece ferramentas para repensar socialmente o tema sob uma nova perspectiva.

Palavras-chaves: Psicologia; Tanatologia; Emergência; Socorrista; Profissão.

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo.

Doutora e Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro do departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

E-mail: anamariafeijoo@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6262781863415292>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3064-3635>

Kelli Cristina Santos Bastos.

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Tenente-Coronel do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro.

E-mail: drakelli.bastos@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0114401530043802>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8899-4307>

A stylized map of South America is shown in a light yellow color, set against a background of a globe with green and brown diagonal stripes. The map is positioned on the right side of the image, with the continent's outline clearly visible.

SESSÃO COORDENADA

EIXO I: PRÁTICAS BASEADAS EM EVIDÊNCIAS

ANÁLISIS FENOMENOLÓGICO HERMENÉUTICO DE LA EXPERIENCIA DE ABUSO SEXUAL INFANTIL EN UN HOMBRE ADULTO

Alejandro Bravo Pérez (*Universidad Humanista Hidalgo – México*)

El objetivo de este Análisis de caso es la descripción fenomenológica hermenéutica de la experiencia de abuso sexual infantil en un hombre adulto que recordó haber sido abusado sexualmente. Por consiguiente, el sujeto al asistir a terapia lo hace refiriendo que vive constantes ataques de crisis de ansiedad sin conocer el motivo que los provoca. Para empezar, como lo refiere Heidegger, se está en un constante estado de caída. Existiendo vacíos de ser. Vacíos porque se ha caído en el olvido social y a su vez en el olvido de sí mismo. El análisis fenomenológico hermenéutico inicia por preguntar por lo no dicho de lo dicho por el sujeto, porque en cuestiones del ser humano, no se conoce lo que está sintiendo en esos constantes ataques de crisis de ansiedad que vive. Como tal, si puede mirarse su comportamiento, pero no se sabe en un principio nada sobre lo que le está ocurriendo. Por consiguiente, se pregunta para clarificar la experiencia y al hacerlo ofrezca como una iniciativa que el paciente recupere la posibilidad de poder-ser. Por lo tanto, en un principio los constantes ataques de crisis de ansiedad son una posible referencia de como cuando alguien es sometido a experiencias profundamente dolorosas, el poder, de poder-ser, ha sido quitado y por consiguiente el sujeto puede sentir que sus posibilidades son reducidas. En estas circunstancias el método fenomenológico hermenéutico lo que propone es un interés por comprender la experiencia como pocos la entienden. Las preguntas van de la mano con el interés, porque es imposible vislumbrar con totalidad la experiencia del ser, preguntar es un interés por intentar comprender de una manera diferente. Se pregunta, porque al hacerlo se tematiza la sesión, lo que dará un orden lingüístico y una experiencia. Así que lo innombrable y lo que no está claro en un principio se tendrá que ir clarificando conforme se haga una nueva pregunta. En conclusión, se pregunta para concretar. A esto Heidegger le llamará el punto de partida, y el punto de partida permitirá clarificar lo que en un principio parece abrumador y hostil para el sujeto. El Análisis fenomenológico hermenéutico es hacer una pausa, para preguntar por eso que ha sido olvidado. Aquello por lo que debe ser en un principio la pregunta para embarcarse en más preguntas. Heidegger planteará la pregunta por el sentido del ser. Un terapeuta existencial, principia por preguntar ¿quién es él?

Palabras clave: Poder-Ser; Posibilidades; Ansiedad; Clarificar; Abuso Sexual.

Alejandro Bravo Pérez:

Especialista en Diálogo-Existencial (por el Círculo de Estudios en Terapia Existencial) Maestrante en Psicoterapia Humanista Existencial con enfoque Gestalt (por la Universidad Humanista Hidalgo) Maestro en Análisis Existencial-Fenomenológico (por el Círculo de Estudios en Terapia Existencial) formación en Trabajo con Grupos Terapéuticos desde la Mirada Fenomenológico-Existencial (Por el Círculo de Estudios en Terapia Existencial) Actualmente continuo mi formación en el Doctorado en Terapia Gestalt de Campo (en la Universidad Humanista Hidalgo)
Email: cypesc@gmail.com

A EVIDÊNCIA ONTOLÓGICA COMO FUNDAMENTO CIENTÍFICO DA VALIDADE CLÍNICA

Crisóstomo Lima do Nascimento (*UFF - Brasil*)

Daniel Fonseca Ferreira (*UENF - Brasil*)

Rayssa Silva de Medeiros (*UFF - Brasil*)

Tamara Cecília Rangel Gomes (*UENF - Brasil*)

A prática clínica em psicologia, nos últimos anos, orientou-se amplamente pela busca de "evidências", compreendidas dentro de paradigmas empírico-técnicos que associam evidência à verificação mensurável de efeitos. Contudo, no âmbito das ciências humanas e, especialmente, da Daseinsanálise fundada no pensamento de Martin Heidegger, torna-se necessário reconfigurar o próprio sentido de "evidência" e de "validação". Nos *Seminários de Zollikon*, Heidegger propõe uma compreensão fenomenológica do evidente (*Offenkundige*), entendendo-o como aquilo que se mostra em seu desvelamento próprio, anterior a qualquer objetivação empírica. Essa compreensão radicaliza críticas já delineadas em *Ser e Tempo*, onde a verdade não é definida como adequação ou evidência perceptiva, mas como desvelamento (*aletheia*) do ser. Em *Sobre a essência da verdade*, Heidegger aprofunda essa crítica, mostrando que a tradição moderna reduziu a verdade à certeza evidente e perdeu a abertura originária do ser. Assim, a evidência genuína não se confunde com a produção de certezas técnicas, mas se refere à dação originária (*Gegebenheit*) do ser. O presente estudo investiga a possibilidade de um fundamento ontológico para a validade clínica, tomando a evidência enquanto manifestação da verdade do ser-no-mundo. A questão norteadora se dá em como repensar a prática baseada em evidências a partir de uma fenomenologia da dação do fenômeno, rompendo com pressupostos técnico-empíricos de efetividade. A metodologia adotada é uma análise hermenêutica dos conceitos de desvelamento, existência (*Dasein*) e fundamento (*Grund*), com foco nas reflexões de *Ser e Tempo*, *Sobre a essência da verdade* e dos *Seminários de Zollikon*. A discussão mostra que a validade clínica não deve ser medida pela eficácia técnica, mas pela capacidade de perdurar no desvelamento singular do ser do paciente. Conclui-se que práticas clínicas baseadas em evidência ontológica requerem o reconhecimento da dação fenomenológica como verdadeiro fundamento, deslocando o foco da mera produção de efeitos para a responsabilidade ética perante a manifestação do existir.

Palavras-chave: Ontologia; Validade clínica; Daseinsanálise; Desvelamento; Evidência Fenomenológica.

Daniel Fonseca Ferreira.

Mestrando em Cognição e Linguagem da Univ. Estadual do Norte Fluminense (UENF); Graduação em Psicologia na Univ. Federal Fluminense (UFF Campos); cursando Especialização no Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN); Formação em Daseinsanálise (Rede Existências). Psicólogo no CAPS III - Nova Friburgo/RJ e CAPS I - Aperibé/RJ; Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Fenomenologia e Filosofias da Existência (NEPPFFE).

E-mail: matcdan@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3478845939386836>

ORCID: <http://orcid.org/0009-0008-7135-3600>

Rayssa Silva de Medeiros.

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense; Aluna pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Fenomenologia e Filosofias da Existência (NEPPFFE); Monitora bolsista do Programa de Iniciação à Docência das disciplinas de Psicologia Existencial e Humanista e Estudos Avançados em Psicologia Clínica (2022-2024) e atualmente é monitora voluntária das mesmas disciplinas por intermédio do Departamento de Psicologia da UFF-Campos.

E-mail: rayssamedeiros@id.uff.br;

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2425066582744687>;

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1989-4188>

Tamara Cecília Rangel Gomes.

Doutoranda em Cognição e Linguagem pela UENF; Mestre em Gestão e Avaliação da Educação Pública pela UFJF. Especialista em História do Brasil pela PUC-Minas; Professora de História da Rede Estadual do Rio de Janeiro.

E-mail: tamaracrangelgomes@gmail.com;

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9655423419139890>;

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2161-555X>

Crisóstomo Lima do Nascimento.

Pós-doutor em Ciências da Religião pelo PPG da PUC-Campinas; Prof. Adjunto da Univ. Federal Fluminense (UFF); Prof. do PPG em Cognição e Linguagem da Univ. Estadual do Norte Fluminense (UENF); Coord. do GT Fenomenologia, Saúde e Processos Psicológicos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP); Integrante e membro fundador da ABRAPFE; Coord. do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Fenomenologia e Filosofias da Existência (NEPPFFE).

E-mail: crisostomolima@id.uff.br;

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3298272647948258>;

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8764-5220>

O MÉTODO FENOMENOLÓGICO E AS EVIDÊNCIAS DO DESVELAMENTO DO DASEIN: UM ESTUDO DE CASO

Isabel Cristina Carniel (*UNIP – Brasil*)
Renata Thaís dos Santos Barbosa (*UNIP – Brasil*)

O método fenomenológico apresentado por Husserl e seguido por Heidegger mostra-se como possibilidade de investigação clínica na aproximação do fenômeno que se encontra velado. Neste sentido, o Dasein só será compreendido a partir de sua própria perspectiva, podendo levar ao desvelamento ou ocultação de seu modo de existir. A supervisão de atendimentos realizados por estagiários do quinto ano de psicologia tem ampliado a compreensão das situações clínicas experienciadas, podendo expandir o olhar diante daquilo que, ora se desvela, ora se esconde. A experiência da supervisora ao acompanhar situações apresentadas visa ampliar o olhar do estagiário para possibilidades até então não evidenciadas. O presente trabalho traz um estudo de caso ocorrido em uma clínica escola de psicologia no interior do Estado de São Paulo com uma criança de 12 anos. Diante das narrativas houve o desdobramento de suas vivências para além de um único fenômeno revelado pela mãe: a seletividade alimentar. Tem por objetivo mostrar que o método fenomenológico contribui para o desvelar do Dasein. A criança era atendida desde 2022 nessa mesma clínica escola e, só no ano de 2024, através da clínica pautada na atitude fenomenológica, outras vivências de sofrimento existencial puderam ser compreendidas, levando ao desvelamento do conjunto de manifestações que em nosso horizonte histórico podem representar a categoria diagnóstica do Transtorno do Espectro Autista. Importância da escuta qualificada e do acolhimento partindo dos modos próprios do seu existir. A coleta de dados foi realizada através das supervisões clínicas dos atendimentos psicoterapêuticos, com total de 22 sessões. Durante os atendimentos a mãe trazia apenas queixas da seletividade alimentar da criança, mesma preocupação desde 2022, o que induzia estagiários ao foco na queixa inicial. Em 2024, quando a criança retorna aos atendimentos, já na abordagem Fenomenológico-Existencial, a supervisora solicita que a estagiária suspenda a queixa inicial buscando compreender sem pressa ou apego *a priori* outras demandas que, porventura, se mostrassem a partir da própria criança. Embora não fosse a pretensão do atendimento fechar um diagnóstico, no caso aqui descrito, o desvelamento do conjunto de experiências da criança denominado em nosso horizonte histórico como TEA, trouxe para mãe e filho, possibilidades de encaminhamento para profissionais especializados e cuidados com aspectos que estavam sendo desprezados ao se focar apenas nas dificuldades alimentares da criança. Ao final dos atendimentos, a mãe afirma ser a primeira vez a receber uma devolutiva que lhe trouxesse sentido para compreender o modo de existir do filho.

Palavras-chave: Método fenomenológico; Supervisão; Desvelamento; Dasein.

Isabel Cristina Carniel

Psicóloga, especialista em Fenomenologia-existencial, mestre e doutora, docente e supervisora de estágios da graduação em psicologia pela Universidade Paulista (UNIP), docente, orientadora e pesquisadora do Programa de Mestrado Profissional em Práticas Psicossociais em Saúde Mental da UNIP de Ribeirão Preto.

Email: isabel.carniel@docente.unip.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9354664954185513>

Renata Thaís dos Santos Barbosa

Psicóloga, especialista em psicologia clínica Fenomenológico-existencial, mestranda em saúde mental, docente e supervisora de estágios da graduação em Psicologia pela Universidade Paulista (UNIP).

Email: renata.barbosa1@docente.unip.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2354526091877670>

**EIXO II: A CLÍNICA PSICOLÓGICA EM
DIFERENTES MODALIDADES: INDIVIDUAL,
GRUPO, CASAL, INFANTOJUVENIL**

A CLÍNICA COMO *KLINAMEN* NO CUIDADO À SAÚDE MENTAL INFANTIL

Rosa Angela Cortez de Brito (*UFMT – Brasil*)
Victor Angelo Monteiro Lemos (*UFMT – Brasil*)

Historicamente, a construção gradual de um sentimento de infância perante a sociedade influenciou na natureza do tratamento ofertado a este público. A forma como se pensava e dispunha o cuidado ao infante nos campos *psis* refletia um contexto ainda fortemente demarcado por um olhar adultocêntrico. Este olhar se refletia na atenção ofertada à criança, pelo espelhamento do modelo psiquiátrico adulto, concebida diante de uma perspectiva patologizante da infância. Associada a um discurso medicalizador dos fenômenos infantis, que enxergam as crianças de forma indiscriminada entre elas, suas experiências acabam agrupadas em categorias diagnósticas, partindo de um pressuposto de normalidade ideal da infância. Na contramão desta ideia, as atividades desenvolvidas nos Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi) fortalecem a autonomia do usuário, preservando o protagonismo no tratamento e a sua história de vida, sem desconsiderá-lo diante do diagnóstico. Esta proposta diverge da ideia tradicional da clínica enquanto *kline*, que remete à prática médica e à noção de um tratamento dependente do profissional, no qual o paciente apenas o recebe passivamente, algo comum na prática clínica com crianças. Na busca por uma clínica que adote perspectivas plurais sobre as infâncias, compreendendo-as em suas próprias experiências, adotar a noção de *klinamen* refere a um desvio do caminho amplamente aceito e seguido na Psicologia em geral, propondo uma clínica como abertura ao imprevisível. Nessa clínica, compreende-se que a criança pode desenvolver a própria autonomia no decorrer do processo, sem se limitar a um espaço físico ou recorte teórico do profissional. O objetivo do presente trabalho é discutir a proposta de clínica como *klinamen* (desvio) enquanto possibilidade de atuação na prática clínica do psicólogo com o público infantil em contextos institucionais. Este é um recorte da pesquisa de mestrado que almeja compreender o significado da experiência de ansiedade em crianças nos CAPSi de Mato Grosso. A relevância desta pesquisa reside na importância em compreender a criança a partir de si própria, legitimando a sua forma de ser-no-mundo tal como o conhecimento construído neste processo. A partir de um levantamento bibliográfico realizado, aprofundou-se o conhecimento sobre o histórico da oferta de cuidado à população infantil e a influência da medicalização das infâncias nos serviços de saúde mental. Resultados preliminares apontam avanços em modelos mais humanizados de cuidado, apesar da persistência do caráter diagnóstico e medicamentoso. Almeja-se contribuir com novas possibilidades clínicas na Psicologia, reconhecendo e valorizando a experiência infantil em sua singularidade.

Palavras-chave: Cuidado; Clínica ampliada; Infância; Klinamen; Saúde mental infantil;

Rosa Angela Cortez de Brito

Psicóloga, psicoterapeuta e supervisora clínica; Doutora em Psicologia e especialista em Psicologia Clínica pelo Conselho Federal de Psicologia; tem formação em Abordagem Centrada na Pessoa e em Clínica Humanista-Fenomenológica; Professora do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Mato Grosso; Coordenadora do ETHOS – Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicologia Humanista e Fenomenológica.

E-mail: rosa.brito@ufmt.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3091394100247643>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3917-7677>.

Victor Angelo Monteiro Lemos

Psicólogo e psicoterapeuta; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso vinculado ao ETHOS – Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicologia Humanista e Fenomenológica; Aperfeiçoamento em Psicologia Clínica, com ênfase em Psicologia Humanista/Abordagem Centrada na Pessoa pela UFMT e Saúde Mental e Atenção Psicossocial do Jovem e Adolescente pela Universidade Aberta do SUS.

E-mail: psicologovictorlemos@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3378170271070046>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3988-4715>.

A CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL COMO ESPAÇO DE AUTENTICIDADE E RECONEXÃO COM O SER

Leandro de Moraes Oliveira (*UNICSUL – Brasil*)

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma experiência clínica desenvolvida no contexto do Estágio Supervisionado Específico em Psicoterapia, realizado no Núcleo de Estudos e Atendimento Psicológico (NEAP) – Campus Liberdade, da Universidade Cruzeiro do Sul, com fundamentação na abordagem fenomenológico-existencial. A escuta clínica foi dirigida ao paciente G., homem de 27 anos, que inicialmente buscou atendimento devido a insatisfações no ambiente de trabalho. Com o decorrer do processo terapêutico, emergiram questões mais profundas relacionadas à autocobrança, à dificuldade de lidar com emoções, desafios na comunicação interpessoal e à internalização de padrões de perfeição. A partir de uma escuta aberta e suspensiva, procurou-se compreender os sentidos atribuídos pelo paciente à sua vivência de sofrimento e na emergência de uma busca por autenticidade diante da ruptura com modos de ser inautênticos. A relevância do estudo reside na possibilidade de explicitar como a escuta fenomenológica favorece o acolhimento do sofrimento como expressão existencial e impulsiona o processo de individuação. A metodologia adotada foi qualitativa, com inspiração fenomenológica, utilizando como instrumentos a entrevista semiestruturada, o diálogo como instrumento para explorar dilemas existenciais e a suspensão de juízo (*epoché*). O método privilegiou a descrição da experiência vivida em sua singularidade, considerando o aparecer dos fenômenos no campo relacional terapêutico. Durante a prática clínica veio à tona que o paciente enfrentava dificuldades em acolher seu sofrimento como possibilidade, evitando contato com sentimentos como tristeza, medo e vulnerabilidade. A vivência de um episódio traumático em 2019, que envolveu internação hospitalar prolongada, desencadeou reflexões sobre a finitude, a fragilidade do corpo e a angústia diante da morte — elementos centrais na perspectiva existencial. A noção de impessoal, compreendida a partir da ontologia existencial, revelou-se central: o paciente vivenciava um modo de ser dominado por convenções sociais e expectativas externas, afastando-se de sua própria verdade existencial. A perda desse modo impessoal, embora angustiante, desvelou o anseio por uma vivência mais autêntica, entendida como apropriação da própria existência e enraizamento em valores singulares. As discussões clínicas apontam que o espaço terapêutico, sustentado por uma escuta aberta e sem pressupostos, permitiu a construção de sentidos que favoreceram uma nova compreensão de si. Conclui-se que a prática clínica baseada na fenomenologia existencial oferece subsídios importantes para o acompanhamento ético do existir, promovendo autenticidade, transformação e responsabilização diante da própria vida.

Palavras-chave: Escuta clínica; Impessoal; Autenticidade; Psicoterapia existencial; Angústia.

Leandro de Moraes Oliveira - Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação: Formação de Formadores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; graduado em Psicologia pela Universidade Cruzeiro do Sul; licenciado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; colaborador na pesquisa: Atuação de Psicólogos escolares e educacionais na América Latina: concepções, desafios e inovações nas políticas públicas de Educação Básica.

E-mail: ldmoliveira@hotmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0572792435879680>

A CLÍNICA PSICOLÓGICA NA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL: O DESVELAR DA CULPA EXISTENCIAL

Arquimedes dos Santos Pereira (UNICSUL- Brasil)

A psicologia clínica, no decorrer do século XX, desenvolveu diversas abordagens teóricas e metodológicas. Dentre elas, destaca-se a fenomenológico-existencial, fundamentada nas filosofias de Husserl e Heidegger, que prioriza a experiência subjetiva do indivíduo em sua totalidade. Este trabalho tem como objetivo apresentar e refletir sobre o processo psicoterapêutico de uma paciente atendida em clínica-escola, na modalidade individual, à luz da psicoterapia fenomenológico-existencial. A questão norteadora da pesquisa foi: de que maneira a escuta clínica fenomenológica pode contribuir para o desvelamento de fenômenos existenciais, como a culpa, e favorecer a ressignificação da experiência vivida? O método utilizado baseou-se em entrevistas semiestruturadas e análise fenomenológica da vivência do sujeito, em um processo delimitado em 13 sessões realizadas durante o primeiro semestre de 2024. A paciente, do sexo feminino, 47 anos, apresentou queixas relacionadas à sintomatologia depressiva, dificuldades relacionais e sensação de aprisionamento ao passado. A análise evidenciou a manifestação da culpa existencial, compreendida como produto da não vivência plena da liberdade, conforme teorizado por Kierkegaard. Essa culpa, associada a um sentimento de responsabilidade excessiva, se revelou como núcleo central de seu sofrimento psíquico. A abordagem fenomenológica permitiu à paciente revisitar e ressignificar vivências passadas, especialmente relacionadas à separação dos pais e aos vínculos afetivos rompidos, promovendo um processo de reconstrução de significados e de apropriação de si. A escuta empática, a atitude fenomenológica e o vínculo estabelecido foram fundamentais para que a paciente pudesse elaborar novas compreensões sobre si e o mundo, apontando para a importância da clínica como espaço de abertura ao vivido. Conclui-se que a psicoterapia fenomenológico-existencial se mostrou eficaz para promover o enfrentamento da culpa existencial, reforçando a necessidade de continuidade do atendimento e o acompanhamento interdisciplinar. Este trabalho destaca a relevância da escuta clínica individual como instrumento de transformação existencial, a partir do contato autêntico com o sofrimento humano.

Palavras-chave: Psicoterapia fenomenológica; culpa existencial; escuta clínica; liberdade; ressignificação.

Arquimedes dos Santos Pereira

Mestrando pelo Programa de Educação: Formação de Formadores, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Psicólogo, Advogado e Docente com Licenciatura em Artes Visuais e Pedagogia. Possui formações complementares em áreas interdisciplinares da educação, psicologia e educação inclusiva. Integra o grupo de pesquisa "Atuação de Psicólogos escolares e educacionais na América Latina: concepções, desafios e inovações nas políticas públicas de Educação Básica".

E-mail: arquimedespereira@uol.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8692537021125739>

A SAUDADE EU SEI DE COR: ACOLHIMENTO AO LUTO PELA MORTE NO AMBIENTE HOSPITALAR

Fernanda Gabriela Costa Silva (*UNAERP - Brasil*)

Juliana Vendruscolo (*UNAERP - Brasil*)

Como o hospital, enquanto palco contemporâneo da morte, se estrutura para lidar com a experiência do morrer e do luto? O cuidado hospitalar pode permanecer mesmo após o óbito do paciente, manifestando-se como acolhimento à família enlutada. Esta pesquisa-ação objetivou realizar contatos de condolências a pessoas enlutadas pela perda recente de um familiar durante a internação hospitalar, bem como oferecer e realizar atendimentos psicológicos para situação de luto. O acolhimento ao luto convida a considerar novas formas de cuidar dos familiares enlutados, a partir da relação prévia entre os familiares e a instituição hospitalar. O método fenomenológico-hermenêutico que orientou a pesquisa percorre três etapas: reconstrução, destruição e construção. Na reconstrução, foi realizada uma revisão da literatura científica sobre a temática do luto pela morte no ambiente hospitalar. A destruição voltou-se para compreensões sobre o luto presentes na história e na literatura, evidenciando que as verdades cientificamente posicionadas não adquirem o caráter do eterno. Esses primeiros passos permitem uma atitude de abertura para que na última etapa (construção) se busque a essência do fenômeno. Assim, é possível colocar entre parênteses conhecimentos prévios e acompanhar as vivências singulares de luto dos familiares. A pesquisa-ação prosseguiu com sete contatos de condolências em nome do hospital, os quais configuraram acolhimento significativo, inclusive àqueles que não participaram da pesquisa. Duas entrevistas foram realizadas e evidenciaram como o ambiente hospitalar atravessou as experiências de perda. Nesse sentido, foi descrito como alguns procedimentos hospitalares técnicos conferiram um contorno frio a esse cenário. Foram realizados atendimentos especializados em luto com duas pacientes, totalizando 15 sessões, criando-se um espaço de cuidado que acompanhou o seguir da vida com o luto. Durante o percurso reflexivo, foi proposto reposicionar as condutas e procedimentos hospitalares a partir da atitude de serenidade heideggeriana, que implica dizer sim e não ao mundo técnico, ou seja, utilizar os indispensáveis recursos e, ao mesmo tempo, agir com sensibilidade às necessidades emocionais únicas dos pacientes e seus familiares. No decorrer dos atendimentos, o esquecimento, antes motivo de culpa, foi compreendido à luz da filosofia nietzschiana. Esse sentido de esquecimento não constitui apagar o que foi vivido, mas possibilita uma rearticulação com a vida ao não se paralisar no passado. Por fim, a saudade revelou-se como uma constante no movimento do luto em fluidez com a vida, marcando presença tanto nos momentos de dor mais intensa quanto nos de maior retomada da vida.

Palavras-chave: Luto; Cuidado hospitalar; Fenomenologia-existencial.

Fernanda Gabriela Costa Silva - Psicóloga graduada pela Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP). E-mail: fernandagabriela.psicologa@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5173274350680438>.

ORCID: <http://orcid.org/0009-0000-0492-1227>

Juliana Vendruscolo - Docente do curso de psicologia da UNAERP, Pós-Doutorado pela FFCLRP-USP, Mestre e doutora pela FFCLRP-USP, Especialista em psicologia hospitalar, Especialista em psicologia clínica fenomenológica-existencial.

E-mail: jvendruscolo@unaerp.br // Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3881589018528044>.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4023-4472>.

AFETOS SOBRE O CORPO EM UMA CLÍNICA EXISTENCIAL: DIÁLOGO ENTRE KIERKEGAARD E CLARICE

André Luís de Oliveira de Sant'Anna (*UNESA - BR*)

Jacqueline Cerqueira Borges (*UNESA - BR*)

O presente trabalho tem como objetivo analisar o encontro entre a clínica existencial e a literatura de Clarice Lispector, por meio de um estudo de caso, tendo como referência a perspectiva de Kierkegaard, que aponta os caminhos e descaminhos da perda do homem em relação a si próprio. O estudo aborda o atendimento clínico de R.S., realizado no período de agosto de 2024 a abril de 2025, na clínica Escola de Psicologia da Universidade Estácio de Sá, em Cabo Frio. Os atendimentos foram conduzidos a partir da abordagem fenomenológico-existencial, caracterizada por uma escuta atenta e acolhedora, fundamentada no método fenomenológico, estabelecendo um diálogo entre a prática clínica, a filosofia de Kierkegaard e a literatura de Clarice Lispector, especialmente a obra *A Paixão Segundo G.H.*. A finalidade da clínica é promover o desenvolvimento individual do paciente, permitindo que a autenticidade de sua existência seja percebida como uma possibilidade a ser construída. Nesse contexto, diversas questões foram trabalhadas com R.S., que se sentia ansiosa, perdida em sua própria existência, sem conseguir se reconhecer ao olhar-se no espelho. A paciente chegou ao consultório relatando conflitos, como a relação desafiadora com os pais, sua não identificação com a maternidade e sua percepção negativa sobre a própria imagem. Ela desconhecia suas próprias possibilidades, vivendo de forma marcada por uma culpa existencial, sem se reconhecer como autora de sua própria trajetória. Ao longo dos atendimentos, emergiram relatos sobre sua experiência precoce de objetificação do corpo feminino. Desde a infância, R.S. vivenciou situações complexas, tendo sua mãe trabalhado como profissional do sexo e, aos 12 anos, precisando precificar esse trabalho. Sem escolha, naquele momento, sua subjetividade foi impactada por essas vivências. Em duas ocasiões, durante o atendimento, ela descreveu sentir nojo de si, portanto, manifestava sua relação com sua própria identidade e corporeidade. Neste instante, R.S. remete ao encontro de G.H., pois ambas são mulheres que precisam refletir sobre si mesmas e, diante de encontros inesperados, têm a possibilidade de conquistar sua própria individualidade. A prática clínica constitui um espaço onde, por meio dos desencontros da vida concreta, torna-se possível encontrar-se consigo mesma.

Palavras-chave: Fenomenologia; Literatura; Autenticidade; Subjetividade; Possibilidades.

André Luís de Oliveira de Sant'Anna

Coordenador. Curso de Psicologia. Universidade Estácio de Sá – Campus Cabo Frio – Rio de Janeiro. Brasil; Doutorado Psicologia Social (UERJ); Mestrado em Relações Étnico-raciais (CEFET/RJ); Especialização em clínica fenomenológico existencial (IFEN); Graduação em Psicologia (UERJ).

E-mail: psi.adndredesantanna@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7573003241181866>

Jacqueline Cerqueira Borges

Graduanda. Curso de Psicologia. Universidade Estácio de Sá – Campus Cabo Frio – Rio de Janeiro. Brasil

ATENDIMENTO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL COM ORIENTAÇÃO PSICONUTRICIONAL: ESTUDO DE CASO DE ANOREXIA NERVOSA NA CLÍNICA-ESCOLA

Elaine Pecla Guimarães Barbosa (*IESB - Brasil*)

Telma Regina Lago Costa (*IESB - Brasil*)

Geísa Izetti Luna (*IESB – Brasil*)

Este estudo apresenta a atuação clínica junto a uma paciente de 17 anos com diagnóstico de anorexia nervosa e histórico de cinco tentativas de autoextermínio, sob a perspectiva da psicologia fenomenológica-existencial. A proposta é explorar a aplicação dessa abordagem no cuidado psiconutricional, com ênfase na compreensão da experiência existencial da paciente, especialmente em sua relação com o corpo, a alimentação e o mundo. A anorexia nervosa é compreendida como um transtorno alimentar complexo, cujas raízes ultrapassam a questão nutricional, envolvendo conflitos emocionais, psicológicos e existenciais profundos. A condição está frequentemente relacionada à tentativa de controle do corpo como forma de lidar com angústias internas e experiências de sofrimento. Assim, torna-se essencial uma escuta que valorize o modo como o sujeito interpreta e atribui sentido à sua vivência. A psicologia fenomenológico-existencial, fundamentada em pensadores como Kierkegaard e Heidegger, oferece uma abordagem centrada na experiência vivida e na subjetividade do ser. Ao invés de enquadrar a paciente em categorias diagnósticas rígidas, busca-se compreender como ela se constitui a partir de suas interpretações do mundo, revelando significados ocultos nas suas escolhas, angústias e modos de ser. No caso apresentado, a utilização da técnica da caixa de areia associada à fenomenologia existencial permitiu o acesso a conteúdos simbólicos relacionados à dor, ao medo e à vivência de perda de controle. Esses elementos mostraram-se fundamentais para compreender a dinâmica interna da paciente e os modos como ela tenta dar conta de sua existência. Além disso, foi considerada sua jornada de descoberta em relação ao próprio gênero, aspecto importante de sua identidade. A integração com a abordagem psiconutricional contribuiu para a reconstrução da relação da paciente com o corpo e a alimentação. Tal abordagem reconhece a interdependência entre aspectos emocionais, corporais e alimentares, possibilitando um cuidado mais abrangente e humanizado. Observou-se uma progressiva abertura da paciente à psicoterapia, inicialmente rejeitada por ela. O fortalecimento do vínculo terapêutico foi essencial para que pudesse se expressar com maior liberdade e explorar suas emoções. Este estudo ressalta a importância de abordagens que considerem a complexidade da experiência humana, promovendo escuta sensível, respeito à singularidade e articulação entre sofrimento psíquico, corporalidade e existência.

Palavras-chave: Psicologia Fenomenológico-Existencial; Psiconutrição.

Elaine Pecla Guimarães Barbosa.

Psicóloga; Cursando Especialização em Psicologia Clínica na perspectiva Fenomenológica existencial – IFEN – Rio de Janeiro.

E-mail: pecla_4@hotmail.com

Telma Regina Lago Costa.

Possui graduação em Psicologia pelo Centro Universitário de Brasília (1984), graduação em Licenciatura em Psicologia pelo Centro Universitário de Brasília (1983); especialização em Filosofia, Universidade de Brasília (2005); mestrado em Psicologia do

Desenvolvimento e Escolar (PGPDE) pela Universidade de Brasília (2013); Formação em Psicologia fenomenológica-existencial (Ifen, 2023).

Geísa Izetti Luna.

Graduada em Ciências Biológicas e Nutrição pela Universidade de Brasília. Especialização em Gestão de Segurança de Alimentos. Mestre em Epidemiologia pelo departamento de Saúde Coletiva da Universidade de Brasília. Larga experiência em docência, com ênfase nos cursos de Engenharias, Enfermagem, Biologia, Nutrição, Psicologia, Biomedicina e Farmácia.

DESORDEM DO SELF NA ESQUIZOFRENIA: UM ESTUDO DE CASO COM IAGO EM PSICOTERAPIA.

Camila Pereira de Souza (*UNIFOR - Brasil*)

Isabela Maia Feitosa (*UNIFOR - Brasil*)

Lucas Guimarães Bloc (*UNIFOR - Brasil*)

Maria Clara de Vasconcelos Romero (*UNIFOR - Brasil*)

A esquizofrenia é um fenômeno complexo associado a sintomas como alucinações, delírios e desorganização do pensamento. Para além do campo sintomatológico, a compreensão da experiência vivida na esquizofrenia exige o retorno às condições que a tornam possível como fenômeno patológico. Dentre elas, encontramos as alterações na dinâmica do self, a qual é entendida como o senso de si que o indivíduo constitui na intersubjetividade da relação Eu/Outro/Mundo. Neste trabalho, temos como objetivo compreender a desordem do self na esquizofrenia por meio da elaboração de estudo de caso clínico único. Utilizamos como instrumentos metodológicos a análise de conteúdo do prontuário, vinhetas clínicas e versões de sentido das sessões de psicoterapia elaboradas pela primeira autora. Iago, nome fictício do participante desta investigação, foi acompanhado em psicoterapia individual por um ano na clínica-escola de uma Instituição de Ensino Superior (IES). Jovem trans, negro e periférico, Iago apresentava crises psicóticas características da esquizofrenia desde os 13 anos de idade. Estas eram associadas a episódios de automutilação e ideação suicida. Após múltiplas internações e tratamentos com altas doses de medicação do tipo antipsicótico, seus sintomas e o desejo de morrer persistem. Iago se identifica com o diagnóstico de esquizofrenia, constantemente narra sua vida a partir de sua doença, enquanto seus delírios e alucinações lhe fazem companhia e lhe propiciam sentido no mundo. Percebemos que seu modo de ser esquizofrênico revela uma experiência de desproporção do senso de si-mesmo (self). Iago demonstra um não reconhecimento de si como primeira pessoa em sua experiência, apresentando dificuldades para narrar sua própria história. Esta aparece por meio de fragmentos incorporados de discursos alheios, como o de sua mãe, dos médicos psiquiatras e dos professores da escola. Ademais, exigia da psicoterapeuta um discurso sobre si capaz de o orientar. Essa desproporção do self também se manifestava em aspectos mais básicos da experiência de Iago, como a percepção de estar vivo ou de sentir a necessidade de ir ao banheiro, por exemplo. Paralelamente, Iago constrói um protagonismo em sua história ao se colocar no centro de seus delírios e alucinações para ser visto e reconhecido. Consideramos que a relação paradoxal entre a sensação de ameaça pelo outro associada à exigência de atenção absoluta são expressões do prejuízo intersubjetivo na dinâmica do self na esquizofrenia. Nesse sentido, foi percebido o papel da psicoterapia no reconhecimento de si e na construção de outros modos de existir e estar com os outros.

Palavras-chave: Esquizofrenia; Self; Intersubjetividade; Psicoterapia.

Camila Pereira de Souza

Psicóloga; Doutora em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) em Fortaleza/CE, Brasil; Docente do Programa de Graduação em Psicologia da UNIFOR; Professora Colaboradora do Laboratório APHETO.

E-mail: camilasouza@unifor.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4324040072702995>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5901-9182>

Isabela Maia Feitosa

Graduanda em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) em Fortaleza/CE, Brasil; Pesquisadora bolsista de Iniciação Científica do Laboratório APHETO.

E-mail: belamfeitosa@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6311366221776267>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-4850-7680>

Lucas Guimarães Bloc

Psicólogo; Doutor em Psicopatologia na Université Paris Diderot - Paris VII; Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR em Fortaleza/CE, Brasil; Coordenador do Laboratório APHETO.

E-mail: blocpsi@unifor.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7062553560038741>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8528-131X>

Maria Clara de Vasconcelos Romero

Graduanda em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) em Fortaleza/CE, Brasil; Pesquisadora Voluntária de Iniciação Científica do Laboratório APHETO.

E-mail: mclaravromero@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1630661902366575>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-7137-2105>

DESVELANDO A EXISTÊNCIA: A PSICOTERAPIA EXISTENCIAL NO PROCESSO DE AUTOCONHECIMENTO

Isabelle Milet Crocia (*UNDB – Brasil*)

Na prática clínica da psicoterapia fenomenológico-existencial, o foco do terapeuta se volta para a realidade apresentada pelo paciente. O objetivo deste trabalho é refletir sobre como uma paciente enfrenta as dificuldades e elabora suas emoções, utilizando o papel da psicologia existencialista nesse processo. A questão central investiga de que forma a paciente explora suas emoções, através de seu relato - que é fonte reveladora do movimento do seu existir e a expressão de sua liberdade, e de como os obstáculos se tornam ou não um problema para ela. À vista disso, a relevância deste estudo reside na possibilidade de identificar padrões de pensamentos e comportamentos que desencadeiam em sofrimento e limitam seu crescimento pessoal, promover reflexões e permitir à paciente vivenciar seus sentimentos de forma livre e acolhedora, conduzindo-a ao autoconhecimento. O percurso metodológico utilizado é um estudo de caso clínico que aborda o acompanhamento psicoterapêutico de uma mulher, no serviço-escola de uma Instituição de Ensino Superior em São Luís-MA, apresentando como demanda inicial o luto de uma amiga e crises de ansiedade desencadeadas pela cegueira repentina de seu companheiro. A fundamentação filosófica aplicada baseou-se em autores como Merleau-Ponty e Kierkegaard, cujas ideias sobre subjetividade, liberdade, responsabilidade e tristeza auxiliaram no processo de autoconhecimento, fomentando conteúdos para as reflexões trazidas nas sessões. Técnicas como cartas reflexivas, imagens projetivas e diálogo com as emoções foram utilizadas, criando um espaço para nomeação e validação de sentimentos anteriormente negados pela paciente, especialmente angústia e tristeza. A partir da perspectiva de Kierkegaard, a angústia e a tristeza foram desmistificadas como algo negativo, sendo posicionadas como partes inerentes da experiência humana, intimamente ligadas à nossa liberdade e capacidade de escolha. Em conclusão, a prática da psicoterapia existencialista possibilitou à cliente um caminho de abertura, aceitação e validação das emoções, contribuindo para uma melhor autopercepção e oferecendo instrumentos para ressignificação dos acontecimentos e da sua postura diante das dificuldades. Para a paciente em questão, compreender os movimentos que limitam sua autocompreensão revelou a possibilidade de perceber-se em constante projeção de si mesma e de seu projeto de vida, através das escolhas que faz.

Palavras-chave: Psicoterapia Existencial, Autocompreensão, Liberdade, Escolhas.

Isabelle Milet Crocia

Isabelle Milet Crocia, bacharelado em Administração, especialização em Neurociências e graduanda do curso de Psicologia no Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco.

Email: miletpsico@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7526361559096145>

ORCID: 0009-0008-5165-2590

E QUANDO A CIRURGIA DE COLUNA COMPLICA? UM RELATO DE INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA NO CTI

Tatiana de Moura Carvalho

(Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia – INTO – Brasil)

O ambiente hospitalar é um espaço de intensas experiências de finitude, vulnerabilidade e restrições, confrontando o existente com a necessidade de reconstrução de sentidos. Na perspectiva fenomenológico-existencial o adoecimento é compreendido como um evento que desestabiliza o ser-no-mundo, exigindo do psicólogo hospitalar uma escuta sensível e atenta, capaz de acolher a singularidade da experiência vivida, sem reduzi-la a diagnósticos. A atuação psicológica no contexto hospitalar demanda diálogo constante com a equipe multiprofissional e com a família, exigindo do profissional uma postura flexível, interdisciplinar e, por vezes, transdisciplinar. Este trabalho relata a intervenção psicológica à beira-leito do CTI de um hospital ortopédico cirúrgico de alta complexidade, fundamentada nos princípios da psicologia fenomenológico-existencial. O caso refere-se a uma paciente jovem, internada para correção cirúrgica de escoliose, cuja cirurgia resultou em paraplegia e uma internação prolongada de quase dois anos. Objetiva-se mostrar a especificidade deste tipo de atendimento psicológico, a começar pela pouca privacidade que o ambiente de CTI impõe; a situação de intenso sofrimento físico da paciente, além do psíquico; bem como a necessidade de o psicólogo transitar por outras áreas do saber, integrando-se às demais equipes responsáveis pelo cuidado da paciente. A paciente, inicialmente motivada pela esperança de transformação corporal, vê-se confrontada com a intensificação de sua deficiência física e com episódios de risco iminente de morte. No enfrentamento a esta ruptura biográfica, a escuta fenomenológica permitiu o acolhimento e reflexão de sentimentos diversos — medo, angústia, perda, esperança, desesperança, resistência e, posteriormente, aceitação —, favorecendo a articulação entre as restrições de suas possibilidades de ser-no-mundo a partir da paraplegia e a abertura para novos horizontes de sentido. Os atendimentos psicológicos, à beira-leito e registrados em prontuário, basearam-se em diálogos autênticos, perguntas abertas e observação participante. O vínculo terapêutico foi construído desde o início da internação até a alta hospitalar. Foram realizados atendimentos à família, o que possibilitou a ampliação da compreensão do mundo vivido pela paciente. A articulação com a equipe multiprofissional favoreceu a construção de um plano de cuidado integral à paciente, para além da dimensão biológica, ampliando a noção de saúde. Este relato evidencia a importância de práticas que transcendam modelos biomédicos, reconhecendo o adoecer como evento ontológico. A intervenção fenomenológica-existencial no hospital reforça o papel do psicólogo como mediador da escuta do ser em sofrimento, promovendo uma atenção mais humanizada e alinhada à dignidade e à autonomia do paciente frente ao processo saúde-doença que lhe é próprio.

Palavras-chave: Psicologia hospitalar; Psicologia fenomenológico-existencial; Cuidado interdisciplinar; Existência e adoecimento; Atendimento psicológico em CTI

Tatiana de Moura Carvalho

Formação em Psicologia pela UERJ, especialização em Psicologia Clínica pelo IFEN – Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro, psicóloga do Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia – INTO.

E-mail: tatiana.mourac@yahoo.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8121116971344444>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9394-8444>

ENTRE ANGÚSTIA E TÉDIO: DISPOSIÇÕES AFETIVAS NUMA JORNADA POR AUTENTICIDADE - UM ESTUDO DE CASO

Carolina Freire de Carvalho (*UNIP – Brasil*)
Daniel Pires Rodrigues Nunes (*UNIP – Brasil*)

Este trabalho apresenta o desvelar de sentidos das tonalidades afetivas da angústia e do tédio ao longo de um processo terapêutico de abordagem fenomenológico-existencial. O estudo se baseia no acompanhamento de um caso clínico, onde um estagiário do quinto ano de psicologia atendeu, durante nove meses, um paciente de 53 anos em uma clínica-escola, sob supervisão acadêmica. As queixas iniciais do paciente incluíam a sensação de estar preso à relação com sua mãe, dificuldades em assumir sua homossexualidade e a incapacidade de se sustentar financeiramente de forma autônoma. A escolha das tonalidades afetivas da angústia e do tédio se deu não apenas por sua relevância na analítica existencial, ao confrontarem o ser-aí com uma existência inautêntica, mas também se fazerem presentes em muitos momentos deste caminho terapêutico, permitindo ao paciente entrar em contato com suas possibilidades existenciais. Ao se deparar com sua maneira de ser-com os “outros”, o paciente foi se percebendo em uma teia de sentidos, muitos destes contidos em sua historicidade, na qual a temporalidade do Dasein atualizava no presente o já ter sido de sua infância. A angústia revelou-se como um esvaziamento do sentido que sustenta a existência cotidiana, trazendo à tona a percepção da finitude e da responsabilidade pelo próprio ser, revelando o caráter ontológico de poder-ser. No entanto, ao se deparar com essa condição de estar lançado no mundo, o paciente se via diante de um poder-ser revelado pelo cuidado — que, em seu caso, manifestava-se de modo impróprio. Quando suas possibilidades se frustravam, o tédio surgia como uma tonalidade afetiva marcada pela perda do horizonte existencial e pela ausência de novas perspectivas e possibilidades. Acompanhar este caminho, através de um olhar fenomenológico-existencial, me permitiu, como estagiário, perceber a importância de deixar que um paciente experimente sua própria forma de ser e, com isso, aprenda, em seu próprio tempo e a seu modo próprio ou impróprio, lidar com aquilo que é sua própria existência.

Palavras-chave: Angústia; tédio; autenticidade; fenomenologia-existencial; Heidegger.

Carolina Freire de Carvalho de Carvalho

Psicóloga, Mestre em psicologia escolar e gestalt-terapeuta pelo Satori-GT. Professora Adjunta e Supervisora em abordagens fenomenológico-existenciais na Universidade Paulista de Campinas (Unip).

Email: carolfcc@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9902771444166639>

Daniel Pires Rodrigues Nunes

Recém graduado em Psicologia, graduado em Naturologia Aplicada pela Unisul (2007) e pós-graduado em Psicologia Analítica pelo IJEP (2013).

e-mail: danielprnunes@yahoo.com.br.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1918184886476245>

ENVELHECIMENTO: PERDA DA JUVENTUDE EM “A SUSTÂNCIA” E JOVIALIDADE COMO AFETO EM KIERKEGAARD

Flávia Moreira Protasio (*IFEN - Brasil*)

O envelhecimento está cercado de estigmas, como a improdutividade, perdas e privação. Em uma sociedade marcada pelo produtivismo e culto à juventude, os mais velhos são muitas vezes colocados no lugar da impossibilidade e do descarte. Como resposta a esse suposto destino, prescrições disponíveis na mídia e no campo biomédico prometem retardar o envelhecimento de modo a reter a juventude por mais tempo. A busca irrefletida pelo cumprimento dessa promessa pode muitas vezes se desdobrar em sofrimento, como ilustra a narrativa do filme “A substância”. Na trama, a personagem principal Elizabeth Sparkle é demitida do programa televisivo que liderava, por conta de sua idade. Em seguida, lhe é oferecida uma substância clandestina supostamente capaz de trazer de volta a juventude. Em desespero, Elizabeth compra a substância, que é extremamente perigosa e tem consequências drásticas. Passamos então a nos perguntar como seria possível resistir aos apelos da busca pela eterna juventude, procurando junto a Kierkegaard uma outra possibilidade. Em seu texto *A crise e uma crise na vida de uma atriz*, o autor analisa a situação de uma atriz de teatro, Louise, que interpreta a personagem Julieta no teatro desde jovem e que se encontra em sofrimento após críticas do público. Após anos interpretando o papel, a atriz vê-se julgada pela opinião pública que questiona se ela ainda pode corresponder à imagem da jovem que se espera de Julieta. Kierkegaard, então, nos apresenta ao conceito de jovialidade, concebendo os afetos como criação e vitalidade, de modo a nos ajudar a desconstruir o entendimento da vida como sucessão cronológica de fases e afetos delimitados. Kierkegaard escreve uma carta na qual mostra que a atriz conquista a sua transformação ao não se deixar levar pelas determinações de seu tempo e dar continuidade à sua tarefa. Enquanto em Elizabeth o envelhecimento é vivido como desespero, Louise, que inicialmente experimenta o desespero na correspondência irrefletida ao discurso vigente, encontra outro modo de corresponder, metamorfoseando-se a partir de sua força criativa e reencontrando a jovialidade que não se determina cronologicamente. Saindo da compreensão hegemônica do envelhecimento como perda da juventude, sem desprezar os limites impostos a cada momento da existência, Kierkegaard nos mostra outra possibilidade de lida com o envelhecer. Com este percurso queremos invocar a potência de criação da vida como um fazer-se a cada vez, ampliando nossa disponibilidade para a escuta clínica com pessoas velhas.

Palavras-chave: Velhice; Criação; Literatura; Cinema; Fenomenologia-Existencial.

Flávia Moreira Protasio

Psicóloga clínica. Sócia mantenedora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). Especialista em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-Existencial pelo IFEN. Membro do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (LAFEPE/UERJ). Associada da Associação Latino-Americana de Psicoterapia Existencial (ALPE) e Secretária da delegação ALPE Brasil. CRP 05/61611.

E-mail: flaviaprotasio@ifen.com.br.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9831393780505458>.

ORCID: 0000-0002-6262-9061

KINOMICHI, O CAMINHO DA ENERGIA: TENSÃO E POSSIBILIDADE

Maria Isabel Brazil Protasio (*IFEN – Brasil*)

Myriam Moreira Protasio (*IFEN – Brasil*)

O presente trabalho foi extraído de um dos capítulos da monografia intitulada *A arte e o corpo como possibilidade de apropriação do saber-fazer psicoterapia na perspectiva Fenomenológico-Existencial*, defendida como finalização da Especialização em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-Existencial – IFEN. Ele surge de uma necessidade de compreender o caminho do saber fazer da clínica nesta abordagem. Neste capítulo, tomei como fio condutor a relação de tensão e possibilidade na situação clínica, tensão que também se dá no encontro com o parceiro no Kinomichi, uma arte marcial sem intenção de luta. Esta aproximação teve seu início a partir de reflexões que se apresentaram enquanto eu praticava Kinomichi e pensava na clínica, e vice-versa. O que, em ambos fazeres, cogitei ser ponto de coesão foi pensar na relação, tanto na clínica como no dojo/tatame (local onde se pratica uma arte marcial), e na tensão que surge nesse encontro. Eu buscava, à partir de uma aceitação ou um novo olhar para esta tensão, encontrar um potencial de possibilidades. O objetivo, portanto, é aproximar a clínica psicoterapêutica da prática do Kinomichi, em que ambas se apresentam para mim como desafios e possibilidades. Como metodologia procurei usar elementos dos movimentos do Kinomichi e, como num diálogo, correlaciono o encontro entre os parceiros à relação analisando e analista. Introduzo o trabalho com um pequeno relato sobre minha prática em psicoterapia corporal e mostrando como, a partir da aprendizagem na clínica fenomenológica existencial, a relação de tensão tomou uma dimensão diferente. Apresento a prática do Kinomichi, seu significado e como o seu criador transformou o seu Aikidô no que ele chamou do caminho da energia. Trago a ideia de tensegridade, integridade da tensão, como um ligação do que seria uma tensão necessária e também sua possibilidade de abertura no corpo e na existência. Por fim, dimensiono os papéis analista/analizando relacionando-os com Tori/ Ukê (o que convoca e o que é convocado), integrando as duas práticas, neste processo que é sempre repetido e renovado a cada movimento ou sessão. Concluo sustentando que o caminho da energia é também o caminho da vida e, portanto, da existência e articulando que acolher as diferentes tensões que nos paralisam, seja num movimento ou num diálogo, pode ser um caminho de espera que nos leve a alguma abertura para novas possibilidades.

Palavras-chave: Arte Marcial; Fenomenologia; Psicoterapia; Tensegridade; Liberdade.

Maria Isabel Brazil Protasio

Psicoterapeuta clínica, Graduada em Fisioterapia (Uni-Bennett) e mestra em Saúde Mental pelo PROJAD/IPUB/UFRJ. Formada em psicoterapia corporal na Escola de Biossíntese do Rio de Janeiro e especialista em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-Existencial (IFEN). Trabalha no CMS Ernani Agrícola com Prática Integrativas e Complementares. Praticante de Kinomichi desde 2013 é também professora desta prática.

Email: isabelbrazil@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/527613793322658>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4804-4438>

Myriam Moreira Protasio

Psicóloga. Doutora em Filosofia/UERJ. Pós-doutorado em Psicologia/UERJ. Sócia fundadora do IFEN onde é professora, supervisora, coordenadora no grupo de pesquisa sobre o envelhecimento e professora do curso de Formação em Psicologia clínica com ênfase em Kierkegaard

E-mail: myprotasio@yahoo.com.br;

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0910561871917401>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2156-9269>

O DESEJO NO RELACIONAMENTO AMOROSO: BASES FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS PARA A CLÍNICA PSICOLÓGICA

Nelson de Aguiar Menezes Neto (UFRJ, Brasil)

O presente estudo propõe uma discussão clínica sobre o sofrimento de um paciente diante da diminuição do desejo sexual em seu relacionamento amoroso, sob uma perspectiva fenomenológico-existencial. Embora o assunto apareça com frequência no *setting* terapêutico, observa-se uma escassez de pesquisas sobre o tema, sobretudo no que se refere ao campo próprio das vivências masculinas. A literatura recente sobre conjugalidade, conforme Araújo & Zanello e Leiblum, mostra que a questão tem sido tratada a partir de perspectivas comportamentalistas e biológicas, orientando nessas direções grande parte das intervenções clínicas. Propõe-se uma nova aproximação à questão, por meio da adoção do método fenomenológico-hermenêutico de investigação psicológica, ancorado teoricamente na abordagem daseinsanalítica formulada por Alice Holzhey-Kunz. Para o desenvolvimento da reflexão, recorre-se à análise de um fragmento de situação clínica relacionada a um paciente adulto do sexo masculino. A exploração permite apreender a dinâmica existencial do problema em sua singularidade, mediante uma descrição do acompanhamento da experiência relatada, seguida do esforço de uma hermenêutica produzida no campo do sentido. Frente à experiência trazida pelo paciente, busca-se, assim, desvelar o sentido que se abre na experiência singular apresentada, sem pretensões normativas, moralizantes ou universalizantes. Sob esse aspecto, as contribuições de Holzhey-Kunz revelam-se relevantes na medida em que propõem uma chave hermenêutica que compreende as manifestações de sofrimento psíquico como expressão da condição ontológica do ser humano. No fragmento clínico em questão, essa chave hermenêutica permite mostrar que as unidades de sentido apresentadas pelo paciente apontam para o estatuto simbólico da queixa, entendida como significante passível de elaboração hermenêutica. Desse modo, considerando a premissa heideggeriana (retomada por Holzhey-Kunz) de que toda compreensão ôntica está atravessada por inclusões pré-ontológicas, é possível sustentar que o sofrimento psíquico experienciado pelo paciente no plano ôntico da relação com o outro remete a uma camada mais profunda da existência, atravessada pelas condições de possibilidade da existência ela mesma. Buscando preservar o relacionamento, o paciente mostra-se em dificuldade para estabelecer uma síntese entre necessidade e possibilidade. Sob a chancela do tempo, a perda do possível se instala no horizonte da tonalidade afetiva do tédio. A diminuição do desejo sexual irrompe, então, como sintoma (sinal) da lida do paciente com o próprio ser. O manejo psicoterápico em casos como este pode oferecer ao paciente meios para confrontar suas questões existenciais e produzir possibilidades autênticas de vida.

Palavras-chave: Desejo sexual; Clínica de casal; Tonalidade Afetiva; Tédio.

Nelson de Aguiar Menezes Neto

Doutor em Filosofia pela UFRJ e graduando em Psicologia pelo Centro Universitário IBMR. É professor do Colégio de Aplicação da UFRJ, onde atua com ensino de Filosofia e formação de professores. É professor do Programa de Pós-graduação Lógica e Metafísica da UFRJ e aluno do curso de Especialização em Psicologia Clínica do IFEN. Email: aguiarmn@yahoo.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5982743452205240>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4880-8407>

O DESESPERO NA CLÍNICA PSICOLÓGICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA CLÍNICA NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Fabiana Reis (*UNIESSA - Brasil*)

Raianne Silva Calixto (*UNIESSA - Brasil*)

O presente trabalho consiste na apresentação de um relato de experiência a partir de uma situação clínica de atendimento psicológico clínico individual, de forma presencial, no contexto terapêutico da Clínica Escola do curso de graduação em Psicologia, com o percurso psicoterapêutico desenvolvido em uma perspectiva da Psicologia Fenomenológico- Existencial. A psicoterapia, com base no método fenomenológico e tendo como fundamento os princípios existenciais, busca a compreensão do ser humano em sua totalidade, considerando a maneira como cada pessoa vivencia o mundo, suas relações e suas escolhas. Propõe uma escuta aberta e acolhedora, onde o psicoterapeuta busca compreender o significado das experiências de vida do analisando, e consiste em uma relação de produção mútua, entre analisando e analista. A relação é o elemento fundamental para que a psicoterapia aconteça, e só será possível se estabelecido o vínculo e a confiança. Através do relato dessa situação clínica, busca-se contribuir com a clínica fenomenológico-existencial, possibilitando a reflexão sobre os conceitos teóricos e a prática clínica. O trabalho foi realizado com a participação voluntária da analisanda em acompanhamento psicológico, que concordou em contribuir para esta investigação após ser devidamente informada sobre os objetivos e procedimentos do estudo. Utilizamos como método a “análise fenomenológica de um discurso clínico” que permite um exame aprofundado do processo psicoterapêutico em sua dinâmica singular, marcado pela constante construção e desconstrução de significados que emergem no discurso. A psicoterapia fenomenológico-existencial aplicada propôs um espaço de acolhimento onde a analisanda pôde enfrentar o desespero, ajudando-a a se reconectar com sua capacidade de escolha, enfrentando a liberdade e responsabilidade de ser, onde a busca não é ‘curar’ o desespero, e sim auxiliar a analisanda no processo de reconciliação com esse estado existencial, em que ela possa viver o existir de forma autêntica, entendendo que cabe a ela a tarefa de atribuir sentido à sua existência. Ao entender que falar sobre o desespero não é meramente apontar um estado patológico, mas uma condição que reflete as dificuldades do ser humano em lidar com questões fundamentais do existir, como a liberdade, responsabilidade e finitude, a psicologia fenomenológico-existencial procura ressaltar a importância do vínculo terapêutico como base para que a analisanda se sinta segura para explorar suas angústias.

Palavras-chave: Fenomenologia-existencial; Desespero; Psicologia clínica.

Fabiana Reis - Psicóloga, graduada no curso de Psicologia pela Faculdade UNIESSA, em Uberlândia - MG. E-mail: fabireis72@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5264433249109431> / ORCID: 0009-0006-1435-8304

Raianne Silva Calixto - Psicóloga clínica e professora adjunta do curso de Psicologia, da Faculdade UNIESSA, em Uberlândia-MG, graduação pela Faculdade Pitágoras, mestrado pela Universidade Federal de Uberlândia. Está cursando Especialização em Psicologia Clínica na perspectiva Fenomenológico-Existencial no Instituto de Fenomenologia Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). clínica.

E-mail: raianne.calixto@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4693222588785076>

ORCID: 0000-0002-2605-5427

O QUE ACONTECE DEPOIS DO PLANTÃO PSICOLÓGICO? CORPO E ESCUTA NO ACOLHIMENTO EMERGENCIAL

Barbara Endy Pinheiro (UFPR - Brasil)

Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR - Brasil)

Natália Corrêa (UFPR - Brasil)

O plantão psicológico é uma modalidade de atendimento clínico que oferece, na urgência, um encontro com o outro. É uma modalidade de trabalho sob demanda, que oferece suporte e acolhimento por meio da qualidade de uma relação imediata que se instaura. Por meio desse encontro, seu objetivo é auxiliar a pessoa no processo de enfrentamento e busca do sentido de existência por meio da compreensão de seu sofrimento. Este trabalho propõe um relato de experiência ancorado na psicologia fenomenológico-existencial, para pensar o que permanece – e pulsa – após o fim de um plantão psicológico. Longe de se encerrar com o término do atendimento, o encontro clínico reverbera no corpo do plantonista: ele permanece vibrando nas tensões, nos silêncios, nas dúvidas e nas contradições que se atravessam entre o vivido e o possível. A partir da experiência vivida em um plantão psicológico oferecido como parte prática de uma disciplina de estágio em Psicologia na Universidade Federal do Paraná, para a sua comunidade interna, buscamos refletir sobre o modo como o profissional, no contexto de acolhimento emergencial, também se torna campo de forças, espaço de afetação e de implicações éticas profundas. Como sustentar o cuidado sem nos dissolvermos nele? Que marcas ficam no corpo depois da escuta? Ser psicóloga, nesse contexto, é habitar um campo de paradoxos vivos – é andar na corda bamba de uma linha tênue entre subjetivo e objetivo, é estar entre o sofrimento do outro e diante das nossas próprias fragilidades. Na experiência do plantão psicológico, constata-se o surgimento de espaços intermediários, que emergem do caráter emergencial e priorizam o acompanhamento, destacando a natureza inacabada deste trabalho. Nesses espaços, observa-se que o formato do serviço ofertado, as supervisões clínicas, os instrumentos utilizados, o aporte teórico e os momentos de descanso e descontração implicam no momento posterior aos atendimentos desta modalidade clínica. Este trabalho pretende lançar luz, de modo teórico-prático, sobre esses espaços intermediários, muitas vezes silenciados, onde a clínica não termina, mas se transforma em presença que insiste, em memória corporal que convoca a pensar o cuidado também como experiência encarnada, compartilhada e necessariamente coletiva.

Palavras-chave: plantão psicológico; fenomenologia; cuidado; corpo; escuta clínica;

Barbara Endy Pinheiro

Estudante de graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atualmente, é bolsista pelo Programa de Educação Tutorial (PET).

E-mail: barbaraendy@ufpr.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5705404413615456>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-2469-0861>

Natália Corrêa

Estudante de graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atualmente, é aluna voluntária no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC - UFPR).

E-mail: natalia.correa@ufpr.br

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6426667850557885>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2126-9124>

Joanneliese de Lucas Freitas

Psicóloga, mestre e doutora pela Universidade de Brasília. Pesquisadora visitante do Departamento de Antropologia da University of California Los Angeles (UCLA). Professora Titular e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Membro GT ANPEPP Psicologia e Fenomenologia.

E-mail: joanne@ufpr.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4125030248428843>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0856-3460>

OFICINA DE MÚSICA E FENOMENOLOGIAS DA VIDA, DO AMOR E CRÍTICA: RELATOS DISCENTES

Ana Carolina de Freitas Melo (*UFF -Brasil*)

Danielle Fernanda da Silva (*UFF -Brasil*)

Millena Cardoso de Oliveira Rodrigues (*UFF -Brasil*)

Stephan Malta Oliveira (*UFF -Brasil*)

O presente trabalho surge de um projeto de extensão universitária, que consiste em duas oficinas de música, uma voltada para crianças e outra para adolescentes com autismo ou outras neurodivergências e seus familiares, baseadas na improvisação musical. Os objetivos consistem em discutir alguns referenciais teóricos que fundamentam a ação bem como apresentar relatos de experiências discentes acerca da mesma. A questão central é como a presente ação extensionista pode se constituir enquanto uma práxis crítica e descolonizadora/transformadora e o papel que a fenomenologia contemporânea ocupa neste processo. A metodologia é dividida em duas partes: a primeira se destina à revisão tipo narrativa mediante a seleção de textos relacionados às fenomenologias da vida, de Michel Henry, do dom/amor, de Jean-Luc Marion, e à fenomenologia crítica, em interface com os estudos da deficiência e neurodiversidade, estudos críticos do autismo e estudos descoloniais; a segunda parte diz respeito aos relatos de experiência feitos pelos/as discentes. O método utilizado para a análise dos relatos foi a análise de conteúdo, sendo construídas cinco categorias de análise: impacto transformador da práxis da Oficina; modelo biomédico e pensamento crítico; arte, acolhimento e potencial terapêutico; pessoas que não cabem em um diagnóstico; e uma clínica ético-política. Os resultados mostram que a epoché radical henryana conduz para além da consciência intencional husserliana, até a afetividade, enquanto a redução erótica marioniana conduz ao amor como o fenômeno mais originário. A oficina de música, por sua vez, tem possibilitado a livre expressão do pathos originário – sofrimento e gozo – de cada participante, a livre circulação dos desejos/afetos bem como a afirmação de vidas que foram historicamente invisibilizadas. Ao longo das atividades, busca-se reconhecer cada criança e adolescente como pessoa única e inobjetivável, irredutível às categorias diagnósticas - herdeiras da produção moderna eurocêntrica do binômio normalidade/anormalidade - bem como construir conexões com o outro seguindo a cosmologia do Bem Viver, reconhecendo que cada participante é, em sua receptividade absoluta/passividade radical, que antecede a própria escolha, interpelado e descentrado pela doação que vem do outro. Os relatos discentes foram agrupados em categorias de análise, de acordo com as dimensões clínica, formativa e ético-política da ação. Seguem duas narrativas como ilustração: “Fazendo, portanto, do encontro uma potência terapêutica, pelo conforto que os participantes têm (...) nas pessoas presentes, pela liberdade de criar e expressar sentimentos e afetos”; “aprendendo a enxergar as pessoas além de um diagnóstico, percebendo a beleza nas diversas formas de ser”.

Palavras-chave: oficina de música; autismo e neurodivergências; fenomenologias da vida e do dom; práxis descolonizadoras

Ana Carolina de Freitas Melo

Discente em Medicina pela Universidade Federal Fluminense.

Email: anacarolinamelo@id.uff.br

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5514078658342073>

ORCID: 0009-0007-9038-0033

Danielle Fernanda da Silva

Discente em Medicina pela Universidade Federal Fluminense.

E-mail: d_silva@id.uff.br

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2637141793346028>

ORCID: 0000-0002-5021-5451

Millena Cardoso de Oliveira Rodrigues

Discente em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense e em Psicologia pela Universo.

E-mail: m_cardoso@id.uff.br

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2282539762377229>

ORCID: 0009-0000-7562-6233

Stephan Malta Oliveira

Médico-psiquiatra; Pós-doutorado em Psiquiatria - IPUB/UFRJ; Doutorado em Saúde Coletiva - IMS/UERJ; Mestrado em Psicologia - PUC-Rio; Professor Adjunto de Neuropsiquiatria infantil - Departamento Materno-Infantil - Faculdade de Medicina - Universidade Federal Fluminense.

Email: stephanmoliveira@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4074819250450762>

ORCID: 0000-0002-9806-9844

PARA ALÉM DO COMPORTAMENTO ALIMENTAR: REFLEXÕES PARA UMA FENOMENOLOGIA CLÍNICA DOS TRANSTORNOS ALIMENTARES

José Waldo Saraiva Neto (*UNIFOR - Brasil*)

Lucas Guimarães Bloc (*UNIFOR - Brasil*)

Marianna Facó Soares (*UNIFOR - Brasil*)

A psiquiatria tradicional define os Transtornos Alimentares como perturbações persistentes na alimentação ou no comportamento alimentar, implicando em tratamentos voltados para a redução sintomatológica e controle dos comportamentos vistos como “problemas”. A tradição da Psicopatologia Fenomenológica vai além dessa concepção e busca compreender as alterações que constituem o vivido psicopatológico dos Transtornos ditos Alimentares, assim ultrapassando apenas o comportamento aparente, mas compreendendo suas condições de possibilidade. Este estudo teve como objetivo problematizar, através das contribuições de lente fenomenológica, a concepção psiquiátrica dos Transtornos ditos Alimentares, explorando a dimensão de corpo e identidade, para assim propor um novo olhar clínico para esse vivido. Este resumo é recorte de uma pesquisa de natureza qualitativa empírica-fenomenológica, onde foram realizadas entrevistas fenomenológicas semi-estruturadas, com nove participantes, todas mulheres, cis, quatro com diagnóstico de Anorexia Nervosa e cinco com Bulimia Nervosa. As entrevistas foram transcritas e submetidas a análise fenomenológica crítica. Foram identificados temas emergentes agrupados em duas categorias fenomenológicas. Na primeira, nomeada de “O corpo da minha alma, faz parte de mim, só preciso chegar nele”: A corporeidade, aqui evidenciamos o corpo como a dimensão central nessa experiência, onde ocorre uma busca por um corpo idealizado, em contrapartida o corpo atual é descrito por uma desconexão e posto como “inimigo, digno de ódio”. Assim, coloca-se uma incessante busca pela magreza, descrita como “a própria sensação de felicidade” e “única maneira de ter um senso de si”. O corpo torna-se o único objetivo para a vida e evidenciamos o comportamento alimentar não como uma questão central, mas como uma forma de vivenciar o próprio corpo, marcado pela sensação de prazer no controle para chegar neste objetivo. A segunda categoria, “Eu preciso saber o que estão pensando de mim”: O olhar do Outro, destacamos como a experiência do ser olhado é marcada por uma necessidade para o reconhecimento de si, ao mesmo tempo é descrita por sentimentos como vergonha e medo. O corpo é, então, reduzido a um caráter objetal dimensionado pelo olhar do Outro. Pode-se concluir que a lente fenomenológica desconstrói o centramento no comportamento alimentar, trazendo vestígios para pensar os Transtornos Alimentares, como transtornos da corporeidade, vividos como objetos para o Outro. Portanto, trazemos para o âmbito clínico o convite de resgatar a condição desse corpo como sujeito, em busca de uma experiência primária do contato com esse corpo próprio, em uma construção de novas maneiras de estar no mundo e se reconhecer.

Palavras-chave: Transtornos Alimentares; Fenomenologia; Psicopatologia Fenomenológica; Corporeidade; Identidade.

José Waldo Saraiva Neto

Aluno de graduação de psicologia da Universidade de Fortaleza, Fortaleza - CE, Brasil e bolsista de Iniciação Científica do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO).

E-mail: psi.josewaldo@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7481425416347790>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8484-3180>

Lucas Guimarães Bloc

Psicólogo, Doutor em Psicopatologia na Université Paris Diderot - Paris VII e Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza, Fortaleza - CE, Brasil e Coordenador do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO).

E-mail: blocpsi@unifor.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7062553560038741>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8528-131X>

Marianna Facó Soares

Aluna de graduação da Universidade de Fortaleza, Fortaleza - CE, Brasil e Iniciação Científica do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO).

E-mail: mariannafaco@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4894387569003109>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-7052-7882>

QUANDO O ENCONTRO COM A MAMÃE É NO HOSPITAL – VISITA INFANTIL NA ENFERMARIA

Frederico Moura (*UNAERP – Brasil*)

Juliana Vendruscolo (*UNAERP – Brasil*)

Luciane Cerdan Del Lama (*Hospital Beneficência Portuguesa – Brasil*)

O hospital é considerado um local inadequado para a presença de crianças. Tal concepção está em sintonia com dois aspectos relacionados ao nosso tempo: a maneira como o cuidado com a infância é concebido e também a interdição das temáticas relacionadas ao adoecimento e à morte. Os avanços técnicos e científicos, certamente importantes, justificam a restrição da presença das mesmas nas instituições hospitalares, quando apontam os riscos para a saúde. Entretanto, assim como já postulado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), saúde não deve ser considerada apenas a ausência de doenças, mas precisa abranger um quadro amplo de bem estar bio, psico, social e espiritual. Nesse sentido, recentemente, em nosso país, foi sancionada a Lei Nº 14.950, de 02 de agosto de 2024, que garante o direito das crianças visitarem familiares hospitalizados. O objetivo deste estudo é apresentar o procedimento operacional padrão (POP) para a visita de crianças aos familiares hospitalizados em uma instituição pública do interior de São Paulo, bem como descrever a experiência oriunda desse contexto, a partir de uma narrativa clínica, procurando compreendê-la em uma perspectiva fenomenológico-existencial. Ao questionar a importância e adequação do encontro da criança com sua mãe gravemente enferma e hospitalizada buscou-se a compreensão dessa experiência através de uma postura metodológica que permitisse o desvelar do fenômeno a ser compreendido. O método fenomenológico-hermenêutico nos auxiliou nesse percurso que iniciou com a busca da literatura científica, pautada nos ditames do nosso horizonte histórico acerca da temática estudada. Trata-se da etapa da reconstrução. Então, deixando a atitude natural, explicativa, e assumindo a suspensão das teorias explicativas, em uma atitude fenomenológica, buscou-se a literatura primária, que permitiu nesta etapa denominada destruição, a desconstrução das verdades posicionadas em nosso tempo. Neste momento também foi apresentado o discurso trazido pelos participantes. Acompanhar o sentido das narrativas permitiu, na etapa de construção, a compreensão acerca do fenômeno vivenciado, bem como a proposta de uma intervenção clínica. A experiência infantil diante do adoecimento, do distanciamento ocasionado pela hospitalização e do agravamento da doença de seu familiar é marcada pela necessidade de compartilhamento de seus pensamentos e sentimentos. Portanto, para além do questionamento sobre a permissão de sua inserção no cenário hospitalar, é preciso oferecer uma escuta clínica acolhedora para as demandas relativas à sua forma de compreensão do mundo e capaz de acompanhá-la na apropriação de sua experiência diante de aspectos constitutivos do existir humano, como a dor e a finitude.

Palavras-chave: Psicologia Hospitalar; Fenomenologia Existencial; Criança; Visita à pacientes

Frederico Moura

Graduado em psicologia pela UNAERP

E-mail: fredmourinha@hotmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0052911791607466>

Juliana Vendruscolo

Psicóloga; doutora; Ambulatório de Luto; UNAERP.

E-mail: jvendruscolo@uanerp.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3881589018528044>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4023-4472>

Luciane Cerdan Del Lama

Psicóloga, Especialista.
E-mail: ludellama@hotmail.com

REENCONTRO COM A POSSIBILIDADE: RECORDAÇÃO COMO MOTIVAÇÃO PARA DISCUTIR A CLÍNICA FENOMENOLÓGICA- HERMENÊUTICA

Crisóstomo Lima do Nascimento (*UFF - Brasil*)

Flora Paula Freitas (*UNEF - Brasil*)

Luiza Coelho Teixeira (*UFRJ - Brasil*)

Rayssa Silva de Medeiros (*UFF - Brasil*)

A prática clínica contemporânea, em um contexto mais hermético, tem a tendência a privilegiar a representação e a categorização da experiência humana, o que, segundo o pensador Martin Heidegger, corresponderia ao modo de ser do homem esquecido de seu esquecimento. Nesse viés, ao capturar a experiência em moldes fixos que têm como fundamento dinâmicas causais da explicação dos fenômenos, corre-se o risco de obscurecer a singularidade e a abertura do ser. Em contraposição, a clínica fenomenológica-hermenêutica propõe uma escuta que se dispõe à emergência do que, embora presente, encontra-se velado pelo esquecimento. Neste horizonte, a recordação, que se apresenta como um caminho possível para as contaminações de uma clínica explicativa, é compreendida não como a elaboração de um passado cronológico, mas como uma espécie de encontro de um sentido que ressurge no presente, a partir daquilo que volta a passar pelo coração. Nesse sentido, este trabalho busca refletir sobre como a escuta clínica fenomenológica, inspirada em Martin Heidegger, pode favorecer espaços em que o passado esquecido se mostra como abertura para o porvir. A investigação parte de uma revisão bibliográfica que aproxima o fenômeno da recordação ao pensamento hermenêutico de Heidegger, especialmente a partir de sua obra intitulada como *Serenidade*. Assim, a escuta daquilo que passa novamente pelo coração, enquanto prática clínica, é entendida como disposição que permite tanto ao paciente quanto ao terapeuta serem tocados pelo que se anuncia, acolhendo a indeterminação do ser. Dessa forma, a recordação, entendida aqui não como um simples ato de reviver, mas como um deixar-se ser encontrado pelo que na vulnerabilidade e na finitude ainda pulsa em nós, possibilita que o paciente se encontre com as suas próprias condições de possibilidade que se anunciam a cada momento. Portanto, a clínica de inspiração fenomenológica-hermenêutica ancorada na serenidade, torna-se um espaço em que a recordação pode se configurar como fonte de esperança e transformação, manifestando-se como um acontecimento que revela a indigência e, ao mesmo tempo, aponta para novas possibilidades de criação e recriação (poiesis).

Palavras-chave: Recordação; Fenomenologia; Clínica; Escuta.

Rayssa Silva de Medeiros

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense; Aluna pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Fenomenologia e Filosofias da Existência (NEPPFFE); Monitora bolsista do Programa de Iniciação à Docência das disciplinas de Psicologia Existencial e Humanista e Estudos Avançados em Psicologia Clínica (2022-2024) e atualmente é monitora voluntária das mesmas disciplinas por intermédio do Departamento de Psicologia da UFF-Campos.

Email: rayssamedeiros@id.uff.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2425066582744687>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1989-4188>

Crisóstomo Lima do Nascimento

Psicólogo Clínico; Pós-doutor em Ciências da Religião pelo PPG da PUC-Campinas; Professor Adjunto da Universidade Federal Fluminense - UFF; Professor do PPG em Cognição e linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF; Coordenador do Grupo de Trabalho Fenomenologia, Saúde e Processos Psicológicos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP); Integrante e membro fundador da ABRAPFE; Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Fenomenologia e Filosofias da existência (NEPPFFE).

Email: crisostomolima@id.uff.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3298272647948258>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8764-5220>

Flora Paula Freitas

Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense - UFF; Psicóloga Clínica com registro ativo de número CRP 05/82181; Aluna especial do mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Cognição e Linguagem na Universidade Estadual do Norte Fluminense; Integrante e pesquisadora no grupo de pesquisa Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Fenomenologia e Filosofias da Existência (NEPPFFE).

Email: florapfreitas@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5617155249896422>

Luiza Coelho Teixeira

Aluna de graduação em psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ; Estagiária do Centro de Doenças de Alzheimer - CDA/IPUB; Estagiária na Casa das Palmeiras; Extensionista no projeto de musicoterapia para trabalhadores do SUS.

Email: luizacteixeira09@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2189207467573966>

"TONALIDADES AFETIVAS E ATMOSFERAS EXISTENCIAIS: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DE PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM

Crisóstomo Lima do Nascimento (*UFF – Brasil*)

Flora Paula Freitas (*UENF – Brasil*)

Gesiane Rima do Vales (*UFF – Brasil*)

Mysllene Gomes do Nascimento (*UENF – Brasil*)

A leitura das obras de Clarice Lispector chama atenção para o caráter singular e ímpar de sua escrita, que se caracteriza principalmente pelo modelo de fluxo contínuo de consciência. Assim, em suas produções, a autora preocupa-se em colocar em palavras os pensamentos, sentimentos e reflexões que sejam rigorosamente fiéis ao íntimo das personagens durante passagens impactantes ao longo de suas existências. A maneira como Clarice transparece em suas obras os questionamentos de suas personagens se aproxima intimamente dos discursos trazidos por pacientes nas sessões de psicoterapia. Dessa maneira, este trabalho objetiva fazer uma análise fenomenológica hermenêutica da modulação das tonalidades afetivas da personagem Joana, do romance *Perto do Coração Selvagem* de Clarice Lispector, à luz da ontologia fundamental de Martin Heidegger em *Ser e Tempo*. Partindo da leitura cuidadosa da obra literária e da experiência prática em psicologia clínica, investiga-se como a disposição afetiva de Joana se transforma conforme os acontecimentos que atravessam sua cotidianidade — a infância reflexiva, a orfandade precoce, a mudança de casa, a vida no internato e o casamento. Cada etapa da trajetória de Joana evidencia variações na atmosfera existencial que a envolve, revelando graus distintos de afetação e modos de ser no mundo. Lispector expressa as atmosferas existenciais da personagem a partir de uma escrita que permite uma análise à luz da psicologia clínica fenomenológico-existencial. A metodologia utilizada consiste na interlocução entre a fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger e a análise clínica das atmosferas existenciais. Portanto, assim como Joana, os pacientes em contexto psicoterapêutico apresentam-se em cada encontro sob diferentes tonalidades afetivas, expressando modificações de sua disposição afetiva conforme a vivência do existir. A sessão clínica é compreendida, portanto, como um espaço onde se atualizam atmosferas afetivas específicas tanto do paciente quanto do psicólogo, em sua mútua abertura ao ser. O estudo enfatiza que o luto, a perda e a impermanência não são apenas eventos factuais, mas experiências que atravessam e configuram o modo como o mundo se desvela para o Dasein. A partir da análise de Joana, observa-se que a existência humana é atravessada por uma contínua agonia e transformação, constituindo-se num fluxo de sintonizações que instauram novos sentidos de ser. Assim, esta investigação contribui para uma compreensão fenomenológica hermenêutica da prática clínica, onde a escuta atenta às disposições afetivas se torna essencial para o acolhimento da singularidade existencial do paciente.

Palavras-chave: Fenomenologia; tonalidade afetiva; disposição existencial; psicologia clínica; literatura.

Flora Paula Freitas

Psicóloga pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Aluna especial do mestrado pelo Programa de Pós Graduação em Cognição e Linguagem na Universidade Estadual do Norte Fluminense; Integrante e pesquisadora no grupo de pesquisa Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Fenomenologia e Filosofias da Existência (NEPPFFE).

Email: florapfreitas@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5617155249896422>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9554-5170>

Crisóstomo Lima do Nascimento

Psicólogo Clínico; Pós-doutor em Ciências da Religião pelo PPG da PUC; Professor Adjunto da Universidade Federal Fluminense (UFF); Professor do PPG em Cognição e linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF; Coordenador do Grupo de Trabalho Fenomenologia, Saúde e Processos Psicológicos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP); integrante e membro fundador da ABRAPFE; Coordenador NEPPFFE.

Email: crisostomolima@id.uff.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3298272647948258>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8764-5220>

Gesiane Rima do Vales

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisadora (Bolsista CNPq) do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Fenomenologia e Filosofias da Existência (NEPPFFE). Monitora nas disciplinas de Estudos Avançados em Psicologia Clínica I e Psicologia Existencial Humanista na UFF.

Email: gesianevalues@id.uff.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6290337921725662>

Mysllene Gomes do Nascimento

Mestranda em Cognição e Linguagem pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Norte Fluminense (UENF). Professora na Escola Municipal José do Patrocínio, em Campos dos Goytacazes. É integrante do Grupo de Pesquisa NEPPFFE.

Email: mysllenegomesdonascimento@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2506220951875547>

**EIXO III: BASES FENOMENOLÓGICAS DA
CLÍNICA PSICOLÓGICA: EXISTENCIAL,
HUMANISTA, LOGOTERAPIA, GESTALT**

A ATITUDE FENOMENOLÓGICA E A RELAÇÃO DO SER-NO-MUNDO NO TRATO CLÍNICO DA ANSIEDADE

Antônio Astério Rodrigues (IFEN – Brasil)

Este estudo analisa a ansiedade como roupa apertada, desconfortável, mas como vestimenta usual dessa sociedade contemporânea, pós-moderna, líquida, caracterizada como um estado afetivo penoso, marcado pela expectativa de algum perigo que se revela indeterminado e impreciso. A ansiedade, que de tão prevalente neste tempo, é classificada como “transtorno mental comum” pela Organização Mundial da Saúde. Tratada, muitas vezes, ainda nesse tempo, apenas pelos sinais e sintomas, ou por entendimentos causalistas e explicativos. E, ponderando enfim, o sofrimento pelas perdas de não se viver o agora decorrente desta ansiedade, este trabalho se propõe a investigar, sob uma perspectiva fenomenológica existencial, as contribuições da atitude fenomenológica e a relação ser-no-mundo na compreensão da ansiedade, clarificando, quiçá, neste ente ansioso em movimento de relações com o outro, novos entendimentos sobre si mesmo e seu poder-ser-no-mundo. Para tanto, nos propomos inicialmente a caracterizar a ansiedade, sua prevalência e relevância, e a visão patologizante dos enquadres biomédicos. Em seguida, discorreremos sobre a atitude fenomenológica como reflexão sobre o fenômeno, a suspensão do imediatamente posto para as vivências puras da consciência constituinte. Depois, verificamos a ansiedade como possível decorrência das vivências do ser-no-mundo, nesse espaço originário de sentidos no qual o ente debate-se em seu poder-vir-a-ser. Enfim, analisamos a postura terapêutica sob o entendimento da atitude fenomenológica e o ser-no-mundo no atendimento clínico. Para o alcance desse objetivo, utilizou-se como suporte de fundamentação teórica deste trabalho científico a pesquisa básica, descritiva e exploratória, por meio de revisão de literatura nas plataformas SciELO, PePSIC, Google Acadêmico, LILACS, com artigos escolhidos arbitrariamente, livros, dissertações e teses. Observou-se a ansiedade como crise existencial interpretada pelas ciências naturais em um diagnóstico inerente ao corpo biológico e percebeu-se a prevalência e decorrente relevância da ansiedade em nossa contemporaneidade como sofrimento corriqueiro em parte expressiva de nossa sociedade pós-moderna, assim como o inexpressivo conhecimento desse público ansioso e sofrido sobre o melhor entendimento e tratamento desse transtorno que tanto desgasta, debilita, exaure e adoece seu portador. Assim, considera-se interessante questionar essa interpretação, posto que tal fenômeno deve ser largamente compreendido à luz da fenomenologia existencial em sua suspensão via atitude fenomenológica e compreensão ontológica do ser-aí, uma vez que esse ente se constitui como ser-no-mundo em um horizonte temporal.

Palavras-chave: ansiedade; atitude fenomenológica; ser-no-mundo; impessoalidade; singularidade.

Antônio Astério Rodrigues

Bacharel em Psicologia pela Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB). Associado do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN) e Pós-Graduando na Especialização em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-Existencial do IFEN, Rio de Janeiro/RJ, Brasil. CRP 22/05970.

E-mail: asteriopassarinho@gmail.com

ORCID: 0009-0004-3275-2415

A CLÍNICA DO TEMPO VIVIDO EM ACELERAÇÃO: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE MANIA E HIPERATIVIDADE

Elvira Ribeiro Madeira (UNIFOR – Brasil)

Juliana Lima de Araujo (UNIFOR – Brasil)

A vida contemporânea parece atravessada por uma aceleração contínua, marcada pela valorização da produtividade, da performance e da multiplicação de experiências. Nesse contexto, o tempo torna-se não mais uma experiência vivida, mas um recurso a ser otimizado. Este trabalho propõe uma reflexão sobre a experiência temporal na mania e na hiperatividade, tomando-as não apenas como quadros clínicos isolados, mas expressões de uma temporalidade descompassada ao ritmo do corpo e da experiência dos indivíduos. Trata-se de um estudo teórico-reflexivo, ancorado na psicopatologia fenomenológica com base em autores como Eugene Minkowski, Thomas Fuchs, e Louis Sass. Na mania, o sujeito vive num presente absoluto, um agora intensificado e fragmentado. A experiência do tempo é acelerada, o “relógio interno” parece correr mais rápido que o mundo, e há uma sensação de possibilidades infinitas. O maníaco está constantemente à frente de si, em um estado de pura intencionalidade e presença, onde o tempo do corpo é negado em favor de um tempo homogêneo e linearmente acelerado. Na hiperatividade, há a expansão excessiva do eu que se fragmenta em múltiplas ações simultâneas onde o campo de consciência dirige - se a um futuro imediato. Um aumento de velocidade gerado pela hiperatividade torna necessária a manutenção de foco da consciência em um ponto em constante mudança para os ajustes necessários para a continuidade da ação. A impossibilidade desta ação gerada pelo ritmo natural da vida pode incorrer em uma busca contínua por vivências marcadas pela novidade e pelas sensações que são mais importantes para ações no aqui e agora. Esses modos de funcionamento apontam para uma crise da temporalidade no campo da subjetividade. A psicopatologia fenomenológica oferece recursos para descrever esses modos de ser, deslocando o olhar da classificação para a experiência vivida. Com isso, contribui para uma clínica que acolhe o sujeito em sua forma singular de estar no tempo, contextualizado em uma leitura das influências de seu tempo social, sua sociedade e sua cultura favorecendo uma escuta sensível às estruturas existenciais, respeitando a singularidade de cada vivido.

Palavras-chave: Tempora Mania; Hiperatividade; Tempo,

Elvira Ribeiro Madeira - Psicóloga e Psicoterapeuta, possui formação em Clínica Humanista Fenomenológica, Mestranda do Programa de Pós-graduação da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) - Integrante laboratório Apheto - Pesquisa sobre Mulheres adultas com TDAH. Estudo financiado com Bolsa FUNCAP.

E-mail: elvira.madeira@gmail.com,

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5789821989448202>,

ORCID: ORCID 0009-0002-5522-686X

Juliana Lima de Araujo - Doutora em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Psicóloga, Psicoterapeuta, Mestre em Psicologia (UNIFOR). Filósofa pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Formação em Psicoterapia Humanista-Fenomenológica. Docente do curso de graduação em Psicologia (UNIFOR). Professora Pesquisadora do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica (APHETO), Fortaleza, Ce, Brasil.

E-mail: julianalima@unifor.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4227445359967278>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5174-4398>

A EXISTÊNCIA NARRADA: IDENTIDADE E PROJETO PROFISSIONAL NA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL

Vitor Almeida Nascimento (UNISAL – Brasil)

A contemporaneidade é marcada por instabilidade, fluidez e rápidas transformações nas esferas social, tecnológica e laboral. Diante desse cenário, emergem com força questões existenciais que desafiam os sujeitos a construir sentido para suas trajetórias profissionais e para quem são nesse processo. A busca por uma identidade coerente e a definição de um projeto profissional autêntico tornam-se centrais nos dilemas vividos, especialmente em contextos de escolha e mudança. Este trabalho tem como objetivo geral analisar como o projeto profissional se relaciona com a constituição da identidade da pessoa sob a ótica da psicologia fenomenológico-existencial. Para tanto, busca-se: descrever as concepções de identidade no senso comum e na psicologia tradicional; compreender as transformações históricas no modo como a escolha profissional é pensada; apresentar os fundamentos da psicologia fenomenológico-existencial, com ênfase na filosofia de Martin Heidegger; e compreender a relação entre identidade e projeto profissional nessa abordagem. A pesquisa é de natureza teórica e qualitativa, baseada em revisão de literatura autores clássicos da psicologia social e do desenvolvimento, culminando em um diálogo com a filosofia de Heidegger. Toma como questão norteadora: como pensar o projeto profissional e sua relação com a identidade pela visão da psicologia fenomenológico-existencial? As análises indicam que o projeto profissional, longe de ser uma simples decisão racional ou técnica, é expressão concreta da existência do sujeito no mundo, articulando liberdade, responsabilidade, historicidade e abertura ao futuro. A identidade é compreendida como narrativa em constante atualização, constituída no modo como o sujeito se projeta no tempo e assume compromissos significativos com o mundo do trabalho. A postura fenomenológico-existencial é reconhecida como espaço privilegiado para a escuta dessa narrativa, possibilitando que a pessoa possa elaborar escolhas profissionais mais autênticas. Conclui-se que compreender o projeto profissional como expressão da identidade pode oferecer caminhos potentes para práticas clínicas e educacionais que reconheçam o sujeito como livre, singular e autor de sua própria existência.

Palavras-chave: Identidade; Projeto Profissional; Psicologia fenomenológica; Narrativa; Educação existencial.

Vitor Almeida Nascimento.

Licenciado em Matemática (UNISAL/2010); Pós-graduado em Logoterapia e Desenvolvimento Humano (IPLOGO/2023); Graduando em Psicologia (UNISAL/2025); Pós-graduando em Psicologia Clínica Fenomenológica-existencial (IFEN/2026); Diretor Escolar na Rede Municipal de Ensino de Cruzeiro/SP.

E-mail: vitoralmeidan260@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3233056353510502>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0771-8231>

A HIPERREFLEXIVIDADE DE TOMÉ E SEUS ATRAVESSAMENTOS NA RELAÇÃO TERAPÊUTICA

Bruna Soares Picanço (*UNIFOR - Brasil*)
Lucas Guimarães Bloc (*UNIFOR - Brasil*)
Marianna Facó Soares (*UNIFOR - Brasil*)

As experiências ditas psicóticas indicam um modo particular de relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Historicamente, é um tema bastante estudado no campo da psicopatologia fenomenológica. Uma das experiências que mais aparecem em estudos contemporâneos sobre a psicose, mais especificamente a esquizofrenia, é a da hiperreflexividade. Conceito desenvolvido por Louis Sass, caracterizado pela intensificação e exacerbação da consciência e reflexão, observando-se, a partir disso, um distanciamento nas dimensões da intersubjetividade e do corpo, assim como uma alteração na forma de estar no mundo e vivenciá-lo. Nesse contexto, uma reflexão acerca da psicoterapia e das estruturas existentes no campo da saúde mental para assistir essa experiência é indispensável. A presente pesquisa tem como objetivo compreender, através de um estudo de caso, os atravessamentos da hiperreflexividade na relação psicoterapêutica. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que investiga o processo psicoterapêutico de Tomé, homem cisgênero de 40 anos, atendido por dois anos em uma clínica-escola de Fortaleza, com base na abordagem Humanista-Fenomenológica. O participante possui diagnóstico de esquizofrenia, embora não o mencione diretamente nas sessões, focando-se em sintomas associados ao Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC). As etapas do estudo abarcam a coleta de dados, a análise do caso e a explanação final. Como instrumentos de coleta foram utilizados os prontuários e as versões de sentido elaboradas pela psicoterapeuta após os atendimentos. A análise do caso deu-se por meio do Método Fenomenológico Crítico de pesquisa em Psicologia instrumentalizado à clínica. Durante o processo psicoterapêutico, Tomé parecia, por muitas vezes, não conseguir acessar algumas intervenções. Com fala rápida e verborrágica era percebido que sua fala tentava alcançar o seu fluxo de pensamento, fazendo com que as intervenções parecessem sequer serem ouvidas. Buscou-se presentificar sua experiência e facilitar para que pudesse entrar em contato com o próprio corpo, com seus gestos, com seu lugar no espaço, no tempo e na relação. Ao longo dos atendimentos, Tomé era convidado a voltar ao pré-reflexivo, diante da excessividade da consciência e a psicoterapia se fez como um lugar onde ele poderia apenas voltar ao vivido. O vínculo se mostrou essencial para que ele pudesse ter segurança e confiança tanto no processo quanto na profissional. Conclui-se que a hiperreflexividade atravessa a relação terapêutica, sendo fundamental que o psicoterapeuta esteja disponível a uma escuta sensível, cuidadosa e que possa acolher a experiência do paciente.

Palavras-chaves: Psicoterapia; Relação Terapêutica; Humanismo-Fenomenológico; Esquizofrenia; Hiperreflexividade.

Bruna Soares Picanço

Aluna de graduação da Universidade de Fortaleza, Fortaleza - CE, Brasil e Iniciação Científica do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO).

E-mail: brunasoarespicanco@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8353817920695927>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-0058-3966>

Lucas Guimarães Bloc

Psicólogo, Doutor em Psicopatologia na Université Paris Diderot - Paris VII e Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza, Fortaleza-CE, Brasil e Coordenador do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO).

E-mail: blocpsi@unifor.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7062553560038741>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8528-131X>

Marianna Facó Soares

Aluna de graduação da Universidade de Fortaleza, Fortaleza - CE, Brasil e bolsista de Iniciação Científica do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO). Este estudo é financiado pelo Programa de Apoio a Equipes de Pesquisa da Universidade de Fortaleza - UNIFOR.

E-mail: mariannafaco@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4894387569003109>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-7052-7882>

ANSIEDADE NA INFÂNCIA: APONTAMENTOS FENOMENOLÓGICOS SOBRE NOSSA CONDIÇÃO HUMANA

Lucas Guimarães Bloc (*UNIFOR - Brasil*)
Willyan da Costa Mota (*UNIFOR - Brasil*)

A ansiedade, enquanto fenômeno existencial, acompanha a condição humana e está presente desde os primeiros anos de vida. Embora seja um termo amplamente utilizado no senso comum e no campo científico, sua compreensão, sobretudo na infância, permanece nebulosa. Em crianças, os principais componentes são as preocupações e os medos, especialmente nos contextos escolar, de saúde, de danos pessoais e de desempenho. No entanto, pode ser particularmente difícil, diferenciar a ansiedade normal da patológica, ou distingui-la enquanto emoção ou humor, uma vez que medos e preocupações fazem parte do desenvolvimento infantil. Ademais, há uma discussão consolidada sobre a limitação de critérios diagnósticos baseados apenas em sintomas, sendo necessária uma avaliação profunda para garantir a compreensão adequada da experiência de ansiedade na infância. Este trabalho tem como objetivo apresentar, a partir de estudos no campo da fenomenologia, um esboço dos possíveis fundamentos para uma compreensão ampliada da ansiedade em crianças. Como ponto de partida, discute-se que *Angst* representa um fenômeno complexo, multifacetado e, ao mesmo tempo, ubíquo da vida emocional humana — variando desde a angústia vital, próxima ao corpo, passando pelo medo direcionado a objetos, até chegar à ansiedade difusa e à inquietação. *Angst* se revela de diferentes modos e constitui uma estrutura fundamental da existência humana: a inibição de um impulso de fuga diante de uma ameaça, sendo também um dos elementos que explicitam nossa vulnerabilidade. Tomando *Angst* como fundamento para a compreensão da ansiedade, autores discutem suas diversas formas — ansiedade vital, medos espaciais, ansiedades sociais e existenciais — e seu entrelaçamento com nossas vulnerabilidades antropológicas, a saber: insegurança biológica, capacidade humana de imaginação e antecipação do futuro, função reguladora da ansiedade no convívio social e o preço da liberdade humana. Ao explorar essas formas de ansiedade, torna-se possível traçar paralelos com a experiência infantil. Observa-se que as crianças podem viver sob uma atmosfera constante de ameaça, manifestando medos de perda, abandono, separação, rejeição social, eventos traumáticos e adoecimento com uma intensidade visceral. Para a criança, o mundo pode se tornar ameaçador, onde o escuro, o desconhecido e as ausências tecem sua atmosfera de angústia. Por meio da fenomenologia, ao resgatar o caráter antropológico da experiência da ansiedade, obtemos um insight valioso sobre como compreendê-la na infância. O convite fenomenológico é “ir às coisas mesmas”, pois, quando uma criança expressa que está ansiosa, não estamos apenas diante de um comportamento, mas de uma manifestação profunda de nossa condição humana compartilhada.

Palavras-chave: ansiedade; infância, psicopatologia; vulnerabilidade; fenomenologia.

Lucas Guimarães Bloc

Psicólogo, doutor em Psicopatologia na Université Paris Diderot - Paris VII. Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Coordenador do APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica do PPGP da UNIFOR.

E-mail: bloc Lucas@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7062553560038741>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8528-131X>

Willyan da Costa Mota

Psicólogo, graduado pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Atualmente cursa o Mestrado em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) da UNIFOR, com bolsa FUNCAP. Membro do APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica do PPGP da UNIFOR.

E-mail: willyancm@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8727460125141976>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1227-8993>

CONTORNOS DA CLÍNICA PSICOLÓGICA: DIANTE DO HUMANO INDIVIDUAL ESPECÍFICO, O SINGULAR

Claudia de Loureiro Carvalho (IFEN/LAFEPE/UERJ - Brasil)

A clínica psicológica enfrenta, a cada encontro, o desafio de compor uma atmosfera junto ao sofrimento humano, a partir do fenômeno que se apresenta sempre em diferença. Este ensaio medita sobre a tarefa clínica inspirada no pensamento de Kierkegaard e sua ênfase na singularidade. A clínica se realiza na relação com o humano individual específico — o singular — e sua dor frente à experiência que lhe acontece. Ao indivíduo cabe a tarefa de ter de ser aquele que cuida e decide por sua própria passagem, em constante confronto com os paradoxos fundamentais da existência: “infinitude e finitude, eternidade e temporalidade, liberdade e necessidade” — como possibilidade e circunstância. O psicólogo clínico, como conhecedor de almas, reconhece o desespero — o sofrimento da vontade de ser ou de não ser uma certa e segura personalidade, no esforço e na ilusão de fixar-se numa face das oposições existenciais. No desespero, negam-se os paradoxos e resiste-se à tensão existencial. O sofrimento está em tentar resolver definitivamente sua inquietação — o movimento persistente de ter de ser e tornar-se singular em meio ao coletivo. Para a psicologia, Kierkegaard descreve uma atmosfera criadora e edificante ao pensar o fenômeno da saúde e da doença do espírito — o desespero e a possibilidade de tornar-se si-mesmo. Vislumbra os “contornos das possibilidades”, busca o despertar da consciência e o fundamento do indivíduo para constante singularização. Como aponta Vigilius Haufniensis em *O conceito de angústia*: o objeto da psicologia é a possibilidade. Nessa perspectiva, descreve-nos uma atmosfera da clínica psicológica guiada pela “tenacidade observadora”, proponente de uma “resistência intrépida da seriedade”, articulada à “angústia descobridora”. Assim, observa o indivíduo diante da consciência de si, da liberdade e das circunstâncias que experimenta. Anti-Climacus, em *A doença para a morte*, oferece a “edificação” e o “despertar” da consciência como via para o movimento da singularidade. Para Haufniensis, é tarefa da psicologia investigar como o indivíduo adormece para a própria consciência. Voltar-se para si — entre possibilidade e limitação — constitui margem dos acontecimentos que a clínica acompanha. A questão que orienta o olhar da psicologia em sua ação clínica dirige-se ao que é preciso entrever ao sondar os contornos da experiência de sofrimento humano — e, nesse mergulho, perscrutar a unidade, a tarefa do singular. Aí, a psicologia se exaure no papel de observadora. O clínico contorna a singularidade, mas não a determina; testemunha o movimento onde o humano emerge como tarefa viva e inacabada.

Palavras-chave: Clínica psicológica; Kierkegaard; singularidade; desespero.

Claudia de Loureiro Carvalho

Graduada em Psicóloga pelo Centro Universitário IBMR, especialista em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-Existencial pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro, pesquisadora no Grupo de Pesquisa Margem Kierkegaardina do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
e-mail: claudiacarvalhoamaral@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9597710910139229>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3546-7164>.

EXISTIR É INÚTIL: FUNDAMENTOS FENOMENOLÓGICOS- EXISTENCIAIS PARA UMA CLÍNICA NÃO UTILITÁRIA

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (*UERJ – Brasil*)
Glênio Carneiro Maciel Júnior (*UERJ – Brasil*)

Este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre a predominância da lógica utilitarista na Psicologia Clínica, particularmente no exercício da psicoterapia. A prática psicoterapêutica, por se pautar pelos atravessamentos da ciência moderna, incorporou a racionalidade instrumental ao seu fazer, subordinando o espaço clínico a noções como funcionalidade, eficiência e eficácia, como podemos constatar tanto na lei de regulamentação da profissão de psicólogo no Brasil, como na própria definição de psicoterapia dada pelo CFP. No fundo dessas práticas, ressoa, como em praticamente todas as ciências, a doutrina ética do utilitarismo. A partir dessa doutrina, a utilidade de algo não é mais visto como aquilo que vem a mão para uso, mas o condicionamento de uma prática poder ser útil a partir de suas consequências, sempre visando a busca por felicidade e redução do sofrimento individual. Nesse contexto, a psicoterapia aparece como um dispositivo que visa ser o meio para se alcançar fins, como a adaptação social, aumento de performance etc. O objetivo desta pesquisa é investigar a possibilidade de sustentar, no interior da clínica psicológica, um outro modo de fazer, o qual denominamos inútil, isto é, um modo que prescindia da busca por utilidade nos moldes do utilitarismo e que não se oriente exclusivamente por tais imperativos. Encontramos na perspectiva fenomenológico-existencial o caminho para se pensar, e, portanto, esse trabalho segue tal orientação. A relevância desse estudo, reside em, sendo a clínica psicológica de orientação fenomenológico-existencial um espaço de abertura para a tematização da existência como fundamento primeiro, o caráter utilitário se mostra tardio e aponta para uma tensão presente a partir das sedimentações de mundo. Esse modo de desencobrimento das coisas que nos vem ao encontro, já foi tematizado por Heidegger em *A questão da técnica*, texto que nos inspirou e ofereceu caminhos para, junto a psicólogos da perspectiva existencial como Ana Maria Feijoo, pudéssemos sustentar a possibilidade de renunciar à busca por utilidade na clínica. Heidegger nos *Seminários de Zollikon* também aponta o inútil como caminho para recondução do homem a si mesmo. Em psicoterapia, trazer o inútil da existência para discussão, diz aproximar aquele que nos procura a sua abertura originária, e possibilitar outro modo de lida consigo mesmo que não o da natureza de instrumento. Nesse sentido, pretendemos sustentar que, a Psicologia Clínica de inspiração Fenomenológica-Existencial para poder por a existência no cerne de seu fazer, deve poder prescindir da busca por utilidade prática.

Palavras-chave: Fenomenologia; Utilitarismo; Existência; Psicologia Clínica; Heidegger.

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Departamento de Psicologia Clínica - DPC e Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social – PPGPS/UERJ. Coordenadora do projeto de extensão Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia da Existência – LAFEPE/UERJ. Membro do GT Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP. Sócia fundadora e benemérita do IFEN. Bolsista produtividade CNPQ e Cientista do Nosso Estado.

E-mail: ana.maria.feijoo@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6262781863415292>

ORCID: 000-0002-3064-363

Glênio Carneiro Maciel Júnior

Psicólogo graduado pela Universidade Veiga de Almeida, possui especialização pelo IFEN e mestrado em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/Brasil). Atualmente encontra-se cursando o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/Brasil).

E-mail: glenio.maciel@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4563090514993792>

ORCID:0009-0004-2821-8463.

LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL: O LUGAR DA ESPIRITUALIDADE NAS OBRAS DE FRANKL E LUKAS

Bruno Sérgio Medeiros (*Centro Universitário UNA – Brasil*)

Saulo Magalhães (*Centro Universitário UNA – Brasil*)

William Nogueira (*Centro Universitário UNA – Brasil*)

A Espiritualidade, como um aspecto intrínseco da experiência humana, é um tema recorrente nas obras de Viktor Frankl e Elisabeth Lukas, ambos influenciados pelo Existencialismo. Frankl, fundador da Logoterapia, enfatiza a importância do sentido da vida como um fator crucial na saúde mental. Em seu livro seminal "Em Busca de Sentido", ele argumenta que a vida nunca se torna insuportável devido às circunstâncias, mas pela falta de sentido. Esta pesquisa tem como objetivo compreender o lugar da Espiritualidade na Clínica Logoterápica, a partir das obras de Viktor Frankl e Elisabeth Lukas. A questão central dessa pesquisa é: Como a Espiritualidade deve ser compreendida na Clínica psicológica e qual a sua relevância para um raciocínio clínico em psicoterapia? Como relevância destaca-se a conexão entre Espiritualidade e Saúde Mental como um ponto central nas discussões de Frankl e Lukas. A Logoterapia sugere que a ausência de sentido pode levar a uma série de distúrbios psicológicos, enquanto a busca ativa por significado pode resultar em maior saúde emocional. Lukas, argumenta que a Espiritualidade pode servir como um fator de proteção contra a depressão e a ansiedade, proporcionando um espaço de reflexão e crescimento pessoal. Elegeu-se como método a Revisão Crítica da Literatura, definindo como fonte primária as obras de Viktor Frankl e Elisabeth Lukas que abordam a temática da Espiritualidade. Ambos os autores reconhecem que a Espiritualidade é uma expressão que compõe a Natureza Humana. Frankl, em sua experiência em campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial, observou que aqueles que tinham um motivo para viver, como a esperança de reencontrar um ente querido ou realizar um sonho, eram mais propensos a sobreviver. Este insight revela que a Espiritualidade está ligada à capacidade de encontrar um propósito, mesmo nas circunstâncias mais desafiadoras. Lukas complementa essa ideia ao explorar como a Espiritualidade pode ser cultivada em situações cotidianas. Em suas obras, a autora sugere que a Clínica Psicoterápica deve ser um lugar onde a reflexão sobre experiências passadas e a construção de um futuro com significado se dão como um convite prático para enriquecer a vida espiritual de um paciente. Tanto Frankl quanto Lukas oferecem uma visão profunda sobre o lugar da Espiritualidade na vida humana e consequentemente na Clínica Psicoterápica. Através de suas obras, eles nos convidam a explorar a Espiritualidade como uma dimensão vital, de promoção da saúde, na busca por significado e propósito.

Palavras-chave: Logoterapia; Espiritualidade; Psicoterapia; Viktor Frankl; Elisabeth Lukas

Bruno Sérgio Medeiros

Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Una de Uberlândia (Grupo Ânima). Pesquisador voluntário da University of Nation (UofN). Dedicou-se como pesquisador à compreensão do fenômeno da sexualidade humana e sua interface com a Clínica Fenomenológico-Existencial.

E-mail: brunomedeiros.psi@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4940100913363548>

Saulo Magalhães

Doutor em Psicologia Social pela UERJ. Especialista em Logoterapia e Análise Existencial pela UNILIFE. Pesquisador da University of the Nations (UofN). Psicólogo Clínico e Supervisor. Atualmente é docente e pesquisador no curso de Psicologia do Centro Universitário UNA (Grupo Ânima) em Uberlândia-MG, com o foco das pesquisas envolvendo a Fenomenologia-Existencial, Clínica Contemporânea e Espiritualidade.

E-mail: professorsaulomagalhaes@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/381735102661508>

William Nogueira

Graduando em Psicologia, atualmente no 8º período, pelo Centro Universitário Una de Uberlândia (Grupo Ânima). Dedicar-se ao aprofundamento teórico e prático na abordagem da fenomenologia-existencial, com interface entre a teoria e a prática clínica.

E-mail: williamnogueiraudi@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8052574560436795>

O MUNDO VIVIDO DE UMA PESSOA IDOSA INSTITUCIONALIZADA: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DA EXPERIÊNCIA

Beatriz Henrique de Oliveira (*UniRV Brasil*)
Fabiana Darc Miranda (*UniRV Brasil*)
Luiz Fernando Dibe Junior (*UniRV Brasil*)
Valdir Barbosa da Silva Junior (*UniRV Brasil*)

O envelhecimento é uma experiência subjetiva permeada por significados únicos, influenciada por contextos sociais, emocionais e culturais. Cada idoso vivencia esse processo de forma singular, construindo sentidos a partir de suas relações, histórias de vida e vínculos afetivos. A institucionalização, embora muitas vezes necessária, pode representar uma ruptura com o cotidiano anteriormente vivido, impactando diretamente na forma como o sujeito percebe a si mesmo e o mundo ao seu redor. Este estudo se ancora na abordagem fenomenológico-existencial e busca compreender a percepção da pessoa idosa institucionalizada em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). A pesquisa lança luz sobre os múltiplos sentidos da vivência na institucionalização, considerando tanto os desafios quanto as possíveis ressignificações da experiência. Dentre os aspectos desafiadores, destacam-se as determinações institucionais que se impõem, reduzindo o espaço para o protagonismo do sujeito, a perda de autonomia e o distanciamento do convívio familiar. Por outro lado, aspectos positivos também são apontados, como o acesso contínuo a cuidados básicos, segurança, acolhimento e a convivência com outros residentes. Diante disso, a pesquisa propõe a seguinte pergunta-problema: Como a pessoa idosa institucionalizada compreende e ressignifica sua experiência de envelhecimento em uma ILPI sob a ótica fenomenológico-existencial? Os dados foram obtidos por meio de entrevistas fenomenológicas, buscando acessar o mundo da vida (Lebenswelt) do participante. A análise se deu a partir da identificação de unidades temáticas de sentido, classificadas como variantes e invariantes, com o objetivo de revelar a essência (eidos) da experiência vivida. Este estudo contribui para uma compreensão mais aprofundada sobre os aspectos psicossociais do envelhecimento, em contextos institucionais e reforça a importância de políticas e práticas gerontológicas que promovam autonomia, escuta qualificada, subjetividade e bem-estar da pessoa idosa.

Palavra-chave: Envelhecimento; Fenomenologia; Institucionalização.

Beatriz Henrique de Oliveira

Acadêmico de Psicologia Universidade de Rio Verde.

E-mail: bo492506@gmail.com

ORCID: 0009-0004-4795-6314

Fabiana Darc Miranda

Doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar (UnB), Mestre em Educação (UFG), Psicóloga pela PUC Minas (2011). Docente UniRV. Pesquisadora em Psicologia educacional/escolar. Organizadora da Obra Psicologia e Serviço Social na Educação, Editora Nova Práxis (2020). Responsável pelo LAPEE UniRV;

E-mail: fabianadarc@unirv.edu.br.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4714170821084665>

ORCID: 0000-0003-1680-4081

Luiz Fernando Dibe Junior

Acadêmico de Psicologia Universidade de Rio Verde.

E-mail: luizdibe@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4193608023338277>

ORCID: 0009-0000-4133-1429

Valdir Barbosa da Silva Junior

Especialista e professor universitário na UniRV, membro da câmara de extensão - PROEXT e Psicólogo na PRAE.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2438746680276832>

ORCID: 0000-0002-0380-8270

O PRÉ-NATAL PSICOLÓGICO À LUZ DA LOGOTERAPIA

Nathália Pujol Fernandes (*UNESA – Brasil*)

Tatiane Jardim Costa (*UNESA – Brasil*)

O Pré-Natal Psicológico é uma temática que vem ganhando espaço nas produções científicas no Brasil e na prática dos chamados “Psicólogos Perinatais” que atuam no acompanhamento de gestantes, puérperas e demais envolvidos no processo de gestar. Por sua vez, a Logoterapia é uma abordagem psicoterápica criada por Viktor Emil Frankl, que tem como base 2 linhas filosóficas: a Fenomenologia e o Existencialismo, e que oferece uma reflexão sobre o sentido da vida e como esse pode ser alcançado até mesmo em situações de sofrimento, sentimento que muitas vezes pode ser vivenciado pelas mulheres durante o período de gestação. Dessa forma, foi conduzido um estudo a fim de identificar materiais bibliográficos produzidos recentemente no Brasil que orientem psicólogos e logoterapeutas no acompanhamento de gestantes durante o pré-natal psicológico. Foi realizada uma revisão integrativa de literatura a partir de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica, utilizando os descritores: Cuidado Pré-Natal AND Psicologia; Cuidado Pré-Natal AND Logoterapia; Cuidado Pré-natal AND Existencialismo; Gestação AND Psicologia; Gestação AND Logoterapia; Gestação AND Existencialismo. O levantamento de dados foi feito entre março e junho de 2024, de forma manual, nas seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Periódicos em Psicologia (PePsic), onde foram encontrados materiais que correlacionam Cuidado Pré-Natal e Gestação com Psicologia, mas não com os demais descritores. Apesar disso, foi possível correlacionar os dados encontrados com a literatura desejada, uma vez que houve grande incidência de dados sobre sofrimento psíquico em mulheres durante o período gestacional, sobretudo em casos de relações sociais conturbadas, prematuridade, diagnóstico de malformação congênita e perda gestacional, e uma possível aplicabilidade da Logoterapia para amenizar esses desconfortos. Demonstrando a necessidade de novas pesquisas e mais diálogos nessa área. Os resultados dessa pesquisa serão publicados pela revista “Phenomenology, Humanities and Sciences” - Fenomenologia, Humanidades e Ciências - sob o título “Contribuições da Logoterapia para a realização do Pré-Natal Psicológico: Uma revisão integrativa de literatura”

Palavras-chave: Fenomenologia; Cuidado Pré-Natal; Gestação; Logoterapia; Psicologia.

Nathália Pujol Fernandes

Psicóloga (CRP 05/80142); Pós-graduanda em Logoterapia e Análise Existencial - ALVEF; Graduada em Psicologia - UNESA - Petrópolis-RJ.

E-mail: npujolfernandes@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4575240903476206>

ORCID: 0009-0002-6275-5583

Tatiane Jardim Costa

Mestre em ensino na saúde - UFF; Professora - UNESA; Apoio gerencial - Secretaria Municipal de Saúde - Petrópolis-RJ; Enfermeira

E-mail: tatijardim83@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9755857994311997>

ORCID: 0000-0002-9923-7045

O SILÊNCIO NA RELAÇÃO PSICOTERAPÊUTICA: UM DIÁLOGO ENTRE FENOMENOLOGIA CRÍTICA E O MÉTODO HEURÍSTICO

Joanneliese de Lucas Freitas (*UFPR - Brasil*)

Larissa Léia da Costa (*UFPR - Brasil*)

Thais de Fátima Crescencio (*UFPR - Brasil*)

Victor Gabriel de Freitas (*UFPR - Brasil*)

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa de doutorado sobre a escuta psicológica de pessoas enlutadas por violência policial no Paraná, que tem como objetivo compreender quais os possíveis sentidos do silêncio na clínica e na escuta psicológica com pessoas enlutadas por violência de Estado. Tradicionalmente, o silêncio tem sido compreendido na clínica psicológica como momento oportuno para autopercepção do paciente. Para pensar as implicações do silêncio nessa pesquisa, utilizamos o método heurístico, que compreende o pesquisar a partir das vivências da pesquisadora, bem como reconhece a colaboração das participantes na construção do conhecimento. Tal entrelaçamento de vivências é aqui compreendido por meio dos conceitos de corporeidade e intersubjetividade em Merleau-Ponty, da discussão proposta por Sara Ahmed sobre o fundo invisibilizado quando o fenômeno torna-se fenômeno e de críticas à modernidade que encobre existências, saberes e afetações, conforme apontado por Dussel. Desse modo, evidenciamos como o silêncio na relação intersubjetiva pode colaborar não apenas para o silenciamento das formas de vivência do luto (como é o caso do silêncio frente a relatos de patologização do luto quando essa vivência não ocorre por fases preestabelecidas), como também pode favorecer a invisibilização de algumas existências diante das violências sofridas (como o silêncio que naturaliza o genocídio negro). Sendo assim, esse paradoxo do silêncio na relação psicoterapêutica revela a urgência em transcendermos a importação de teorias norte-americanas que são “aplicadas” em nosso território sem qualquer consideração à diversidade étnica e racial e às desigualdades sociais brasileiras que nos compõem como população, questão que diz respeito não apenas ao público atendido mas também aos corpos implicados na prática psicológica. Nesse sentido, torna-se pertinente que haja revisão acerca dos sentidos reproduzidos sobre o silêncio na experiência intersubjetiva psicóloga-paciente, considerando o desvelamento que o silêncio nos comunica frente às corporeidades que compõem a perpetuação de violências sedimentadas e naturalizadas, visto que majoritariamente são os corpos negros que sofrem essas violências, os corpos brancos que operam no judiciário e os corpos brancos que representam a psicologia. Por outro lado, por meio da relação intersubjetiva na relação psicoterapêutica é possível também perceber quando esse silêncio comunica sobre a experiência da paciente, de se perceber como um ser existente que está implicado em um mundo na relação com outro ser, e que embora tenha sua vida atravessada por violências estruturais, percebe em seu horizonte existencial novos possíveis.

Palavras-chave: Luto por Violência Policial; Psicologia Clínica; Fenomenologia Crítica; Método Heurístico.

Joanneliese de Lucas Freitas

Psicóloga, mestre e doutora pela Universidade de Brasília. Pesquisadora visitante do Departamento de Antropologia da University of California Los Angeles (UCLA). Professora Titular e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Membro GT ANPEPP “Psicologia e Fenomenologia”.

E-mail: joanne@ufpr.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4125030248428843>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0856-3460>

Larissa Léia da Costa

Graduada em Psicologia (UNIVAG), mestre em Psicologia (UFMT), Doutoranda em Psicologia Clínica pela UFPR, Bolsista CAPES.
E-mail: larissa.dtpsi@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1884901273057344>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1583-5687>.

Thais de Fátima Crescencio

Discente do curso de Psicologia da UFPR.
E-mail: thaiscrescencio27@gmail.com.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9095170750436631>

Victor Gabriel de Freitas

Discente do curso de Psicologia da UFPR e estagiário do setor de Psicologia do Tribunal de Justiça do Paraná (TJPR) no Juizado de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher e Vara de Crimes Contra Crianças, Adolescentes e Idosos de São José dos Pinhais.
E-mail: victorfreitas0204@gmail.com
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1474245980589116>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8349-2251>

**SENTIDO, ENCONTRO E LONGEVIDADE: REFLEXÕES
FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS SOBRE A COMUNICAÇÃO
INTERGERACIONAL NAS FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS**

Marta Maria do Amaral Duveen (*UNIFASE/FMP - Brasil*)
Juliana Nazareth (*UNIFASE/FMP - Brasil*)

A crescente longevidade da população brasileira tem consequências significativas para as configurações familiares, sendo as famílias multigeracionais uma realidade cada vez mais presente - em suas múltiplas versões. Há famílias em que os filhos adultos vivem com os pais, famílias em que os avós vivem com filhos ou netos e, também, aquelas que em que netos vivem sob os cuidados dos avós. Nem sempre, cabe aos mais jovens os cuidados e a responsabilidade com os idosos. A recíproca também vem sendo verdadeira. Muitas idosas vêm relatando tornarem-se “mães novamente” - assumindo de maneira significativa (ou mesmo exclusiva) a responsabilidade pela criação dos netos. Neste contexto diverso, surgem desafios: sobrecarga financeira, de cuidados práticos e outros de ordem emocional. Independente da configuração, famílias multigeracionais se mostram locus privilegiados de vivenciar diferenças entre as percepções, as experiências vividas, os horizontes de sentido, os campos de possibilidades e o próprio repertório comunicacional. Não raramente, há “desencontros” e desconfortos significativos, talvez, pela dificuldade de aproximação da perspectiva do outro. Fenomenologicamente, a comunicação não se reduz à troca de informações, mas envolve presença, acolhimento e abertura - reconhecendo e validando as nuances de cada existência. Martin Buber - o filósofo do diálogo - faz contribuições importantes neste sentido, aproximando a filosofia da psicologia, tornando possível pensar na intersubjetividade e na importância da intencionalidade da consciência, na experiência do diálogo e nas possibilidades de construção de “encontros” - inclusive, entre as diferentes gerações. Compreendendo o lugar da alteridade, da escuta e da construção de vínculos (intergeracionais). As possibilidades de (boa) comunicação e de conexão acontecem quando reconhecemos o outro - em sua diversidade. Ao mesmo tempo em que, também, nos validamos e nos reconhecemos - autenticamente. Reconhecimento e validação mútua (de si mesmo e do outro) estabelecem a possibilidade de abrir relação no “entre”. Onde, justamente, podem ser construídos e experienciados os “bons encontros”. Recíproca e dialogicamente. Sempre. Com estas reflexões, pretende-se inspirar práticas de escuta, validação e reciprocidade, promovendo o diálogo como possibilidade de construção conjunta de sentido - independente de idade ou geração.

Palavras-chave: Longevidade; Psicologia; Comunicação intergeracional; Sentido; Escuta.

Marta Maria Amaral Duveen
Graduanda de Psicologia (UNIFASE).
E-mail: martaduveen@gmail.com

Juliana de Souza e Costa Nazareth
Doutora em Psicossociologia pela UFRJ, professora e supervisora da UNIFASE/FMP. E-mail: juliana.nazareth@prof.unifase-rj.edu.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1737838530271928>

SER OU TER DE SER? O DESEMPENHO E A LIBERDADE EM ANÁLISE.

Ana Caroline Espírito Santo Maciel (UERJ – Brasil)

Este artigo propõe uma análise crítica da liberdade em sua dimensão ontológica no contexto da chamada Sociedade de Desempenho, com ênfase nas transformações históricas dos modos de poder e suas implicações na constituição do sujeito contemporâneo. Fundamentado em uma revisão teórica interdisciplinar, o estudo articula aportes da Filosofia Existencial — notadamente Kierkegaard, Heidegger e Sartre — e da Psicologia, além das contribuições genealógicas de Foucault, Deleuze e Byung-Chul Han. Argumenta-se que a liberdade, compreendida como abertura ontológica e condição de possibilidade da existência, é progressivamente capturada e instrumentalizada por dispositivos sociotécnicos que operam uma nova forma de sujeição. A análise parte da caracterização da transição histórica entre diferentes regimes de poder: das Sociedades de Soberania, marcadas pelo poder centralizado e visível do soberano — que decidia sobre a vida e a morte —, às Sociedades Disciplinares, nas quais o poder se desloca para instituições de controle da conduta e normatização dos corpos (família, escola, fábrica, prisão). Na sequência, examina-se a Sociedade de Controle, conforme proposta por Deleuze, onde o poder torna-se difuso, contínuo e exercido por meio de tecnologias digitais e dispositivos de vigilância distribuídos. Finalmente, chega-se à Sociedade de Desempenho, delineada por Han, onde o sujeito assume o imperativo da autogestão e da produtividade ilimitada, internalizando o comando por meio da lógica do "poder-poder", isto é, a liberdade transformada em exigência de performatividade. Neste contexto, emerge o paradoxo central do estudo: ao mesmo tempo em que o discurso contemporâneo enaltece a liberdade individual, ela é convertida em um dispositivo de coerção subjetiva. A liberdade, enquanto poder de abertura existencial, cede lugar à liberdade como dever de autorrealização, produtividade e auto aprimoramento. O sujeito não mais se defronta com um opressor externo, mas se vê compelido a explorar-se a si mesmo sob o risco do fracasso existencial. Dessa forma, se faz necessário a reflexão sobre os desafios éticos e políticos da atuação psicológica nesse cenário, ressaltando a importância de uma escuta clínica que reconheça a singularidade subjetiva para além dos imperativos do desempenho. Conclui-se que a retomada da liberdade em seu sentido ontológico pode contribuir para o enfrentamento das formas sutis de dominação presentes no neoliberalismo tardio e para a construção de práticas psicológicas mais emancipatórias.

Palavras-chave: Fenomenologia; Liberdade; Desempenho; Psicologia Clínica; Performance.

Ana Caroline Espírito Santo Maciel

Psicóloga graduada pela Universidade Veiga de Almeida (UVA) em 2020. Possui especialização em Psicologia Clínica Fenomenológica-Existencial pelo NuCafé e atualmente cursa mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ.

E-mail: anacaroline.esanto@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2902345715676960>

ORCID ID: 0009-0007-2228-9078

SER-TONS: VEREDAS — RIO DE IDENTIDADES TOMADO DE AFETOS

Rafael Garcia Vasconcelos (UERJ – Brasil)

Tem muita dor nessa primeira linha, além de uma certa aleluia. É a partir da tessitura entre a vivência da clínica e a atenção convocada pelo percurso formativo que esta trama se firma: uma trincheira frente a sedimentações positivistas que ainda atravessam modos de fazer psicológicos, com seu desprezo ao afeto e sua ânsia por fixar identidades em diagnósticos e performances. Na correnteza do rio de Heráclito, compreende-se o ser não como essência estável, mas como fluxo, hesitação e mudança. Em vez de buscar fundamentos fixos, esta proposta segue a bubuia das vivências, interrogando como se forjam pertencas, encaixes e retalhamentos. A trilha aqui envereda por perspectivas filosóficas, históricas e antropológicas, pensando como a identidade à brasileira vem sendo de-cantada. No imaginário social, persistem figuras como a do “homem cordial” e outras idealizações civilizatórias que, sob o véu da conciliação ou tropicalidade, normatizam o sentir e o viver, apagando ambiguidades e escamoteando a pluralidade das experiências. Este caminho dialoga com pensadores que interrogam o desejo de coincidência entre o eu e a norma, e propõem o acolhimento do ser na abertura, como desdobramento e presença. A literatura de Guimarães Rosa nos pega com testemunho e lampejo de formas de existência em que o viver não se reduz ao que podemos substantivar. O trabalho aproxima-se de uma psicologia atenta aos tons sensíveis, afastando-se da lógica da decifração para sustentar o enigma que nos soa. Diante do imperativo de transparência identitária e produtividade que atravessa algumas configurações de clínica contemporânea, defende-se aqui uma escuta do intervalo, da suspensão e da presença. Entre os grilhões classificatórios e a leveza de um ouvir tomado de afetos, a psicologia pode abrir-se em veredas: caminhos onde o ser não se define, mas sabe-se lançado e disposto a acompanhar o que brota antes do contorno. Mais do que oferecer soluções, propõe-se uma escuta paciente, que não se apressa em capturar, estabilizar, fotografar, interpretar... Arando areia de dunas, este trabalho se deixa guiar por uma filosofia que não busca definir, mas seguir com o ser em sua travessia. As tonalidades afetivas tornam-se bússola clínica: modo de saber da tinta antes das cores, entre o que pulsa e o que cala. Roçando veios e sulcos, feito agulhas diamantemente magnéticas, a atenção se afina ao que erica e ressoa, onde é possível tocar e cantar aquilo que erode sem se render ao risco fóssil da não-liberdade. “Viver é muito perigoso.”

Palavras-chave: Clínica fenomenológica; Identidade; Tonalidades afetivas.

Rafael Garcia Vasconcelos

Graduando em Psicologia, vinculado ao Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial (LAFEPE), bolsista do Programa de Iniciação Científica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro – RJ, Brasil.
E-mail: leafargarciavasconcelos@gmail.com

**EIXO IV: CIÊNCIA E FILOSOFIA:
KIERKEGAARD, NIETZSCHE, HEIDEGGER,
SARTRE, MERLEAU-PONTY**

A DIMENSÃO EPISTEMOLÓGICA DA PINTURA COMO EXPRESSÃO INSPIRADA NA FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY

Joanneliese de Lucas Freitas (*UFPR – Brasil*)

Luisa Lislé Both Griebler (*UFPR – Brasil*)

No século XX, uma crítica a um modo de fazer científico alicerçado em uma perspectiva hegemônica do conhecimento é realizada pela fenomenologia, convocando ao retorno à experiência vivida no mundo, com a suas contradições e ambiguidades, as quais foram subtraídas diante da premissa de universalidade, neutralidade e imparcialidade assumida pelas ciências modernas. A fenomenologia aponta para a objetividade e os dualismos entre mente e corpo, interno e externo, por exemplo, e as suas consequências no fazer científico, entre eles, o do psicologismo que desfavorece o contato com a dimensão originária da experiência no mundo e, por sua vez, a possibilidade de conhecê-la por meio das ciências. O objetivo do presente estudo é discutir a dimensão epistemológica da pintura no âmbito das psicologias a partir da perspectiva da expressão na filosofia de Merleau-Ponty. Como questão de pesquisa temos: quais são as contribuições epistemológicas da pintura para a produção de conhecimentos científicos no âmbito de uma psicologia inspirada na filosofia merleau-pontyana? Entendemos que a sua relevância se mostra na medida em que busca ampliar e adensar as reflexões epistemológicas dos saberes respectivos às psicologias. É um estudo qualitativo e bibliográfico buscando conduzir uma elaboração teórica sobre a pintura como meio expressivo no processo de produção de conhecimentos circunscritos à psicologia. A pintura aparece não como meio para representar, retomar um sentido sedimentado, mas como a possibilidade de expressar, de instituir sentido a partir do contato primeiro com o mundo que acontece por meio do corpo e, por sua vez, proporciona um retorno ao vivido, que é anterior e condição do conhecimento científico. Ao ampliar as possibilidades de aproximação do fenômeno durante o seu percurso de investigação, a pintura também convida o aparecer da perspectiva do(a) pesquisador(a) por meio de sua intencionalidade, cara à fenomenologia desde o seu princípio e, igualmente, à uma perspectiva localizada, parcial e corporificada da produção de saberes científicos no âmbito das psicologias. Há, portanto, um movimento de promover e sustentar a reciprocidade entre as distintas, mas não incongruentes, formas de produção de saberes, como a arte, a ciência e a filosofia, aqui em questão, em contramão de um movimento cientificista, empreendido pela fenomenologia desde o seu início. Concluimos que a expressão por via da pintura remonta às possibilidades de instituição de sentidos e à consolidação de novas perspectivas no processo de construção de um repertório de saberes científicos no campo das ciências humanas, sobretudo, das psicologias.

Palavras-chave: Expressão; Merleau-Ponty; Epistemologia; Fenomenologia; Psicologia.

Joanneliese de Lucas Freitas

Psicóloga, mestre e doutora pela Universidade de Brasília. Pesquisadora visitante do Departamento de Antropologia da University of California Los Angeles (UCLA). Professora Titular e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Membro GT ANPEPP “Psicologia e Fenomenologia”.

E-mail: joanne@ufpr.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4125030248428843>

ORCID: 0000-0002-0856-3460

Luisa Lislie Both Griebler

Mestranda em Psicologia Clínica pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Psicóloga pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

E:mail: luisagriebler@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8958305871692182>

ORCID: 0009-0009-9267-6510

A FALA COMO FAZER-APARECER: CLÍNICA, EXPRESSÃO E SENTIDO EM MERLEAU-PONTY

Juliana Lima de Araújo (UNIFOR – Brasil)

Este trabalho propõe uma articulação entre a filosofia de Maurice Merleau-Ponty e a prática clínica psicológica, com foco na concepção de linguagem como expressão e não como representação. Para tanto, adota-se uma abordagem teórico-reflexiva, com base nas obras *Fenomenologia da Percepção* e *O Visível e o Invisível*. A análise se ancora em uma leitura fenomenológica da linguagem e suas implicações para a clínica, visando explorar conceitualmente a escuta como gesto encarnado e expressão do vivido. Para Merleau-Ponty, a linguagem é um gesto do corpo vivido e da intencionalidade perceptiva. A fala não é somente um veículo que transporta um conteúdo previamente elaborado, tampouco uma simples veste do pensamento; ela é o próprio modo de expressão do sentido. O autor distingue entre fala falada, discurso repetido e consolidado, e fala falante, aquela em que o pensamento ainda está por se formar e emerge na situação vivida, fazendo aparecer um sentido ainda não tematizado. A linguagem nasce de um corpo que sente, que age e que se orienta para o outro. Por isso, o discurso não se reduz ao conteúdo: ele é também ritmo, silêncio, pausa e gesto. Essa compreensão aproxima a clínica de uma escuta sensível e encarnada. Escutar, sob a perspectiva fenomenológica, é acompanhar o nascimento do sentido no gesto expressivo da palavra, acolhendo a fala do paciente como manifestação de sua existência. Parte-se da noção de linguagem como um fazer-aparecer, em que o dizer é o próprio modo de tornar algo presente no mundo. Desdobram-se, assim, implicações éticas para a clínica: a escuta deve estar atenta à intercorporeidade, à ambiguidade e à tensão entre o visível e o invisível. Escutar é acolher o que aparece, inclusive o que se insinua de modo difuso, sem a pretensão de reduzi-lo a um diagnóstico ou sentido fechado. Conclui-se que uma escuta clínica inspirada em Merleau-Ponty exige uma atitude de suspensão, presença e abertura. Compreendida como gesto encarnado e como movimento do corpo em relação, a linguagem convoca uma clínica afinada com o vivido e aberta ao surgimento do sentido.

Palavras-chave: Fenomenologia; Merleau-Ponty; Linguagem; Clínica psicológica; Escuta clínica.

Juliana Lima de Araújo

Doutora em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Psicóloga, Psicoterapeuta, Mestre em Psicologia (UNIFOR). Filósofa pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Formação em Psicoterapia Humanista-Fenomenológica. Docente do curso de graduação em Psicologia (UNIFOR). Professora Pesquisadora do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica (APHETO), Fortaleza, Ce, Brasil.

E-mail: julianalima@unifor.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4227445359967278>

ORCID: 0000-0002-5174-4398

A LIBERDADE CINDIDA: UMA LEITURA EXISTENCIALISTA DA SÉRIE RUPTURA À LUZ DE JEAN-PAUL SARTRE

Ana Paula Oberziner (*Brasil*)

Marina Gomes Coelho de Souza Schwartz (*UNIP – Brasil*)

Raquel Favretto (*UNIP – Brasil*)

A série *Ruptura* (*Severance*, 2022), criada por Dan Erickson e dirigida em parte por Ben Stiller, apresenta uma inquietante e original distopia contemporânea. Ambientada em um futuro próximo, narra a história de funcionários da empresa Lumon que se submetem a um procedimento que separa suas memórias profissionais das pessoais. O sujeito que entra no elevador da empresa se torna, de imediato, outro — sem acesso ao que vive fora daquele ambiente. A experiência subjetiva é cindida, como se fossem dois indivíduos em um mesmo corpo. *Ruptura* toca em questões sobre identidade, liberdade, responsabilidade e consciência. Nesse ponto a filosofia de Sartre se torna chave potente de leitura, partindo da tese de que “a existência precede a essência”, isto é, o ser humano não nasce definido, ele se faz por meio de suas escolhas. Somos liberdade — e é essa liberdade que a série tenta negar. *Ruptura* não é apenas uma ficção distópica sobre trabalho e tecnologia — é uma metáfora radical da condição humana. A cisão entre os “intra” e os “extra” representa, em termos sartrianos, a tentativa de fugir de si mesmo, da responsabilidade ontológica. Separar memória e identidade não anula a liberdade — apenas a máscara. Sartre já nos advertia: tentando negar nossa liberdade, buscando fugir da angústia de ter que se escolher a cada instante, permanecemos condenados a ela. O *Ruptura* nos mostra que esse movimento falha. Os personagens, passam a perceber que algo está fora do lugar. É a consciência se dobrando sobre si mesma, a consciência de ser consciência, o início do questionamento existencial. *Ruptura* dramatiza o que Sartre coloca em termos teóricos: o ser humano é um ser em falta, sempre incompleto, sempre em projeto. O “intra” e o “extra” não são dois sujeitos distintos, mas dois modos de estar no mundo, cindidos artificialmente por uma estrutura que promete alívio da angústia — mas entrega vazio e sofrimento. A série nos pergunta: é possível abdicar da própria existência? Podemos abrir mão de sermos inteiros em nome de alguma funcionalidade ou conforto? Sartre responderia que não. Podemos tentar, mas esse esforço é fadado ao fracasso, pois a liberdade, embora negada, insiste. Retorna como angústia, como revolta, como desejo de reconciliação entre dentro e fora, entre a consciência e o mundo. *Ruptura* se revela como uma poderosa parábola existencial: nos mostra o que acontece quando tentamos nos esquivar da condição de sermos livres — e como, inevitavelmente, a liberdade nos alcança.

Palavras-chave: Ruptura; Sartre; liberdade

Ana Paula Oberziner

Formada em Psicologia pela FURB, especialista em Neuropsicologia pelo Instituto Israelita de Ensino Albert Einstein e formada em Psicologia Existencialista Sartriana pela FURB. Atua como psicóloga clínica e neuropsicóloga.

E-mail: anaoberzinerpsi@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2271238027110734>

ORCID: 0000-0002-8780-5180

Marina Gomes Coelho de Souza Schwartz

Formada em psicologia pela UFSC, especialista em Existencialismo Sartreano pela UNISUL e mestre em psicologia pela UFRJ. Atua como professora universitária e pesquisadora na Universidade Paulista e psicóloga clínica.

E-mail: psicomarina@gmail.com, currículo
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5532156096297196>
ORCID: 0009-0007-9636-9177

Raquel Favretto

Formada em psicologia pela UNISUL, mestre em psicologia pela UFSC, especialista em Existencialismo Sartreano pela UNISUL e FURB; e especialista em Neuropsicologia pelo Instituto Israelita de Ensino Albert Einstein. Atua como professora universitária na Universidade Paulista, pesquisadora, psicóloga clínica e neuropsicóloga.

E-mail: raquel.favretto@docente.unip.br,
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3005616021338457>
ORCID: 0009-0005-2549-9017

A MORTE DE DEUS: DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS ENTRE NIETZSCHE E BYUNG-CHUL HAN NA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA

Daiane Cristine Mendes Olimpio (*Instituto Dasein – Brasil*)

Este ensaio é resultado do trabalho de conclusão de curso da especialização em psicologia fenomenológica e hermenêutica (Inst. Dasein), e pretende traçar um diálogo filosófico entre Friedrich Nietzsche e Byung-Chul Han, a partir da provocadora ideia da “morte de Deus”, apresentada no aforismo §125 de *A Gaia Ciência*, e suas implicações na constituição da sociedade contemporânea. A partir da leitura fenomenológica, o trabalho propõe compreender a transição de um mundo regido por valores metafísicos e religiosos para uma sociedade esvaziada de transcendência, marcada pelo niilismo, e reconfigurada sob os paradigmas do desempenho, da transparência e da positividade, conforme diagnosticado por Byung-Chul Han. Com a morte de Deus, Nietzsche desvela o colapso do fundamento moral e metafísico da civilização ocidental, abrindo espaço para uma nova maneira de ser do humano, autônomo e responsável por criar seus próprios valores, porém não necessariamente livre. Destarte essa ruptura que não produz liberdade, aponta para a inauguração do niilismo como condição estrutural da modernidade. Em diálogo com os escritos de Han, interpreta-se que essa ausência de fundamento não levou à emancipação, mas à substituição de Deus por novos ídolos — o capital, o trabalho, a performance e o prazer — sustentando um modo de vida que intensifica a auto exploração e o sofrimento existencial. A análise das obras *Sociedade do Cansaço*, *Sociedade da Transparência* e *Sociedade Paliativa* de Han evidencia o modo como o sujeito contemporâneo, mesmo sem um “Deus” transcendente, permanece submetido a sistemas de dominação mais sutis, marcados pela positividade do “*sim eu posso*” e pela coação da felicidade. A clínica fenomenológica, neste intento, mostra-se como espaço central e necessário para a escuta sensível desses sofrimentos, compreendendo-os como expressões legítimas do ser-no-mundo e de um tempo em que o humano, ao tentar ser “Deus” de si mesmo, adoece sob o peso da liberdade coercitiva e da negação da finitude. Este trabalho visa, portanto, não apenas denunciar os sintomas do tempo que é o nosso, mas também lançar luz sobre a possibilidade de uma escuta clínica capaz de resgatar o sentido da existência a partir da abertura fenomenológica ao sofrimento humano.

Palavras-chave: Morte de deus; Niilismo; Nietzsche; Byung-Chul Han; Clínica fenomenológica.

Daiane Cristine Mendes Olimpio.

Mestranda em Educação pela Universidade do Oeste Paulista (Unoeste) bolsista CAPES (em andamento), especialista em Psicologia Fenomenológica e Hermenêutica pelo Instituto Dasein (2021 -2023) e graduada em Psicologia (2016-2020) pela Universidade do Oeste Paulista (Unoeste) bolsista ProUni. Psicóloga clínica e supervisora (2021 - atual) e professora universitária (Centro Universitário de Pres. Prudente – UNIESP) (2025 - atual).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7170696819872777>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3828-353X>

CONTRIBUIÇÕES DO MÉTODO EXISTENCIALISTA SARTREANO NA ANAMNESE DA AVALIAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA

Ana Paula Oberziner (Brasil)

Marina Gomes Coelho de Souza Schwartz (UNIP – Brasil)

Raquel Favretto (UNIP – Brasil)

A avaliação neuropsicológica é um exame que visa descrever e compreender as funções cognitivas do paciente, avaliando possíveis alterações decorrentes de distúrbios neurológicos ou de adoecimentos emocionais. Ela é realizada por meio de entrevistas (anamnese) com o paciente e seus familiares, além da aplicação de testes neuropsicológicos padronizados. Avaliam-se funções como atenção, memória, aprendizagem, funções executivas, habilidades perceptivas e motoras, habilidades visuoespaciais, inteligência, resolução de problemas, capacidade de raciocínio e julgamento, linguagem, humor e comportamento. Tradicionalmente, a coleta de informações na anamnese neuropsicológica tem como foco principal a identificação de sintomas e o histórico clínico. No entanto, ao incorporar o método fenomenológico, inspirado na filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre, essa prática pode ser enriquecida. Para Sartre, a consciência é intencional: ela está sempre dirigida a algo e se define por suas relações com o mundo. A experiência do paciente, portanto, não é algo separado da realidade objetiva, mas constitui uma forma singular de ser-no-mundo. Nesse sentido, utilizar o método fenomenológico sartreano na anamnese implica acolher a fala do paciente como expressão de seu modo único de existir, evitando reduzi-lo a um conjunto de sintomas ou déficits. Mais do que descrever queixas, busca-se compreender como o paciente vive, sente e atribui sentido às suas dificuldades cognitivas e emocionais. O fenômeno psicológico, nessa perspectiva, é compreendido em seu aparecer para a consciência, no contexto de sua liberdade, projetos e situação concreta. Ao considerar a subjetividade e o contexto existencial do paciente — incluindo sua história de vida, valores, relações interpessoais e situação sociocultural — o processo de avaliação se torna mais profundo e humanizado. A fenomenologia sartreana permite, assim, uma escuta que ultrapassa o dado objetivo e acolhe a experiência como expressão de uma existência em movimento, marcada por conflitos, escolhas e possibilidades. Essa abordagem favorece o diagnóstico diferencial, pois permite distinguir, por exemplo, entre alterações cognitivas decorrentes de processos orgânicos e aquelas que emergem como expressão de sofrimento psíquico ou de conflitos existenciais. Além disso, abre caminho para a formulação de intervenções mais personalizadas, respeitando a liberdade e a singularidade do paciente como fundamentos do processo terapêutico. Em suma, a incorporação do método fenomenológico, especialmente a partir da perspectiva de Sartre, na anamnese da avaliação neuropsicológica, enriquece a coleta de dados e amplia a compreensão clínica, possibilitando uma atuação que integra as dimensões cognitivas, emocionais e existenciais do paciente.

Palavras-chave: Avaliação neuropsicológica; Anamnese; Método fenomenológico; Subjetividade; Diagnóstico diferencial.

Ana Paula Oberziner

Formada em Psicologia pela FURB, especialista em Neuropsicologia pelo Instituto Israelita de Ensino Albert Einstein e formada em Psicologia Existencialista Sartriana pela FURB. Atua como psicóloga Clínica e Neuropsicóloga.

E-mail: anaoberzinerpsi@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2271238027110734>

ORCID: 0000-0002-8780-5180

Marina Gomes Coelho de Souza Schwartz

formada em psicologia pela UFSC, especialista em Existencialismo Sartreano pela UNISUL e mestre em psicologia pela UFRJ. Atua como professora universitária e pesquisadora na Universidade Paulista e psicóloga clínica.

E-mail: psicomarina@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5532156096297196>

ORCID: 0009-0007-9636-9177

Raquel Favretto

formada em psicologia pela UNISUL, mestre em psicologia pela UFSC, especialista em Existencialismo Sartreano pela UNISUL e FURB; e especialista em Neuropsicologia pelo Albert Einstein. Atua como professora universitária na Universidade Paulista, pesquisadora, psicóloga clínica e Neuropsicóloga.

E-mail: raquel.favretto@docente.unip.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3005616021338457>

ORCID: 0009-0005-2549-9017

DESCOLONIZANDO A PSICOLOGIA DOS LUTOS VIVIDOS POR CRIANÇAS NA FRONTEIRA DO GESTO FENOMENOLÓGICO

Franciane Indianara Nolasco (UFPR – Brasil)

Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR – Brasil)

O presente trabalho consiste em uma pesquisa teórico-epistemológica nascida na fronteira do pensar entre psicologia, fenomenologia e decolonialidades. Fundamentadas pelos saberes colonialmente subalternizados no Brasil, tal como o *Saber do Negro*, conforme Joel Rufino, e os saberes dos povos originários, conforme Geni Núñez, partimos do seguinte problema: Quais são as condições de ocultamento pela psicologia dos lutos vividos por crianças? O objetivo geral foi investigar as lacunas das publicações em psicologia do luto de crianças e o específico, compreender como as pesquisas neste campo do saber encobrem e (in)visibilizam as existências de crianças enlutadas. Sob a justificativa da necessidade de visibilização dessas experiências no território da *América Ladina*, empreendemos como base teórico-epistêmica-metodológica um gesto fenomenológico que caminha na fronteira entre o aterrar no Brasil o invisível da carne pensado por Merleau-Ponty e a denúncia do solo de guerra criado pela colonialidade, que periferiza existências neste território, incluindo as de crianças enlutadas. Para tanto, criamos um método na fronteira entre fenomenologia e decolonialidade denominado caminhar para *as origens*. Ao caminharmos junto dos conhecimentos dos povos colonizados que aqui (re)existem e na contramão da ideia de des-envolvimento infantil, buscamos possíveis caminhos para a compreensão do luto para além das naturalizações advindas da colonialidade. Por meio desse método, sugerimos um caminho de desprendimento de nosso pacto com a colonialidade, conforme construímos uma memória para tal psicologia sobre os atravessamentos da colonização e da escravização em nossa compreensão do fenômeno do luto nas infâncias. Posicionando as lacunas presentes no estado da arte investigado, conforme caminhamos para *as origens* da história e da sociedade no Brasil, fazemos aparecer, em última instância, o chão da colonialidade de onde nossos gestos de pesquisar nascem. Sugerimos que alguns dos encobrimentos existentes acontecem quando: subentendemos uma validade universal para teorias e conceitos, tal como fazemos recorrentemente com o uso do conceito de morte na criança descrito na literatura, encapsulamos as experiências de luto das crianças com base em preconcepções teleológicas do luto ou da criança como ser faltante, lançamos mão da noção de diversidade sem falarmos de desigualdade e, ainda, utilizamos instrumentos psicológicos ou epistemologias hegemonicamente estabelecidas e potencialmente patologizantes dessas experiências. Concluimos que tais posturas epistemológicas e metodológicas confluem para o encobrimento das experiências de luto pelo próprio fazer psicológico, contribuindo para o tabu e o apagamento social do luto de crianças, no jogo do des-aparecimento deste fenômeno em nossa sociedade.

Palavras-chave: Lutos; Crianças; Fenomenologia; Descolonização; Psicologia.

Franciane Indianara Nolasco

Doutoranda e mestra em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPR; Especialista em Luto pelo Centro Claretiano. Especialista em Fenomenologia Decolonial e Clínica Ampliada pela NUCAFE. Psicóloga (UFPR). Apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

E-mail: francianeinolasco@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8150358517020456>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2577-7444>

Joanneliese de Lucas Freitas

Psicóloga, mestre e doutora pela Universidade de Brasília. Pesquisadora visitante do Departamento de Antropologia da University of California Los Angeles (UCLA). Professora Titular e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Membro GT ANPEPP Psicologia e Fenomenologia.

E-mail: joanne@ufpr.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4125030248428843>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0856-3460>

O SERTÃO ROSIANO COMO EXPERIÊNCIA DE SER-NO-MUNDO: UMA LEITURA FENOMENOLÓGICA DE MANUELZÃO E MIGUILIM

Lucas Vilela Conrado (UNIP – Brasil)

O presente resumo propõe uma articulação entre a ontologia fundamental de Martin Heidegger e as narrativas de "Manuelzão e Miguilim", de João Guimarães Rosa, para investigar como o sertão é configurado como mundo vivido. O objetivo é analisar a expressão das categorias heideggerianas de ser-no-mundo, temporalidade, corporeidade e espacialidade nos personagens, buscando responder à questão: de que maneira essas histórias revelam modos de existência enraizados no sertão? A relevância da proposta reside em aproximar literatura e filosofia, evidenciando como a escrita de Rosa encarna estruturas ontológicas fundamentais, e, ao mesmo tempo, como a fenomenologia pode iluminar práticas culturais locais. O método adotado é uma análise fenomenológico-hermenêutica, que parte das categorias existenciais de Heidegger para interpretar as experiências dos personagens, respeitando a tessitura interna das narrativas. Na discussão, observa-se que Miguilim vive a temporalidade em sua forma mais originária, experimentando um agora dilatado entre reminiscências e expectativas. Já Manuelzão organiza a festa como ato de historicidade, entrelaçando o tempo linear do evento único ao tempo circular dos ritos anuais, no âmbito do cuidado que Dasein dedica ao seu mundo. A corporeidade também se destaca: Miguilim descobre o sertão através do corpo infantil, pelo tato, calor e cansaço, enquanto o corpo do vaqueiro, moldado pela lida, torna-se testemunho e mediador dos laços comunitários. A espacialidade é revelada não como paisagem neutra, mas como horizonte de mundo, uma totalidade de sentidos em que se tecem relações intersubjetivas e sentimentos de pertencimento. O sertão, portanto, surge como um dispositivo existencial, constituindo-se nas práticas, na linguagem e na memória compartilhada. Guimarães Rosa, portanto, ao narrar a vida de Miguilim e Manuelzão, revela a estrutura fundamental da existência humana: ser é sempre corpo, no tempo, num mundo. Assim, sua obra oferece não apenas um retrato sociocultural do sertão, mas também representação dos modos de ser de um Dasein vernacular, lançado na vastidão do real.

Palavras-chave: Fenomenologia; Literatura; Ser-no-mundo; Corporeidade; Temporalidade.

Lucas Vilela Conrado

Estudante de graduação em Psicologia pela Universidade Paulista (UNIP).

E-mail: lucas.v.conrado@outlook.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0491862853144625>.

EIXO V: QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS: RAÇA, ETNIA, GÊNERO

A EXPERIÊNCIA DE SER MULHER COM TDAH: DIÁLOGOS ENTRE FENOMENOLOGIA E GÊNERO

Elvira Ribeiro Madeira (*UNIFOR – Brasil*)

Lucas Guimarães Bloc (*UNIFOR – Brasil*)

O Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) costuma ser definido como um transtorno do desenvolvimento caracterizado por sintomas de desatenção, hiperatividade e impulsividade. Atualmente, é diagnosticado e tratado em adultos e crianças, homens e mulheres. Contudo, o TDAH já foi considerado um transtorno exclusivamente masculino, fazendo com que mulheres, ao longo de anos, tivessem seu sofrimento silenciado. A dificuldade em identificar e tratar estes sintomas em meninas é ampliada quando pensamos naquilo que é socialmente esperado com base no gênero dos indivíduos. Mulheres e meninas são, por exemplo, incentivadas a exibir comportamentos determinados como “femininos”, tais como empatia, bom relacionamento, organização, passividade e obediência. Este estudo tem como objetivo realizar um diálogo entre fenomenologia e gênero como via de compreensão das da experiência de TDAH em mulheres. Utilizaremos como inspiração a fenomenologia crítica de Merleau Ponty que, em seu conceito de *Lebenswelt*, nos apresenta a ideia de um ser mundano, enraizado no mundo, mutuamente constituído e constituinte deste mundo. Buscamos compreender a experiência desta mulher que vive com TDAH de forma mundana, o que exige que esta experiência seja compreendida em seu atravessamento de gênero sem, no entanto, que esta leitura se torne na definição quem é esta mulher. Entendemos que a desconsideração de questões de gênero pode levar a um olhar enviesado que hiper diagnostique ou invisibilize estes sintomas em um determinado grupo. Os estudos sobre a experiência de TDAH descrevem manifestações diferentes no vivido de mulheres, associados a grande desatenção, dificuldade de desenvolver projetos longitudinalmente, dificuldade na manutenção de relacionamentos amorosos e outras manifestações que descrevem expressões de sofrimento entrelaçadas com as expectativas de gênero, gerando amplitude e complexidade de um sofrimento que pode ser experienciado de forma exponencializada. Conclui-se que para compreensão da experiência do vivido de ser mulher com TDAH é necessário uma leitura que possa considerar, de igual maneira, a singularidade de sua experiência vivida e seus significados e os elementos que atravessam a experiência de ser mulher na atualidade, a partir de aspectos históricos, sociais e culturais que permitam uma leitura verdadeiramente integrada, sensível e ética, capaz de fomentar novos olhares de possibilidades de cuidado.

Palavras-chave: Fenomenologia, Gênero, TDAH.

Elvira Ribeiro Madeira

Psicóloga e Psicoterapeuta, possui formação em Clínica Humanista Fenomenológica, Mestranda do Programa de Pós-graduação da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) - Integrante laboratório Apheto - Pesquisa sobre Mulheres adultas com TDAH. Estudo financiado com Bolsa FUNCAP.

E-mail: elvira.madeira@gmail.com,

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5789821989448202>,

ORCID: 0009-0002-5522-686X

Lucas Guimarães Bloc

Doutor em Psicopatologia na Université Paris Diderot - Paris VII (2014-2018). Diploma Universitário em Fenomenologia Psiquiátrica na Université de Nice (2015-2016).

Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Coordenador do APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR. Possui formação em Psicoterapia Humanista-Fenomenológica.

E-mail: bloclucas@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7062553560038741>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8528-131X>

ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO A PARTIR DE KIERKEGAARD DE MULHERES NEGRAS EM UMA REGIÃO QUILOMBOLA

André Luís de Oliveira de Sant'Anna (*UNESA – Brasil*)

Luceni de Oliveira Emilio (*UNESA – Brasil*)

Lya da Silva Oliveira (*UNESA – Brasil*)

Mayara Goiano (*UNESA – Brasil*)

O presente trabalho teve como objetivo realizar um acolhimento psicológico com mulheres negras residentes em uma comunidade quilombola situada no bairro da Rasa, no município de Armação dos Búzios, Rio de Janeiro. A iniciativa foi desenvolvida no contexto do curso de graduação em Psicologia da Universidade Estácio de Sá – Campus Cabo Frio/RJ, tendo como base teórica a abordagem fenomenológico-existencial, com inspiração na filosofia de Kierkegaard. Considerando a escassez de suporte em saúde mental em comunidades vulneráveis, o projeto buscou oferecer um espaço de escuta psicoterapêutica, com o intuito de fortalecer as capacidades de enfrentamento existencial das participantes. A atividade foi realizada em novembro de 2024, na Praça Municipal Tia Uia, localizada na Rasa — uma região reconhecida como remanescente quilombola, onde, historicamente, escravizados fugitivos construíram um espaço de resistência e memória. Atualmente, essa localidade ainda enfrenta os impactos da exclusão social. Embora Armação dos Búzios, no estado do Rio de Janeiro, seja amplamente conhecida como destino turístico, o bairro da Rasa se destaca por sua expressiva população negra, fato evidenciado no projeto de acolhimento psicológico. A ação contou com a participação de cinco estagiárias do curso de Psicologia, sob supervisão do coordenador André Luís de Sant'Anna, e atendeu treze mulheres negras, com idades entre dezesseis e cinquenta anos, todas em situação de vulnerabilidade social. A proposta de acolhimento foi estruturada por meio de encontros com escuta terapêutica, fundamentada nos princípios da fenomenologia existencial, especialmente na perspectiva de Kierkegaard. A abordagem, pautada no não julgamento, permitiu o acolhimento da angústia de "ser si mesmo" diante do desamparo que permeia as escolhas individuais. Os encontros aconteceram em um espaço público, simbolicamente acessível e acolhedor, com o objetivo de eliminar as barreiras entre o saber acadêmico e as necessidades reais da população atendida. Por meio de uma escuta ativa, empática e cuidadosa — respeitando a singularidade de cada sujeito e suas narrativas — foram abordadas questões diretamente relacionadas à vulnerabilidade social, como abandono, violência doméstica e maternidade solo. Uma das participantes, inclusive, relatou estar sob proteção da Lei nº 11.340/2006 — Maria da Penha. O projeto evidenciou a grande demanda por atendimento psicoterapêutico em comunidades vulneráveis e destacou a relevância de iniciativas como essa para a promoção da saúde mental, tanto individual quanto coletivamente.

Palavras-chave: Raça; Existência; Resistência.

André Luís de Oliveira de Sant'Anna

Coordenador. Curso de Psicologia. Universidade Estácio de Sá – Campus Cabo Frio – Rio de Janeiro. Brasil; Doutorado Psicologia Social (UERJ); Mestrado em Relações Étnico-raciais (CEFET/RJ); Especialização em clínica fenomenológica existencial (IFEN); Graduação em Psicologia (UERJ).

E-mail: psi.adndredesantanna@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7573003241181866>

Luceni de Oliveira Emilio

Graduanda. Curso de Psicologia. Universidade Estácio de Sá – Campus Cabo Frio – Rio de Janeiro. Brasil.

Lya da Silva Oliveira

Graduada em Psicologia. Pós-graduanda em fenomenologia existencial – IFEN – Rio de Janeiro. Brasil.

Mayara Goiano

Graduanda. Curso de Psicologia. Universidade Estácio de Sá – Campus Cabo Frio – Rio de Janeiro. Brasil.

ALÉM DA NOITE: PERSPECTIVAS FENOMENOLÓGICAS DE MULHERES TRANS E TRAVESTIS PROFISSIONAIS DO SEXO

André Luís de Oliveira de Sant'Anna (*UNESA – Brasil*)

Priscila Souza de Azevedo Dias (*UNESA – Brasil*)

O presente trabalho teve por objetivo analisar as condições de vulnerabilidade de mulheres trans e travestis, profissionais do sexo que atuam no município de Rio das Ostras-RJ e que precisam lidar com a ambiguidade de ser si mesmas diante da estigmatização socio-normativa. Para isso, propôs-se um acolhimento em grupo, a partir de uma escuta existencial. Sendo assim, a referida pesquisa teve como finalidade contemplar as questões de gênero relativas a mulheres trans e travestis que têm sido um dos principais alvos da violência no país. Contudo, elas seguem sendo invisibilizadas, o que torna relevante a contribuição da psicologia existencial para compreender e indicar outras possibilidades para este cenário. O projeto foi realizado no período de junho a novembro de 2024, como uma atividade de extensão do curso de Psicologia da Universidade Estácio de Sá/Macaé-RJ, proposto a partir da disciplina Psicologia, Ética e Direitos Humanos. Seguiu-se a orientação de uma clínica fenomenológica existencial de inspiração kierkegaardiana, contrapondo-se à universalização e generalização do sujeito, apontando para uma escuta terapêutica em relação. O trabalho teve início com o encontro onde estas mulheres estavam - na rua -, buscando acessar suas próprias narrativas relacionadas à trajetória pessoal, ultrapassando os julgamentos prévios do senso comum. Na escuta do grupo de cinco mulheres trans e travestis, foram acessados relatos de afastamento do convívio familiar, distanciamento da escolarização, restrição no mercado de trabalho e necessidade de apoiarem-se umas às outras, como pessoas que encontram no trabalho sexual uma possibilidade de sobrevivência. Porém uma fonte de medo e incerteza, deparando-se com o desamparo frente à angústia na escolha de ser si mesmas, mas encontrando a possibilidade da liberdade que se anuncia nesta angústia, mesmo em circunstâncias tão adversas. Optou-se pelo método de entrevista aberta para implementar uma escuta fenomenológica. O trabalho foi fundamental para perceber como estas mulheres trans e travestis profissionais do sexo, enquanto existentes, impactam e são impactadas na estrutura social, perpassando por áreas como sistema de saúde, em especial saúde mental, frente aos acentuados indicadores de suicídio, segurança, educação e outros desdobramentos em exposição de vulnerabilidade, reverberando diretamente na necessidade de políticas públicas, bem como ampliações que possibilitem uma existência para além da noite, de modo que não sejam apenas um número no rebanho.

Palavras-chaves: Gênero; Fenomenologia-existencial; Vulnerabilidade.

André Luís de Oliveira de Sant'Anna

Coordenador. Curso de Psicologia. Universidade Estácio de Sá – Campus Cabo Frio – Rio de Janeiro. Brasil; Doutorado Psicologia Social (UERJ); Mestrado em Relações Étnico-raciais (CEFET/RJ); Especialização em clínica fenomenológico existencial (IFEN); Graduação em Psicologia (UERJ). psi.adndredesantanna@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/7573003241181866>

Priscila Souza de Azevedo Dias

Graduanda. Curso de Psicologia. Universidade Estácio de Sá – Campus Macaé – Rio de Janeiro. Brasil

CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL PARA O PENSAMENTO DECOLONIAL: POSSIBILIDADES PARA UM CUIDADO ANTIRRACISTA

Andressa Englet (*UNIFASE - Brasil*)

Gabriela Cordeiro Souto Ponte (*UNIFASE - Brasil*)

Juliana de Souza e Costa Nazareth (*UNIFASE - Brasil*)

Renata da Silva Barbosa Simoni (*UNIFASE - Brasil*)

A colonialidade, legado histórico da colonização, perpetua processos de violência sobre corpos racializados e marginalizados, cujas marcas ainda se manifestam no cotidiano brasileiro. Mesmo após os processos formais de independência, a colonialidade persiste como uma lógica de poder que molda relações sociais, epistêmicas e institucionais. Esse fenômeno não se restringe a uma mera lembrança do passado, mas se expressa nas profundas desigualdades sociais, racismo estrutural e nas formas hegemônicas de conceber cultura, economia, conhecimento, subjetividade e poder. Nesse contexto, é essencial reconhecer como essas dinâmicas mantêm (ainda) a capacidade de impactar intensamente a vida de indivíduos e comunidades, perpetuando longos ciclos de opressão e exclusão. Este trabalho busca articular a perspectiva fenomenológico-existencial com o pensamento decolonial, refletindo sobre a importância de suspensão de pressupostos naturalizados - próprias da fenomenologia Heideggeriana -, como de especial importância no reconhecimento de (possíveis) marcas de colonialidade nas subjetividades contemporâneas. A partir de uma breve revisão bibliográfica de autores decoloniais como Kusch e Fanon, que discutem profundamente a experiência subjetiva e a construção da identidade frente ao legado colonial, entende-se que a decolonialidade emerge como um movimento que busca questionar e romper as estruturas legadas pela colonialidade, valorizando os saberes, as práticas e as culturas dos povos colonizados e criando formas mais significativas de cuidado. Busca-se, portanto, a compreensão das experiências vividas e a não limitação a modelos eurocêtricos. A ideia é tentar revelar a diversidade e a complexidade da experiência humana em toda sua pluralidade e riqueza. A articulação da perspectiva decolonial com a psicologia fenomenológico-existencial parece, portanto, bastante profícua. Dada toda a potência e os recursos valiosos advindos de suspensão dos juízos — propostos pela fenomenologia —, acredita-se na possibilidade de construção de práticas de cuidado mais sensíveis, dialógicas e inclusivas, que reconheçam e valorizem as pluralidades culturais, históricas e políticas presentes na sociedade brasileira. Dialogando com as especificidades culturais e históricas dos indivíduos, minimizando os impactos das estruturas coloniais e proporcionando um espaço de práticas e cuidado mais acolhedor e eficaz.

Palavras chaves: Fenomenologia, Psicologia Fenomenológico-Existencial, Decolonialidade, Experiência, Cuidado Antirracista.

Andressa Cristina Englet Jeronimo Soares

Graduanda de Psicologia (UNIFASE).

E-mail: andressacejs@alu.unifase-rj.edu.br

Gabriela Cordeiro Souto Ponte

Graduanda de Psicologia (UNIFASE).

E-mail: gabrielacsp@alu.unifase-rj.edu.br

Juliana de Souza e Costa Nazareth

Doutora em Psicossociologia pela UFRJ, professora e supervisora da UNIFASE/FMP.
E-mail: juliana.nazareth@prof.unifase-rj.edu.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1737838530271928>

Renata da Silva Barbosa Simoni

Graduanda de Psicologia (UNIFASE).
E-mail: renatasbs@alu.unifase-rj.edu.br

EDUCAR PARA A LIBERDADE: REFLEXÕES SOBRE DESAFIOS ÉTICOS NA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE PSICÓLOGOS

Juliana Nazareth (UNIFASE – Brasil)

A atuação do psicólogo-professor e supervisor na perspectiva humanista, existencial e fenomenológica demanda um compromisso ético que transcende qualquer competente e bem sucedida transmissão de conteúdos teóricos. Para quem aceita a missão, é preciso bem mais do que as habilidades pedagógicas usuais exigidas a boa prática docente em outras áreas do conhecimento - ou mesmo daquelas que se fazem congruentes com outras perspectivas dentro da própria psicologia. O respeito radical às subjetividades, a busca pela promoção da liberdade - com o inevitável desenvolvimento de (proporcional) responsabilidade - e o acolhimento da autenticidade dos alunos são alguns dos desafios colocados em pauta. Inseridos, histórica e predominantemente, em contextos educacionais, tradicionais - marcados pela ênfase em técnicas, conteúdos prontos e avaliações normativas, muitos estudantes apresentam resistências ao se depararem com uma proposta que exige presença reflexiva e responsabilização por seus próprios processos de aprendizagem e trajetória acadêmica. Essa transição provoca, recorrentemente, angústia, sentimento que, embora inerente mesmo à liberdade - conforme apontam Kierkegaard e Sartre-, evidencia a necessidade de apoio e investimento ético. É fundamental estimular os alunos a expandirem, gradativamente, sua autonomia e capacidade de reflexão crítica sobre os conhecimentos a que vão sendo, gradativamente, apresentados ao longo de sua formação profissional. E ajudá-los a desenvolver uma postura, também, ética, em que, a lente fenomenológico-existencial (e/ou humanista) possa acompanhá-los na vida, nas relações e em suas práticas psicológicas. Desenvolvendo a busca pela compreensão do vivido - antes de recorrer a interpretações pré-fabricadas, ou aos raciocínios técnicos apreendidos em outras disciplinas. Se a ansiedade de se construir - e de se afirmar - com capacidade profissional se apresenta como desafio neste sentido, cabe ao professor-supervisor, em nome da congruência, a criação de espaços dialógicos - de escuta e reflexão -, acolhendo a angústia, dando espaço para as diferentes percepções e favorecendo o surgimento de uma postura existencial aberta à alteridade. Ao formar psicólogos mais sensíveis às nuances da existência, o educador também se compromete com sua própria tarefa ética e inacabada de permanecer em abertura, em desenvolvimento, em expansão.

Palavras-chave: Formação de Psicólogo; Liberdade; Responsabilidade; Ética; Dialogicidade.

Juliana Nazareth

Doutora em Psicossociologia pela UFRJ; professora e supervisora da UNIFASE/FMP.

Email: juliana.nazareth@prof.unifase-rj.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1737838530271928>

**ENTRE O VAZIO E O DESEMPENHO: DESERTIFICAÇÃO SUBJETIVA
UNIVERSITÁRIA E CAMINHOS DA PSICOLOGIA EXISTENCIAL-
FENOMENOLÓGICA**

Ellen Sanábio de Oliveira (*UNIFASE/FMP - Brasil*)
Juliana de Souza e Costa Nazareth (*UNIFASE/FMP - Brasil*)
Renata Duarte Bragança (*UCP - Brasil*)
Yasmin Ferraz Martins (*UNIFASE/FMP - Brasil*)

O presente estudo propõe uma reflexão sobre a desertificação subjetiva entre universitários na contemporaneidade, sob a perspectiva da psicologia fenomenológico-existencial. Propõe-se uma leitura crítica da chamada sociedade do desempenho, em que as formas de adoecimento psíquico associadas ao esgotamento e ao cansaço extremo surgem como consequência das crescentes exigências de produtividade e auto-otimização, levando os jovens estudantes a experiências de esvaziamento existencial, uma espécie de alienação em relação às próprias possibilidades do ser. A precarização do sono, o aumento da ansiedade e a intensificação dos estados de exaustão emocional, em vez de sintomas isolados, parecem fenômenos reveladores de uma existência capturada pelas lógicas da produtividade e da dopaminização social, sem espaço para o sofrimento como modo legítimo de ser. Este trabalho caracteriza-se como um estudo teórico-crítico de referenciais da psicologia existencial e da fenomenologia hermenêutica na busca por compreender a desertificação subjetiva de universitários, como expressão ontológica de modos de ser capturados pelo imperativo da produtividade e da hiperconexão. Os resultados indicam que o sofrimento acadêmico pode levar a um processo de 'existência inautêntica' - nos termos heideggerianos -, em que o sujeito abdica da abertura ao sentido próprio da experiência em favor da adaptação a demandas externas. Na sociedade do desempenho, na cultura da compulsão por prazer e no ambiente hiperconectado, a subjetividade é reduzida à mera resposta a estímulos e métricas. Por outro lado, a psicologia fenomenológico-existencial emerge como resistência potente a essa desertificação, possibilitando sustentar a angústia sem reduzi-la, resgatando o sujeito como abertura livre e promover a escuta singular capaz de acolher sentidos próprios. Assim, em vez da mera adaptação funcional, propõe-se a afirmação de modos de existência que reabilitem a pausa, o não-saber e a reinvenção do sentido como gestos fundamentais de cuidado de si.

Palavras-chave: Sociedade do desempenho; Subjetividade; Fenomenologia existencial; Ansiedade; Sofrimento acadêmico.

Ellen Sanábio de Oliveira - Graduanda em Psicologia (UNIFASE/FMP).

Juliana de Souza e Costa Nazareth - Doutora em Psicologia (UFRJ); professora e supervisora da (UNIFASE/FMP).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1737838530271928>

Renata Duarte Bragança - Graduanda em Psicologia (UCP);
E-mail: renata.12510261@ucp.br
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0520588049931251>

Yasmin Ferraz Martins - Graduanda em Psicologia (UNIFASE/FMP).

FORMAS NO MUNDO E SEUS SENTIDOS DESVELADOS, ESTUDO FENOMENOLÓGICO REALIZADO NUM EDUCANDÁRIO PARA CEGOS

Francini de Almeida Barboza (*ISECENSA - Brasil*)

Lara Cardoso Henrique Gonçalves (*ISECENSA - Brasil*)

Linda Jhulian de Souza Batista (*ISECENSA - Brasil*)

Nicole Pereira Gonçalves (*ISECENSA - Brasil*)

Patrick Wagner de Azevedo (*ISECENSA - Brasil*)

Os avanços nas ciências, filosofia e psicologia influenciaram a evolução social e a percepção sobre a deficiência. A mudança de paradigmas, impulsionada por movimentos sociais, foca na valorização de direitos, resistência à exclusão, superação da segregação e promoção da inclusão. A etimologia de "deficiente" e o conceito de estigma evidenciam o impacto da linguagem e cultura na percepção social. A Organização Mundial da Saúde classifica a deficiência de duas formas, mas o modelo biomédico predomina. A pesquisa investiga a relação entre deficiência visual, estigma e experiência singular, explorando como interações terapêuticas favorecem o autoconhecimento e a inclusão. Realizada no Educandário São José Operário, examina as formas como os cegos dão sentido ao mundo, e o impacto na vida dos participantes e pesquisadores, incluindo aspectos psicológicos, estratégias adaptativas e o papel dos educadores. Como método utilizou-se a metodologia qualitativa, com observação participante, análise fenomenológica, teoria de Martin Buber, revisão bibliográfica, incluindo entrevistas antes e depois das atividades, com a Análise de Conteúdo de Bardin. A pesquisa revelou transformações marcadas por dor, resistência, fé e superação, ampliando a percepção dos pesquisadores sobre formas alternativas de perceber e interagir com o mundo. Os assistidos participantes destacaram a exclusão social, espiritualidade, resiliência e a importância da escuta ativa para fortalecer a identidade. Os relatos indicaram a necessidade de relações mais humanas e políticas inclusivas eficazes, mostrando que a deficiência visual não limita a experiência humana. A pesquisa ressalta a importância de valorizar a subjetividade e construir um mundo mais inclusivo e sensível, que ainda enfrenta a cegueira social ao lidar com questões estigmatizadas. Ao amplificar as vozes daqueles com espaço para argumentar sobre a deficiência, a pesquisa resultou em apresentações em congressos com o objetivo de ampliar a visão sobre a necessidade de transformações sociais para uma inclusão verdadeira, além da perspectiva limitada de quem detém a visão sobre os que não detém. Também se pode obter como resultado do trabalho a percepção de que o mundo age como se não quisesse a presença dos deficientes, pois os espaços comuns aos normais, não possuem acesso para eles. Pode-se também concluir que a inclusão perpassa pelo processo de superação das barreiras atitudinais, onde as estruturas são pensadas sem a presença de pessoas deficientes.

Palavras-chave: Deficiência; Inclusão; Estigma.

Francini de Almeida Barboza

Aluna de Iniciação Científica do PROVIC /ISECENSA – Curso de Psicologia.

E-mail: francinidealmeida@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1730978156324985>

Lara Cardoso Henrique Gonçalves

Aluna de Iniciação Científica do PROVIC /ISECENSA – Curso de Psicologia.

E-mail: laragoncalves@isecensa.edu.br,

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2542699945029976>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-4407-7451>

Linda Jhulian de Souza Batista

Aluna de Iniciação Científica do PROVIC /ISECENSA – Curso de Psicologia.

E-mail: linda.batista@isecensa.edu.br

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8126370145052183>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6201-1368>

Nicole Pereira Gonçalves

Aluna de Iniciação Científica do PROVIC /ISECENSA – Curso de Psicologia.

E-mail: nicole.goncalves@isecensa.edu.br

Patrick Wagner de Azevedo

Professor orientador, Doutor em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense – UFF.

E-mail: patrickazevedo@isecensa.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7258605595688097>

O IDÍLIO MIDIÁTICO DA MATERNIDADE/MATERNAGEM CONTEMPORÂNEAS: SER-MÃE AINDA É A REALIZAÇÃO DO FEMININO?

Atália Maria Schaeken Silva (UFAM - Brasil)
Ewerton Helder Bentes de Castro (UFAM - Brasil)

A mídia foi o veículo comunicativo que mais cresceu durante essas décadas, tornando-se dominador não somente na emissão de notícias, mas na propagação de ideologias, crenças, costumes e valores. Contemporaneamente, a maternidade e a maternagem têm sido produzidas como o objetivo da mulher, sua meta de vida e que o sentido de sua vida é, diretamente, proporcional a ser mãe. Entretanto, observa-se que este aspecto não condiz com o objetivo de todas as mulheres. Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa foi compreender a concepção de mulheres sobre maternidade e maternagem para além do idílio midiático presente na contemporaneidade sob a ótica de Maurice Merleau-Ponty e como objetivos específicos: a) conhecer a concepção da maternidade e da maternagem na mídia contemporânea; b) compreender os impactos da mídia sobre a maternagem em mulheres que estão vivenciando, já vivenciaram ou ainda não vivenciaram a maternidade; c) elaborar material para subsidiar o acompanhamento a mulheres no que tange à maternagem e a maternidade. É um estudo sob o viés qualitativo que utilizou do método fenomenológico de pesquisa em Psicologia. O instrumento de pesquisa foi a entrevista fenomenológica que partiu de questão norteadora, apresentando seus principais desdobramentos. A análise das entrevistas foi através do referencial teórico de Maurice Merleau-Ponty, elaborando-se duas categorias temáticas. A primeira abarca com profundidade o mundo-vivido na experiência materna, demonstrando o redemoinho de emoções, desafios e superações repletas de sentidos e incertezas vivenciadas pelas corporeidades das mulheres entrevistadas. A segunda categoria elucida a questão contemporânea entre a mídia, a maternidade e a maternagem, manifestando as idealizações e as influências que atravessam o gênero feminino na atualidade. Assim, compreendeu-se a pluridimensionalidade do olhar feminino contemporâneo sob a maternidade, maternagem, ser-mãe e ser-mulher na Era midiática junto as implicações aí presentes, salientando que este fenômeno ainda passará por repressões midiáticas, sociais, históricas, culturais, políticas e econômicas, tornando-se um tema válido de ser estudado continuamente.

Palavras-chave: Maternidade; maternagem; mídia contemporânea; ser-mãe; método fenomenológico.

Atália Maria Schaeken Silva

Graduada em Psicologia pela Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus.

E-mail: ataliamssilva@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4842074976962149>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6578-3243>

Ewerton Helder Bentes de Castro

Pós-Doutor em Psicologia e PhD em Psicologia pela FFCLRP/USP. Mestre em Educação – PPGE/UFAM. Graduado em Psicologia pela FAPSI/UFAM. Especialista em Psicologia Hospitalar/IPEMIG. Especialista em Psicologia Forense/IPEMIG. Coordenador do

Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial – Labfen/Ufam. Líder do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial, certificado pelo CNPq. Membro do GT Fenômenos psicológicos e saúde – ANPEPP.

E-mail: ewertonhelder@ufam.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9404811031167076>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>

O QUE TE MOTIVA NO ENVELHECIMENTO? ANÁLISE FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DO DISCURSO DE PESSOAS MAIS VELHAS

Martha Elisa Aded Coutinho Maciel (*IFEN - Brasil*)
Paulo Roberto Aded Coutinho (*IFEN - Brasil*)

O ponto de partida do presente trabalho foi o interesse dos autores, alunos do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro, pelo que motivava as pessoas em seu processo de envelhecer. Uma revisão de publicações especializadas sobre o envelhecimento mostrou a escassez de trabalhos que se ocupem em ouvir a fala dos que estão envelhecendo. Compreendendo a relevância de recolher a experiência de pessoas mais velhas, de forma a acessar suas motivações e sentidos no envelhecer, é que foram realizadas entrevistas com pessoas acima de 65 anos, moradoras da cidade de Macaé-RJ, com a seguinte questão: O que motiva você no processo do envelhecimento? O objetivo era conquistar uma compreensão mais realista, profunda e respeitosa sobre a experiência do envelhecimento. O método escolhido foi o fenomenológico-existencial, por seu empenho em compreender os sentidos singulares atribuídos à experiência e privilegiar o desvelamento do fenômeno por meio da investigação do tema em diferentes momentos históricos. Foram realizadas 15 entrevistas que foram depois transcritas detalhadamente e apresentadas aos entrevistados para aprovação de seu conteúdo. A seguir, as entrevistas foram lidas várias vezes, de forma a destacar os conteúdos relevantes e significativos em relação à questão investigada, a motivação no envelhecimento. Destas sucessivas leituras foram elencadas unidades de sentido que, muitas vezes, apareciam na fala de mais de um dos entrevistados. Algumas das unidades de significado que emergiram foram: autocuidado; autonomia; otimismo e esperança; projetos futuros; vulnerabilidade, finitude e fragilidade; gratidão; espiritualidade; valorização do presente. Um exemplo desta última unidade é a fala de uma entrevistada que diz se sentir motivada no envelhecimento porque está viva e nem sequer percebe a idade que tem. De forma a aprofundar a reflexão sobre o tema, foram investigadas as formas de compreensão sobre o fenômeno em nosso tempo, causando perplexidade, pois os sentidos encontrados nas entrevistas muitas vezes contrastavam com o conhecimento hegemônico, que compreende a velhice como tempo de decadência física e ausência de papéis sociais. Embora a pesquisa tenha surgido de um interesse pessoal dos autores, espera-se que este estudo contribua para a compreensão das diferentes formas de viver e envelhecer, não apenas em Macaé, trazendo contribuições para a formação de profissionais de Psicologia em seu fazer clínico com pessoas idosas na atualidade, além de produzir conhecimento, oferecendo elementos para práticas sociais e políticas públicas que melhor se afinem com a realidade.

Palavras-chave: Velhice; Macaé-RJ; Pesquisa Qualitativa.

Martha Elisa Aded Coutinho Maciel

graduanda em Psicologia pela Universidade Estácio de Sá - Pólo Macaé, aluna do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro – Grupo de pesquisa sobre envelhecimento, Macaé-RJ, Brasil.

E-mail: marthaded@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/009-0005-1526-4388>

Paulo Roberto Aded Coutinho

Bacharel em Psicologia pela Universidade Estácio de Sá - Pólo Campos dos Goytacazes, aluno do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro – Grupo de pesquisa sobre envelhecimento, Macaé-RJ, Brasil,

E-mail: pauloaded@gmail.com,

ORCID: <https://orcid.org/009-0006-9265-0052>

ONDE ESTÃO AS TRANSMASCULINIDADES DENTRO DA PSICOLOGIA?

Leonardo Braga Elek (*UVA – Brasil*)

Reivani Chiste Zanotelli Buscacio (*UVA – Brasil*)

Esse trabalho foi apresentado para obtenção do título de bacharel em Psicologia na Universidade Veiga de Almeida, no Rio de Janeiro. A ideia foi trazer a reflexão diversos temas vivenciados pelo autor ao longo de sua experiência na graduação, a respeito da atuação da Psicologia enquanto ciência, e seu posicionamento crítico em relação as pautas das transmasculinidades no Brasil, mais precisamente na cidade do Rio de Janeiro. Por longos 5 anos o autor deste trabalho era apontado pelo corpo discente e docente como uma grande gota d'água no meio do deserto para olhar as transexualidades e apontar caminhos de como conduzir trabalhos acadêmicos, a clínica, e outros espaços da atuação do psicólogo, como se este pudesse trazer uma espécie de saber inquestionável sobre o que fazer a respeito da população trans. Observa-se que ao longo do tempo, várias grandes áreas do saber, como a Filosofia, a Antropologia, a Sociologia, a Educação e outros começaram a olhar para as transexualidades, no entanto, a Psicologia, não. Se faz urgente que a Psicologia se aproprie das existências plurais de modo a conseguir cumprir seu papel. A metodologia utilizada para este trabalho foi revisão bibliográfica de caráter qualitativo. Foram pesquisados livros, artigos científicos nas plataformas Scielo e Google Scholar, teses e dissertações, matérias de jornais de grande circulação, dados oficiais do Governo brasileiro e dos Conselhos Federais e Regionais de Psicologia. Para tanto foram utilizados 2 pares de palavras: Homens Trans e Psicologia. Transmasculinidades e Psicologia. Em toda pesquisa exploratória foram contemplados apenas documentos que utilizem a língua portuguesa. O principal autor utilizado para sustentar a argumentação sobre gênero e sexualidade foi Michel Foucault. Junto com a inserção de alguns pensamentos de autores da Teoria Queer como Judith Butler e Paul B. Preciado. Para refletir sobre a importância e o papel da Psicologia diante dessas existências plurais, foram trazidos também alguns dos conceitos do método fenomenológico-existencial de Husserl e de contribuições existenciais a luz das teorias de Jean-Paul Sartre. Por fim, foram apresentados como esses temas saem da teoria e se dão na prática ao longo do tempo no Brasil e no Estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Transmasculinidades; Psicologia Social; Fenomenologia-Existencial.

Leonardo Braga Elek

Psicólogo formado pela Universidade Veiga de Almeida, especializado em Psicologia Fenomenológica-Existencial pelo Instituto de Fenomenologia do Rio de Janeiro (IFEN). É ativista pelos direitos da população transmasculina, sendo organizador e autor da 1ª e 2ª Marshas Trans Nacional realizadas em Brasília – DF, da 1ª audiência pública estadual e municipal do Brasil sobre Transmasculinidades no estado e município de SP.

E-mail: leoelek82@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8365025392845961>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0194-196X>

Reivani Chiste Zanotelli Buscacio

Pós-doutorado pela Universidade Salgado de Oliveira (2016), Doutora em Psicologia-Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2009), Mestre em Psicologia Social pela Universidade Gama Filho (2003). Membro da Comunidade CIELO Laboral

(Comunidade para a Investigação e o Estudo Laboral e Ocupacional desde 2021), Membro do COE - Comissão de Orientação e Ética (CRP/RJ). Desde 2006 é Professora do curso de Psicologia da Universidade Veiga de Almeida onde também é Supervisora de Estágio Profissional no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) nas Equipes de Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT) e Pesquisa e Clínica em Saúde da Mulher. Atua em Psicologia Clínica (TCC) em consultório particular.

ORCID: 0000-0002-3577-7616

SUBJETIVAÇÃO DO FEMININO: A CLÍNICA COMO UMA POSSIBILIDADE DO VIR-A-SER

Débora Siqueira Leitão (*IFEN – Brasil*)

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a subjetivação do feminino na clínica com mulheres. A partir da necessidade da Psicologia Clínica se deslocar da padronização da lida com mulheres, a fundamentação da desconstrução dos elementos sedimentados nas representações do ser mulher se apresenta como um caminho a se fazer. O trabalho na clínica possibilita a abertura de um espaço para a existência singular. O objetivo desta pesquisa é identificar se há impactos dos sedimentos históricos do feminino na saúde das mulheres, revelando outras possibilidades clínicas que dêem espaço ao vir a ser feminino. Nesse sentido, a desconstrução dos elementos hermenêuticos do nosso tempo que determinam o modo de ser da mulher, possibilitam às próprias uma ampliação do caráter de liberdade na relação consigo mesma. O que é determinado pela sociedade pode culpabilizar, fragilizar e até mesmo adoecer, como observado na leitura de textos e no fazer clínico, mas mesmo assim ainda há um forte fluxo dessa ação. A relevância desse estudo, se faz presente no questionamento sobre a estigmatização da mulher e do feminino, pois mesmo com as mudanças sociais trazidas pelos Movimentos Feministas, ainda hoje há determinações sobre as mulheres e seus corpos que perduram. Entender a construção da subjetivação do feminino imposta pela sociedade, as consequências dessas determinações e os motivos que as fazem persistir até o momento, possibilita uma prática clínica singular e cuidadosa. Para o desenvolvimento desse trabalho será utilizada a análise bibliográfica de textos na perspectiva fenomenológico-existencial, que considera o biológico e psíquico, mas não traz a determinação por essas vias e coloca a construção da identidade no existir, sem acompanhar a cadência do mundo. Também serão considerados artigos que discutem sobre a saúde da mulher. As mulheres vivenciam o feminino de formas diferentes e isso significa que, mesmo que a tríade mulher-heterossexual-mãe exista, também existem outras possibilidades de ser. O entendimento determinista do que é ser mulher acontece desde o nascimento de um bebê do sexo feminino, logo já ocorre uma idealização da existência. Desconstruir é não dar continuidade a práticas reguladoras de identidade, é lidar com possibilidades e não com determinações.

Palavras-chave: Desconstrução; Determinismo; Mulher; Psicologia Clínica.

Débora Siqueira Leitão.

Psicóloga graduada pela Universidade Veiga de Almeida, possui formação em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN) e especialização em Psicologia Médica pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/Brasil).

E-mail: deborasiqueirad@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2424784629574097>

ORCID: 0009-0008-6101-9852

EIXO VI: DESAFIOS POLÍTICOS, ECONÔMICOS E SOCIAIS NA ATUALIDADE

A EXISTÊNCIA ENTRE DIAGNÓSTICOS: UMA REFLEXÃO FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA SOBRE NEURODIVERGÊNCIAS E VIABILIZAÇÃO DE DIREITOS

Crisóstomo Lima do Nascimento (*UFF- Brasil*)

Daniel Fonseca Ferreira (*UENF - Brasil*)

Gesiane Rima do Vales (*UFF - Brasil*)

Ignêz Brigida de Oliveira Pina (*UENF - Brasil*)

A contemporaneidade expressa as raízes da tradição de pensamento ocidental em que o conhecimento direciona-se às tentativas incessantes de firmar-se em certezas e atender aos ideais socialmente aceitos. Nesse contexto, a existência é permeada por categorizações diagnósticas que, por vezes, reduzem a diversidade humana a categorias patológicas, embora também se apresentem enquanto ferramentas essenciais para a viabilização de direitos. O presente trabalho objetiva apresentar os resultados de uma pesquisa que investigou a construção sócio-histórica dos diagnósticos para neurodivergências e suas implicações no legislativo brasileiro. Tendo em vista as noções de normalidade e anormalidade, o estudo questiona o papel do psicólogo no processo de inferência de diagnóstico frente aos manuais DSM e CID e a função do diagnóstico para quem o recebe. A metodologia possui caráter qualitativo e foi coordenada em duas etapas, a primeira consistiu em revisão bibliográfica nos portais CAPES, SciELO e RIUFF, sobre as concepções de patologia e neurodivergência em fenomenologia. A segunda etapa envolveu a busca e análise de legislações tramitadas na Câmara dos Deputados que asseguram direitos às pessoas neuroatípicas, destacando a exigência ou não de diagnóstico. Os resultados revelam a escassez de pesquisas que abordem a temática a partir de uma perspectiva fenomenológica e reforçam a necessidade de uma postura ética do psicólogo diante da atribuição de diagnósticos. Apontam, também, para a ambivalência dos diagnósticos: se, por um lado, favorecem o acesso a direitos educacionais, assistenciais e de saúde, por outro, podem reduzir o ser à condição diagnosticada. A sustentação dialética dessa ambivalência, em Heidegger, pode ser então compreendida por serenidade, do alemão, *Gelassenheit*. Dessa maneira, evidencia-se a necessidade de uma reflexão crítica sobre a dimensão do diagnóstico, bem como de sua importância na viabilização de direitos fundamentais à vida. Portanto, o trabalho contribui para a atuação do psicólogo em um fazer comprometido com a inclusão, o respeito à existência e a possível superação de visões reducionistas no campo da neurodivergência.

Palavras-chave: Psicologia; Fenomenologia; Neurodivergência; Diagnósticos; Inclusão.

Crisóstomo Lima do Nascimento.

Pós-doutor em Ciências da Religião pela PPG da PUC-Campinas; Prof. Adjunto da Univ. Federal Fluminense (UFF); Prof. do PPG em Cognição e Linguagem da Univ. Estadual do Norte Fluminense (UENF); Coord. do GT 22 da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP); Membro fundador da ABRAPFE; Coord. do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Fenomenologia e Filosofias da Existência (NEPPFFE).

E-mail: crisostomolima@id.uff.br;

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3298272647948258>;

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8764-5220>

Daniel Fonseca Ferreira.

Mestrando em Cognição e Linguagem da Univ. Estadual do Norte Fluminense (UENF); Graduação em Psicologia na Univ. Federal Fluminense (UFF Campos); Cursando Especialização no Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN); Formação em Daseinsanálise (Rede Existências). Psicólogo no CAPS III - Nova Friburgo/RJ e CAPS I - Aperibé/RJ; Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Fenomenologia e Filosofias da Existência (NEPPFFE).

E-mail: matcdan@hotmail.com;

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3478845939386836>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-7135-3600>

Gesiane Rima do Vales.

Graduanda em Psicologia pela Univ. Federal Fluminense (UFF) e em Filosofia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER); pesquisadora bolsista CNPq no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Fenomenologia e Filosofias da Existência (NEPPFFE); extensionista no Núcleo de Pesquisa Infâncias, Juventudes e Políticas Públicas (NIJUP);

E-mail: gesianevaldes@id.uff.br;

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6290337921725662>;

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-2500-3950>

Ignêz Brigida de Oliveira Pina.

Pedagoga pela Faculdade Cenecista de Vila Velha (FACEVV); Mestre em Educação pela Univ. Federal da Bahia (UFBA); Doutoranda no Curso de Cognição e Linguagem, da Univ. Estadual do Norte Fluminense (UENF); pesquisadora no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Fenomenologia e Filosofias da Existência (NEPPFFE); Assessora Pedagógica na Pró-reitoria de Ensino do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES).

E-mail: ignez.pina@ifes.edu.br;

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3579882370339128>;

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-2514-3435>

HABITAR A REALIDADE: A CLÍNICA EXISTENCIAL NO NORTE DE MATO GROSSO

Kimberlyn Alexandra Alves de Melo (*FASTECH - Brasil*)

Patrício Lauro de Melo Neto (*FASTECH - Brasil*)

A macrorregião Norte do estado de Mato Grosso, composta por 35 municípios e com uma população estimada em 794.433 habitantes, apresenta um crescimento demográfico superior à média nacional, especialmente entre a população idosa. Apesar do destaque econômico, com o maior PIB estadual impulsionado pelo agronegócio, a região enfrenta desigualdades sociais significativas, como o alto índice de analfabetismo entre adultos, precariedade no acesso ao saneamento básico e limitações na cobertura da saúde pública — com 84% da população dependente exclusivamente do SUS. Diante desse cenário psicossocial, torna-se necessário refletir sobre o papel do psicólogo e a adequação de sua formação frente à complexidade da realidade local. O presente trabalho, de natureza bibliográfica, propõe analisar a articulação entre essas características psicossociais e os fundamentos da psicoterapia existencial. A abordagem existencial, ao compreender o sujeito em sua singularidade e historicidade, propõe uma prática clínica sustentada na atitude fenomenológica, que se orienta pela abertura ao fenômeno, pela suspensão de pressupostos e pela presença do terapeuta como alguém disposto a habitar o mundo vivido do cliente. Frente aos desafios regionais, essa perspectiva pode contribuir para uma clínica que não se reduz a diagnósticos e protocolos, mas que acolhe a experiência vivida e as angústias concretas dos sujeitos. Para tanto, discute-se a formação do terapeuta existencial a partir de autores como Erthal, Boris e Guimarães, Dutra e Azevedo, que destacam a importância do autoconhecimento, da escuta sensível e de uma atitude ética e reflexiva. Tais autores também evidenciam o descompasso entre a formação generalista e tecnicista proposta nas diretrizes curriculares e o cultivo de uma postura fenomenológico-existencial, comprometida com o cuidado da existência a partir do que se mostra no encontro clínico. Conclui-se que a terapia existencial, ao propor uma clínica comprometida com a realidade vivida e com os dilemas existenciais do sujeito, pode oferecer caminhos potentes para o cuidado em contextos psicossociais desafiadores, como o da região Norte mato-grossense. Ao mesmo tempo, reforça-se a necessidade de que a formação do psicólogo não se descole das realidades regionais e sociais, nem tampouco da dimensão ética do cuidado.

Palavras-chave: Região norte do Mato Grosso; psicoterapia existencial; realidade psicossocial.

Kimberlyn Alexandra Alves de Melo

Graduada em Psicologia (UNIC, 2019), especialista em Neuropsicologia (Anhanguera, 2025), atua como psicoterapeuta desde 2019 e atualmente como preceptora do curso de Psicologia da Faculdade FASTECH,

E-mail: psicologiakrh@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4599099719162779>.

Patrício Lauro de Melo Neto

Graduado em Psicologia (UNIC, 2016), Especialista em Docência para o ensino superior (FASPE, 2016), Saúde do idoso e gerontologia (Unyleya, 2018), Psicologia existencial - Abordagem centrada na pessoa (2019), Mestre em meio ambiente e desenvolvimento regional (UNIDERP, 2022), terapeuta desde 2016, docente e coordenador no curso de psicologia da Faculdade FASTECH em Sinop – MT.

E-mail: patriciolauro@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4937123701277861>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0587-5597>

SOCIEDADE DO CANSAÇO E A PATOLOGIZAÇÃO DA VIDA PELA LENTE FENOMENOLÓGICA

Jordana Rodrigues Pimentel (Brasil)

Este trabalho é uma investigação fenomenológica sobre como a patologização da experiência humana tem se manifestado na contemporaneidade, articulada com a obra *Sociedade do Cansaço*, de Byung-Chul Han. O estudo busca compreender o ser humano como um ente em constante construção em relação com seu mundo, analisando como a sociedade e a cultura influenciam o sofrimento psíquico. Byung-Chul Han reflete sobre como a sociedade contemporânea tem se estruturado em um modelo que individualiza os sujeitos, gerando sofrimento e desgaste decorrentes da autocobrança e da internalização de ideais meritocráticos e neoliberais. Ao adotar o olhar filosófico da fenomenologia, desenvolve-se uma perspectiva sensível sobre a vivência humana e uma compreensão integral do ser em seu contexto. Trata-se de uma revisão bibliográfica articulada à perspectiva fenomenológica. As discussões propostas possibilitam refletir, a partir da fenomenologia e da obra de Han, como os valores individualistas contemporâneos descontextualizam as subjetividades, enquadrando-as em padrões classificatórios que padronizam comportamentos e culpabilizam os sujeitos por não atingirem ideais inalcançáveis de produtividade. Como reflexo, observa-se uma epidemia de adoecimentos relacionados ao excesso, além do aumento do uso de psicofármacos, que funcionam como uma forma de doping para sustentar uma tentativa de maior desempenho. Essa medicalização dos comportamentos cotidianos contribui para a individualização do sofrimento, esvaziando seus vínculos com o mundo e com a história. Em contraponto, tanto a fenomenologia quanto a crítica de Han propõem uma visão mais ampla e sensível da subjetividade, reconhecendo que o sofrimento só adquire sentido quando inserido em um contexto histórico e social. A fenomenologia se opõe à individualização descontextualizada do sofrimento, defendendo um cuidado em saúde que considere os múltiplos aspectos que constituem a experiência humana. Nesta perspectiva, as expressões do sofrimento só fazem sentido dentro de um “horizonte histórico” que lhes confere significado. Assim, compreender estas vivências pela lente fenomenológica permite ampliar o cuidado em saúde, considerando as complexas relações entre sujeito e mundo.

Palavras-chave: Sociedade do Cansaço; fenomenologia; patologização

Jordana Rodrigues Pimentel

Bacharel em Psicologia e em formação em Gestalt Terapia.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0863719535777110>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6552-9187>

SUBJETIVIDADES EM CONEXÃO: EXPERIÊNCIA DE APOIO FÍSICO E EMOCIONAL NA ERA DIGITAL

Alessandra Cabrera Castaldoni (*Agile Health.tech – Brasil*)
Julia Pedrosa Mantovani de Campos (*Agile Health.tech – Brasil*)
Mariana Giacomo Andrade (*Agile Health.tech – Brasil*)
Renata Luciria Monteiro (*Agile Health.tech – Brasil*)

A presente proposta tem por objetivo compartilhar um relato de experiência com modelo de interação digital via WhatsApp, através de mensagens de áudio e texto, voltado ao apoio físico e emocional de pessoas, mediado por tecnologia e sustentado por vínculos humanos. A iniciativa surge como resposta ao contexto contemporâneo de intensificação da solidão existencial, ausência de sentido e liberdade, acentuada pela pandemia de COVID-19 e pela imersão contínua em práticas digitais despersonalizadas, como o uso do "scroll infinito" nas redes sociais — movimento que muitas vezes silencia o vazio existencial e a ausência de vínculos reais. Alinhado à ótica fenomenológico-existencial de Heidegger, a transparência do eu configura-se como uma via que possibilita ao outro reconhecer-se em suas escolhas e assumir sua existência de modo autêntico. Pensando nisso, o WhatsApp, presente na vida cotidiana, é promissor para a construção de relações de escuta, acolhimento e orientações em saúde. Os atendimentos são realizados por profissionais de saúde que, mesmo atuando no ambiente digital, realizam escuta ativa e mediação afetiva na busca do entendimento das necessidades de saúde, produzindo autenticidade e autonomia, a partir de orientações personalizadas. Desta forma, o canal configura-se como um espaço de intersubjetividade, onde se constroem relações e sentidos. A subjetividade do outro, mesmo que mediada por uma tela, revela-se em sua singularidade. Nesta perspectiva, estudos recentes destacam que as tecnologias digitais, embora criadas a partir da racionalidade instrumental, são hoje atravessadas por essencialidades da subjetividade humana — como escolha, decisão e autonomia —, o que constitui uma nova “materialidade híbrida”. Por isso, a experiência on-line não existe isoladamente, mas se constitui na conexão ativa e simultânea de múltiplas subjetividades. Também, o risco de que as tecnologias, ao ampliarem possibilidades de expressão e autoimagem — como os avatares ou as selfies —, afastem o sujeito de uma vivência concreta da alteridade, promovendo experiências desmaterializadas do eu ideal. Pensando nisso, nosso modelo de atendimento procura acolher, estimular o retorno ao corpo, à vida presente e à autenticidade. Portanto, ao atuar em um espaço de intersubjetividade digital, propomos buscar não apenas a mitigação do sofrimento psíquico advindo da solidão contemporânea, mas também ressignificar o sentido produzido pelo ser-no-mundo através do cuidado e escuta, mesmo que mediados por uma tela. A fenomenologia-existencial, como marco teórico, oferece respaldo para compreender e legitimar tais experiências híbridas, que constroem sentido nas relações.

Palavras-chaves: Saúde Digital; Psicologia Existencial; Fenomenologia; Saúde Mental.

Alessandra Cabrera Castaldoni.

Psicóloga pela Universidade São Judas Tadeu (USJT), Pós-graduada em Clínica, Fenomenologia e Saúde Mental pela Apfeno, Psicóloga clínica e Psicóloga em Agile Health.Tech.

Email: alessandracabrera@agilehealth.tech

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5504760638175865>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-1661-1888>

Julia Pedrosa Mantovani de Campos.

Psicóloga pela Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP). Psicóloga em Agile Health.Tech.

E-mail: julia.pedrosamc@outlook.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6519279851300705>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5721-1246>

Mariana Giacomo Andrade.

Psicóloga pelo Centro Universitário Unifecaf (UNIFECAF). Psicóloga em Agile Health.Tech.

E-mail: psimarianagiacomo@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0398091882531531>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-4500-6250>

Renata Luciria Monteiro.

Enfermeira pela USP, MBA em Gestão de Saúde pela FGV e Mestre em Engenharia e Gestão da Inovação pela UFABC. Cofundadora da Agile Health.Tech, uma startup que usa interação digital para promover cuidado físico e emocional das pessoas.

E-mail: renatamonteiro@agilehealth.tech

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7402466168693059>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8436-6303>

EIXO VII: A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO EM SITUAÇÕES LÍMITES: SUICÍDIO, GUERRAS, DESASTRES, REFUGIADOS

DESTERRO, ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS E DESENRAIZAMENTO SOCIAL: OS REFUGIADOS DO CLIMA

Giselda Lopes Aquino Dineli (*PUC SP - Brasil*)

Desterro foi descrito como uma experiência existencial, pelo filósofo Martin Heidegger (1927), relacionada à perda dos vínculos fundamentais com o lugar de origem, como no caso dos refugiados do clima. Sujeitos que, devido às alterações climáticas e seus impactos, atravessam o processo de desenraizamento cultural. Ainda, Desterro para Heidegger, é um estado de esquecimento do Ser e de errância, que surge da preocupação excessiva com os entes e da perda de contato com a verdade fundamental da existência. O desterro não é apenas um problema da história da filosofia ocidental, mas também um desafio para o ser-aí, que deve questionar seu próprio lugar no mundo e buscar a verdade originária do Ser. Analisar quais os impactos do desterro na saúde mental refugiado climático. Como e quais as consequências existenciais se apresentam nesse processo migratório induzido por fatores ambientais. A relevância da pesquisa reside em destacar a dimensão existencial e psicossocial das alterações climáticas, frequentemente reduzidas a aspectos físicos e econômicos, contribuindo assim para uma abordagem integrada e humanista. Foi realizada uma revisão integrativa da literatura, com busca de artigos por meio da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando os descritores indexados, com operadores booleanos: "Refugiados ou Imigrantes" OR "Refugees e Inmigración" OR "Emigration and Immigration" AND "desterro" OR "desenraizamento cultural", com os resultados disponíveis nas seguintes bases: BDNF, INDEXPSI, LILACS, MEDLINE, IRIS. A discussão evidencia que a ruptura dos laços sociais e culturais decorrentes do deslocamento forçado potencializa distúrbios psicológicos como ansiedade, depressão e transtorno de estresse pós-traumático. Conclui-se que as estratégias de enfrentamento das alterações climáticas devem contemplar intervenções políticas e clínicas integradas, visando acolhimento, reintegração social e cultural, além dos cuidados específicos em saúde mental, como meio de minimizar os impactos negativos do desenraizamento vivenciado pelos refugiados climáticos.

Palavras-chave: desterro; alterações climáticas; desenraizamento social; refugiado, saúde mental.

Giselda Lopes Aquino Dineli

Graduada em Psicologia, Especialista em Saúde Mental e Saúde Pública, Mestre em Ciências da Saúde e Doutoranda em Psicologia Clínica com ênfase em Desenraizamento Cultural pela Instituição Pontifícia Universidade Católica PUC-SP. Professora Universitária dos Cursos de Psicologia e Medicina. Autora de diversos livros e artigos.

E-mail: gisalibraspsi@gmail.com;

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7701152857341025>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1705-1969>

PÔSTERS

A stylized map of South America is shown in a light yellow color, set against a background of green diagonal lines. The map is positioned on the right side of the page, with the word 'PÔSTERS' in dark blue text to its left. The entire composition is framed by a dark blue border.

EIXO I: PRÁTICAS BASEADAS EM EVIDÊNCIAS

O APARECER DO VIVIDO: UMA EXPERIÊNCIA CLÍNICA SOB O OLHAR DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL

Lidiane Verônica Collares da Silva (*Instituto Pangeia - Brasil*)

Livia Maria Guedes de Lima Andrade (*Instituto Pangeia - Brasil*)

Pedro Alexandre Silva da Silva (*Instituto Pangeia - Brasil*)

Este trabalho se propõe a apresentar uma análise de um processo psicoterapêutico conduzido sob a perspectiva fenomenológico-existencial, tendo como base um estudo de caso realizado durante um estágio supervisionado em clínica psicológica. A cliente, uma jovem adulta diagnosticada com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), procurou atendimento com o objetivo de compreender melhor os impactos do diagnóstico em sua vida cotidiana, em especial no âmbito profissional. O objetivo principal da pesquisa foi compreender como os fenômenos existenciais emergiram na experiência da cliente, analisando de que modo a psicoterapia poderia favorecer a ampliação da autopercepção e o fortalecimento da autonomia e autenticidade. A análise foi guiada pela busca em compreender como a psicologia fenomenológica-existencial pode abrir espaço para que o sofrimento seja vivido e significado de maneira mais autêntica, especialmente diante de tensões entre liberdade, angústia e autenticidade. A relevância deste estudo se apresenta na valorização da escuta clínica enquanto espaço de revelação dos modos de ser-no-mundo, respeitando a singularidade e historicidade do sujeito, sem buscar reduzi-lo a categorias diagnósticas pré-estabelecidas. O método utilizado consistiu na descrição da experiência vivida pela cliente, particularizando o desvelamento dos sentidos manifestos no discurso e na relação terapêutica. A análise do caso revelou que, embora o TDAH tenha sido o motivo inicial para ingressar com o acompanhamento psicoterápico, o avanço da psicoterapia possibilitou o descentramento do diagnóstico, evidenciando questões mais profundas relacionadas à forma como a cliente se posicionava diante da vida, frente à cobrança familiar, padrões de comparação social e receios quanto à sua liberdade. A discussão foi fundamentada levando em consideração autores como Merleau-Ponty e Heidegger, incluindo o corpo como campo de sentido e a existência como abertura para possibilidades existenciais. As considerações finais apontam que, mesmo diante da permanência da angústia, esta passou a ser vivida de forma mobilizadora, possibilitando assim, o reconhecimento de sua própria responsabilidade diante da construção de um modo de ser mais autêntico. O estudo evidencia a potência da abordagem fenomenológico-existencial como caminho para a compreensão do sofrimento e para a promoção de um cuidado que respeita a subjetividade e o processo contínuo de constituição do sujeito.

Palavras-chave: Psicologia fenomenológica-existencial; Angústia; Liberdade; Autenticidade; Psicoterapia.

Lidiane Veronica Collares da Silva

Psicóloga; professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNDB, do Instituto de Ensino Superior Franciscano - IESF e do Instituto Pangeia; Graduada e Mestra em Psicologia pela UFMA; Especialista em Psicologia Clínica Fenomenológico Existencial pelo IFEN/UNIMAIS.

E-mail: lidianecollares@hotmail.com;

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2993155001686793>;

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8760-7873>.

Livia Maria Guedes de Lima Andrade

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Ceuma (2017) e graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Pernambuco (1999); Especialização em Psicologia Social (FAVENI) e Gestão de Pessoas pela FGV - Fundação Getúlio Vargas;

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2419732942056620>;

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9605-9537>

Pedro Alexandre Silva da Silva

Psicólogo pela Faculdade Anhanguera; atua na psicoterapia de adultos e idosos, com ênfase na abordagem fenomenológica-existencial; atualmente, cursa pós-graduação em Psicologia Fenomenológica Existencial no Instituto Pangeia e graduação em Filosofia pela UFMA;

E-mail: psic.alexandresilva@gmail.com;

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0203347458696610>;

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4782-6959>.

**EIXO II: A CLÍNICA PSICOLÓGICA EM
DIFERENTES MODALIDADES: INDIVIDUAL,
GRUPO, CASAL, INFANTOJUVENIL**

A AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE CRIANÇAS SOB UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA: REFLEXÕES A PARTIR DE UM CASO ACADÊMICO

Arthur Cabral de Oliveira Robson (UNDB – Brasil)

Dayene Tayla Diniz Costa (UNDB – Brasil)

Gracielle dos Santos Santana (UNDB – Brasil)

Lidiane Verônica Collares da Silva (UNDB – Brasil)

Este trabalho resulta de uma atividade acadêmica da disciplina de Avaliação Psicológica, do curso de Psicologia, baseada na análise de um caso clínico fictício elaborado com fins acadêmicos. O caso aborda sobre Pedro, que aos 8 anos passou a apresentar um padrão de comportamentos muito distinto de seu habitual, envolvendo dificuldades de aprendizagem, irritabilidade e medo no ambiente escolar, foi levado para avaliação psicológica, por sua mãe, com a psicóloga Ana. A partir dessa situação, questiona-se: como a psicóloga Ana, responsável pelo caso, pode conduzir o processo de avaliação psicológica de maneira ética, empática e coerente com a Psicologia Fenomenológica? O objetivo do estudo é propor diretrizes para a condução de um processo avaliativo com crianças, sob o referencial da Psicologia Fenomenológica. O trabalho encontra sua relevância na fundamentalidade da psicóloga basear seus processos de trabalho a partir das considerações específicas da vivência do ser-criança e sua repercussão nos meios sociais que ela se relaciona. A metodologia adotada foi a de um estudo teórico-aplicado, estruturado em três etapas. A primeira consistiu na construção do caso clínico fictício por meio de uma situação-problema, baseada em relatos e vivências comuns no contexto escolar e clínico infantil. Em seguida, foi realizada uma revisão bibliográfica narrativa, com levantamento e análise de publicações científicas nos últimos 10 anos que abordam a avaliação psicológica infantil, a fenomenologia existencial e a ludoterapia como recurso terapêutico. Foram consultadas bases como SciELO e Google Acadêmico, com uso de descritores combinados: “avaliação psicológica”, “fenomenologia”, “psicologia infantil”, “ludoterapia” e “escuta clínica”. Com base na revisão realizada, foi elaborado um planejamento teórico que propõe um percurso de avaliação dividido em três etapas: 1. Entrevista inicial com a mãe, com foco no acolhimento e levantamento das informações contextuais sobre a queixa; 2. Atendimento com a criança, utilizando recursos lúdicos e escuta sensível para acessar seu modo singular de existir; e 3. Observação do ambiente escolar e entrevista com o corpo docente, a fim de compreender como a criança se expressa em outros contextos relacionais. Conclui-se que a avaliação psicológica fenomenológica com crianças exige da profissional uma postura de suspensão de julgamentos e abertura genuína à vivência do ser-criança. Esse processo não se limita à entrega de um laudo, mas requer um cuidado ético com os sentidos que emergem da experiência da criança, considerando suas relações, seu contexto e seu projeto de existência.

Palavras-chave: Psicologia fenomenológica; Ludoterapia; Avaliação Psicológica; Entrevista clínica; Psicoterapia infantil.

Arthur Cabral de Oliveira Robson.

Graduando do curso de Psicologia pelo Centro Universitário UNDB em São Luís (MA).

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3585546822823818>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1412-959X>

Dayene Tayla Diniz Costa.

Aluna do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário UNDB em São Luís (MA).

E-mail: dayenetayla@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1897955937060403>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-7075-7899>

Gracielle dos Santos Santana.

Psicóloga pela Universidade Federal do Maranhão (2016); Mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão e especialista em Avaliação Psicológica pelo Instituto de Pós-Graduação (IPOG) (2019); Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dom Bosco (UNDB) em São Luís (MA).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9730913288746201>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3549-0949>

Lidiane Verônica Collares da Silva.

Professora orientadora; psicóloga, nº de registro CRP 22/02328. Atua como psicóloga clínica desde 2018. Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNDB, do Instituto de Ensino Superior Franciscano - IESF e do Instituto Pangeia. Graduada e Mestra em Psicologia pela UFMA. Especialista em Psicologia Clínica Fenomenológico Existencial pelo IFEN/UNIMAIS.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2993155001686793>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8760-7873>

AFETO COMO ESTRATÉGIA DE CUIDADO NA SAÚDE INTEGRAL DE MULHERES APÓS PERDA GESTACIONAL

Jessé Gomes (*FAMETRO - Brasil*)

Kemyly Sakamoto (*Uninorte - Brasil*)

Este estudo apresenta uma pesquisa de campo realizada no Instituto Amor Nosso (IAN), em Manaus (AM), com o objetivo de investigar o papel do afeto como estratégia de cuidado na promoção da saúde integral de mulheres que vivenciaram a perda gestacional. A pesquisa adotou abordagem qualitativa com base fenomenológica, fundamentada nos princípios da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), de Carl Rogers, que valoriza a escuta empática, a aceitação incondicional e a congruência como pilares no acolhimento humanizado, respeitando a subjetividade das mulheres enlutadas. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com mulheres entre 18 e 55 anos que passaram pela experiência da perda gestacional, visando compreender os impactos emocionais, físicos e sociais desse evento. A questão norteadora foi: de que forma a inclusão do afeto como estratégia de cuidado pode contribuir para a promoção da saúde integral de mulheres que vivenciaram a perda gestacional? A análise fenomenológica permitiu acessar os sentidos atribuídos por essas mulheres às suas vivências, considerando suas singularidades e contextos. Os objetivos específicos envolveram avaliar a percepção sobre o acolhimento recebido nos serviços de saúde, discutir a atuação profissional sob a ótica do cuidado humanizado e propor diretrizes que incorporem o afeto como componente essencial do cuidado. Os resultados indicaram que a perda gestacional, independentemente da fase gestacional, representa um processo profundamente desestruturante na trajetória psíquica da mulher e de sua família, demandando suporte sensível e empático por parte dos profissionais de saúde. O estudo evidenciou que o vínculo afetivo estabelecido entre profissionais e pacientes favorece o enfrentamento da dor e contribui para um luto mais reconhecido e integrado à história de vida da mulher. Também foram identificadas fragilidades no sistema de saúde, como a ausência de protocolos específicos e a carência de formação técnica adequada para o manejo do luto perinatal, tanto em ambientes hospitalares quanto em atendimentos ambulatoriais. Conclui-se que o afeto, incorporado como estratégia de cuidado, pode qualificar as práticas profissionais, promovendo um cuidado mais humanizado e eficaz, com impacto positivo na saúde integral de mulheres que enfrentam a dor da perda gestacional.

Palavras-chave: Luto perinatal; Perda gestacional; Afeto; Saúde integral; Acolhimento.

Jessé Gomes

Graduando em Psicologia pelo Centro universitário Metropolitano de Manaus (Fametro); Secretário da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-existencial (Lapfe-UFAM); Vinculado ao Laboratório de Pesquisa em Fenomenologia-existencial (Labefen-UFAM); Presidente da Liga de Políticas Públicas e Psicologia (Lappsi-FAMETRO); E-mail: jesse.sidney028@gmail.com.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3957101683511279>.
ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-1772-2322>.

Kemyly Sakamoto

Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário do Norte (Uninorte); Diretora Geral da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE-UFAM); Vinculada ao Laboratório de Pesquisa em Fenomenologia Existencial (LABFEN-

UFAM); Diretora de Pesquisa da Liga Acadêmica de Políticas Públicas e Psicologia
(LAPPPSI-FAMETRO)

E-mail: sakamotokemilly@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1783130098964939>

ORCID: 0009-0001-3301-7066

O HABITAR DA EXPRESSÃO: ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DA PRÁTICA DA PINTURA ESPONTÂNEA

Isadora Schleder Dallacosta (*Brasil*)

O presente trabalho propõe, como introdução, uma análise fenomenológica da experiência vivida no Método IM I – Pintura Espontânea, desenvolvido por Susan Bello. Trata-se de uma prática grupal em que os participantes realizam, ao longo de encontros, sucessivas pinturas em grandes telas, mediadas por temáticas disparadoras inspiradas na comunicação não violenta, psicologia corporal, práticas meditativas e na expressividade artística. Este espaço propõe uma imersão profunda e desafiadora ao convite à expressão do que ainda não é conhecido, à libertação de crenças inautênticas e ao surgimento de novos núcleos de existência. O objetivo é compreender o desdobramento da experiência que emerge diante ao ato da pintura, entendida como abertura para o desvelar de sentidos ainda não nomeados. A questão de pesquisa que orienta esta reflexão é: a fenomenologia presente na ação do gesto de pintar espontaneamente e como compreendemos o desvelar dos símbolos na experiência do habitar diversas possibilidades do porvir. O método adotado é experiencial, a partir da experiência como facilitador e participante, fundamentado em uma análise à luz da fenomenologia-existencial. A relevância deste estudo se articula como possibilidade de ampliação da clínica fenomenológica, ao integrar arte e experiência terapêutica em grupo. Na discussão, compreende-se que o gesto espontâneo, anterior ao pensamento organizado, permite a emergência de símbolos enquanto estruturas antecipatórias de um vir-a-ser. A experiência pictórica segue uma lógica de busca da verdade como aletheia. Habitar a tela implica suspender expectativas e instaurar um modo de ver que emerge entre corpo, emoção e expressão. Após o período de condução a um estado de presença inicial e da ação criativa do pintor, há uma dinâmica na qual, para o compartilhamento da pintura com o grupo, utiliza-se como recurso a pergunta “se essa pintura fosse minha?”; assim, a expressão de quem fala a respeito da pintura alheia diz a si e ao outro, de forma projetiva, o afeto que o símbolo o convoca. Este ressoa dialogicamente, sustentado pela egrégora, deslocando o olhar do pintor para além da emoção inicial, permitindo que o outro afete e amplie o campo de sentidos. Escrita livre, nomeação e práticas meditativas tornam-se facilitadoras desse processo. Como consideração conclusiva, compreende-se que a pintura inaugura um campo de revelação em que a existência se dá a ver em sua potência criadora: a experiência se transforma em anedota viva, em que o sujeito habita o símbolo que revela em seu corpo uma versão possível de si.

Palavras-chave: Pintura Espontânea; fenomenologia; grupo; desvelamento; expressão simbólica.

Isadora Schleder Dallacosta

Psicóloga formada pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2021), com especialização em Psicologia em Saúde e Psicopatologia Fenomenológica pelo Instituto NUCAFE-RJ. Possui aprimoramento prático em Arteterapia pela FCM/Unicamp, com atuação no Hospital das Clínicas, na Enfermaria de Psiquiatria e nos ambulatórios de Sexualidade e Gênero. Atua como psicóloga clínica no Instituto Torres de Fenomenologia-Existencial, com atendimentos individuais e em grupo, integrando práticas expressivas artísticas. Realiza psicodiagnóstico interventivo em adultos no espectro autista.

E-mail: isadora.s.dallacosta@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5102777559390938>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2237-927X>

PATERNIDADE, INFÂNCIA E PSICOTERAPIA: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Bruno Sérgio Medeiros (*Centro Universitário UNA – Brasil*)

Nyessa Souza Arantes Nogueira (*Brasil*)

Saulo Magalhães (*Centro Universitário UNA – Brasil*)

William Nogueira (*Centro Universitário UNA – Brasil*)

A experiência da paternidade constitui um dos vínculos fundamentais para o desenvolvimento da existência humana. Sob a perspectiva fenomenológico-existencial, ser pai implica um modo específico de ser-no-mundo e de se relacionar com o outro — o filho. A paternidade transcende a simples função reprodutiva; ela envolve um conjunto de responsabilidades emocionais, educativas e sociais. A paternidade é um momento de transformação, onde a identidade é reconfigurada. Essa transição pode ser repleta de desafios, dúvidas e medos, que, se não forem abordados, podem ter impactos duradouros na saúde mental do pai e da criança. Esta pesquisa tem como objetivo analisar o fenômeno da paternidade e o desenvolvimento infantil a partir de um olhar fenomenológico-existencial e caracterizar a escuta clínica para essa realidade. A questão central dessa pesquisa é: Como a paternidade, enquanto experiência vivida, influencia a formação da subjetividade infantil? A relevância desse estudo se caracteriza na relação entre paternidade e infância como um tema emergente e necessário na Clínica Psicológica, uma vez que paternidade deve ser entendida não apenas como biologia da reprodução, mas como um papel social e emocional com influência significativa no desenvolvimento infantil. O método utilizado foi a Revisão Crítica da Literatura, definindo como fonte primária obras clássicas de Teóricos no campo Fenomenológico-Existencial. A fenomenologia, inaugurada por Husserl, propõe a análise da experiência vivida. Heidegger amplia este conceito ao desenvolver a fenomenologia existencial, centrada no ser-no-mundo. Merleau-Ponty contribui com a noção de corporeidade, e Edith Stein com a teoria da empatia, fundamentais para compreender as relações parentais. A partir dessa base epistemológica, afirma-se que o self da criança constitui-se na relação com o mundo e com os outros. A percepção e a corporeidade são centrais na formação da consciência infantil, evidenciando que a presença do outro, especialmente a figura paterna, é essencial no desenvolvimento. Ser pai é assumir um projeto existencial baseado na responsabilidade e na liberdade. A paternidade não é apenas um papel social, mas uma experiência fenomenológica que molda o ser-do-pai o ser-do-filho. As novas configurações familiares e as transformações sociais impõem desafios ao ser-pai. Compreender tais mudanças permite ao Psicoterapeuta Fenomenológico-Existencial refletir novas formas de presença e responsabilidade paterna no mundo contemporâneo. Este ensaio teórico evidencia que a paternidade é um fenômeno existencial essencial para o desenvolvimento infantil. Reconhecer o pai como ser-no-mundo e ser-com-o-outro amplia a compreensão da infância e propõe novos caminhos para a escuta clínica fenomenológica sobre vínculos parentais.

Palavras-chave: Paternidade; Desenvolvimento Infantil; Psicoterapia; Fenomenológico-Existencial

Bruno Sérgio Medeiros

Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Una de Uberlândia (Grupo Ânima). Pesquisador voluntário da University of Nation (UofN). Dedicar-se como pesquisador à

compreensão do fenômeno da sexualidade humana e sua interface com a Clínica Fenomenológico-Existencial.

E-mail: brunomedeiros.psi@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4940100913363548>

Nyessa Souza Arantes Nogueira

Enfermeira graduada com habilitação em Bacharelado e Licenciatura pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), mestre em Psicologia da Saúde pela (UFU). Pós-graduada em Ginecologia e Obstetrícia, além de especialização em Neonatologia e Pediatria pela Faculdade de São Marcos (FACSM). Atua na assistência a partos domiciliares e hospitalares nas cidades de Uberlândia e Araguari/MG.

E-mail: nyessa.sa@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2199559004487654>

Saulo Magalhães Resende

Doutor em Psicologia Social pela UERJ. Especialista em Logoterapia e Análise Existencial pela UNILIFE. Pesquisador da University of the Nations (UofN). Psicólogo Clínico e Supervisor. Atualmente é docente e pesquisador no curso de Psicologia do Centro Universitário UNA (Grupo Ânima) em Uberlândia-MG, com o foco das pesquisas envolvendo a Fenomenologia-Existencial a Clínica Psicológica e a Espiritualidade.

E-mail: professorsaulomagalhaes@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3817351026615086>

William Nogueira

Graduando em Psicologia, atualmente no 8º período, pelo Centro Universitário Una de Uberlândia (Grupo Ânima). Dedicar-se ao aprofundamento teórico e prático na abordagem da fenomenologia-existencial, com interface entre a teoria e a prática clínica.

E-mail: williamnogueiraudi@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8052574560436795>

LATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO DE PSICOLOGIA: BRUNO E SUA LINHA DE CONTROLE

Dayene Tayla Diniz Costa (*UNDB – Brasil*)
Lidiane Verônica Collares da Silva (*UNDB – Brasil*)

O estágio obrigatório em Psicologia é uma etapa fundamental na formação acadêmica, permitindo vivência prática na clínica e aprimoramento de habilidades terapêuticas. O presente relato descreve a experiência de uma estagiária sob a abordagem fenomenológico-existencial em atendimentos psicoterapêuticos realizado em um serviço-escola. Foi acompanhado o caso de Bruno (nome fictício), homem recém-divorciado que relata viver sua primeira grande crise de ansiedade, buscando compreender suas causas. Inicialmente, Bruno focava intensamente em descobrir a origem das crises, especialmente após um episódio em que acreditou estar sofrendo um infarto. No entanto, com o fortalecimento do vínculo terapêutico – elemento essencial na prática fenomenológico-existencial – ele passou a se permitir falar livremente sobre suas aflições, independentemente da importância atribuída a elas. Após a sessão inicial, na qual compartilhou reflexões sobre seus 38 anos de vida, o enfoque das sessões mudou gradativamente, acompanhando o reconhecimento de características pessoais, mudanças de pensamento e de comportamento. Trabalhou-se a exploração fenomenológica das vivências, buscando compreender como Bruno experienciava o cotidiano e lidava com expectativas externas e internas. A atuação clínica baseou-se na escuta empática e na atenção a linguagem do cliente, valorizando os sentidos atribuídos às suas próprias experiências. A metáfora da ‘linha’ imaginária foi acolhida como expressão autêntica do seu modo de ser, sendo trabalhada como ferramenta de reflexão e ressignificação existencial. Dentre os temas emergentes, destacou-se a constante referência a essa linha, que representava, para ele, um equilíbrio ideal, do qual não poderia se afastar. Essa imagem foi compreendida como expressão do seu modo de ser-no-mundo, revelando uma busca inconsciente por controle, perfeição e validação. O processo terapêutico possibilitou que Bruno revisse aspectos de sua história com um olhar mais acolhedor, aprendendo a reconhecer suas vulnerabilidades não como fraquezas, mas como pontos de apoio para seguir com mais autenticidade e leveza. Assim, a psicoterapia não se limitou ao manejo das crises imediatas, mas se expandiu para a (re)construção da maneira como o cliente experencia suas vivências e se percebe no mundo.

Palavras-chave: Psicoterapia fenomenológico-existencial; Ansiedade; Controle; Vínculo terapêutico; Processo de autoconhecimento.

Dayene Tayla Diniz Costa.- Aluna do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário UNDB em São Luís (MA).

E-mail: dayenetayla@gmail.com // Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1897955937060403>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-7075-7899>

Lidiane Verônica Collares da Silva.

Professora orientadora; psicóloga, nº de registro CRP 22/02328. Atua como psicóloga clínica desde 2018. Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNDB, do Instituto de Ensino Superior Franciscano - IESF e do Instituto Pangeia. Graduada e Mestra em Psicologia pela UFMA. Especialista em Psicologia Clínica Fenomenológico Existencial pelo IFEN/UNIMAIS.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2993155001686793>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8760-7873>

ATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO DE PSICOLOGIA: POESIA COMO EXPRESSÃO DO SER-NO-MUNDO

Carmem Lúcia Morales Raposo (UNDB – Brasil)

Lidiane Verônica Collares da Silva (UNDB – Brasil)

O exercício clínico, sob o olhar da psicologia fenomenológico-existencial, oferece uma perspectiva única de acolhimento à singularidade do cliente. Este relato apresenta o acompanhamento de uma jovem de 27 anos, realizado no contexto de estágio supervisionado, com ênfase na escuta autêntica e na valorização de suas vivências como meio de resignificação. A paciente, convivendo com epilepsia desde cedo, descrevia, em suas primeiras sessões, os efeitos adversos do uso contínuo de medicações, como episódios de sonolência e sensação de estar “dopada”. Ao falar sobre o que lhe trazia sentido, mencionou o gosto pela literatura e pela poesia, uma expressão genuína de seu modo de ser-no-mundo. Esse ponto foi aprofundado ao longo das sessões, culminando em momentos de exploração fenomenológica. O encontro terapêutico permitiu que a paciente trouxesse seus próprios poemas, ricos em significado, para o espaço clínico. Por meio da análise conjunta desses versos, trabalhamos as vivências reveladas em suas palavras, explorando os sentidos atribuídos e o impacto dessas experiências na sua percepção do mundo. Esse processo não apenas acolheu sua singularidade, mas também ajudou a resignificar sua relação com a doença e com sua identidade. Em sua última sessão, a paciente expressou o desejo de transformar suas experiências e seus poemas em um livro, onde simboliza não apenas um projeto literário, mas também uma manifestação de força e resiliência diante dos desafios enfrentados. Essa narrativa única exemplifica a potência do encontro terapêutico como um espaço transformador, onde a vulnerabilidade pode ser reconhecida como uma ferramenta de crescimento. O impacto desse trabalho ecoa na relação da paciente consigo mesma e com o mundo ao seu redor. A construção de novos significados não só fortaleceu sua capacidade de lidar com sua doença, mas também abriu caminhos para que ela abraçasse sua criatividade e autenticidade como parte de seu ser.

Palavras-chave: Psicoterapia Fenomenológico-Existencial; Processo de autoconhecimento; Vínculo terapêutico; Resignificação; Vulnerabilidade.

Carmem Lúcia Morales Raposo

Aluna do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário UNDB em São Luís – Maranhão.

E-mail: carmem_raposo@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0605779676946491>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-2404-7187>

Lidiane Verônica Collares da Silva

Professora orientadora; psicóloga, nº de registro CRP 22/02328. Atua como psicóloga clínica desde 2018. Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNDB, do Instituto de Ensino Superior Franciscano - IESF e do Instituto Pangeia. Graduada e Mestra em Psicologia pela UFMA. Especialista em Psicologia Clínica Fenomenológico Existencial pelo IFEN/UNIMAIS.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2993155001686793>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8760-7873>

SERVIÇO DE ACOLHIMENTO A VÍTIMAS DE ASSÉDIO E DISCRIMINAÇÃO NO TRABALHO – UM OLHAR FENOMENOLÓGICO- EXISTENCIAL

Silvio Barbosa da Silva Junior (*ANTT, Brasil*)

Trata o presente trabalho de uma leitura fenomenológico-existencial do processo de construção de um serviço destinado à escuta e ao acolhimento de vítimas de assédio moral, sexual e discriminação em uma instituição pública federal brasileira. O Decreto nº 12.122, de 12 de julho de 2024, institui o Programa Federal de Prevenção e Enfrentamento do Assédio e da Discriminação no âmbito da administração pública, estabelecendo diretrizes para o Plano Federal de Prevenção e Enfrentamento do Assédio e da Discriminação (PFPEAD) – instituído por portaria conjunta da Controladoria Geral da União e do Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos (Portaria Conjunta MGI-CGU nº 79, de 10 de setembro de 2024) – que, por sua vez, serve de base para elaboração dos planos setoriais a serem criados e implantados em cada instituição da administração pública federal. O PFPEAD estabelece diretrizes e protocolos para ações de prevenção, para a construção de redes de acolhimento às vítimas e para os processos de apuração de tais violências. Diante da prevalência de violências diversas no campo das relações laborais e da instituição de novo marco normativo, o presente trabalho propõe reflexões acerca do processo de construção de um serviço de acolhimento a vítimas de assédio moral, sexual e discriminação no trabalho em uma agência reguladora federal, à luz de conceitos como angústia, desespero, liberdade e cuidado (Kierkegaard), bem como a partir da visão de ser enquanto *Dasein* (Heidegger), isto é, ser lançado no mundo com o imperativo de interagir com seu contexto – o próprio mundo e os outros. Ressalte-se que o presente trabalho está sendo construído enquanto se estrutura o serviço de acolhimento em uma entidade específica da administração pública federal, de forma que as análises ainda são provisórias. Constata-se que a legislação e normativos aplicáveis, no que se refere especificamente às redes de acolhimento, são ‘alinháveis’ a um olhar fenomenológico-existencial. No entanto, é notória a tendência de os profissionais envolvidos persistirem em elaborar protocolos rígidos que imprimem uma tendência cartorial e pouco acolhedora.

Palavras-chave: Acolhimento; assédio; discriminação; psicologia fenomenológico-existencial

Silvio Barbosa da Silva Junior

O autor é psicólogo (IESB), bacharel em Geografia (UFU), especialista em Regulação de Transportes Terrestres (UFRJ), mestre em Engenharia Urbana (UFSCar) e doutor em Geografia (UFU). Aluno do curso de formação do IFEN, atua como especialista em regulação na Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT), onde colabora com a estruturação da rede de acolhimento a vítimas de assédio e discriminação no trabalho. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8480076142039633>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-1297-4012>

TRIAGEM COMO ENCONTRO: A CRIANÇA E O PSICOTERAPEUTA NA TRIAGEM PSICOLÓGICA

Pedro Henrique de Castro Apolinário *(FS, Brasil)*

Larissa Viegas Machado *(FS, Brasil)*

Lavínia Lacerda Lanes *(FS, Brasil)*

Este trabalho é fruto das experiências vivenciadas no campo do estágio obrigatório, por nós alunas do curso de psicologia estando no oitavo período de formação, sendo este o primeiro contato com a clínica fenomenológica-existencial. O objetivo deste foi a realização de uma triagem, essa seleciona quem pode ser atendido, considerando as particularidades da demanda e as modalidades de serviços disponibilizadas, objetivando conhecer a pessoa que busca ajuda, avaliar a situação apresentada por ela e sugerir encaminhamentos adequados às suas demandas. Deste modo, o trabalho visa apresentar e discutir as experiências vivenciadas no atendimento em triagem psicológica com crianças orientado pela clínica fenomenológica-existencial por essas alunas. Utilizou-se como método os relatos de experiências das alunas e as reflexões acerca de como a criança é percebida socialmente, o lugar que ocupa, o que esperam dela e como a fenomenologia-existencial não só acolhe e compreende esse momento da existência humana como também constrói possibilidades para a criança se posicionar frente a sua existência. Para iniciar os atendimentos com as crianças era realizada uma entrevista com seus cuidadores a fim de compreendermos a demanda desses, o motivo que os levaram a buscar ajuda e o relato do que esperavam de seus filhos. No fazer da clínica fenomenológica-existencial percebemos frente a essa experiência que o lugar da criança nesse processo é permitir que ela fique sob sua própria tutela além de ter voz sobre suas escolhas, assim, a criança é convidada a se posicionar frente a sua existência e estabelecer sua linguagem e comunicação. Ademais, nos casos desses atendimentos “infantis” foi possível perceber o papel do psicoterapeuta frente ao seu cliente. Houve encontros em que foi necessário pacientar, outros apresentaram as descobertas de novas formas de se comunicar para além da fala, e, em cada encontro, desde o início, a condução era realizada pela própria criança, sendo assim, emergindo reflexões sobre a importância do processo de triagem com adaptações frente às particularidades da “clínica infantil”. Conclui-se que a triagem na clínica fenomenológica-existencial, para as alunas, proporcionou a vivência na prática dos fundamentos desta abordagem colocando-as em contato com uma escuta e processo reflexivo do sujeito e de suas demandas diante da singularidade e de como este experiencia o mundo, a relação com o objeto e com o outro, e que conduzir a triagem nessa abordagem é permitir, para além de perguntas a serem preenchidas em um documento, que o outro se apresente.

Palavras-chave: Triagem Psicológica; Clínica Fenomenológica; Infantojuvenil; Escuta Direcionada; Reflexão Fenomenológica

Larissa Viegas Machado

Acadêmica do curso de Psicologia, Faculdade Sudamérica, Cataguases-MG, Brasil.

E-mail: larissavimschado28@gmail.com

Lavínia Lacerda Lanes

Acadêmica do curso de Psicologia, Faculdade Sudamérica, Cataguases-MG, Brasil.

E-mail: lavinialacerda10@hotmail.com

Pedro Henrique de Castro Apolinário

Mestrado profissional em Educação Profissional e Tecnológica, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, IF Sudeste MG, Brasil, Graduado em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Brasil.

E-mail: pedroapolinario.psi@hotmail.com.

ORCID: 6647662583337958,0009-0004-3300-9033

EIXO III: BASES FENOMENOLÓGICAS DA CLÍNICA PSICOLÓGICA: EXISTENCIAL, HUMANISTA, LOGOTERAPIA, GESTALT

ALBERT CAMUS E A PSICOLOGIA CLÍNICA: UM DIÁLOGO ABSURDO?

Caio Vidal Staniszewski Barbosa (*UGV - Brasil*)

João Matheus de Souza (*UGV - Brasil*)

Albert Camus (1913-1960), filósofo argelino, destacou-se por ensaios e romances que abordam o absurdo da existência. Em suas reflexões, temas como angústia e suicídio ganham centralidade, especialmente em *O Mito de Sísifo* (1942), obra em que Camus investiga o sentido da vida diante da falta de sentido. Essa discussão é aprofundada, em termos literários, no romance *O Estrangeiro* (1942), no qual a filosofia do absurdo é encarnada na experiência cotidiana. Diante disso, pode-se perguntar: é possível pensar uma práxis clínica a partir da filosofia camusiana? Este trabalho propõe discutir a articulação entre a psicologia clínica e o pensamento de Camus, sobretudo em sua abordagem do absurdo, da liberdade e da responsabilidade diante da vida. A pesquisa, de caráter teórico e bibliográfico, tem como fontes principais as obras do próprio Camus e, como secundárias, artigos localizados por meio dos descritores “Albert Camus e angústia” e “Albert Camus e suicídio”. Para Camus, a única questão filosófica realmente séria é o suicídio: julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida. Essa indagação surge diante da constatação do absurdo — o conflito entre o desejo humano por sentido e o silêncio do mundo. O absurdo não se define objetivamente, mas revela-se quando o sujeito se depara com a finitude e a rotina desprovida de significado. Frente a esse confronto, Camus identifica dois caminhos ilusórios: o suicídio físico e o suicídio filosófico (a fuga para crenças metafísicas). Ambos negam o absurdo. Sua proposta, porém, é o enfrentamento: viver apesar do absurdo, reconhecendo a liberdade que dele emerge. Se viver é absurdo, é preciso viver com coragem. Essa postura pode dialogar com a clínica fenomenológico-existencial, que compreende o sofrimento como expressão da existência concreta. Nesse contexto, a angústia e a crise diante do absurdo não são patologias em si, mas possibilidades de abertura para a liberdade. O psicólogo, ao atuar com essa abordagem, não oferece sentidos prontos, mas sustenta um espaço em que o paciente possa reconhecer o absurdo, assumir sua liberdade e decidir, conscientemente, como viver. Assim, a filosofia de Camus pode enriquecer a escuta clínica, ampliando os horizontes existenciais do sujeito.

Palavras-chave: Psicologia fenomenológico-existencial; Clínica psicológica; Existencialismo; Suicídio; Absurdo.

Caio Vidal Staniszewski Barbosa

Graduando em Psicologia pela Ugv Centro Universitário.

E-mail: psi-caiobarbosa@ugv.edu.br

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8348325905426544>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5361-250X>

João Matheus de Souza

Graduado em Psicologia pela Ugv Centro Universitário; Pós-graduado em Psicologia do Esporte pela Faculdade Venda Nova do Imigrante-FAVENI; Pós-graduando em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial Núcleo de Clínica Ampliada Fenomenológica Existencial-NUCAFE; Docente na Ugv Centro Universitário.

E-mail: psijoaosouza@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9257620352279047>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5906-6587>

ESCUTA PSICOTERAPÊUTICA E VIOLÊNCIA DO ESTADO: LIMITES DA NEUTRALIDADE SOB A PERSPECTIVA DA FENOMENOLOGIA

Joanneliese de Lucas Freitas (*UFPR – Brasil*)

Larissa Léia da Costa (*UFPR – Brasil*)

Thais de Fátima Crescencio (*UFPR – Brasil*)

Este trabalho apresenta o recorte de uma investigação mais ampla acerca das possibilidades da escuta psicológica de pessoas enlutadas pela violência policial no Paraná. Neste recorte, temos o objetivo de refletir sobre a neutralidade na escuta psicológica em experiências de enlutamento por mortes decorrentes de violência do Estado. Essa reflexão se alicerça metodologicamente na Análise Textual Discursiva, à medida que ela permite a reconstrução de sentidos a partir da experiência implicada da escuta clínica, considerando que os relatórios analisados revelam não apenas o conteúdo dos atendimentos, mas as afetações e vivências corporificadas da pesquisadora, que também escuta e se transforma nesse processo. Esses relatórios foram constituídos por relatos descritivos, afetações da pesquisadora e por situações que contornaram os atendimentos. Os relatórios clínicos revelaram como a escuta, nesses contextos, é profundamente atravessada por afetos e vivências. A pesquisadora descreveu sentir medo ao acompanhar famílias que, após a morte de seus filhos, tornaram-se alvo de ameaças ao buscar justiça, instaurando aí a dinâmica de silenciamento. Também experimentou insegurança e deslocamento ao perceber como a psicologia, tanto na prática quanto na produção científica, invisibiliza corpos e vivências marginalizadas. Essas experiências evidenciam que a escuta não é neutra: ela se dá em um campo marcado por implicações éticas, políticas e sociais, tanto para quem escuta quanto para quem é escutado. Na análise foi possível evidenciar que a experiência dessa escuta clínica é mobilizadora, pois implica escutar experiências de enlutamento envolvido por múltiplas violências. Nota-se que tais registros nos revelam ainda a impossibilidade de compreender tal escuta sem considerá-la mundanamente situada tanto pela situação existencial da pessoa escutada, como pela situação de quem escuta. Assim, tensionamos a reflexão sobre os efeitos da escuta psicológica quando pautada na noção de neutralidade não só para quem é escutado, mas também sobre quem escuta. Compreende-se, dessa forma, que a escuta psicológica é atravessada por condições concretas de quem fala e de quem escuta, ambos como sujeitos encarnados no mundo. Questionar a neutralidade permite desnaturalizar a lógica cartesiana presente na práxis psicológica e refletir sobre como ela pode reproduzir silenciamentos. Ao reposicionar a escuta como relação ética e encarnada, torna-se possível construir práticas mais autênticas, nas quais o luto seja acolhido em sua complexidade e a escuta reconhecida como atravessada por dimensões históricas e sociais.

Palavras-chave: Luto por violência policial; Psicologia Clínica; Fenomenologia Crítica.

Joanneliese de Lucas Freitas.

Psicóloga, mestre e doutora pela Universidade de Brasília. Pesquisadora visitante do Departamento de Antropologia da University of California Los Angeles (UCLA). Professora Titular e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Membro GT ANPEPP “Psicologia e Fenomenologia”.

E-mail: joanne@ufpr.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4125030248428843>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0856-3460>

Larissa Léia da Costa

Graduada em Psicologia (UNIVAG), mestre em Psicologia (UFMT), Doutoranda em Psicologia Clínica pela UFPR, Bolsista CAPES.

E-mail: larissa.dtpsi@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1884901273057344>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1583-5687>

Thais de Fátima Crescencio

Discente do curso de Psicologia da UFPR.

E-mail: thaiscrescencio27@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9095170750436631>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-7226-1717>

LOGOTERAPIA E FENOMENOLOGIA: SOBRE A EPISTEMOLOGIA DO PENSAMENTO FRANKLIANO

Caio Vidal Staniszewski Barbosa (*UGV – Brasil*)

João Matheus de Souza (*UGV - Brasil*)

Este trabalho parte da compreensão de que a clínica psicológica fenomenológica deve integrar não apenas técnicas, mas também fundamentações que iluminem a experiência vivida do sujeito em sua totalidade, respeitando sua liberdade e singularidade. O objetivo é demonstrar como a logoterapia, no interior de suas bases, dialoga com as tradições existencial e humanista ao articular três pilares fundamentais — liberdade da vontade, vontade de sentido e sentido da vida — e como esses princípios se constroem a partir da interlocução com autores como Max Scheler, Søren Kierkegaard, Martin Heidegger e Karl Jaspers. A questão da pesquisa investiga de que maneira a integração desses pensadores sustenta a proposta clínica da logoterapia como abordagem centrada no sentido, com implicações diretas para a atuação do psicoterapeuta fenomenológico. Trata-se de um estudo teórico de natureza qualitativa, com base em análise de obras clássicas de Frankl e dos autores que influenciaram seu pensamento, buscando evidenciar citações diretas, ressonâncias conceituais e suas traduções práticas na clínica psicológica. Scheler contribui com sua fenomenologia dos valores, ao defender que a experiência do valor é intencional e objetiva, abrindo espaço para a dimensão espiritual, ou noética, como núcleo do ser humano. Kierkegaard é incorporado por Frankl sobretudo através do conceito de angústia como vertigem da liberdade, reafirmando a responsabilidade do sujeito diante de suas escolhas. Heidegger oferece a noção de ser-no-mundo como estrutura ontológica do existir humano, indicando que toda experiência é situada e atravessada por possibilidades projetivas. Já Jaspers inspira a noção de situação-limite, momentos de crise existencial que impulsionam decisões transformadoras e abertura à transcendência. A discussão mostra que a logoterapia não reduz o sofrimento à patologia, mas o compreende como fenômeno revelador de sentido, e que as técnicas logoterapêuticas, como intenção paradoxal, de reflexão e autodistanciamento, emergem diretamente dessa ontologia do sentido. Conclui-se que a logoterapia, ao sistematizar contribuições da fenomenologia e do existencialismo europeu, oferece um modelo clínico centrado na responsabilidade, na liberdade interior e na descoberta singular do sentido, reafirmando a psicologia como prática de cuidado com a existência.

Palavras-chave: Fundamentação teórica; Sentido da vida; Existência; Clínica psicológica.

Caio Vidal Staniszewski Barbosa - Graduando em Psicologia pela Ugv Centro Universitário.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8348325905426544>;

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5361-250X>.

João Matheus de Souza - Graduado em Psicologia pela Ugv Centro Universitário - CRP 08/38529; pós-graduado em Psicologia do Esporte pela Faculdade Venda Nova do Imigrante-FAVENI; pós-graduando em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial pelo Núcleo de Clínica Ampliada Fenomenológica Existencial-NUCAFE e docente na Ugv Centro Universitário.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9257620352279047>;

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5906-6587>.

POSSIBILIDADES E IMPOSSIBILIDADES DA ESCUTA PSICOLÓGICA ATRAVESSADA PELO SISTEMA JURÍDICO: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA

Joanneliese de Lucas Freitas (*UFPR – Brasil*)

Larissa Léia da Costa (*UFPR – Brasil*)

Victor Gabriel de Freitas (*UFPR – Brasil*)

A escuta psicológica de cunho fenomenológico se pauta primordialmente em uma postura de abertura, na tentativa de propiciar a exploração dos sentidos vividos. Partindo dos conceitos de temporalidade e intercorporeidade de Merleau-Ponty, essa escuta se direciona para a compreensão do ser como subjetividade enraizada no mundo e, portanto, localizada socialmente. Na prática psicológica, tal prerrogativa suscita o aprofundamento da escuta no campo de possíveis, que considera a experiência não como apartada do mundo, mas radicalmente situada no entrelaçamento do ser e o mundo. O presente estudo é um recorte de uma pesquisa maior sobre a possibilidade de escuta de pessoas enlutadas por violência policial no Paraná, no qual são realizados atendimentos clínicos por uma doutoranda participante do projeto. Os atendimentos são registrados em um diário, onde constam os relatórios dos atendimentos e versões de sentido. A partir da análise deste material, por meio do método de Análise Textual Discursiva surgiu a pergunta: quais as possibilidades e impossibilidades da escuta psicológica atravessada pelo sistema jurídico? Nesse sentido, o recorte aqui apresentado tem como objetivo descrever os desdobramentos da escuta psicológica fundamentada fenomenologicamente, frente ao fluxo do ordenamento jurídico. A partir da escuta atenta aos entrelaçamentos com os fenômenos do mundo como situação existencial, notou-se que os procedimentos impostos pelo Estado impõem aos sujeitos submetidos ao seu poder um fluxo temporal destoante com seus afetos, vivências e desejos, cerceando e restringindo as possibilidades de (re)significação da experiência do luto. Evidencia-se uma forma de perpetuação da violência e revitimização no campo jurídico, quando os enlutados esperam longos períodos pelo andamento dos processos e são expostos a detalhes das violências sofridas pelos seus entes queridos. Nesse andamento, percebe-se experiências ambíguas no luto localizadas entre o desejo por justiça e a necessidade de recolhimento e lida com os afetos do luto, quando os limites da escuta na relação psicólogo-paciente se tornam evidentes. Urge neste momento a necessidade de conduzir, sobretudo, abordagens de acolhimento localizadas que se afastem de pressupostos universalizantes visto que a violência policial no Brasil atinge majoritariamente populações marginalizadas, como a população negra, a fim de não conduzir a um novo silenciamento. Tais discussões formam um solo rico de debate sobre como a escuta psicológica pode oportunizar a ampliação das possibilidades existenciais que, por serem silenciadas, têm suas vivências e dores encobertas pelo funcionamento do Estado.

Palavras-chave: Luto por violência policial; Fenomenologia; Escuta Psicológica; Mundaneidade.

Joanneliese de Lucas Freitas

Psicóloga, mestre e doutora pela Universidade de Brasília. Pesquisadora visitante do Departamento de Antropologia da University of California Los Angeles (UCLA). Professora Titular e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Membro GT ANPEPP “Psicologia e Fenomenologia”.

E-mail: joanne@ufpr.br.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4125030248428843>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0856-3460>

Larissa Léia da Costa

Graduada em Psicologia (UNIVAG), mestre em Psicologia (UFMT), Doutoranda em Psicologia Clínica pela UFPR, Bolsista CAPES.

E-mail: larissa.dtpsi@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1884901273057344>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1583-5687>

Victor Gabriel de Freitas

Discente do curso de Psicologia da UFPR e estagiário do setor de Psicologia do Tribunal de Justiça do Paraná (TJPR) no Juizado de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher e Vara de Crimes Contra Crianças, Adolescentes e Idosos de São José dos Pinhais.

E-mail: victorfreitas0204@gmail.com.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1474245980589116>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8349-2251>

VIVÊNCIAS DE UMA CUIDADORA DE PACIENTE PALIATIVO SOB O OLHAR FENOMENOLÓGICO

Beatriz Henrique de Oliveira (*UniRV/Brasil*)

Fabiana Darc Miranda (*UniRV/Brasil*)

Luiz Fernando Dibe Junior (*UniRV/Brasil*)

Valdir Barbosa Da Silva Junior (*UniRV/Brasil*)

O cuidado paliativo é definido como um método em que o paciente e seus familiares recebem uma melhora na qualidade de vida, mesmo após a sua terminalidade. Pacientes em cuidados paliativos, em sua maioria, recebem o apoio de um cuidador familiar, que participa de todo o processo de adoecimento e morte. Nesse contexto, os cuidadores de pacientes paliativos exercem um papel fundamental, pois são responsáveis por grande parte do acompanhamento físico e emocional desses indivíduos. Observa-se que, com frequência, o papel de cuidador é socialmente atribuído às mulheres, o que carrega implicações culturais, emocionais e subjetivas. Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo: aprofundar o mundo vivido da cuidadora, compreendendo os aspectos subjetivos envolvidos no ato de cuidar e analisando a relação dialógica entre cuidadora e paciente. Para estudar este fenômeno, utilizou-se o método qualitativo fenomenológico, dividido em três etapas: descrição, redução e interpretação dos dados, com ênfase nas unidades temáticas variantes e invariantes. A amostra foi intencional, com a seleção de uma participante que atendesse aos critérios de inclusão estabelecidos, e, como instrumentos para a coleta de dados, a entrevista com uma pergunta de fim aberto: Como você vivencia a experiência vivida de uma cuidadora de paciente em cuidados paliativos? A proposta visa ampliar a compreensão acerca das diferentes experiências vivenciadas por essa cuidadora, lançando um olhar sensível e humanizado sobre esse papel. Após a análise, emergiram nove unidades de significado, das quais três foram consideradas invariantes e seis variantes. A leitura fenomenológica das unidades invariantes revelou que o ato de cuidar é vivenciado como um privilégio, destacando-se como elemento central na experiência da participante. Conclui-se que essa vivência possui relevância significativa na constituição subjetiva da cuidadora, evidenciando dimensões profundas do cuidado em contextos paliativos. As narrativas da participante revelam que, apesar do sofrimento e do desgaste inerentes ao ato de cuidar, a experiência no âmbito dos cuidados paliativos também favorece o crescimento pessoal e a ampliação da consciência sobre aspectos existenciais, relacionais e afetivos que atravessam essa prática.

Palavra-chave: Paliativo; Cuidadora; Método Fenomenológico; Vivências.

Beatriz Henrique de Oliveira

Acadêmico de Psicologia Universidade de Rio Verde.

E-mail: bo492506@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0009-0004-4795-6314>

Fabiana Darc Miranda

Doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar (UnB), Mestre em Educação (UFG), Psicóloga pela PUC Minas (2011). Docente UniRV. Pesquisadora em Psicologia educacional/escolar. Organizadora da Obra Psicologia e Serviço Social na Educação, Editora Nova Práxis (2020). Responsável pelo LAPEE UniRV;

E-mail: fabianadarc@unirv.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4714170821084665>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1680-4081>

Luiz Fernando Dibe Junior

Acadêmico de Psicologia Universidade de Rio Verde.

E-mail: luizdibe@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4193608023338277>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4133-1429>

Valdir Barbosa da Silva Junior

Especialista e professor universitário na UniRV, membro da câmara de extensão - PROEXT e Psicólogo na PRAE.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2438746680276832>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0380-8270>

EIXO V: QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS: RAÇA, ETNIA, GÊNERO

A EXPERIÊNCIA DE HOMOAFETIVIDADE E UMBANDA: DO ENCONTRO À PESQUISA

Beatriz Henrique de Oliveira (*UniRV Brasil*)

Fabiana Darc Miranda (*UniRV Brasil*)

Luiz Fernando Dibe Junior (*UniRV Brasil*)

Valdir Barbosa da Silva Junior (*UniRV Brasil*)

Sem dúvidas pessoas com orientação homoafetiva, como quaisquer outras, estão inseridas em contextos familiares, socioeconômicos, étnicos e religiosos. Indivíduos carregam desejos e afetos compartilhados socialmente, ao mesmo tempo que se relacionam de forma própria. As pessoas são influenciadas por seus contextos e significados que se encontram no seu ambiente. Este trabalho acompanhou a experiência de uma pessoa de orientação homoafetiva que pertencia ao culto umbandista. Com o objetivo de analisar a experiência dessa pessoa em relação a umbanda, por meio de uma postura fenomenológica, pudemos observar que a sua opção sexual não entrava em conflito com a moral presente nos princípios umbandistas, fato que não é comum em outras perspectivas religiosas. Essa experiência que se apresentou nessa situação despertou o interesse de investigar, por meio da fenomenologia, de forma direta, as vivências humanas referentes à opção sexual e religião para compreendê-las a partir da singularidade e não de generalizações. O objetivo é "ir-à-coisa-mesma", ou seja, buscar a experiência singular. A motivação para este estudo foi o encontro com o adulto jovem, 19 anos, gênero masculino, residente da cidade de Goiânia-GO, solteiro, que se identifica como homoafetivo e frequenta com assiduidade a religião umbandista. Para a realização desta pesquisa fenomenológica, utilizaremos como instrumento metodológico entrevistas. As entrevistas serão conduzidas com 5 indivíduos em dois encontros na modalidade presencial. A análise dos dados levará em conta os discursos dos participantes sobre as suas experiências. A conclusão se dará por meio da identificação e levantamento de unidades temáticas de sentido extraídas das narrativas. Na experiência do encontro com o jovem de 19 anos evidenciamos uma relação harmoniosa entre a orientação sexual e a vivência religiosa na Umbanda. Acreditamos que isso se deve ao fato de que esse culto, tradicionalmente, não impõe aos praticantes normas rígidas de conduta, identidade, vestimenta ou condições físicas e psíquicas. No contexto da pesquisa, o entrevistado, ao reconhecer-se como homoafetivo, também relatou não ter experienciado imposições, restrições ou estigmas decorrentes de sua orientação sexual dentro desse ambiente religioso. Nesse sentido, queremos investigar se a inserção do sujeito no universo da Umbanda possibilita a ascensão de uma experiência singular mais própria, sem a necessidade de ocultamento ou negação de si. E ainda, se essa experiência religiosa em pessoas homoafetivas favorece processos de autoconhecimento, abertura à alteridade e construção de vínculos baseados na partilha de experiências significativas e relações de respeito mútuo.

Palavras-chave: Homoafetividade; Umbanda, Experiência; Método Fenomenológico.

Beatriz Henrique de Oliveira

Acadêmico de Psicologia Universidade de Rio Verde.

Email: bo492506@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-4795-6314>

Fabiana Darc Miranda

Doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar (UnB), Mestre em Educação (UFG), Psicóloga pela PUC Minas (2011). Docente UniRV. Pesquisadora em Psicologia educacional/escolar. Organizadora da Obra Psicologia e Serviço Social na Educação, Editora Nova Práxis (2020). Responsável pelo LAPEE UniRV;

E-mail: fabianadarc@unirv.edu.br.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4714170821084665>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1680-4081>

Luiz Fernando Dibe Junior

Acadêmico de Psicologia Universidade de Rio Verde.

E-mail: luizdibe@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4193608023338277>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4133-1429>

Valdir Barbosa da Silva Junior

Especialista e professor universitário na UniRV, membro da câmara de extensão - PROEXT e Psicólogo na PRAE.

E-mail: valdir@unirv.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2438746680276832>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0380-8270>

CLÍNICA PSICOLÓGICA E OS DESDOBRAMENTOS DA PORNOGRAFIA NA SAÚDE MENTAL: QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS EM CENA

Bruno Sérgio Medeiros (*Centro Universitário UNA - Brasil*)

Saulo Magalhães (*Centro Universitário UNA - Brasil*)

William Nogueira (*Centro Universitário UNA - Brasil*)

A cena contemporânea e seus contornos, têm desafiado e esticado a Clínica Psicológica a alcançar expressões de sofrimento que se ocupam de um estilo de vida hedonista. Encena-se a facilidade de acesso, a hiperestimulação visual e a gratificação imediata, que possibilitadas pela internet, tornam a pornografia um dos principais vetores da liquefação da experiência sexual, reduzindo alteridade a um objeto de consumo rápido e descartável. A pornografia contemporânea extrapola sua função de representação erótica para se constituir um dispositivo de subjetivação, influenciando a forma como indivíduos percebem seus corpos, suas relações e suas expectativas sexuais. Esta pesquisa tem como objetivo caracterizar o fenômeno da pornografia no contexto contemporâneo, elucidando a escuta clínica do Psicoterapeuta Fenomenológico-Existencial diante de pacientes que consomem pornografia. A questão central dessa pesquisa é: Quais os impactos na saúde mental de uma pessoa ao consumir pornografia? A relevância desse tema se dá na problematização da pornografia e seus desdobramentos para a saúde mental no cenário contemporâneo, apontam para a normalização de comportamentos sexuais disfuncionais, formação de expectativas irreais sobre relacionamentos e a sexualidade, além do potencial contribuição para transtornos como ansiedade, depressão e compulsão. Elegeu-se o método de Revisão Crítica da Literatura, utilizando o portal PUBMED para o levantamento de pesquisas inserindo as expressões Pornography and Psychotherapy publicadas nos últimos 5 anos. Pesquisas levantadas, apontam que no século XXI, a pornografia tornou-se amplamente acessível, transformando-se em uma prática comum que permeia diversas esferas da vida cotidiana. No entanto, pesquisas também apontam que essa abundância de conteúdo pode levar à compulsão por pornografia, caracterizando um fenômeno que se revela como um mal social, afetando a saúde mental e os relacionamentos interpessoais. O consumo de pornografia não apenas distorce a percepção da sexualidade, mas também contribui para a indiferença emocional e a deterioração das conexões afetivas, levando muitos indivíduos a experimentarem sentimento de culpa, isolamento e insatisfação em suas vidas. Discutir a pornografia como fenômeno implica reconhecer sua dupla dimensão: por um lado, expressão da liberdade sexual conquistada nas últimas décadas; por outro, um sintoma de uma sociedade em que o outro é cada vez mais esvaziado de sua subjetividade, resultando em um sofrimento existencial crônico. Nesse contexto, a Psicoterapia Fenomenológico-Existencial se destaca como uma abordagem relevante, possibilitando o paciente compreender o impacto de suas escolhas, ressignificando sua percepção existencial das experiências relacionadas à pornografia.

Palavras-Chave: Pornografia; Sexualidade; Psicoterapia; Fenomenológico-Existencial

Bruno Sérgio Medeiros

Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Una de Uberlândia (Grupo Ânima). Pesquisador voluntário da University of Nation (UofN). Dedicar-se como pesquisador à compreensão do fenômeno da sexualidade humana e sua interface com a Clínica Fenomenológico-Existencial.

E-mail: brunomedeiros.psi@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4940100913363548>

Saulo Magalhães

Doutor em Psicologia Social pela UERJ. Especialista em Logoterapia e Análise Existencial pela UNILIFE. Pesquisador da University of the Nations (UofN). Psicólogo Clínico e Supervisor. Atualmente é docente e pesquisador no curso de Psicologia do Centro Universitário UNA (Grupo Ânima) em Uberlândia-MG, com o foco das pesquisas envolvendo a Fenomenologia-Existencial, Clínica Contemporânea e a Espiritualidade.

E-mail: professorsaulomagalhaes@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/381735102661508>

William Nogueira

Graduando em Psicologia, atualmente no 8º período, pelo Centro Universitário Una de Uberlândia (Grupo Ânima). Dedicar-se ao aprofundamento teórico e prático na abordagem da fenomenologia-existencial, com interface entre a teoria e a prática clínica.

E-mail: williamnogueiraudi@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8052574560436795>

ENTRE RUAS E EXISTÊNCIA: A VIVÊNCIA DE UMA MULHER PROFISSIONAL DO SEXO DE RUA

Ana Carolina Ferreira Castanho (*UNIP – Brasil*)
Dariene Castellucci Martins (*UNIP – Brasil*)
Selma Aparecida Geraldo Benzoni (*UNIP – Brasil*)

Este recorte da dissertação da segunda autora tem como objetivo analisar a vivência de uma profissional do sexo de rua à luz da fenomenologia existencial, considerando a facticidade, a historicidade e as implicações das possibilidades em sua experiência. A prostituição é uma atividade em que a interação sexual tem conotação mercantil, e, historicamente, a prostituição feminina, se inscreve em um contexto de estereótipos e marginalização das mulheres e consequentemente na objetificação de suas existências, reduzindo-as a mercadorias disponíveis ao consumo. Foi utilizada a pesquisa qualitativa, exploratória, descritiva e estudo de caso analisado na perspectiva de Heidegger. Como instrumentos de coleta de dados utilizou-se uma entrevista semiestruturada seguida do desenho - estória, no qual a participante realiza um desenho e conta uma história sobre ele, ambos aplicados em um único encontro no local de trabalho da participante. Rose, é cisgênero, trabalha na prostituição de rua na área central de uma cidade do interior do estado de SP, tem 46 anos, está na profissão a mais de dez anos, é mãe de cinco filhos, está casada, cursando o EJA (Ensino de Jovens e Adultos), já trabalhou como cabeleireira e sinaliza o desejo de cursar a graduação em Direito. Rose, recorreu a prostituição como fonte de renda após se separar de seu primeiro companheiro, sendo a responsável financeira de seus filhos, deste modo, o conceito da facticidade do *Dasein* indica que sua entrada e permanência nesta atividade laboral não pode ser determinada por uma escolha individual, mas como a possibilidade frente as impossibilidades do contexto de vulnerabilidade econômica, social na qual está inserida. Entretanto há uma movimentação da mesma que aponta para uma abertura à autenticidade: o ser-aí se apropria de sua existência, mesmo frente as limitações, reconhece sua facticidade e projeta-se em possibilidades, ao tentar se estabelecer em outra profissão (cabeleireira), dar continuidade aos seus estudos e verbalizar o desejo em ingressar na faculdade de direito, para se tornar promotora, com o propósito de clamar pelo direito das pessoas em condições similares a dela. Assim pode-se compreender que a vivência de Rose conjuga a tensão entre a inautenticidade, imposta pelas estruturas sociais, e os movimentos de lançar-se em busca de autenticidade por meio da educação e projeção de novos papéis sociais. Notando-se o movimento dinâmico e dramático da vivência de Rose, lutando pela busca por sentido e voz em meio à precariedade do contexto social.

Palavras-chaves: Profissionais do sexo; Mulher; Heidegger; Facticidade; Autenticidade.

Ana Carolina Ferreira Castanho

Professora Titular do Mestrado Profissional em Práticas Institucionais em Saúde Mental e da graduação em Psicologia da Universidade Paulista UNIP – campus Ribeirão Preto - SP (Brasil). Experiência em psicologia comunitária, desenvolvimento humano, violência e psicologia jurídica. Psicóloga Clínica. Doutora em Ciências, na área de Enfermagem Psiquiátrica, pela Escola de Enfermagem - Universidade de São Paulo USP - Ribeirão Preto.

E-mail: ana.castanho@docente.unip.br;

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9043519461458469>

ORCID: 000-0002-3162-5957

Dariene Castellucci Martins

Mestre em Práticas Institucionais em Saúde Mental da Universidade Paulista Unip, campus Ribeirão Preto SP-Brasil. Psicóloga Clínica.

E-mail: daricastellucci@gmail.com;

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9133590080346988>

ORCID: 0009-0008-6925-9981

Selma Aparecida Geraldo Benzoni

Professora Titular do Mestrado Profissional em Práticas Institucionais em Saúde Mental e da graduação em Psicologia da Universidade Paulista (UNIP) campus Ribeirão Preto SP (Brasil). Psicóloga clínica. Mestre em Ciências, na área de Saúde Mental, Pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-USP) Doutora em Educação escolar, na área de Sexualidade, cultura e educação sexual, pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara da Universidade Estadual Paulista (FCLar-UNESP).

E-mail: selma.benzoni@docente.unip.br;

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2276257453190511>

ORCID: 0000-0002-5288-7403

O IMPACTO DA HIPERCONNECTIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DA AUTENTICIDADE DO SER

Ana Laura Teixeira Zanardi Botelho (*UNIFADRA - Brasil*)

Andréa Frizo de Carvalho Barbosa (*UNIFADRA - Brasil*)

Gabriela Souza de Oliveira (*UNIFADRA - Brasil*)

A crescente digitalização da vida cotidiana tem transformado profundamente a maneira como os indivíduos se relacionam consigo mesmos e com o mundo. A hiperconectividade é caracterizada pelo uso constante de tecnologias digitais e redes sociais, e vem alterando significativamente a experiência subjetiva e os processos de construção da identidade. Este estudo teve como objetivo compreender a relação entre a hiperconectividade e a construção da autenticidade do ser na era digital, sob a ótica da Psicologia Fenomenológico-Existencial. A questão central da pesquisa girou em torno de como a exposição constante às redes sociais influencia a construção de uma identidade genuína. Na atualidade, torna-se relevante essa discussão, já que há um constante e crescente uso de tecnologias digitais. A era digital impõe uma nova lógica de existência marcada pela velocidade, pela exposição contínua e pela busca incessante por validação. Para o desenvolvimento deste estudo, foi realizada uma revisão bibliográfica. A discussão apontou que a hiperconectividade intensifica modos de ser inautênticos, caracterizados pela impessoalidade e pela conformidade a padrões sociais impostos. O sujeito, imerso em um fluxo contínuo de estímulos e representações, tende a afastar-se de sua autenticidade e de suas possibilidades próprias de existência, vivendo na impessoalidade, ou seja, em um mundo onde ser-com-outros prevalece sobre o ser-si-mesmo. Assim, justifica-se a necessidade constante de atualização, visibilidade e engajamento nas redes sociais, o que pode comprometer a experiência reflexiva e o contato genuíno com o presente vivido. Desta forma, a hiperconectividade também pode impactar a percepção da temporalidade do ser, já que o presente é frequentemente sacrificado em prol da construção de uma narrativa digital atrativa. Conclui-se que a hiperconectividade é um fenômeno característico da contemporaneidade e impacta direta e negativamente a construção da identidade e autenticidade do ser. Entretanto, avalia-se possível resgatar essa autenticidade auxiliando o ser no desenvolvimento de uma postura consciente, que valorize a interioridade, o enfrentamento da angústia e a construção de sentido, mesmo em meio ao excesso de conexões digitais.

Palavras-chave: hiperconectividade; autenticidade; inautenticidade; fenomenologia-existencial.

Ana Laura Teixeira Zanardi

Graduanda em Psicologia pela UNIFADRA, Dracena, SP.

E-mail: ana.zanardi@unifadra.fundec.edu.br

Andréa Frizo de Carvalho Barbosa

Mestre, Docente da UNIFADRA, Dracena, SP.

E-mail: andrea.barbosa@fundec.edu.br.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6307443594947566>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8274-4794>

Gabriela Souza de Oliveira

Graduanda em Psicologia pela UNIFADRA, Dracena, SP.

E-mail: gabriela.oliveira@unifadra.fundec.edu.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO DE PSICOLOGIA: ALÍCIA E A CULPA MATERNA

Ana Luísa de Araújo Ferro (Centro Universitário UNDB - Brasil)
Carmem Lúcia Morales Raposo (Centro Universitário UNDB - Brasil)
Lidiane Verônica Collares da Silva (Centro Universitário UNDB - Brasil)

O estágio obrigatório em Psicologia constitui uma etapa fundamental na formação do estudante, proporcionando vivência clínica e aprimoramento das habilidades terapêuticas. Este relato tem como objetivo descrever a experiência de uma estagiária no serviço-escola de Psicologia, onde realizou atendimentos psicoterapêuticos sob a perspectiva fenomenológico-existencial. Foi acompanhado o caso de uma cliente ficticiamente denominada Alícia, mãe divorciada, que buscou atendimento devido à sobrecarga materna e dificuldades relacionais. Ao longo das sessões, foram identificados sentimento de culpa materna e padrões de comportamento evitativo em relação a conflitos familiares. A cliente relatou sentir-se cansada e não possuir rede de apoio para auxiliá-la a cuidar da filha, o que a impossibilita de buscar um emprego. Na maior parte das sessões a cliente falou sobre a filha. Partindo da construção de um vínculo terapêutico e da escuta empática, foi possível possibilitar a reflexão de Alícia acerca de sua existência no mundo, de forma que ela mesma possa decidir o que é melhor para si. A linguagem tem um papel fundamental na psicoterapia, sendo um instrumento terapêutico. O terapeuta atua como um coparticipante, prestando atenção na fala e no sentido que é atribuído às palavras. Desse modo, a reflexão do conteúdo verbal, bem como das vivências emocionais da cliente foram intervenções enfatizadas durante as sessões, de forma a facilitar uma reflexão em torno dos sentimentos e atitudes relatadas por ela. Por fim, é necessário ressaltar que não cabe ao terapeuta da perspectiva fenomenológico-existencial direcionar as sessões, de modo que diga ao cliente o que este deve ou não fazer, uma vez que esta terapia visa facilitar ao cliente um modo de ser mais autêntico, além de possibilitar que este avalie suas crenças e valores. A experiência de Alícia ilustra a importância de refletirmos sobre o papel da maternidade dentro do nosso horizonte hermenêutico. A sobrecarga materna, muitas vezes invisibilizada, tem impacto direto na saúde emocional e no desenvolvimento da identidade da mulher. O processo terapêutico possibilita que Alícia ressignifique sua vivência materna e explore formas mais autênticas de existir no mundo. Dessa forma, o processo terapêutico não apenas oferece suporte para suas dificuldades momentâneas, mas também contribui para a construção de uma existência mais própria dentro do contexto da maternidade e das relações interpessoais.

Palavras-chave: Psicoterapia fenomenológica-existencial; maternidade; escuta empática.

Ana Luísa de Araújo Ferro - Aluna do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário UNDB em São Luís – Maranhão;
E-mail: analuisaaraujoferro@gmail.com;
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8823929448221398>;
ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-7550-4362>

Carmem Lúcia Morales Raposo
Aluna do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário UNDB em São Luís - Maranhão;
E-mail: carmemraposo@hotmail.com;
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0605779676946491>;

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-2404-7187>

Lidiane Veronica Collares da Silva

Professora orientadora; psicóloga; professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNDB, do Instituto de Ensino Superior Franciscano - IESF e do Instituto Pangeia; Graduada e Mestra em Psicologia pela UFMA; Especialista em Psicologia Clínica Fenomenológico Existencial pelo IFEN/UNIMAIS.

E-mail: lidianecollares@hotmail.com;

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2993155001686793>;

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8760-7873>.

SITUAÇÕES DE VULNERABILIDADE E LUTO: A DISCURSIVIDADE DO FEMININO

Ana Carolina Ferreira Castanho (*UNIP - Brasil*)

Lilian Cláudia Ulian Junqueira (*UNIP - Brasil*)

A linguagem integra as várias moradas do ser. Em situações de restrição existencial e outras vulnerabilidades, tais como: envelhecimento, doenças, acidentes, deficiências, sociais, exclusão, racismo, violência e falta de acesso aos direitos básicos, podendo a pessoa em contexto de risco e vulnerabilidade, perder a capacidade de narrar sobre si, e sua indigência se desvelar. Esta proposta objetiva compreender os achados, na perspectiva fenomenológica-existencial e refletir sobre alguns processos que colocam em evidência a indigência, ora pela técnica ora pela vulnerabilidade, presente na vida de mulheres que são atravessadas pelo horizonte histórico da modernidade. Estes movimentos foram afinados em duas pesquisas qualitativas, exploratórias descritivas. Sendo uma em contexto de risco e vulnerabilidade, pós encarceramento e, a outra, pesquisa em processo de luto. A primeira pesquisa pretendeu compreender o processo de reinserção social, seus entraves e facilitadores na visão de duas mulheres egressas do sistema penitenciário frequentadoras das Centrais de Atenção ao Egresso e Família (CAEFs), da região noroeste do estado de São Paulo, por meio de entrevista semiestruturada. A análise dos dados se deu por análise de conteúdo temática. A segunda pesquisa compreendeu a escuta de oito mulheres, que dividiram suas experiências em grupo e vivenciadas no processo de luto, narrando suas histórias de vida, por meio de grupo focal em dois encontros na modalidade on-line. Foi possível observar a restrição existencial presente nos discursos das participantes do grupo. Após os encontros, foi realizada a análise de conteúdo, possibilitando a construção de categorias temáticas. Os dados analisados nas duas pesquisas coligiram no sentido da restrição existencial pelas situações vivenciadas que culminaram no desvelar da indigência. Também foi observado nas interações das participantes com as pesquisadoras, novas possibilidades de discurso, que surgiram a partir do espaço de fala e do encontro existencial, seja em contexto individual nas entrevistas semiestruturadas, seja nas atividades grupais.

Palavras-chave: Risco, vulnerabilidade, luto, mulher.

Ana Carolina Ferreira Castanho

Professora Titular do Mestrado Profissional em Práticas Institucionais em Saúde Mental da Universidade Paulista UNIP, e de graduação em psicologia, campus Ribeirão Preto SP - Brasil. Experiência em psicologia comunitária, desenvolvimento humano, violência e psicologia jurídica. Psicóloga Clínica. Doutora em Ciências, na área de Enfermagem Psiquiátrica, pela Escola de Enfermagem - Universidade de São Paulo USP - Ribeirão Preto.

E-mail: ana.castanho@docente.unip.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9043519461458469>

ORCID: 000-0002-3162-5957.

Lilian Cláudia Ulian Junqueira

Professora Titular do Mestrado Profissional em Práticas Institucionais em Saúde Mental da Universidade Paulista UNIP, e de graduação em Psicologia, campus Ribeirão Preto SP - Brasil. Doutora em Ciências, na área de Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo FFCLRP- USP.

E-mail: lilian.junqueira@docente.unip.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5795121881110384>

ORCID: 0000-0001-5052-8530.

TRAÇOS DA TERRA: O DESENHO COMO EXPRESSÃO DO MUNDO VIVIDO POR CRIANÇAS INDÍGENAS

Jessé Gomes (*FAMETRO - Brasil*)
Kemyly Sakamoto (*Uninorte - Brasil*)

Este trabalho é um relato de experiência desenvolvido a partir de uma atividade de arte-terapia realizada com crianças da comunidade indígena Beija Flor, localizada no município de Rio Preto da Eva, no Amazonas. A proposta foi conduzida com base no método fenomenológico-existencial, especialmente a partir da compreensão de que o corpo é o lugar primeiro de experiência e expressão no mundo. Inspirados na filosofia de Merleau-Ponty compreende-se que o desenho não é apenas uma reprodução de imagens externas, mas uma manifestação do corpo que sente, percebe e se comunica com o mundo à sua maneira. Assim, a atividade teve como finalidade criar um espaço coletivo expressivo sensível, onde as crianças pudessem desenhar livremente a partir de seu contexto cotidiano, revelando aspectos de seu mundo vivido. O objetivo principal foi compreender como o desenho pode se configurar como uma forma de expressão existencial, permitindo às crianças manifestarem suas vivências, afetos e percepções sobre o ambiente que as cerca. A questão que norteou a experiência foi: de que maneira o desenho revela o mundo vivido de crianças indígenas em seu contexto cultural? A relevância da proposta reside na valorização de formas de expressão que vão além da linguagem verbal, especialmente em contextos onde o pertencimento a uma cosmovisão própria desafia os modelos tradicionais da psicológica. A metodologia consistiu na mediação de uma roda de conversa introdutória, seguida pela entrega de materiais simples de desenho, como lápis de cor, papel e giz de cera, com a proposta livre para que as crianças desenhasssem o que desejassem. Posteriormente, aquelas que se sentiram à vontade compartilharam o que seus desenhos significavam. Durante a atividade, foi possível observar a presença marcante de elementos da natureza, da vida comunitária e das relações afetivas nas produções, evidenciando a importância desses temas no modo como essas crianças habitam o mundo. A experiência possibilitou uma escuta que respeita o tempo e a linguagem próprios da infância indígena, revelando a potência do desenho como linguagem expressiva do corpo em contato com o mundo. As considerações conclusivas apontam para a importância de práticas psicológicas que respeitem os contextos socioculturais específicos, promovendo espaços de escuta legítimos, sensíveis e abertos à diversidade de modos de ser e existir.

Palavras-chave: Infâncias; Corpo vivido; Expressão simbólica; Arteterapia; Psicologia existencial.

Jessé Gomes

Graduando em Psicologia pelo Centro universitário Metropolitano de Manaus (Fametro); Secretário da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-existencial (Lapfe-UFAM); Vinculado ao Laboratório de Pesquisa em Fenomenologia-existencial (Labfen-UFAM); Presidente da Liga de Políticas Públicas e Psicologia (Lapppsi-FAMETRO); E-mail: jesse.sidney028@gmail.com.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3957101683511279>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-1772-2322>.

Kemyly Sakamoto

Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário do Norte (Uninorte); Diretora Geral da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (Lapfe-UFAM); vinculada ao Laboratório de Pesquisa em Fenomenologia-Existencial (Labfen-UFAM); Diretora de Pesquisa da Liga de Políticas Públicas e Psicologia (Lapppsi-FAMETRO) E-mail: sakamotokemilly@mail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1783130098964939>;

ORCID: 0009-0001-3301-7066.

VULNERABILIDADE SOCIAL DA MULHER IDOSA E PERSPECTIVAS DE ACOLHIMENTO CLÍNICO

Anna Luiza dos Santos Pereira (*Unigranrio Afya - Brasil*)

Lucas Gonzaga do Nascimento (*UFF - Brasil*)

Lucas Henrique Pereira Martins (*Unigranrio Afya - Brasil*)

Marcele Cardoso Knauer Matias (*Unigranrio Afya - Brasil*)

Em sociedades marcadas por desigualdades estruturais, o envelhecimento feminino revela um processo atravessado por múltiplas formas de exclusão e silenciamento. A mulher idosa, frequentemente invisibilizada nas esferas pública e privada, enfrenta desafios que vão desde a precarização material até o esvaziamento simbólico de sua identidade. Este trabalho tem como objetivo compreender os fatores que contribuem para a vulnerabilidade social da mulher idosa no contexto brasileiro e entender como a Gestalt-terapia lida com essa questão, a partir de uma análise crítica de produções bibliográficas contemporâneas. A questão da pesquisa é identificar os determinantes sociais que intensificam a condição de vulnerabilidade da mulher idosa na sociedade brasileira, especialmente nas dimensões de gênero, cuidado e desigualdade. A relevância da pesquisa reside em analisar como o acúmulo de desigualdades de gênero, classe e raça impacta o envelhecimento feminino. Além disso, busca-se propor um olhar ampliado sobre a importância de escutas sensíveis e políticas públicas intersetoriais voltadas à promoção da dignidade da mulher idosa, respeitando a singularidade dessa população. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e bibliográfica, fundamentada em obras como o Tratado de Geriatria, os estudos de Miriam Goldenberg sobre corpo, gênero e envelhecimento, e a análise de Flávia Biroli em Gênero e Desigualdades: Limites da Democracia no Brasil. A reflexão clínica é embasada pela abordagem fenomenológico-existencial da Gestalt-terapia, com base em autores da Gestalt-terapia que discutem questões de gênero e envelhecimento. As bibliografias analisadas indicam que a mulher idosa é atravessada por um conjunto de vulnerabilidades que se intensificam ao longo da vida. Papéis de gênero historicamente atribuídos às mulheres, como o cuidado de filhos, netos e parceiros, repercutem na velhice em forma de solidão, dependência e fragilidade econômica. A ausência de políticas públicas eficazes agrava esse cenário. A análise interseccional revela que mulheres idosas negras e pobres são ainda mais afetadas, vivenciando múltiplas camadas de exclusão e chegando à terceira idade com pouca autonomia econômica, social e afetiva. Nesse contexto, a escuta clínica, sustentada por abordagens como a Gestalt-terapia, oferece um espaço de acolhimento da experiência individual, favorecendo a emergência de novas figuras de sentido. Ao considerar a história de vida e os modos de contato da pessoa idosa com o mundo, a prática clínica pode contribuir para processos de reconstrução de sentido e fortalecimento do reconhecimento subjetivo.

Palavras-chave: mulher idosa; vulnerabilidade social; gênero; cuidado; escuta clínica.

Anna Luiza dos Santos Pereira

Graduanda em Psicologia pela UNIGRANRIO – Afya.

E-mail: annaluizasantos1@hotmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1306077365345815>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2194-6252>

Lucas Gonzaga do Nascimento

Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Especialista em Psicologia Jurídica (UERJ) e em Psicologia Clínica com ênfase em Gestalt-terapia pelo Centro Universitário Celso Lisboa (UCL). Graduado em Psicologia pela Universidade Veiga de Almeida (UVA). Professor Colaborador do curso de Psicologia da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO) e do Laboratório de Estudos Socioeducativos (LABES/UERJ).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7389893430369761>

Lucas Henrique Pereira Martins

Graduando em Psicologia pela UNIGRANRIO - Afya.

Marcele Cardoso Knauer Matias

Graduanda em Psicologia pela UNIGRANRIO - Afya.